

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

**“Receba em Casa com Conforto e Privacidade”:
Estilo de Vida, Política e Homoerotismo Masculino na Revista *Spartacus* (1987-1990)
(Versão Corrigida)**

São Paulo
2023

Victor Melo Pereira

**“Receba em Casa com Conforto e Privacidade”:
Estilo de Vida, Política e Homoerotismo Masculino na Revista *Spartacus* (1987-1990)
(Versão Corrigida)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História sob orientação da Prof.^a Dra. Júlia Glaciela da Silva Oliveira

São Paulo

2023



ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Anuência do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Victor Melo Pereira

Data da defesa: 01/06/2023

Nome do Prof. (a) orientador (a): Júlia Glaciela da Silva Oliveira

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 28/07/2023

(Assinatura do (a) orientador (a))

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

M436" Melo Pereira, Victor
"Receba em Casa com Conforto e Privacidade":
Estilo de Vida, Política e Homoerotismo Masculino na
Revista Spartacus (1987-1990) / Victor Melo Pereira;
orientador Júlia Glaciela da Silva Oliveira - São
Paulo, 2023.
185 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de História. Área de
concentração: História Social.

1. CH781.10 - História Contemporânea. 2. CH781.19
- História Cultural. I. Glaciela da Silva Oliveira,
Júlia, orient. II. Título.

Agradecimentos

À professora Júlia Glaciela da Silva Oliveira, pela atenção a todos os detalhes referentes à qualidade da pesquisa, disposição em compartilhar referenciais teóricos, e compreensão quanto aos desafios e mudanças de rotas necessárias no decorrer da orientação.

À professora Stella Maris Scatena Franco, por acompanhar o desenvolvimento da análise e promover discussões sobre gênero que foram de grande contribuição para aprofundamento do tema.

Aos professores Benito Bisso Schmidt, Júlio Assis Simões e Maria Cristina Correia Leandro Pereira, participantes da banca de qualificação que partilharam perspectivas e visões relevantes para melhor compreensão sobre os estudos das homossexualidades no Brasil.

Ao Remom Matheus Bortolozzi, pela recepção no acervo Bajubá, digitalização das edições de *Spartacus* e apresentação de diversos periódicos voltados ao público LGBTQIAP+ em uma visita que mudou de maneira positiva todo o rumo da pesquisa.

Ao Valdo Resende, por conceder uma entrevista que permitiu responder a muitas questões sobre *Spartacus*, e também pela gentilíssima doação de exemplares impressos que facilitaram a análise de dados.

À professora Dângela Nunes Abiorana, por todo o tempo, carinho e apoio dado durante a coorientação do meu Trabalho de Conclusão de Curso da graduação para que eu ingressasse no mestrado e na carreira de pesquisador.

À professora Rosana Maria Pires Barbato Schwartz, minha primeira orientadora, por aceitar e estimular a investigação de temas referentes a gênero, sexualidade e minorias sociais.

Aos membros do Coletivo LGBTQIAP+ da Universidade Presbiteriana Mackenzie, especialmente Alcides Porto, Fernando Lemos, Lucas Souza e Umberto Laurindo, com quem as discussões sobre essas questões sempre me inspiraram a estudar cada vez mais a respeito.

Aos meus pais, Marcia da Silva Melo e Vanderlei José Pereira, e minha irmã, Karoline Melo Pereira, por toda a compreensão, sensibilidade e incentivo aos estudos.

Ao nosso cãozinho, Toby, por ter paciência e esperar longas noites ao meu lado até que eu terminasse de escrever para lhe dar atenção.

Resumo

PEREIRA, Victor Melo. “Receba em Casa com Conforto e Privacidade”: Estilo de Vida, Política e Homoerotismo Masculino na Revista *Spartacus* (1987-1990). Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (2023).

Esta pesquisa visa analisar o lugar, os posicionamentos e as representações de masculinidades homoeróticas da revista *Spartacus* (1987-1990). Trata-se de uma publicação voltada, sobretudo, para homens interessados em ter relações com outros homens, e que veiculou em uma época com complexas questões políticas, sociais e econômicas no país. Neste contexto, ocorreu uma epidemia de HIV/Aids em âmbito global, o que fez muitos homossexuais mudarem de hábitos e evitarem se expor devido aos preconceitos e violências passíveis de sofrerem. Neste cenário, pautas sociais conquistaram legitimidade em meio à Constituição de 1988, e diversos grupos se transformaram em organizações não-governamentais, negociando com o setor público e entidades internacionais formas de financiamento para suas ações. Junto a isso, um mercado de lazer e entretenimento especializado surgia voltado aos homossexuais. Desta forma, este estudo busca identificar quais estratégias *Spartacus* utilizou para captar recursos, criar conteúdos e distribuir suas edições em um momento no qual foram produzidos determinados estilos de vida simultaneamente ao fato de parte dos homossexuais adotarem uma postura “discreta” na sociedade. Os objetivos consistem em observar as opiniões emitidas em *Spartacus* a respeito das políticas da época, as sugestões de lugares a serem frequentados, bem como as principais características enaltecidas nos ensaios dos modelos divulgados na revista e nas correspondências enviadas por seus leitores. O intuito é entender quais aspectos eram mais “valorizados” na publicação, e de que modo isso se relacionou ao crescimento de mercados e “padrões” de representações de masculinidades e homossexualidades difundidos em âmbito global. Para isso, a pesquisa utiliza os aportes teórico-metodológicos da História da Imprensa, História do Tempo Presente, e História das Relações de Gênero.

Palavras-chave: Revista *Spartacus*; gênero; masculinidades; homossexualidades; homoerotismo;

Abstract

PEREIRA, Victor Melo. “Receive at Home with Comfort and Privacy”: Lifestyle, Politics and Male Homoeroticism in Spartacus Magazine (1987-1990). Thesis (Master's degree). Faculty of Philosophy, Letters and Human Sciences of the University of São Paulo (2023).

This research analyzes the place, positions and representations of homoerotic masculinities in the magazine Spartacus (1987-1990). It is a concern thought out, above all, for men interested in having relationships with other men, and that conveyed in a time with complex political, social and discouraging issues in the country. In this context, there was a global HIV/AIDS epidemic, which made many homosexuals change their habits and avoid exposing themselves due to the prejudice and violence they might suffer. In this scenario, the social guidelines conquered and remained in the midst of the 1988 Constitution, and several groups became non-governmental organizations, negotiating with the public sector and international entities ways of financing their actions. Along with this, a leisure and entertainment market specializing in surgery aimed at homosexuals. In this way, this study seeks to identify which strategies Spartacus used to raise funds, create content and distribute its editions at a time when certain lifestyles were produced simultaneously with the fact that part of homosexuals adopted a “discreet” posture in society. The objectives are to observe private opinions in Spartacus regarding the policies of the time, such as suggestions of places to be frequented, as well as the main characteristics praised in the tests of the models published in the magazine and in the correspondence sent by its readers. The intention is to understand which aspects were most “valued” in the publication, and how this was related to the growth of markets and “patterns” of representations of masculinity and homosexuality spread globally. For this, a research uses the theoretical-methodological sports of the History of the Press, History of the Present Time and History of Gender Relations.

Keywords: Spartacus Magazine; gender; masculinities; homosexualities; homoeroticism;

Lista de figuras

Figura 1 - Capa da edição 27 de <i>Lampião da Esquina</i>	47
Figura 2 - Primeira capa de <i>Spartacus</i>	57
Figura 3 - Seção <i>Stars</i>	63
Figura 4 - Seção <i>Conto</i>	64
Figura 5 - Seção <i>Entre nessa</i>	65
Figura 6 - Seção <i>Roteiro</i>	66
Figura 7 - Capa da edição número 10 com ensaio do modelo <i>Nick Chase</i>	67
Figura 8 - <i>Spartacus Boys</i>	68
Figura 9 - Artigo sobre economia assinado por Márcio Castro.....	69
Figura 10 - <i>O médico responde</i> , coluna de Maurício Aricó	70
Figura 11 - Entrevista com Telma de Souza para a seção <i>Especial</i>	72
Figura 12 - capa da edição 30 da revista <i>Alone</i>	76
Figura 13 - Relação entre número de anunciantes e textos com autorias	77
Figura 14 - Chamada na última capa da edição número 10 de <i>Spartacus</i>	80
Figura 15 - Primeiro artigo sobre HIV/Aids em <i>Spartacus</i>	99
Figura 16 - Coluna <i>O Médico Responde</i>	100
Figura 17 - Matéria sobre o GAPA com anúncios de camisinhas.....	106
Figura 18 - Comparação de propostas dos presidenciáveis para o HIV/Aids	107
Figura 19 - Matéria sobre HIV/Aids, drogas e fama, com fotos dos atores Rock Hudson, Lauro Corona e Anthony Perkins	109

Figura 20 - <i>Spartacus</i> ilustra a democracia como uma “árvore ameaçada”	115
Figura 21 - Matéria sobre o comércio no centro de São Paulo.....	117
Figura 22 - Análise sobre os candidatos presidenciais	121
Figura 23 - Crítica à eleição de Fernando Collor de Melo	124
Figura 24 - Mike Davis, modelo da <i>Colt Studios</i> que apareceu no primeiro ensaio publicado em <i>Spartacus</i>	132
Figura 25 - Michael, modelo da Califórnia	135
Figura 26 - John Pruitt, da <i>Colt Studios</i>	136
Figura 27 - Modelo Nick Schultz	141
Figura 28 - “Victor”, modelo do Rio Grande do Sul.....	142
Figura 29 - Modelo Mike Henson	144
Figura 30 - Modelos da revista <i>Rose</i>	145
Figura 31 - Publicação inicial da seção <i>Roteiro</i>	150
Figura 32 - Mudanças na diagramação e distribuição de páginas de <i>Roteiro</i>	152
Figura 33 - Seção <i>Entre nessa</i>	162
Figura 34 - Correspondências e fotografias dos leitores da seção.....	167

Lista de siglas e abreviações

ABIA - Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids

AI-5 - Ato Institucional número 5

ARENA - Aliança Renovadora Nacional

Astral - Associação de Travestis e Liberados

Codi/DOI - Centro de Operações de Defesa Interna - Destacamento de Operações e Informações

DOPS - Delegacias de Ordem Política e Social

DPF/DCDP - Divisão de Serviços de Censura às Diversões Públicas do Departamento de Polícia Federal

GALF - Grupo de Ação Lésbico-Feminista

GAPA - Grupo de Apoio e Prevenção à Aids

GGB - Grupo Gay da Bahia

GMHC - *Gay Men's Health Crisis*

Grupo pela Vida - Grupo Pela Valorização, Integração e Dignidade do Doente de Aids

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IHTP - *Institut d'Histoire du Temps Présent*

INAMPS - Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social

MDB - Movimento Democrático Brasileiro

NOSS - Núcleo de Orientação em Saúde Sexual

OMS - Organização Mundial de Saúde

OPAS - Organização Pan-Americana de Saúde

PFL - Partido da Frente Liberal

SUS - Sistema Único de Saúde

Lista de tabelas

Tabela 1 - Preços das assinaturas de Spartacus (por semestre e por edição).....	80
---	----

Sumário

Introdução	16
Capítulo I: O lugar de <i>Spartacus</i> na imprensa brasileira	33
1.1. Os impressos brasileiros na segunda metade do século XX	38
1.1.1. “Subversões morais” e mercado editorial	40
1.1.2. Periódicos homossexuais, crise na imprensa e oposições à ditadura na virada da década.....	45
1.2. O “leitor consumidor” e a revista <i>Spartacus</i>	51
1.2.1. “Um público fiel e refinado”	52
1.2.2. “Receba em casa com conforto e privacidade”	74
Capítulo II: Os posicionamentos de <i>Spartacus</i>: economia, política e saúde.....	83
2.1. A situação econômica na transição da ditadura para a democracia	84
2.1.1. Do antiautoritarismo à formalização de pautas	85
2.1.2. Os impactos do HIV/Aids na organização da militância	90
2.2. Propostas e críticas em tempos democráticos	96
2.2.1. “ <i>O médico responde</i> ”: a “síndrome” nos artigos da revista	98
2.2.2. “Brasil: ex-país da esperança”: política e economia em “ <i>Opinião</i> ”	111
Capítulo III: Representações do homoerotismo masculino em <i>Spartacus</i>	128
3.1. Os modelos de <i>Spartacus</i>	130
3.1.1. “Basta ser bonito, charmoso e querer”: a “hipermasculinidade” em <i>Spartacus</i> ...	131
3.1.2. “ <i>Spartacus Boys</i> ”: pornografia e mercado global	140
3.2. Estilo de vida e masculinidades na revista.....	148
3.2.1. “ <i>Gays</i> ” e “Entendidos”: lugares e frequentadores na seção “Roteiro”	148
3.2.2. “ <i>Entre nessa</i> ”: as correspondências dos leitores	159
Conclusão	170
Fontes.....	174
Bibliografia.....	177

Introdução

Em 1987, a revista *Spartacus* lançou sua primeira edição oferecendo aos leitores fotos eróticas masculinas, dicas de viagem pelo Brasil e de entretenimento, como festas, músicas e filmes. Desde então, a publicação circulou outros dezesseis números, os quais foram lançados bimestralmente até ser descontinuada no ano de 1990. Ao longo desse tempo, outros temas passaram a ser discutidos de maneira recorrente em suas matérias, como o HIV/Aids, a homossexualidade, a crise econômica e os processos que levaram o país da ditadura militar à democracia. O periódico foi redigido e editado em São Paulo, mas sua distribuição ocorreu em diversas cidades do território nacional – tópico que será abordado no decorrer desta pesquisa.

Esses três anos em que esteve em circulação constituíram um período significativo no que diz respeito à publicação de uma revista homoerótica masculina. Como aponta Jeffrey Weeks, pioneiro nos estudos sobre homossexualidade na História, grande parte dos casos iniciais de HIV/Aids descobertos foi em homens que tinham relações sexuais com outros homens, o que fez com que muitas pessoas associassem a doença aos homossexuais masculinos. Isso ocorreu em um contexto no qual a sociedade vivenciou mudanças comportamentais no âmbito sexual; entre elas, o crescimento de movimentos de luta por direitos dos homossexuais durante as décadas de 1970 e 1980. Essa “autoafirmação” cristalizou o que Weeks chama de “ansiedades” na sociedade, de modo que parte da população interpretou o HIV/Aids como uma “[...] terrível advertência sobre os efeitos da revolução sexual”.¹ Esse conjunto de acontecimentos e respostas relacionados ao vírus fez com que os ativistas direcionassem suas ações no sentido de informar e prevenir a população, ao mesmo tempo que cobravam do Estado soluções eficazes para essa questão.

Esse pânico instaurado na sociedade esteve entre os fatores que fizeram com que, no Brasil, espaços públicos antes frequentados por essa parte da população esvaziassem². Ao

¹ WEEKS, Jeffrey. O Corpo e a Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes et al. **O Corpo Educado**. Belo Horizonte (MG): Editora Autêntica, 2000.

² O sociólogo Simon Watney escreve que, em alguns períodos, determinados grupos passam a ser tratados como “ameaças” aos valores e interesses “comuns” da sociedade. Segundo o autor, essa suposta “coesão” social não se trata de algo natural, mas o resultado de uma construção realizada, entre outros aspectos, por um imaginário disseminado pela mídia. Esse processo seria o que ocorreu ao longo da década de 1980, quando homens homossexuais passaram a ser vistos como um “risco” às outras pessoas devido à epidemia de HIV/Aids. Cf. WATNEY, Simon. Moral Panics. In: WATNEY, Simon. **Policing**

mesmo tempo, boates e bares surgiram em áreas nobres de grandes cidades - como São Paulo - visando atender a esta parcela da população que se tornava um consumidor em lugares onde pudesse ir sem que precisasse se expor. Esses acontecimentos ocorreram em um momento em que o país passava por uma transição política, saindo, de forma gradual, da ditadura militar para a democracia, a qual ocorreu em meio a um contexto marcado por alta inflação e adesão do Governo Federal às políticas neoliberais. Esses aspectos tiveram relação com o modo como o Estado organizou as demandas sociais e respondeu às reivindicações da sociedade civil durante a passagem da década de 1980 para 1990 - entre elas, as correspondentes ao HIV/Aids e aos direitos dos homossexuais. Isso levou a um processo de “onguização” dos movimentos sociais como resposta à diminuição da ação do setor público em relação a essas pautas, tema sobre o qual será tratado no segundo capítulo desta pesquisa.

De acordo com os antropólogos Júlio Assis Simões e Isadora Lins França, o Movimento Homossexual também teria tomado novas direções e ido “do gueto ao mercado” durante esse período, uma vez que surgiu uma multiplicidade de saunas, boates, estabelecimentos comerciais e publicações, sobretudo em meados da década de 1990, quando se difundiu no Brasil o conceito de “GLS”. A sigla seria uma abreviação de *gays*, lésbicas e “simpatizantes”, criada em 1994, no primeiro Festival Mix Brasil de Diversidade Sexual.³ De acordo com a jornalista Flávia Péret, em investigação sobre a imprensa homossexual brasileira, o termo seria um equivalente ao norte-americano “*gay-friendly*”, uma vez que abrangeria pessoas e empresas com ações de “respeito à diversidade sexual” e “posturas inclusivas”, e teria sido atraente para a mídia por ser associado ao Gol GLS, carro vendido na época. Neste contexto, a identidade homossexual estaria, portanto, mais vinculada ao consumo de um público com alto poder aquisitivo.⁴

Desire: Pornography, AIDS and the Media. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996, p. 38-58

³ SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, Isadora Lins. **Do Gueto ao Mercado. Homossexualismo em São Paulo e outros escritos.** São Paulo, Editora Unesp, p. 309-336, 2005. Disponível em: <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/31080927/julio01-with-cover-page-v2.pdf?Expires=1644369017&Signature=atkUhg5sSXijfKod7UrUeOcbHLho55zHMsVefrH9WiQgHQ6z5bngScJrMurfP18MnEiVyPiYchCsFMrrKkR6nY~OCFz1gm5SSQLDxSefjIP3xjvDieCnFJu3SWnfiS51191v43TdUqPYBJP6cve0FsX79F3v08RI4CN~hqXZk-QBf~T-uoq4kYSNsr5AP9eoYpMEPws1TVWMVUWpNP0YTJ1Qs~btulKg8N0991KOaQKYy~9h9kYIDyeJgFdCTM14RlXej8xBczJAQXf~OhnDsSPmnUE38kIKO37E1MW8o6GhOJHtnaYxXaGyAJqUV3vtXD~d6Khk-2JoOOGFOC0eQ__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA>. Acesso em 02 fev. 2022.

⁴ PÉRET, Flávia. **Imprensa Gay no Brasil: entre a Militância e o Consumo.** Publifolha, 2011

Considerando esses aspectos, a revista *Spartacus*, por se tratar de um veículo de ampla circulação, voltado a um público majoritariamente masculino e que estaria interessado em ter relações sexuais com outros homens, permite compreender de que forma esses acontecimentos foram representados e discutidos com esses leitores. Tomo como hipótese que, sendo este periódico voltado especificamente para este segmento da população, o intuito de atender às aspirações desse grupo social seja mais preponderante do que em uma imprensa da grande mídia. Além disso, permite compreender de que modo foram disseminados determinados estilos de vida e consumo no Brasil no que diz respeito aos homossexuais e a relação destes com o contexto político-social da época.

Durante seus anos de circulação, *Spartacus* teve quatro seções fixas - *Stars*, *Entre nessa*, *Roteiro* e ensaios eróticos, as quais continham conteúdos voltados para o entretenimento, com informações sobre cidades turísticas, filmes e correspondências de leitores. Ao longo do tempo, outros textos regulares e mais robustos começaram a aparecer na revista, como a coluna de *Opinião* sobre política e economia, os dados e orientações divulgados em *O médico responde*, e as entrevistas com artistas e personalidades da vida pública difundidas em *Especial*. A menção aos nomes dos autores que contribuíram com *Spartacus* variou no decorrer deste período, de modo que a publicação contou com alguns colaboradores constantes e outros esporádicos. Conforme discutirei no primeiro capítulo, isso evidencia o quanto determinados temas foram de interesse da revista desde seu lançamento, enquanto havia os que ganharam importância no decurso das edições.

Durante a pesquisa, não encontrei dissertações ou teses completas que tratem especificamente a respeito desta publicação, principalmente na história. Nas obras existentes, *Spartacus* recebe apenas menções breves, ou faz parte de um conjunto de variadas fontes usadas para discutir temas mais amplos.

Entre esses estudos, destaco *O câncer na língua deles: a memória pornográfica LGBT na epidemia de HIV/Aids*, em que o psicólogo e doutor em medicina preventiva, Remom Bortolozzi, realiza um levantamento e análise de conteúdos de publicações eróticas e pornográficas voltadas ao público homossexual - sobretudo masculino - que abordaram a respeito da doença ao longo das décadas de 1980 e 1990. O historiador Neemias Oliveira da Silva, em tese sobre os mitos a respeito do herói romano *Espártaco* e o modo como ele foi representado em diferentes meios de comunicação, também cita a revista *Spartacus*. No entanto, sua análise não se atém ao periódico, uma vez que apenas o menciona como uma

representação de seu objeto de estudo evocada em um contexto de ascensão do consumo *gay* e erotização do gladiador por parte da indústria cultural. Em doutorado defendido no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade de Brasília, em 2007, Ellis Regina Araújo da Silva situa *Spartacus* brevemente como uma das publicações de nu masculino que teriam surgido na década de 1980. A pesquisadora escreve que o periódico utilizava “[...] uma fórmula até hoje empregada por revistas *gays*”⁵, a qual consistiria em divulgar informações sobre entretenimento e turismo e veicular fotos de “[...] modelos musculosos, depilados e banhados a óleo”⁶. Muriel Emídio Pessoa do Amaral, por sua vez, em dissertação defendida em 2013 para o Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, ao abordar sobre a trajetória da imprensa homossexual no Brasil, aponta que *Spartacus* surgiu em um contexto em que esse segmento “[...] perdeu forças no sentido de oferecer material de cunho ideológico e de reivindicação”⁷, ao mesmo tempo que outros periódicos apareceram oferecendo “[...] poucas matérias, muitas fotografias e pornografia”⁸, focando em temas como saúde e bem-estar.

Ainda que esses trabalhos sejam referências relevantes para essa pesquisa é importante observar que eles não tratam especificamente da singularidade do processo histórico que levou a essas mudanças nas representações – isto é, o período de inflexão política, social e econômica –, além de não levarem em consideração o modo como a organização da revista – como seu corpo editorial, produção e distribuição – influenciam no conteúdo veiculado.

Como aponta Benito Schmidt, é comum que, na produção historiográfica sobre homossexualidades – ou da população LGBTQIAP+ - haja desafios em relação às fontes disponíveis. Isso porque, frequentemente, documentos como fotografias ou mesmo *flyers* de boates acabem não sendo devidamente preservados devido às pessoas não compreenderem a importância deles, ou mesmo por vergonha de parte de acontecimentos do passado. No entanto, como salienta o autor, a divulgação desses materiais pode servir de estímulo ao

⁵ SILVA, Ellis Regina Araújo da. **Representações Sociais e Imagens em Fotografias do Corpo Masculino em Revistas Gays**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade de Brasília. 2007. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/1978>>. Acesso em 10 jan. 2022. P. 96.

⁶ Ibid., p. 96

⁷ DO AMARAL, Muriel Emídio Pessoa. **Representação do Corpo Masculino: Relações de Imagem, Identidade e Cultura sobre o Corpo Masculino no Jornal Lâmpião da Esquina e na Revista Junior**. 2013. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/89374>>. Acesso em 10 jan. 2022. P. 91.

⁸ Ibid., p. 91

desenvolvimento de novas pesquisas na área – conforme aconteceu após as edições de *Lampião da Esquina* terem sido digitalizadas de modo a se tornarem acessíveis na internet.⁹

Portanto, acredito que essa análise mais específica sobre *Spartacus* possa ser uma contribuição para novos estudos que tratem sobre o papel das publicações homoeróticas nesse período de mudanças, em que o movimento concentrou suas ações em formas de responder ao HIV/Aids ao mesmo tempo em que surgia um mercado que se tornaria cada vez mais expressivo com o decorrer dos anos.

Assim, a primeira hipótese é de que esse periódico assumiu um posicionamento importante ao informar sobre sexualidade especialmente a um público de homens que mantinham ou teriam interesse em manter relações sexuais com outros homens em um contexto no qual essas questões estavam fortemente atravessadas por preconceitos, discriminações e estigmas. Outro ponto é de que a editora responsável e seus colaboradores teriam interesse em incentivar essas questões, seja por entender este segmento como oportuno ou lucrativo, seja por se associarem a iniciativas de conscientização e prevenção. A terceira consideração é de que *Spartacus* é uma publicação que permite compreender de que forma as representações sobre o homoerotismo masculino foram significadas por parte dessa própria população em meio às tensões da época.

Para isso, o objetivo inicial da pesquisa foi analisar como *Spartacus* foi constituída. Isto é, quem compunha seu corpo editorial, com que frequência foi publicada, em qual tipo de material, seu preço e circulação, além de possíveis nuances nesses fatores, e de que modo isso indica o lugar que a revista ocupou em relação ao restante da imprensa brasileira. Em seguida, analisei como o periódico marcou sua posição sobre os acontecimentos da época, sobretudo sociais, políticos e econômicos, a partir das seções em que seus pontos de vista eram expostos de maneira mais expressiva, particularmente em *Opinião*, *O médico responde* e nos artigos esporádicos de economia. Por fim, o terceiro objetivo foi investigar de que modo os corpos foram representados em *Spartacus* em seus ensaios eróticos e nas correspondências que seus leitores enviavam com a intenção de marcarem encontros uns com os outros; neste sentido, procurei compreender que relação foi atribuída a esses elementos no que diz respeito,

⁹ SCHMIDT, Benito Bisso; DOS SANTOS, Hélio Secretário. A História do Tempo Presente, Relações de Gênero, Homossexualidades e a Escrita da História: Entrevista com Benito Bisso Schmidt. **Revista Tempo e Argumento**, v. 13, n. 33.

principalmente, à identidade homossexual e à oferta de um possível estilo de vida¹⁰ a esse público.

Para o desenvolvimento desta pesquisa é fundamental ressaltar que, embora não haja estudos específicos produzidos sobre *Spartacus*, a imprensa voltada ao público homossexual tem sido um tema de interesse nas últimas décadas. Como aponta Cássio Bruno de Araujo Rocha, esses impressos se tornaram importante fonte para historiadores que estudam sobre as homossexualidades, uma vez que esses documentos carregam informações significativas sobre os modos de vida e as representações ocorridas no passado sobre essa população. Neste sentido, é possível encontrar, atualmente, uma multiplicação de estudos que utilizam essa documentação como objeto de análise.¹¹

É importante salientar também que, independentemente da utilização desse tipo de fonte, pesquisas referentes à história das homossexualidades existem pelo menos desde a metade do século XX, sofrendo críticas e remodelações metodológicas com o passar do tempo. De acordo com a historiadora Judith Schuyff, pesquisadores ativistas da época estudaram biografias de grandes figuras como Shakespeare e Michelangelo, com o intuito de buscar legitimidade para a homossexualidade, sobretudo nos Estados Unidos e na Europa. Porém, essas interpretações tinham um viés “essencialista” desta questão, isto é, não levavam em consideração o fato dessa concepção identitária ser historicamente datada. No final dos anos 1960 esses estudos passaram então a observar a sexualidade como uma construção social relacionada a contextos sociais específicos.¹² Além disso, as reivindicações dos movimentos feminista e homossexual que eclodiram ao longo deste período, e o surgimento do campo

¹⁰ De acordo com o pesquisador João Freire Filho, a expressão “estilo de vida” começou a ser utilizada na virada do século XX na Sociologia, sendo associada ao processo de urbanização das cidades, e também na área de comunicação a partir da década de 1950 como forma de definir segmentos de mercado. O termo está relacionado ao modo como determinados hábitos de consumo – de preferências musicais a opções lazer, comida, roupa, entre outras – passam a ser vistos como indicadores de pertencimento a grupos sociais específicos. Cf. FREIRE FILHO, João. Mídia, Consumo Cultural e Estilo de Vida na Pós-Modernidade. **Revista ECO-Pós, Rio de Janeiro**, v. 6, n. 1, p. 72-97, 2003.

¹¹ ROCHA, Cássio Bruno de Araujo. Usos da Imprensa por Historiadores: Apontamentos para Histórias Queer do Homoerotismo no Brasil. In: MAIOR, Paulo Souto; DA SILVA, Fábio Ronaldo. **Páginas de Transgressão: a Imprensa Gay no Brasil**. Ed. Uberlândia: o Sexo da Palavra, 2021

¹² SCHUYFF, Judith. Hidden from History? Homosexuality and the Historical Sciences. In: SANDFORT, Theo; SCHUYFF, Judith; DUYVENDAK, Jan Willem; WEEKS, Jeffrey. **Lesbian and Gay Studies: An Introductory, Interdisciplinary Approach**. Sage Publications, 2000. P. 61-80.

denominado de história das relações de gênero foram fatores que levaram à consolidação dos estudos sobre a homossexualidade na historiografia.¹³

Weeks foi um dos precursores deste campo. Em sua obra, o autor explica que o conceito de “homossexual” foi criado em 1869, pelo ativista austro-húngaro Karl Kertbeny. Weeks observa que, até então, havia apenas o termo “sodomia” para se referir a práticas sexuais que não tinham como finalidade a reprodução, sendo inclusive considerada um crime em alguns países. A diferenciação entre os termos teria o intuito de desvincular esse sentido; no entanto, o conceito foi apropriado pela medicina e pela psiquiatria, catalogando a homossexualidade como uma doença mental. Embora o intuito não consista em aprofundar os pormenores desse período, trata-se de uma questão importante no que concerne à definição de lugares e direitos dos homossexuais até meados do século XX, quando emergiram as pesquisas chamadas de *Gay and lesbian studies* e a militância por direitos civis.¹⁴

No Brasil, um dos principais autores a inserir as discussões sobre homossexualidades na História foi James Green. Em *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*, obra que teve sua primeira edição publicada em 2000, os veículos de comunicação formam parte das fontes utilizadas pelo autor para composição de seu estudo, mencionando impressos como *O Snob* e *Lampião da Esquina*, de modo a ser precursor de diversos trabalhos que surgiriam anos depois. No estudo, Green analisa diferentes dimensões do modo como as relações homossexuais entre homens aconteceram e se manifestaram no país, abarcando desde a primeira República até meados da década de 1980. Com isso, aborda a respeito de hábitos que mudaram ao longo do tempo, além do surgimento de grupos, sendo alguns deles políticos, e outros que intencionavam estimular a sociabilidade. Entre as pesquisas que surgiram posteriormente, esmiuçando essa relação entre imprensa e homossexualidade, convém citar a dissertação de Rogério da Silva Martins da Costa, defendida em 2010 no Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais da Fundação Getúlio Vargas, intitulado *Sociabilidade Homoerótica Masculina no Rio de Janeiro na Década de 1960: Relatos do Jornal O Snob*. O trabalho utiliza um dos primeiros periódicos voltados a este público, o qual teve circulação entre 1960 e 1969, para compreender de que modo essa

¹³ PEDRO, Joana Maria; DE FREITAS, Idalina Maria Almeida; VERAS, Elias Ferreira. Diálogos (Im) Pertinentes: as Categorias Gênero, Sexualidade, Raça e Classe na Historiografia Brasileira Contemporânea. In: REIS, Tiago Siqueira et al. **Coleção História do Tempo Presente: Volume I**. Editora da UFRR, 2019.

¹⁴ WEEKS, Jeffrey. O Corpo e a Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes et al. **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. Editora Autêntica, 2000.

população estabeleceu conexões por meio de agremiações e jornais artesanais, abordando ainda o impacto do início da ditadura militar sobre isso.

Saliento que Green foi organizador de outras obras com estudos de autores de diversas áreas a respeito das homossexualidades brasileiras, as quais são de grande importância para o desenvolvimento da pesquisa. As principais delas são *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*, publicada em conjunto com o sociólogo Renan Quinalha, e *História do movimento LGBT no Brasil*, contando novamente com a parceria de Quinalha e dos também historiadores Marcio Caetano e Marisa Fernandes.

A primeira se trata de uma coletânea de investigações referentes ao regime militar que ocorreu no país entre os anos de 1964 e 1985. Os textos versam sobre as repressões impostas por parte dos órgãos de segurança do Estado, e casos de perseguição sistemática às manifestações e expressões culturais, sociais e políticas que estariam fora do modelo heterossexual ou cisgênero. Além dessa imprensa voltada ao público homossexual, integram a obra análises de documentos oficiais produzidos pela ditadura e reflexões de autores que viveram esse período.

Em *História do movimento LGBT no Brasil*, também é realizada uma intercalação entre memórias e pesquisas acadêmicas, remetendo à trajetória de quarenta anos desde o início dessas reivindicações no país. O livro contém histórias de militantes de coletivos atuantes não apenas no regime militar, mas também das três décadas de democracia que a sucederam, contando com contribuições relevantes a respeito de temas como organizações lésbicas, identidades trans e travestis, e o papel das Paradas LGBTs que emergiram em meados dos anos 1990.

No mesmo sentido, *Páginas de transgressão: a imprensa gay no Brasil*, organizado pelos historiadores Paulo Souto Maior e Fábio Ronaldo da Silva, conta com estudos que reconstituem a trajetória de veículos de comunicação voltados a esse público. Apresenta, ainda, análises a respeito das representações evocadas em termos de gênero e sexualidade em impressos que não fazem parte deste segmento, isto é, a grande mídia.

Ressalto que, para além das conexões entre repressão, imprensa e homossexualidade, investigações sobre o HIV/Aids e o processo de Onguização também constituem referências necessárias à compreensão do papel de *Spartacus* em seu período de circulação. Quanto a isso, a dissertação de Ana Cláudia Teixeira Lima, *O câncer gay e o orgulho gay: a experiência da Aids para o movimento LGBT da cidade do Rio de Janeiro (1986-1995)*, apresentada ao

Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz, permite assimilar de que modo o vírus afetou parte dessa população e fez surgirem pautas que não compunham suas reivindicações até então. Também a tese de doutorado de Júlia Glaciela da Silva Oliveira, defendida no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo, intitulada *Militância ou profissionalização de gênero? Um estudo comparativo da imprensa feminista do Brasil, da Argentina e do Chile (1981-1996)*, possibilita compreender as relações entre os impressos publicados por movimentos sociais, as mudanças ocorridas em meio à formalização de organizações não-governamentais e a consolidação do neoliberalismo em países da América Latina.

É importante destacar também que as questões que envolvem sexualidade na historiografia frequentemente aparecem associadas às perspectivas de gênero, uma vez que, como apontam Joana Maria Pedro, Idalina Maria Almeida de Freitas e Elias Ferreira Veras, na década de 2000 houve uma aproximação entre essas duas áreas no Brasil,¹⁵ movimentação essa a qual ampliou os horizontes teóricos e metodológicos desses campos.¹⁶ No decorrer desta pesquisa, ambos os aportes foram necessários para compreender de que modo *Spartacus* atribuiu sentido ao homoerotismo masculino, tema que aprofundi no terceiro capítulo.

Neste sentido, convém observar que os estudos de gênero na historiografia surgiram questionando por que havia uma “dominação” de homens em diferentes sociedades e culturas, de modo que a categoria “mulher” foi a principal utilizada para se referir à contraposição a isso. No entanto, essa abordagem passou a sofrer críticas, como a de que estaria fazendo uma “essencialização” do que é “ser mulher”, além do fato de não colocar em questão recortes como classe, raça e etnia. A partir de 1990, com a publicação do artigo de Joan Scott no Brasil, *Gênero: uma categoria útil de análise*, o conceito de “gênero” passou a ser utilizado na História para analisar essas questões, uma vez que considera o viés cultural do que seria a “diferença percebida entre os sexos”.¹⁷

¹⁵ VERAS, Elias Ferreira; PEDRO, Joana Maria. Os Silêncios de Clio: Escrita da História e (In) Visibilidade das Homossexualidades no Brasil. **Revista Tempo e Argumento**, v. 6, n. 13, p. 90-109, 2014. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3381/338139190005.pdf>>. Acesso em 05 jan. 2022.

¹⁶ PEDRO, Joana Maria; DE FREITAS, Idalina Maria Almeida; VERAS, Elias Ferreira. Diálogos (Im) Pertinentes: as Categorias Gênero, Sexualidade, Raça e Classe na Historiografia Brasileira Contemporânea. In: REIS, Tiago Siqueira et al. **Coleção História do Tempo Presente: Volume I**. Editora da UFRR, 2019.

¹⁷ PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o Debate: o Uso da Categoria Gênero na Pesquisa Histórica. **História (São Paulo)**, v. 24, p. 77-98, 2005. Disponível em:

Nesta obra, a qual utilizarei como referência no decorrer da pesquisa, Scott aborda sobre os diferentes usos deste conceito em áreas como a sociologia e a psicanálise, e suas complexidades no que diz respeito à aplicação na historiografia. Para a autora, gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, e se trata de uma construção que implica em quatro aspectos interrelacionados: representações simbólicas da sociedade, como mitos e tradições; significados binários atribuídos socialmente com o intuito de limitar concepções do que seriam masculinidade e feminilidade; instituições e organizações criadoras de uma noção de “fixidez”, de modo a fazer parecer que as relações de gênero não estariam ligadas a contextos históricos específicos e permeados por contestações; e, por fim, ao fato de as pessoas não cumprirem literalmente ou a todo momento as “prescrições” identitárias da sociedade quanto ao gênero. Portanto, Scott defende que essas dimensões devem ser levadas em consideração pelos historiadores em um estudo de gênero, para que, desta forma, não realize observações a-históricas ou universalizantes.¹⁸

No que diz respeito especificamente às masculinidades, as quais foram foco de estudo em parte desta análise sobre *Spartacus*, Alain Corbin é uma referência que permite compreender algumas formas por meio das quais essas concepções se manifestam historicamente. Em análise epistolar dos escritores Stendhal e Flaubert, o pesquisador aponta que os códigos de virilidade¹⁹ se expressavam “com nitidez” em ambientes de salas de guarda e tabernas, e em expressões como canções libertinas e correspondências entre amigos. Corbin chama atenção para o modo como as relações sexuais eram detalhadamente descritas por seus autores ao escreverem sobre suas viagens e encontros com mulheres, apontando o quanto isso era valorizado pelos homens.²⁰

<<https://www.scielo.br/j/his/a/fhHv5BQ6tvXs9X4P3fR4rtr/abstract/?format=html&lang=pt>>. Acesso em 20 dez. 2021.

¹⁸ SCOTT, Joan. Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, 1995. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/71721/40667>>. Acesso em 20 dez. 2021.

¹⁹ De acordo com Corbin, a virilidade é um conjunto de representações, valores e normas associados a características como grandeza, superioridade e força. Para o autor, a virilidade não é sinônimo de masculinidade; a falta de firmeza, competitividade, ambição, entre outros aspectos, estariam entre os fatores que fariam, a partir do século XIX, com que um homem fosse considerado “menos viril”: “[...] o covarde, o pusilânime, o frouxo, o impotente, o sodomita são mais que nunca objetos de desprezo”. Corbin assinala ainda que o surgimento de espaços para frequência exclusivamente masculina – de colégios e fumódromos a bordéis e salas de armas – seriam lugares “privilegiados” para a manifestação da “[...] figura do homem viril”. Cf. CORBIN, Alain. A necessária manifestação da energia sexual. In: CORBIN, A.; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História da Virilidade**. (O triunfo da virilidade. O século XIX). Petrópolis: Vozes, 2013. p. 153-192

²⁰ Ibid., p. 153-192

Sua análise, embora se concentre no final do século XIX, foi útil a esta pesquisa para compreender o modo como essas expressões de masculinidade e desejo sexual se manifestam nas correspondências. *Spartacus*, ainda que fosse um veículo de mídia, tinha a opção de ser comprada “secretamente” por seus leitores, e a possibilidade de utilizá-la como meio de comunicação *por e entre* eles, possui essas similaridades à troca de cartas.

No que diz respeito à particularidade das masculinidades do Brasil, Durval Muniz de Albuquerque Júnior apresenta perspectivas relevantes a respeito da importância que a figura do “macho” assumiu no país.²¹ Em estudo a respeito da homossexualidade no Ceará no início do século XX, ele afirma haver uma supervalorização - ou centralidade - na masculinidade, de modo que as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo/gênero eram vistas apenas como uma etapa na vida do homem, não existindo a homossexualidade no sentido identitário. Segundo o autor, “[...] a nordestinidade exclui a homossexualidade, mas não necessariamente o homoerótico”.²²

Estudos focados em períodos mais recentes permitem compreender sentidos diferentes atribuídos à masculinidade e à homossexualidade com o passar do tempo. Anderson Francisco Ribeiro, em tese a respeito da construção da identidade do homem moderno nas publicações erótico-pornográficas durante o regime militar, aponta como concepções diferentes se manifestaram durante o período. Isto é, enquanto órgãos do governo utilizavam da censura aos meios de comunicação para reforçar um ideal de que o homem deveria ser dedicado à família, à pátria, à “moral” e aos “bons costumes”, os periódicos de conteúdo erótico ou pornográfico chegaram ao Brasil reforçando uma ideia de masculinidade associada ao consumo e à sofisticação. De acordo com Ribeiro, a análise dessas publicações permite compreender de que modo elas teriam criado identidades ao mesmo tempo em que ensinavam comportamentos “[...] longe da formulação científica da medicina, da educação sexual, da psicologia e da psicanálise”²³ - instruindo, por exemplo, desde o modo como se colocaria uma camisinha até formas de seduzir uma mulher.

²¹ Embora o trabalho de Muniz de Albuquerque Júnior seja focado no nordeste do Brasil, também é possível refletir sobre isso no que diz respeito ao restante das regiões, ainda que considerando as particularidades delas.

²² ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. No Ceará Tem Disso Não? Homossexualidade e Nordestinidade ou a História dos Homens Tristes. In: **Nos Destinos de Fronteira: História, Espaços e Identidade Regional**. Edições Bagaço, 2008. p. 466.

²³ RIBEIRO, Anderson Francisco. **Desnudando a Ditadura Militar: as Revistas Erótico-pornográficas e a Construção da(s) Identidade(s) do Homem Moderno (1964-1985)**. Tese de Doutorado. Faculdade de

Paulo Roberto Souto Maior Júnior, em análise de cartas enviadas ao jornal *Lampião da Esquina*,²⁴ também observa o papel que a imprensa tem na formação da identidade, neste caso homossexual. Para o autor, o posicionamento do periódico como um representante dos direitos desta parcela da população foi importante para a constituição de subjetividades pautadas no ato de “assumir-se”. Em análise de cartas enviadas pelos leitores à publicação, Souto Maior escreve que essa atitude consistiria em uma performance, a qual, a partir dessa auto-identificação como “sendo homossexual”, seria necessário “cada vez mais aprender a sê-lo”. Ou seja, uma vez se mostrando à sociedade como “homossexual assumido”, essas pessoas passariam a tentar descobrir o que, de fato, significaria “ser homossexual”.²⁵

Esses trabalhos citados são fundamentais para compreender não apenas o modo como gênero, sexualidade e identidade se entrelaçam, mas também o papel que a imprensa assume ao aglutinar e veicular essas questões. Para além desses campos, uma vez que a pesquisa se concentra em um recorte temporal situado no final da década de 1980, também tomo como referencial os aportes teórico-metodológicos da História do Tempo Presente.

Segundo Jean-Pierre Rioux, o interesse pela HTP já se manifestava na metade do século XX, tendo o jornalismo um papel relevante nisso, em decorrência da difusão dos meios de comunicação e dos eventos políticos que estavam em curso, como a Guerra Fria e a guerra da Argélia.²⁶ Agnès Chauveau e Philippe Tétart corroboram essa observação, salientando que profissionais de outros campos, como sociólogos e cientistas políticos, também compuseram o que esses autores chamam de “demanda social” por uma interpretação histórica dos fatos correntes. Isto é, procurando compreender razões que explicassem o desenrolar dos

Ciências e Letras – UNESP/Assis. 2016. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/141986>>. Acesso em 10 jan. 2022. P. 185.

²⁴ *Lampião da Esquina* foi um dos primeiros jornais voltados ao público homossexual no Brasil. Sua circulação ocorreu entre os anos de 1978 e 1981, e o veículo funcionou como um importante baluarte para a militância dessa parte da população durante esse período. No primeiro capítulo desta pesquisa, entrarei em maiores detalhes a respeito deste periódico.

²⁵ JÚNIOR, Paulo Roberto Souto Maior. Escrever para inscrever-se: epistolografia homossexual nas páginas do *Lampião da Esquina* (1978-1981). **Revista Tempo e Argumento**, v. 8, n. 19, p. 254-282, 2016. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3381/338149856011.pdf>>. Acesso em 10 jan. 2022.

²⁶ RIOUX, Jean-Pierre. Entre História e Jornalismo. In: **Questões Para a História do Presente**. Bauru (SP): EDUSC, 1999.

acontecimentos dessa época, esses especialistas recorriam aos historiadores, questionando o modo como o passado teria levado a esses eventos contemporâneos.²⁷

Um marco para a consolidação desses estudos foi a criação do *Institut d'Histoire du Temps Présent (IHTP)*, em 1978, por François Bédarida, na França. Já no Brasil, segundo a historiadora Marieta de Moraes Ferreira, o interesse por esse campo da História cresceu na década de 1980 e sofreu um *boom* a partir dos anos 1990, com o aparecimento de programas institucionais de pós-graduação com esta ênfase. Algumas questões exploradas neste período diziam respeito especialmente a minorias, como mulheres, negros e indígenas, e houve iniciativas também de empresas que procuravam registrar a memória de seus fundadores.

A partir de 2011, essas discussões tomaram novo fôlego no país em decorrência da implementação da Comissão Nacional da Verdade, a qual teve como propósito julgar os crimes cometidos durante a ditadura militar. Segundo Ferreira, ocorreram discussões na ocasião a respeito do possível envolvimento de historiadores do Tempo Presente na comissão, e houve uma “explosão de estudos” na historiografia a respeito dessas temáticas.²⁸

A despeito desse crescimento nas últimas décadas, trata-se de uma área que, inicialmente, passou por questionamentos devido à sua metodologia - os quais, atualmente, continuam constituindo desafios para pesquisadores que seguem esse caminho. Entre eles, destaque principalmente os aspectos referentes à periodização do objeto de estudo, à questão das testemunhas ainda vivas dos períodos estudados, e ao “risco” de “interferência” da subjetividade do historiador em sua análise.

A principal controvérsia quanto ao primeiro ponto diz respeito à dificuldade de instituir uma definição do momento em que seria possível determinar os limites entre “passado” e “presente”. De acordo com Christian Delacroix, para alguns historiadores, essa mudança ocorreria a partir de grandes rupturas na sociedade, de modo que parte deles propõem como “divisor” o período da Segunda Guerra Mundial, enquanto outros consideram o ano de 1989, ocasião da queda do muro de Berlim.

²⁷ CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe. Questões Para a História do Presente. In: **Questões Para a História do Presente**. Bauru (SP): EDUSC, 1999.

²⁸ DE MORAES FERREIRA, Marieta. Notas Iniciais sobre a História do Tempo Presente e a Historiografia no Brasil. **Revista Tempo e Argumento**, v. 10, n. 23, p. 80-108, 2018. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/jatsRepo/3381/338158035004/338158035004.pdf>>. Acesso em 10 jan. 2022.

No entanto, há autores que interpretam como principal característica da História do Tempo Presente o fato do pesquisador tratar de um período o qual ainda possuiria testemunhas vivas dos acontecimentos retratados. Por este motivo, o historiador deste campo estaria em uma constante “vigilância”, podendo ser confrontado com reações e comentários de pessoas que viveram o período estudado em questão - o qual, inclusive, é o segundo desafio neste âmbito. Por outro lado, ainda conforme Delacroix, as perspectivas sobre o passado são heterogêneas, compostas por “reapropriações”, “passados não resolvidos”, entre outras formas de atribuir significados a determinados eventos seja por parte dos atores que participaram deles, seja por seus intérpretes.²⁹

Isso leva ao terceiro aspecto. Uma crítica feita à História do Tempo Presente diz respeito ao fato do pesquisador, por possuir pouco recuo temporal em relação ao seu objeto de estudo, ficar suscetível a se deixar levar por “paixões” ou “ideologias” de sua própria época. De acordo com esse ponto de vista, essa proximidade comprometeria as supostas objetividade e neutralidade da análise. Em contrapartida, como aponta François Dosse, também existe a defesa de que isso não constitui uma fraqueza, e sim um ponto forte da HTP. O autor salienta que os historiadores atuais, independente do recorte temporal com o qual atuam, precisam explicitar de maneira transparente suas ferramentas, aportes e mediações correspondentes a seu trabalho. Deste modo, a consciência dessas escolhas tornaria sua interpretação mais “transparente”.

Dosse defende que existem quatro estágios constituintes do processo em que o historiador, em qualquer área de estudo, realiza uma construção da História. O primeiro deles consiste na escolha dos documentos que serão investigados e os que serão “postos de lado”; o segundo, no “[...] tipo de ligação de causalidade que ele enfatiza”³⁰, isto é, sua explicação sobre os acontecimentos; o terceiro está na tradução da linguagem do passado para a do presente, tendo em vista que nem todos os termos, concepções e percepções de outros tempos seriam inteligíveis na atualidade; por fim, o “[...] caráter humano do conhecimento histórico [...] para além da diferença temporal”³¹, ou seja, o reconhecimento de que o objeto de estudo não é um “espelho” do historiador, tendo ambos suas particularidades de acordo com o contexto em que

²⁹ DELACROIX, Christian. A História do Tempo Presente, uma História (Realmente) como as Outras?. **Revista Tempo e Argumento**, v. 10, n. 23, p. 39-79, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.udesc.br/index.php/tempo/article/view/12709/8049>>. Acesso em 10 jan. 2022.

³⁰ DOSSE, François. História do Tempo Presente e Historiografia. **Revista Tempo e Argumento**, v. 4, n. 1, p. 05-22, 2012. Disponível em: <<https://www.periodicos.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180304012012005>>. Acesso em 10 jan. 2021. P. 13

³¹ Ibid., p. 13

estão situados. Portanto, para Dosse, os riscos de se deixar levar por uma visão subjetiva na análise dos acontecimentos não é uma exclusividade da História do Tempo Presente, nem mesmo uma fatalidade; pelo contrário, a consciência disso é o que torna a análise mais rigorosa.

Quanto a esses riscos relacionados à História do Tempo Presente, retomo, portanto, o ponto levantado tanto por Joana Maria Pedro quanto por Bruno Araújo a respeito de grande parte dos estudos de gênero e sexualidade terem surgido nas últimas duas décadas. Entre as principais obras que utilizarei como referencial teórico – como *Além do carnaval, Ditadura e homossexualidades* e *História do Movimento LGBT* – é importante observar não apenas certa ênfase em atuações militantes – além do fato de que muitos dos autores que contribuíram com essas obras são ativistas – mas também o fato de serem publicações lançadas especificamente na década de 2010.

No caso de *Além do Carnaval*, convém se atentar ao fato de que, embora seu lançamento inicial tenha ocorrido em 2000, a versão que utilizo como referência data de 2019. Ainda que não haja muitas mudanças na obra se comparadas ambas as edições, esse “retorno” também é significativo por uma questão de crítica metodológica.

Isso porque, ao longo da década de 2010, a questão da sexualidade esteve no centro de discussões políticas “inflamadas” em diferentes níveis da esfera pública. São algumas delas: a proposta de discussões sobre gênero e sexualidade do plano Brasil Sem Homofobia,³² o qual foi recusado pelo Governo Federal em 2011 por ser considerado “propaganda sexual”;³³ a proposição do Projeto de Lei que visava considerar que “maiorias sociais” poderiam ser vítimas de discriminação tanto quanto minorias - o que popularizou o termo “heterofobia”, em 2015;³⁴

³² SOARES, Wellington. Conheça o "Kit Gay" Vetado pelo Governo Federal em 2011. **Nova Escola**, 01 fev. 2015. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/84/conheca-o-kit-gay-vetado-pelo-governo-federal-em-2011>>. Acesso em 30 jan. 2022.

³³ PASSARINHO, Nathalia. Governo não fará ‘Propaganda de Opção Sexual’, diz Dilma sobre Kit. **Portal G1**, 26 maio 2011. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2011/05/governo-nao-fara-propaganda-de-opcao-sexual-diz-dilma-sobre-kit.html>>. Acesso em 30 jan. 2022.

³⁴ Projeto que Criminaliza “Heterofobia” é Retirado de Pauta por Pedido de Vistas. **Revista Fórum**, 22 out. 2015. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/noticias/projeto-que-criminaliza-heterofobia-e-retirado-de-pauta-por-pedido-de-vistas/>>. Acesso em 30 jan. 2022.

além do veto a um comercial do Banco do Brasil com foco em diversidade³⁵ e a livros com conteúdos homoafetivos na Bienal do Livro no Rio de Janeiro, ambos ocorridos em 2019.³⁶

Ainda que tanto esses eventos quanto essas obras sejam recentes, é importante situá-los para compreender o lugar, a perspectiva e possíveis razões para que as publicações citadas como componentes do referencial bibliográfico desta pesquisa tenham dado preferência a abordar e disseminar informações situando a homossexualidade dentro de determinados contextos políticos e com aparente ênfase em atuações militantes, ofuscando outras formas de sociabilidade, representação ou articulação. Embora essas obras sejam de fundamental importância para a história das homossexualidades no Brasil e também para o desenvolvimento deste estudo, acredito que, ao examinar as conexões entre imprensa, homoerotismo, contexto político e consumo, esta pesquisa possa contribuir para entendimento sobre representações, experiências e perspectivas homoeróticas para além dos movimentos organizados e das relações sociais existentes até a ditadura militar.

Tendo em vista os aportes teóricos-metodológicos que mencionei, a presente pesquisa será dividida em três capítulos. No primeiro, analisarei o lugar que *Spartacus* ocupou em meio à imprensa brasileira. Para isso, contextualizei acerca dos principais segmentos a emergirem na segunda metade do século XX, com foco nas revistas de consumo, nos veículos alternativos e nas produções impressas realizadas *por e para* homossexuais no país. Abordarei ainda a respeito dos periódicos com conteúdos eróticos e/ou pornográficos. A partir de análise de dados fornecidos no interior da própria revista *Spartacus* a respeito de sua produção e distribuição, procurarei então compreender de que modo ela se situava entre esses meios de comunicação existentes durante o período.

No segundo capítulo, estudei o posicionamento da publicação sobre as principais questões políticas e sociais de sua época. Isso porque durante sua circulação - isto é, na virada da década de 1980 para 1990 - as discussões que ocorriam no Brasil a respeito da transição da ditadura militar para a democracia, a crise econômica e a epidemia de HIV/Aids eram acirradas.

³⁵ ALVES, Soares. Presidente Jair Bolsonaro censura campanha do Banco do Brasil focada na diversidade. **Portal B9**, 25 abr. 2019. Disponível em: <<https://www.b9.com.br/107113/presidente-jair-bolsonaro-censura-campanha-do-banco-do-brasil-focada-na-diversidade/>>. Acesso em 30 jan. 2022.

³⁶ Marcelo Crivella manda censurar HQ dos Vingadores na Bienal do Livro, no Rio. **Folha de S. Paulo**, 05 set. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/09/marcelo-crivella-manda-censurar-gibis-dos-vingadores-na-bienal-do-livro-no-rio.shtml>>. Acesso em 30 jan. 2022.

Uma vez que a imprensa trabalha diretamente com a opinião pública, essas divergências também apareciam nos veículos de comunicação, que marcavam determinados pontos de vista a respeito dessas questões. Portanto, ao realizar uma leitura crítica dos textos veiculados por *Spartacus* em suas seções de opinião e artigos assinados por especialistas, procurei compreender quais pautas a revista procurou defender neste cenário, bem como seus possíveis interesses com isso.

Por fim, analisei os ensaios fotográficos e correspondências de leitores divulgados pela revista *Spartacus*. Tratam-se, neste caso, das seções em que a sexualidade masculina apareceu de maneira mais expressiva na publicação sem intuito necessariamente didático, mas de estímulo ao prazer. Neste sentido, o intuito nesta pesquisa foi compreender como os corpos foram representados nesses conteúdos textuais e visuais, e a associação estabelecida pelo periódico entre esses elementos e os espaços em que estariam situados. Desta forma, investiguei a construção feita pelo veículo de comunicação do que seria a identidade de seu leitor, e a possível relação disso com o mercado emergente na época com foco no público homossexual.

Acredito, portanto, que por meio da análise desses dados seja possível interpretar a posição de *Spartacus* em relação a seu contexto social, suas aspirações e possíveis retornos obtidos com isso – uma vez que, ao conseguir se manter por um determinado período, é presumível existir incentivo por parte do público e/ou de patrocinadores na ocasião. Ou seja, entender se a publicação indica um interesse não apenas por parte de seu corpo editorial, mas presumivelmente de diversas pessoas, grupos sociais ou empresas que, de alguma forma, tiveram contato com *Spartacus*.

Capítulo I: O lugar de *Spartacus* na imprensa brasileira

Neste capítulo, farei uma análise a respeito de como a revista *Spartacus*, fonte central desta pesquisa, esteve situada em meio aos diferentes tipos de imprensa existentes durante seu período de veiculação. A publicação, que circulou entre os anos de 1987 e 1990 - ao longo dos quais lançou 17 edições bimestrais -, tinha redação sediada na cidade de São Paulo, e seu conteúdo principal era composto por ensaios de homens nus, voltados sobretudo ao público masculino. No entanto, apesar do destaque que a nudez obtinha no periódico, ele também escrevia críticas ao governo e à economia, oferecia dicas de arte e cultura, informações sobre saúde e sexualidade, resenhas de turismo, entrevistas com artistas e figuras políticas, e uma seção dedicada a correspondências para leitores que quisessem marcar encontros sexuais entre si. Pertencente a *Ki-Bancas*, editora especializada em materiais eróticos e pornográficos – categorização que discutirei no decorrer desta análise -, *Spartacus* podia ser comprada em bancas de jornais ou, entre abril de 1989 e abril de 1990, por meio de assinaturas – o que, neste caso, assegurava discricção no recebimento do produto, argumento destacado em suas ofertas de adesão³⁷. Além disso, a publicação possuía uma distribuição que, de acordo com informações divulgadas na própria revista, seria de alcance nacional.

Esta pesquisa surgiu a partir de uma visita realizada ao Acervo Bajubá, casa de acolhimento a pessoas LGBTQIAP+ situada na cidade de São Paulo, e tinha como intuito conhecer mais a respeito das publicações *Lampião da Esquina* e *G Magazine* – fontes propostas no projeto inicialmente.

Após tomar conhecimento de diversos impressos que tiveram o público homossexual – ou homoerótico, conforme será discutido – como foco, *Spartacus* chamou atenção pelas discussões que promovia em seu período de circulação – como as questões do HIV/Aids, da Constituição de 1988 e da alta inflação, temas “controversos” para a época – e também devido aos recursos técnicos que empregava, caso das páginas coloridas em formato de revista e das fotografias em alta resolução, características as quais eram utilizadas sobretudo por veículos de grandes empresas de comunicação.

³⁷ Assine *Spartacus*. *Spartacus*, São Paulo (SP), ano 3, n. 10, 1989, p. 24.

Desta forma, o intuito da pesquisa foi descobrir de que forma uma publicação homoerótica viabilizou sua produção no decorrer desses três anos, visando compreender a abrangência de sua atuação, as relações que teria com os movimentos sociais existentes no período – caso do Movimento Homossexual e da Reforma Sanitária – e de que forma isso estaria atrelado ao que ela representava em seus conteúdos, principalmente em artigos de opinião e nos ensaios homoeróticos.

Neste sentido, para compreender o lugar que a revista *Spartacus* ocupava em meio ao contexto em que esteve em circulação, iniciarei esta pesquisa apresentando a respeito de alguns dos principais segmentos da imprensa brasileira na segunda metade do século XX, principalmente entre as décadas de 1960 e 1980, com foco nas publicações emergentes durante o período e nos impactos que o contexto econômico teve para elas. Tratarei também sobre a sociabilidade dos homossexuais masculinos e suas tentativas de produzir veículos de comunicação que falassem diretamente com seus pares, observando as diferenças entre o modo como esses materiais eram produzidos e distribuídos. Por fim, farei uma análise a respeito de como a revista *Spartacus* organizou seu conteúdo ao longo do tempo em que veiculou e a relação disso com o surgimento de um mercado que se tornaria expressivo na década seguinte, denominado como GLS - ou seja, voltado a “gays, lésbicas e simpatizantes”.

Ressalto que, em determinadas partes desta pesquisa, utilizarei o conceito de “homoerotismo” para me referir aos conteúdos de *Spartacus*. Para isso, tomo como referência os estudos do psicanalista Jurandir Freire Costa, para quem o homoerotismo seria uma “multiplicidade de práticas e desejos”. De acordo com o autor, essa definição seria não apenas flexível e plural, mas também desconsideraria a existência de uma substância comum a todos esses sujeitos e, diferentemente do termo “homossexual”, não estaria necessariamente associada a uma questão de identidade.³⁸

Em determinados trechos, entretanto, utilizarei o termo “homossexualidade” ou “gay” para fazer menção a publicações, sujeitos ou grupos que se expressavam conforme esse aspecto identitário, ou mesmo para me referir a parte do público de *Spartacus*. Isso porque, embora não pareça se limitar apenas a quem se identificasse desta forma, nem mesmo defendesse significados atribuíveis a essas delimitações, a revista possuía conteúdos que discutiam

³⁸ COSTA, Jurandir Freire. Introdução. In: **A Inocência e o Vício: Estudos sobre o Homoerotismo**. 1992. p. 21-22.

explicitamente sobre e para interesses de pessoas homossexuais - não apenas no âmbito do desejo, mas também social e politicamente.

Importa ainda a esta análise diferenciar o homoerotismo como prática ou desejo das concepções de “erotismo” e “pornografia” frequentemente utilizadas para categorizar produtos midiáticos. Além de ambos possuírem sentidos diferentes de aplicação, convém salientar que “erótico” e “pornográfico” não são necessariamente sinônimos. De acordo com a socióloga Maria Celeste Mira, os impressos eróticos divergiam da pornografia devido à preocupação que eles mantinham em relação a aspectos técnicos e estéticos de seus conteúdos, além do público-alvo dessas produções serem diferentes. Isso porque as revistas eróticas do final do século XX estariam interessadas em oferecer não apenas uma exposição “nua e crua” de genitais, mas especialmente um estilo de vida a seus leitores, sobretudo mais abastados. Por esses motivos, abordarei *Spartacus* interpretando-a como um título erótico, tópico que abordarei com maior profundidade adiante.³⁹

O objetivo, neste capítulo, é entender qual foi o lugar ocupado por *Spartacus* em meio às publicações da época, considerando que, ao mesmo tempo em que elas se diversificaram em ofertas de produtos e públicos, também passaram por muitas mudanças nas últimas décadas do século XX, o que fez com que grupos de comunicação anteriormente grandes minguassem sua influência - ou mesmo falissem - e outros emergentes se consolidassem entre os principais consumidos no Brasil. Neste contexto, é importante pontuar que o mercado editorial entre as décadas de 1960 e 1980 não se resumia aos veículos de maior porte, às publicações pornográficas e às eróticas, pois houve também uma proliferação de jornais e revistas de contestação social durante a ditadura militar, as quais ficaram conhecidas como “imprensa alternativa” ou “imprensa nanica”.

Segundo Bernardo Kucinski, os periódicos que podem ser identificados nesta categoria “[...] cobravam com veemência a restauração da democracia e do respeito aos direitos humanos e faziam a crítica ao modelo econômico”.⁴⁰ De acordo com o autor, é possível distinguir os veículos que surgiram nesta época em duas “classes”: os que valorizavam e pautavam temas

³⁹ MIRA, Maria Celeste et al. **O Leitor e a Banca de Revistas: o Caso da Editora Abril**. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. 1997.

⁴⁰ KUCINSKI, Bernardo. Introdução. In: **Jornalistas E Revolucionários: Nos Tempos Da Imprensa Alternativa**. 2. Ed. Rev. E Ampl. São Paulo: Edusp, 2003. p. 5

próximos do marxismo, como estratégias políticas e revolução, e os que seriam mais inspirados nos movimentos de contracultura, críticos aos costumes hegemônicos e ao moralismo.

Além das pautas, outros aspectos diferenciavam a imprensa alternativa dos grandes veículos, como o fato de possuírem poucos anunciantes e produzirem uma tiragem mais reduzida, o que dificultava o pagamento mínimo exigido pelos distribuidores. O financiamento desses jornais geralmente era feito pelos próprios jornalistas e ativistas que colaboravam neles, ou por artistas visando apoiá-los. Portanto, para conseguir legitimidade e atrair mais público, era comum que fossem chamados profissionais renomados dessas áreas e intelectuais para compor o conselho editorial dos veículos.

É em meio a essa imprensa alternativa que ocorreu, no final da década de 1970, uma proliferação de periódicos voltados aos homossexuais. Ainda que os produzidos nos anos de contestação não tenham sido os primeiros com foco neste público a emergirem no Brasil - conforme explicarei no decorrer deste capítulo -, é de grande importância nesta pesquisa compreender o contexto e os motivos que condicionaram essa “eclosão”, além de possibilitar a interpretação a respeito do papel de *Spartacus* em relação às produções que serviram como meio de comunicação para esses sujeitos.

Em vista disso, para compreender de que modo o objeto de estudo se situou entre essas “imprensas”, especialmente as que circularam entre a redemocratização e a transição política para a democracia, é necessário recorrer aos aportes teórico-metodológicos pertinentes à análise. Portanto, utilizarei pressupostos do campo de estudos denominado de História da Imprensa e da História do Tempo Presente.

Segundo Tânia de Luca, a imprensa é um documento que, desde a década de 1970, adquiriu importância na historiografia em meio a diversas mudanças ocorridas nos métodos utilizados, que passaram a receber novas propostas de objetos, problemas e abordagens. Foi o caso do surgimento de perspectivas como as da História Nova, que buscava aproximações com outras áreas do conhecimento, da micro-história, que propunha analisar aspectos amplos a partir de escalas menores, e do *linguistic turn*, que colocava em pauta o modo como o discurso do conhecimento historiográfico era construído; já as abordagens marxistas começaram a abrir espaço para interpretações culturais, e a História Política passou por uma consolidação das áreas correspondentes à História do Tempo Presente e à História Imediata. Em suma, os estudos que tratam sobre a imprensa emergiram em meio a uma multiplicidade de abordagens temáticas, e

contribuíram, desde então, para a compreensão a respeito de questões como gênero, raça, etnia, sexualidade, cotidiano, trabalho, entre outras perspectivas.

Tania de Luca aponta que, para trabalhar com esse tipo de documento, é possível “dividi-lo” em dois aspectos: os materiais - que correspondem à análise de informações como periodicidade, impressão, tipo de papel, anunciantes, etc. -, e aqueles que dizem respeito à organização interna do conteúdo - a iconografia, o grupo responsável pela publicação, os principais colaboradores, o público-alvo desejado e as fontes de receita.⁴¹

No mesmo sentido, as historiadoras Heloísa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto exploram sobre o modo como esses dados podem ser tratados. Elas classificam esse trabalho em três procedimentos: identificação do periódico; estudo do projeto gráfico/editorial; e análise a respeito da produção e distribuição. Para as pesquisadoras, é importante ainda contextualizar o posicionamento político e as campanhas empreendidas pelo veículo estudado em questão, visando entender nuances de alinhamentos conforme diferentes conjunturas históricas⁴².

Maria Helena Capelato é uma autora que também chama atenção para os posicionamentos da imprensa em relação ao contexto político, devido à relevância que este segmento possui na formação da opinião pública. Para ela, é possível analisar os periódicos a partir de seus aspectos internos - conteúdo e composição gráfica, conforme discutido acima - e externos. A este último, ela pontua que é importante observar se a distribuição é de nível nacional, estadual, municipal ou setorial, os compromissos político-partidários, origem do capital inicial e de recursos posteriores que possibilitem a veiculação da publicação e as formas de financiamentos, sejam eles públicos, privados, oriundos de indivíduos ou grupos. Desta forma, consegue-se interpretar quais os interesses explícitos e implícitos que estão “em jogo” em relação aos conteúdos do veículo.⁴³

⁴¹ DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por Meio dos Periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi et al. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2015.

⁴² DE FARIA CRUZ, Heloisa; DA CUNHA PEIXOTO, Maria do Rosário. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 35, n. 2, 2007.

⁴³ CAPELATO, Maria Helena. A Imprensa Como Fonte e Objeto De Estudo Para O Historiador. In: VILLAÇA, Mariana; PRADO, Maria Lígia Coelho. **História das Américas: Fontes E Abordagens Historiográficas**. São Paulo: Humanita, p. 120, 2015

Em vista disso, essas abordagens sobre a imprensa se complementam para melhor compreensão a respeito dos veículos de comunicação e do papel desempenhado no contexto em que estiveram inseridos. Desta forma, entendo que informações disponíveis no interior da revista *Spartacus* são pistas para entender tanto as nuances da publicação quanto de contextos mais amplos. Para interpretá-los, além do uso da fonte, irei recorrer à bibliografia analítica produzida sobre o período em questão.

Neste sentido, concentrarei este primeiro capítulo em, a princípio, identificar as seções apresentadas na revista e o modo como ela era organizada - ou seja, os temas que eram destacados nas capas e primeiras páginas, os conteúdos que recebiam impressão colorida, seções que surgiram no decorrer das edições, bem como outras que desapareceram com o tempo, levando em consideração, especialmente, os que possuíam indicação de autoria. Em seguida, observarei nuances no corpo editorial, nos preços, anúncios, na distribuição e as possíveis relações desses aspectos com o cenário brasileiro do período. Procurarei então interpretar os interesses que teriam levado os responsáveis pela publicação de *Spartacus* a lançarem a revista; a eventual associação disso com as organizações ou agentes aos quais recorreu para se manter: o quão estável foi sua permanência no mercado editorial e, por fim, as condições em que estaria na ocasião de seu esvanecimento.

1.1. Os impressos brasileiros na segunda metade do século XX

Ao longo das décadas de 1950 e 1960, o Brasil vivia um período democrático e economicamente próspero. Segundo o brasilianista James Green, a população cresceu e as oportunidades de trabalho geraram um grande fluxo de migração populacional para os centros urbanos. A televisão chegou ao país, tornando-se o centro das atenções nas salas das famílias, e novos espaços de sociabilidade começaram a se formular, como as danceterias e boates.⁴⁴ Nesta época, os diários impressos e as tribunas se destacavam na imprensa, de modo que algumas das empresas correspondentes acabariam se tornando grandes grupos de comunicação,

⁴⁴ GREEN, James N. **Além Do Carnaval: A Homossexualidade Masculina No Brasil Do Século XX.** São Paulo (SP): Editora Unesp, 2019. 554 p.

os quais se mantêm até os dias de hoje. Outras, entretanto, faliram em meio às crises que se desenrolaram nos anos posteriores, tópico que abordarei adiante.⁴⁵

É importante observar que foi neste período que chegaram ao Brasil as revistas de consumo e variedades, as quais tinham como diferencial o destaque dado a temas leves, de interesse pessoal do leitor, como saúde, moda e entretenimento. Elas possuíam ainda maior liberdade de diagramação, com elementos visuais mais destacados, e tinham periodicidade semanal ou mensal. O intuito consistia em produzir conteúdos que de fato servissem ao que o leitor queria, buscando compreendê-lo como ele era, praticando técnicas de *design* que fossem atrativas e oferecendo produtos aos quais esse consumidor poderia ter acesso. Isso seria interessante também para os anunciantes, pois aumentava a probabilidade de verem o investimento na mídia convertido em vendas para as empresas. Essas revistas incentivavam determinados estilos de vida, uma vez que, além de conterem propagandas espalhadas em suas páginas, muitas vezes apresentavam matérias sobre relacionamento, beleza, entre outras “dicas” sobre comportamento, estimulando que seus leitores aderissem a posturas consideradas ideais por essas publicações.

Essas publicações assumiram fatia significativa do mercado editorial e, com o passar do tempo, diversificaram cada vez mais os segmentos que atendiam. Exemplos disso são os almanaques de quadrinhos infantis, os periódicos femininos, os de grandes reportagens, os de negócios e os de esportes. Na época, havia dois tipos predominantes de distribuição desses periódicos: os que eram vendidos nas bancas ou por assinatura, e os especializados, que geralmente eram gratuitos e tratavam de temas relacionados a determinados segmentos profissionais.⁴⁶ Esse contexto é importante nesta pesquisa para entender quais eram os objetivos dessas publicações que surgiram com características distintas dos jornais diários e, também, o mercado em que as revistas eróticas começaram a ganhar espaço anos depois. Ao longo desta análise, procurarei entender de que forma essa diversificação de mercado esteve relacionada tanto ao surgimento da imprensa homossexual quanto do mercado erótico. Portanto, será discutido sobre os aspectos que ambos os segmentos tiveram em comum e quais foram as diferenças no que diz respeito ao modo como impactaram na sociedade. Por fim, apresentarei

⁴⁵ BARBOSA, Marialva. **História Cultural Da Imprensa**: Brasil :1900-2000. Rio De Janeiro: Mauad, 2007

⁴⁶ DE LUCA, Tânia Regina. A Era das Revistas de Consumo. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. 411 p.

de que forma as mudanças políticas e econômicas na ditadura militar afetaram essas produções e constituíram o contexto no qual *Spartacus* se situaria no final da década de 1980.

1.1.1. “Subversões morais” e mercado editorial

Embora tenha ocorrido uma multiplicação de periódicos e públicos atendidos na imprensa brasileira, em meados do século ainda não existiam, no país, impressos voltados aos homossexuais. Segundo Green, o mais próximo que havia disso eram as revistas de fisiculturismo, como *Força e Saúde*, publicada a partir de 1947, e *Músculo*, de 1953. No entanto, nenhuma dessas duas tinha de fato este grupo como alvo principal, mas parte de seus leitores compunham essa população e as compravam por causa dos ensaios de homens que faziam poses atléticas e exibiam seus músculos utilizando apenas tapa-sexo. As publicações para homossexuais, sobretudo masculinos, começaram a proliferar apenas a partir da década de 1960. É considerado como o principal deles o jornal *O Snob*, que circulou 100 edições entre 1963 e 1969, mimeografado em papel ofício e distribuído de mão em mão em pontos de encontros de homossexuais no Rio de Janeiro.⁴⁷

De acordo com Rogério da Silva Martins, historiador que estudou a sociabilidade homoerótica masculina por meio deste periódico, o conteúdo da publicação consistia basicamente em fofocas sobre as pessoas que frequentavam esses lugares, divulgação de locais para “pegação” e passou a contar, ao longo do tempo, com crônicas, contos e entrevistas.⁴⁸

Ainda que estivessem longe de contar com os recursos técnicos ou mesmo ambições comerciais das publicações de consumo da época, outros impressos surgiram por influência de *O Snob* ao longo da década de 1960.⁴⁹ Contudo, em 1968, ocorreu a decretação do Ato

⁴⁷ GREEN, James N. **Além Do Carnaval: A Homossexualidade Masculina No Brasil Do Século XX**. São Paulo (SP): Editora Unesp, 2019. p. 278

⁴⁸ *O Snob* era produzido pela Turma Ok, um grupo de homens homossexuais que se reunia nas casas de seus membros para conversar e organizar festas. A escolha por esses encontros nos domicílios ocorria por questões de segurança e controle, pois, além do contexto ditatorial, esses espaços permitiam que os participantes conseguissem ter certa privacidade e saberem quem de fato estava frequentando o local. Além da Turma Ok, ao menos outros oito grupos teriam existido apenas entre os anos de 1963 e 1964. Cf. DA COSTA, Rogério da Silva Martins. **Sociabilidade Homoerótica Masculina no Rio de Janeiro na Década de 1960**: Relatos do Jornal O Snob. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Fundação Getúlio Vargas, 2010

⁴⁹ É o caso de *Subúrbio à Noite*, *O Mito*, *O Cacho*, *O Estábulo*, *Le Sophistiqué*, *Newsbook*, *Os Felinos*, *O Centro*, *O Grupo*, *O Núcleo*, *Vinte de Abril*, *Cinelandia à Noite*, *O Centauro*, *O Vagalume*, *O Chic*, *O Queridinho*, *O Charme*, *A Terceira Força*, *Le Carrillon* e *Darling*. Esses periódicos chegaram

Institucional número 5 (AI-5), que retirou os direitos políticos da população e instituiu a censura aos meios de comunicação, às artes e aos costumes. No ano seguinte, *O Snob* decidiu lançar sua última edição, em decorrência desse recrudescimento do regime ditatorial.⁵⁰

Embora o intuito desta pesquisa não seja focar nas dimensões e impactos da censura ditatorial, convém evidenciar alguns pontos para entender o cenário em que a imprensa se situou durante o período e no qual a homossociabilidade se encontraria, anos depois, quando ascendeu como movimento social. De acordo com Marcos Napolitano, a censura durante o regime militar passou por três fases: de 1964 a 1968, atuando com o objetivo de reprimir a “cultura de esquerda” e tendo como foco o teatro, em decorrência do potencial que este teria de mobilizar intelectuais de oposição; de 1969 a 1978, a partir da instituição do AI-5, visando conter uma suposta radicalização da classe média e dos estudantes; e de 1979 a 1985, estabelecendo controles de “conteúdo e linguagem” em prol “da moral e dos bons costumes”.

Para isso, o governo fez uso de órgãos como as Delegacias de Ordem Política e Social (Dops), responsáveis pela vigilância da população, o sistema de inteligência do Centro de Operações de Defesa Interna - Destacamento de Operações e Informações (Codi/DOI) e a Divisão de Serviços de Censura às Diversões Públicas do Departamento de Polícia Federal (DPF/DCDP)⁵¹.

Neste contexto, a relação da censura com a imprensa foi complexa, havendo variações dependendo do veículo de comunicação. Segundo Marialva Barbosa, enquanto houve casos de prisões de jornalistas e censura prévia a publicações que poderiam estimular divergências ao regime, também existiram as empresas e profissionais que optaram pela autocensura, ou seja, eles próprios vetaram seus conteúdos antes de chegarem a qualquer autoridade⁵².

No que diz respeito à sociabilidade dos homossexuais - e também travestis -, parece existir um paradoxo. Apesar de todas essas formas de controle sobre a população, os espaços para o público *gay*, como boates, saunas e discotecas continuaram funcionando de forma efervescente em São Paulo e no Rio de Janeiro, ainda que, em certos casos, sofrendo *blitzes* e

inclusive a fundar uma Associação Brasileira de Imprensa Gay (ABIG) e, mesmo com o início da ditadura militar, em 1964, alguns deles permaneceram circulando. Ibid., p. 38

⁵⁰ Ibid., p. 10

⁵¹ NAPOLITANO, Marcos. **1964: História do Regime Militar Brasileiro**. Editora Contexto, 2014. p. 110-111

⁵² BARBOSA, Marialva. **História Cultural Da Imprensa: Brasil :1900-2000**. Rio De Janeiro: Mauad, 2007

mantendo o funcionamento mediante pagamento de propina a policiais. No início da década de 1970, a quantidade dessas empresas, inclusive, teria aumentado, atraindo uma freguesia composta não apenas por brasileiros, mas também por turistas estrangeiros, o que possibilitaria interações e trocas de contatos internacionais. Para Green, essa “permissibilidade” teria ocorrido porque, na época, a repressão estava mais focada nas expressões literárias e artísticas. Embora já existisse no Brasil uma visibilidade crescente de *gays*, lésbicas e travestis, a consolidação de um movimento de cunho político organizado ainda era visto como algo distante da realidade do país.⁵³

Por outro lado, enquanto essas empresas voltadas ao consumo e ao lazer proliferavam, o número de *gays* e travestis em pontos de prostituição também se tornava cada vez mais frequente. A terapia hormonal, as aplicações de silicone e as cirurgias plásticas se popularizaram, e cada vez mais michês e travestis que trabalhavam como prostitutas eram vistos nas ruas dessas cidades, em um processo que Green chama de “[...] crescente comercialização e mercantilização do sexo na sociedade brasileira”. De acordo com o autor, parte da classe média, privilegiada pelo “milagre econômico”, passou a ter a oportunidade de pagar para ter relações sexuais; por outro lado, esse “milagre” excluiu grande parte da população, fazendo com que muitas pessoas passassem a se prostituir para poderem se manter - tópicos que abordarei adiante.

Green aponta que o perfil predominante de michês que se prostituíam em São Paulo era de jovens “[...] oriundos de famílias proletárias”, que se relacionavam com homens mais velhos - chamados de “tias” - e enfatizavam o aspecto masculino de suas performances de gênero. Nessas relações entre os michês e as “tias” não seria incomum o caso culminar em violência ou mesmo assassinato da parte contratante.⁵⁴ No mesmo sentido, o antropólogo Nestor Perlongher, em estudo defendido em 1986, sobre a prostituição masculina no centro de São Paulo, também destaca o fato dos michês atuantes nesses territórios se situarem socioeconomicamente no que ele descreve como “estrato baixo”, “estrato médio baixo” e “estrato médio”.⁵⁵

Essa movimentação acabava chamando a atenção de policiais de São Paulo, que realizavam rondas nas áreas frequentadas por travestis e homossexuais sob o pretexto de

⁵³ GREEN, James N. **Além Do Carnaval: A Homossexualidade Masculina No Brasil Do Século XX**. São Paulo (SP): Editora Unesp, 2019. P. 413

⁵⁴ *Ibid.*, p. 413

⁵⁵ PERLONGHER, Nestor. Territórios e Populações. In: **O Negócio do Michê: Prostituição Viril em São Paulo**. São Paulo (SP): Editora Brasiliense, 1987.

averiguar desrespeitos à lei da vadiagem, a qual permitia a detenção de pessoas que não comprovassem possuir trabalho formal. Como aponta o historiador Rafael Freitas Ocanha, o uso desse dispositivo ocorria em uma época na qual parte significativa dos paulistanos nem ao menos tinha acesso ao mercado de trabalho regularizado⁵⁶.

Esses aspectos são importantes nesta pesquisa para compreender a complexidade das relações que se estabeleciam em meio a um contexto no qual, interpretando sob uma ótica de Michel Foucault, ocorria uma “proliferação de discursos sobre o sexo”⁵⁷. Ou seja, ao mesmo tempo em que havia uma crescente visibilização da sexualidade, também ocorria uma violenta repressão por parte do Estado. Esse processo, longe de se reduzir a uma dicotomia entre “liberdade” *versus* “repressão”, também foi permeado por desigualdades e diferenciações no próprio âmbito dessas sexualidades, uma vez que tinham como catalisadores não apenas as mudanças políticas e as novidades da ciência, mas também as desigualdades já existentes na sociedade brasileira, além do impacto do contexto econômico em relação às populações mais vulneráveis. Neste sentido, é importante observar, portanto, que o mercado no qual *Spartacus* se situaria, não era homogêneo e nem necessariamente “harmônico”, e sim atravessado por diversos conflitos sociais.

Além da prostituição, o crescimento do mercado erótico se tornou perceptível entre o final da década de 1960 e 1970 também por meio da proliferação de almanaques, revistas e histórias em quadrinhos pornográficas ou com nudez em seus conteúdos. De acordo com o historiador Anderson Francisco Ribeiro e o filósofo Antônio Carlos de Souza, somente na cidade de São Paulo, havia 22 editoras clandestinas ou marginalizadas dedicadas a essas publicações. Elas seriam, em sua maioria, importadas de outros países e a regularidade das edições era incerta, não sendo incomum lançarem um único número e então desaparecerem.⁵⁸

Essas publicações acabavam sendo compradas não apenas por adultos, mas também por adolescentes que as levavam para as escolas, e o regime militar logo utilizou isso como argumento para censurá-las. No discurso da ditadura, esses conteúdos, além de serem

⁵⁶ OCANHA, Rafael Freitas. **As Rondas Policiais de Combate à Homossexualidade na Cidade de São Paulo (1976-1982)**. In: GREEN, James; Quinalha, Renan. *Ditadura E Homossexualidades: Repressão, Resistência E A Busca Da Verdade*. São Paulo (SP): Editora Da Universidade Federal De São Carlos, 2014

⁵⁷ FOUCAULT, Michel. **História Da Sexualidade I : A Vontade De Saber**. São Paulo: Graal, 2005.

⁵⁸ RIBEIRO, Anderson Francisco; DE SOUZA, Antonio Carlos. O Lugar da Pornografia na Sociedade Brasileira: As Guerras Públicas e o Direito ao Erótico (1964-1985). **Revista História & Perspectivas**, v. 29, n. 55, 2016.

associados à intervenção estrangeira, também facilitaria o acesso dos jovens às drogas e os aliciaria à imoralidade, ao vício e à subversão.⁵⁹

Em estudo realizado sobre os documentos que censuravam menções à homossexualidade na década de 1970⁶⁰, o comunicólogo Benjamin Cowan aponta que os mesmos argumentos eram utilizados para justificar a apreensão desses materiais: isto é, de que eles estariam relacionados a elementos “perigosos” da sociedade. Nota-se nisto que existiam esforços não apenas em controlar o comportamento da população nos espaços públicos, mas também o acesso que mesmo o consumidor/leitor poderia ter ao que destoasse do modelo que o regime impunha.

A partir desses aspectos, é possível interpretar que, ainda que a ditadura militar tenha exercido diferentes formas de censura e repressão em sua primeira década de vigência, esses controles possuíam várias “ressalvas” no que se refere à sexualidade. É notável que, consoante ao recrudescimento do regime, espaços, empresas e impressos proliferaram gerando um mercado voltado ao sexo, tanto hetero quanto homoerótico, atuando de maneira marginalizada.

Embora esse “mercado sexual” já se manifestasse em abundância no final dos anos 1960 para heterossexuais, o segmento voltado ao homoerotismo surgiu apenas no início da década seguinte no Brasil. Neste caso, não contando ainda com publicações próprias, mas com espaços de diversão e entretenimento. Entretanto, é importante salientar que essas expressões só tinham certa “liberdade” no que se refere a locais privados, uma vez que, conforme citei anteriormente, nos locais públicos usualmente frequentados pelos homossexuais, ocorriam as operações policiais de “limpeza” – chamadas de “rondões”. Essa diferenciação de tratamento por parte das autoridades demonstra que havia maior interesse em controlar comportamentos que não condiziam com o idealizado pelo regime nos espaços públicos e, enquanto, no âmbito privado, em meio ao ambiente de consumo, ocorreriam certas concessões.

Deste modo, ainda que a repressão às diversas formas de expressão sexual seja de grande importância para compreender este período, essa ótica não é suficiente para abarcar as experiências vividas pelos sujeitos durante o período, bem como os impactos na formação da identidade e das relações que ocorreriam poucos anos depois, com o crescimento do mercado

⁵⁹ Ibid., p. 373-400

⁶⁰ COWAN, Benjamin. **Homossexualidade, Ideologia e “Subversão” no Regime Militar.** In: GREEN, James; Quinalha, Renan. *Ditadura E Homossexualidades: Repressão, Resistência E A Busca Da Verdade.* São Paulo (SP): Editora Da Universidade Federal De São Carlos, 2014

erótico e a emergência dos movimentos a favor de maior “liberdade sexual”. Neste sentido, atentarei no próximo item a algumas das reivindicações sociais e questões político-econômicas que constituíram o cenário no qual os coletivos organizados e a denominada sociedade civil tiveram a oportunidade de colocar suas pautas no Brasil em meio ao regime militar.

1.1.2. Periódicos homossexuais, crise na imprensa e oposições à ditadura na virada da década

Ainda que a ditadura não permitisse críticas ao governo, o estopim da crise econômica que emergiu na década de 1970 foi sentido por diversos segmentos da população, que se organizaram e formaram amplas oposições ao sistema político vigente. Sindicatos de operários realizaram greves contra o arrocho salarial, mulheres da periferia fizeram manifestações criticando o custo de vida, uma segunda onda do feminismo emergiu colocando suas pautas em discussão, além do movimento negro que problematizou as questões raciais do país e os homossexuais brasileiros que voltaram a se articular, desta vez, com propósitos mais políticos - ou, ao menos, estratégicos. No âmbito institucional, as divergências internas cresciam, e a proposição de uma nova Assembleia Constituinte começou a ser discutida⁶¹.

No que se refere às pautas homossexuais, isso pode ser percebido, a princípio, pelo reaparecimento de impressos voltados particularmente a este público. Um passo em relação a isso ocorreu em 1976, quando redatores e leitores que antes compunham *O Snob* lançaram *Gente Gay*, no Rio de Janeiro. No ano seguinte, foram publicados ainda *Entender e Mundo Gay*, em São Paulo⁶². No mesmo município foi fundado o Círculo Corydon, um grupo de ativistas responsáveis pelas publicações *Jornal do Gay*, de 1978, e *Gay News*, de 1979⁶³, e que mantinha contato com organizações internacionais como a *Mattachine Society* e a Comunidade do Orgulho Gay de Porto Rico, com o intuito de unir a “[...] ‘ala festiva’ homossexual”.⁶⁴

⁶¹ GREEN, James N. **Além Do Carnaval: A Homossexualidade Masculina no Brasil do Século XX**. São Paulo (SP): Editora Unesp, 2019. P. 404.

⁶² Ibid., p. 433

⁶³ CORDÃO, Vinicius FERREIRA Ribeiro. A Imprensa Gay Do Círculo Corydon Em Prol Da Cidadania Homossexual. In: **XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2016, São Paulo. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2593-1.pdf>>. Acesso em 21 mar. 2021.

⁶⁴ BORTOLOZZI, Remo Matheus. **Entre Trapos e Colchas: Vestígios da Memória LGBT Sobre as Primeiras Respostas Paulistas à Epidemia de HIV/Aids**. Tese de Doutorado. Universidade de

Apesar desse engajamento, nenhum desses veículos conseguiu se manter por muito tempo. De acordo com Green, os principais fatores seriam a inexperiência em manter reservas de capital para investir no crescimento das publicações, e também o fato de não serem conduzidos por nomes conhecidos neste mercado para manter despertado o interesse do público, algo que, conforme citado anteriormente, era comum entre os periódicos alternativos da época.

Em 1978, foi lançado o jornal *Lampião da Esquina*, considerado o primeiro de ampla distribuição voltado para o público homossexual no Brasil. Ele surgiu a partir de uma visita realizada em 1977 pelo editor da revista norte-americana *Gay Sunshine Press*, Winston Leyland, coordenada pelo advogado e ativista João Antônio Mascarenhas. Na ocasião, Mascarenhas decidiu reunir um grupo de jornalistas assumidamente homossexuais para realizar a entrevista. Ele então aproveitou a oportunidade e propôs aos profissionais que publicassem um jornal sobre homossexualidade. Assim surgiu, em 1978, o *Lampião*, que se manteve até 1981. Apesar da sugestão inicial, o jornal seguiu com o propósito de abordar temas caros não somente aos homossexuais, mas, também, dialogando com outros movimentos como os de cunho feminista, negro, ambientalista e indígena, em uma tentativa de ser um periódico “de minorias”.⁶⁵

Embora seu foco estivesse nas questões sociais e políticas, *Lampião* teve também conteúdos de nudez masculina. Como aponta Ronielyssom Cezar Souza Pereira, isso apareceu já nas primeiras edições, por meio de ilustrações assinadas pelo artista plástico Darcy Penteado. A partir da sétima edição, de dezembro de 1978, começaram a surgir as primeiras fotografias de homens nus no periódico, mas com sentido crítico, visando dar destaque ao corpo masculino da mesma forma que outras publicações davam ao feminino. Na edição 16, de setembro de 1979, as fotografias passaram a apresentar os modelos fazendo poses sensuais e atribuindo um aspecto mais comercial ao corpo, ou seja, vendendo-o como um produto.⁶⁶ Em alguns casos, essas fotografias de pessoas despidas inclusive foram capa da publicação, com chamadas como “ENFIM: O NU FRONTAL!”⁶⁷ e “MASTURBAÇÃO: o prazer da maioria”⁶⁸.

São Paulo. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5137/tde-28092021-112410/en.php>>. Acesso em 25 ago. 2022. P. 70

⁶⁵ Green, op. cit., p. 440

⁶⁶ PEREIRA, Ronielyssom Cezar Souza. Nus Masculinos: Sua Inserção no Jornal *Lampião da Esquina*. VII Congresso Internacional de História. ISSN 2175-4446. Disponível em: <<http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1443.pdf>>. Acesso em 02 mai. 2021.

⁶⁷ Capa. *Lampião da Esquina*. São Paulo, SP, ano III, n. 27, ago. 1980.

⁶⁸ Capa. *Lampião da Esquina*. São Paulo, SP, ano III, n. 31, dez. 1980.

Figura 1 – Capa da edição 27 de *Lampião da Esquina*



Fonte: jornal *Lampião da Esquina*, ano III, n. 27, 1980, capa; disponível em: <
<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em 19 dez. 2022

De acordo com o antropólogo Edward MacRae, esses materiais, assim como a abordagem de temas como pornografia e masturbação, seriam uma tentativa de atender ao interesse do mercado por esses produtos⁶⁹. No entanto, apesar do aumento nas vendas, isso não teria sido suficiente para conter o fim do jornal, que passava por diversos problemas internos e políticos.⁷⁰ O editor da publicação, Aguinaldo Silva, lançou então um periódico homoerótico intitulado *Homo Pleigui*, mas que teve curto tempo de circulação.⁷¹ Segundo Bortolozzi, a

⁶⁹ MACRAE, Edward. *A Construção da Igualdade: Política e Identidade Homossexual no Brasil da "Abertura"*. Edufba, 2018. P. 163.

⁷⁰ Ao longo de sua veiculação, *Lampião* se tornou um importante veículo para articulação de grupos e coletivos que comporiam o Movimento Homossexual Brasileiro. Não por acaso, como aponta o sociólogo Renan Quinalha, o jornal era vigiado pelos órgãos de informação por "promover o homossexualismo" (sic), o que levou à abertura de um processo e acusação contra os editores por "ofensa à moral e ao pudor público". O caso, contudo, mobilizou ativistas e repercutiu em diversos veículos de grande circulação no Brasil, além de conseguirem o apoio de organizações de *gays* e lésbicas no exterior. Por fim, o processo foi arquivado - o que não impediu que *Lampião* chegasse ao fim. Isso porque, além das perseguições judiciais, ocorria uma cisão no movimento, além de dificuldades financeiras de manter o jornal. Cf. QUINALHA, Renan Honório. **Contra a Moral e os Bons Costumes: a Política Sexual da Ditadura Brasileira (1964-1988)**. 2017. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/101/101131/tde-20062017-182552/en.php>>. Acesso em 25 abr. 2021.

⁷¹ MacRae, op. cit., P. 163.

revista de Silva teria sido a primeira do segmento a publicar sobre o HIV/Aids, em 1982, questionando a associação que parte dos cientistas faziam entre a doença e a homossexualidade – tópico que será abordado no segundo capítulo desta pesquisa. Na mesma época, estariam em circulação também outras publicações voltadas aos homossexuais, como *Exclusive*, *Rose*, *Peteca*, *Ponto de Encontro e Corpo*⁷², além de que, ao longo dos anos seguintes, outras de cunho homoerótico surgiram no Brasil, como os citados *jornal Marilyn Monroe*, *Narciso*, *Gato e Alone*. Assim como os veículos da imprensa alternativa, todas elas teriam poucos anos de circulação, raramente passando de um a três anos.

No entanto, publicações como essas não foram as únicas a terem dificuldades para se manter no período dos anos 1970 e 1980. De acordo com Barbosa, muitos veículos de sucesso das décadas anteriores se desfizeram, como *Última Hora* e *Correio da Manhã*. A autora aponta diversos motivos para isso, como o aumento do preço do papel, a desvalorização do real em relação ao dólar e o fim da isenção do imposto de renda para jornais e jornalistas, os quais seriam fatores que tornaram muito mais custoso manter um periódico na época. Segundo Barbosa, os veículos que conseguiram se manter após esse cenário de crise foram aqueles que conseguiram se adaptar e gerir seus negócios de modo empresarial.⁷³

Neste contexto, a inflação e o desemprego cresceram ao longo dos anos seguintes, ocasionando saques e roubos, como o caso de um mutirão ocorrido no bairro paulistano de Santo Amaro, em 1983. Os operários e os sindicatos fizeram greves, organizadas pelo Partido dos Trabalhadores, e o descontentamento popular estimulou o Movimento Democrático Brasileiro, partido de oposição à ditadura, a iniciar a campanha pelas Diretas Já, em 1985, em conjunto com militantes de esquerda, sindicalistas, estudantes, movimentos sociais, além de famílias e cidadãos que não faziam parte de organizações políticas.

Após muitas articulações no Congresso Nacional, foi decidido que Tancredo Neves seria o próximo presidente da República, responsável por realizar a transição para a democracia.

⁷² BORTOLOZZI, Remom Matheus. **Entre Trapos e Colchas: Vestígios da Memória LGBT Sobre as Primeiras Respostas Paulistanas à Epidemia de HIV/Aids**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5137/tde-28092021-112410/en.php>>. Acesso em 25 ago. 2022. P. 70

⁷³ BARBOSA, Marialva. **História Cultural Da Imprensa: Brasil :1900-2000**. Rio De Janeiro: Mauad, 2007. p. 201

O político, entretanto, faleceu antes de ser empossado, e quem assumiu o cargo foi seu então vice, José Sarney⁷⁴.

Convém atentar ao fato de que o período de presidência do governo Sarney - de 1985 a 1990 - abrange os anos de circulação da revista *Spartacus* - entre 1987 e 1990 -, o que reforça a importância de observar os aspectos políticos e econômicos dessa gestão. Trata-se de um governo que foi marcado por sucessivas mudanças em projetos econômicos e também pela realização da Assembleia Constituinte.

Conforme abordarei no segundo capítulo desta pesquisa, este foi um período em que diferentes organizações da sociedade civil tiveram a oportunidade de legitimar suas reivindicações por meio da Constituição de 1988. No entanto, as divergências entre os setores, a composição do quadro institucional do Estado e a adesão ao neoliberalismo estão entre aspectos que complexificaram a consolidação de determinadas pautas. Se por um lado existiam propostas de ampliação do acesso a direitos sociais, como saúde, educação, entre outros, isso esbarrava em um cenário no qual o setor público tinha seu papel cada vez mais reduzido na sociedade brasileira⁷⁵.

Ao longo desses anos, as tentativas de estabilização da economia ocorreram por meio dos Planos Cruzado I, Cruzadinho, Cruzado II, Feijão com Arroz e Verão, e tinham como objetivo, principalmente, conter a hiperinflação, saldar a dívida pública externa e reduzir o déficit do setor público. Para isso, os projetos recorriam a reformas monetárias - como a instituição do Cruzado e, depois, do Cruzado Novo -, congelamento de preços e salários e, nos últimos anos, contenção de gastos⁷⁶. Esses planos, a princípio, surtiram efeito, com redução da inflação e aprovação por parte da população, que voltava a ter maior poder de compra.

⁷⁴ NAPOLITANO, Marcos. **1964**: História do Regime Militar Brasileiro. Editora Contexto, 2014. 418 p.

⁷⁵ MACIEL, David. O transformismo na substituição da institucionalidade autoritária pela institucionalidade democrática (1985-1990). **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 38, 2009. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/5234>>. Acesso em: 21 mar. 2021.

⁷⁶ AMANO, André Tomio Lopes. Alguns apontamentos sobre a crise da dívida e a política econômica de continuidade do governo Sarney (1985-1990). In: **XII Congresso Brasileiro de História Econômica & 13ª Conferência Internacional de História das Empresas**, 2017, Niterói. Disponível em: <[http://www.abphe.org.br/uploads/ABPHE%202017/30%20Alguns%20apontamentos%20sobre%20a%20crise%20da%20d%C3%ADvida%20e%20a%20pol%C3%ADtica%20econ%C3%B4mica%20de%20continuidade%20do%20governo%20Sarney%20\(1985-1990\).pdf](http://www.abphe.org.br/uploads/ABPHE%202017/30%20Alguns%20apontamentos%20sobre%20a%20crise%20da%20d%C3%ADvida%20e%20a%20pol%C3%ADtica%20econ%C3%B4mica%20de%20continuidade%20do%20governo%20Sarney%20(1985-1990).pdf)>. Acesso em 21 mar. 2021.

Entretanto, eles logo fracassaram, voltando a haver aumento brusco na hiperinflação, gerando crises nos âmbitos político e social.

Em análise das cartas enviadas à Constituinte, o historiador Charleston José de Sousa Assis observou que, embora aprovado a princípio, o fracasso dos planos econômicos foi logo sentido pela população, gerando um sentimento contra os que eram identificados como "[...] os ricos": "[...] os militares, os banqueiros, os latifundiários, os atravessadores de mercadorias, as multinacionais, a burguesia, o capitalismo, o imperialismo, os Estados Unidos"⁷⁷. De acordo com João Paulo de Oliveira Moreira, o Plano descontentou também aos empresários, gerando uma "disputa" entre desenvolvimentistas e neoliberais. Enquanto os primeiros defendiam uma expansão rápida da economia, os segundos criticavam a intervenção do Estado em questões privadas, como o congelamento dos preços. Nos últimos anos do governo Sarney, as propostas neoliberais começaram a aparecer nos projetos econômicos de sua equipe, algo que se acentuaria em seu sucessor, Fernando Collor de Mello⁷⁸.

Essas mudanças na sociedade apareceram também em diferenças no modo como a imprensa começava a abordar as pautas. De acordo com Barbosa, algumas características passaram a se manifestar nos periódicos no final da década de 1980. Seria o caso do surgimento do "jornalismo cidadão", preocupado com os direitos de seus leitores; o crescimento do gênero investigativo, atuando como vigilante do poder público; e o destaque que as pautas econômicas começaram a ter. Ocorreram ainda uma proliferação de cadernos especializados, cada vez mais dedicados a interesses específicos, e as redações abandonaram as máquinas de escrever para se adaptar à chegada dos computadores.⁷⁹ Alguns desses aspectos são notáveis também em *Spartacus*, pois, como apresentarei no segundo capítulo a despeito de ser uma revista que se posicionava como erótica, seus colaboradores apresentavam um posicionamento crítico em relação às medidas que o Governo Federal apresentava, sobretudo nas áreas econômica e sanitária.

⁷⁷ ASSIS, Charleston José De Sousa. Cultura política e participação popular na transição: uma análise do Plano Cruzado. In: **XXVIII Simpósio Nacional de História**, 2015, Florianópolis. Disponível em <http://snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434744677_ARQUIVO_ComunicacaoCharlestonAssisAnpuh2015.pdf>. Acesso em 21 mar. 2021.

⁷⁸ MOREIRA, João Paulo Oliveira. Crise De Hegemonia No Brasil Dos Anos 1980: O Plano Cruzado E As Tensões Intraclasses Dominantes. **Alamedas**, v. 5, n. 1. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/alamedas/article/view/17010/11856>>. Acesso em 21 mar. 2021.

⁷⁹ BARBOSA, Marialva. **História Cultural Da Imprensa: Brasil :1900-2000**. Rio De Janeiro: Mauad, 2007

Portanto, apesar das tentativas de apaziguamento dos conflitos entre as demandas sociais e as instituições estatais, os interesses privados e os públicos, e a organização dessas pautas em torno de uma constituição cidadã, esse processo de transição da ditadura para a democracia ocorreu em um cenário que estava longe de ser tranquilo ou conciliador. Ao mesmo tempo em que havia o intuito, por parte do Estado, de se aproximar da sociedade civil, isso não solucionava todas as divergências presentes naquele contexto. Grupos com propostas por vezes conflitantes buscavam legitimidade em meio ao regime que se desenhava, como associações empresariais, sindicatos, organizações não-governamentais, entre outros.⁸⁰ Além disso, a emergência do neoliberalismo abriu margem a uma amplificação do mundo privado, o que constituiu um cenário no qual outros sentidos e espaços para a sociabilidade homoerótica emergiriam de maneira mais expressiva ao longo das décadas de 1980 e 1990, tópicos sobre os quais discorrerei no decorrer da pesquisa.

1.2. O “leitor consumidor” e a revista *Spartacus*

A despeito da crise econômica ter impactado diversos veículos de imprensa, conforme citado no item anterior, também houve os que se sobressaíram e passaram a ser predominantes no mercado. Neste contexto, ocorreu uma “segunda fase” das revistas de consumo e variedades na década de 1970, que procuravam atender a públicos cada vez mais específicos. Em meio a esse cenário oportuno para esses investimentos, e no qual as demandas e pressões da sociedade levaram a abrandamentos da censura, houve, então, um modo diferente dos anos anteriores de lidar com o corpo nu no que se refere às publicações de grande circulação. Neste item, tomarei como exemplo o caso da revista *Playboy*, a qual, além do impacto que sua chegada causou neste segmento, também foi seguida como modelo por outros periódicos eróticos - entre eles, tomo como hipótese a própria *Spartacus*. Também retomarei parte da discussão sobre o *Lampião da Esquina*, por ter sido pioneiro em expor conteúdos desse tipo em um jornal voltado para homossexuais e minorias em geral. O intuito, no entanto, não é fazer uma análise comparativa desses veículos, mas salientar essas diferenças entre o erotismo heterossexual e o homossexual para entender o cenário em que *Spartacus* se situaria na ocasião de sua circulação.

⁸⁰ SARMENTO, Daniel. 21 Anos da Constituição de 1988: a Assembleia Constituinte de 1987/1988 e a Experiência Constitucional Brasileira sob a Carta de 1988. **Direito Público**, v. 6, n. 30, 2009. Disponível em: <<https://portal.idp.emnuvens.com.br/direitopublico/article/viewFile/1659/957>>. Acesso em 05 jun. 2021. p. 25.

1.2.1. “Um público fiel e refinado”

É possível entender o período em que *Playboy* chegou ao Brasil como um momento de “abalo” na relação que se estabelecia na sociedade entre nudez e marginalidade na imprensa. A publicação foi lançada em território nacional no ano de 1975, e logo se tornou a principal revista erótica voltada ao público masculino - categoria esta que passaria a ter seus “limites” definidos no país por volta deste período, conforme será discutido no decorrer deste item. *Playboy* surgiu nos Estados Unidos em 1953, quando seu idealizador, Hugh Hefner, decidiu criar uma revista que refletisse o comportamento masculino do pós-guerra, visando atender ao que ele considerava “os verdadeiros interesses do homem”, como gastronomia, música, moda, viagens, carros e sexo. Até então, os periódicos voltados a esse público tratavam basicamente de temas como caça, pesca e outros esportes. *Playboy*, no entanto, procurava ir além e oferecer um estilo de vida associado ao que ela entendia como representativo da masculinidade contemporânea, pautado na sofisticação.

Duas décadas depois, Hefner passou a vender os direitos da revista para veicular em outros países, o que a possibilitou fazer parte do portfólio da Editora *Abril* no território brasileiro. Devido à censura, ela foi, a princípio, denominada como “*Homem*”, passando a utilizar o título original apenas mais tarde. Neste contexto, *Ele & ela*, *Status*, *Lui* e *Peteca*, pertencentes a editoras concorrentes, também estavam entre os veículos que ofereciam fotografias com modelos nuas e conteúdos sexuais no mercado editorial brasileiro. Ainda que não seja o objetivo desta pesquisa abordar sobre as particularidades de cada uma delas, isso demonstra o quanto esse segmento foi prolífico naquele tempo. Além disso, convém ressaltar que, na época, a Editora *Abril* estava entre as empresas que acabaram expandindo seus negócios e se tornou um grande grupo de comunicação no país. Entre 1970 e 1979, ela passou de 21 títulos para 121 em seu portfólio de ofertas - o que ajuda a explicar o êxito que *Playboy* obteve no Brasil.⁸¹

De acordo com Quinalha, vigorava na época um decreto de 1970, que estabelecia determinadas regras para as publicações até então consideradas pornográficas. O regulamento, editado em 1977, restringia a exibição de nádegas, genitais e seios, devendo essas partes do corpo serem cobertas por algum recurso técnico; impunha ainda que a venda fosse permitida

⁸¹ VOKS, Douglas Josiel. O “Homem Playboy”: a Operacionalização de uma Masculinidade Hegemônica na Revista Playboy (Brasil) na Década de 1980. **Revista Espacios**, vol. 39, 2018. Disponível em: <<https://www.revistaespacios.com/a18v39n09/a18v39n09p21.pdf>>. Acesso em 30 abr. 2021.

apenas a maiores de 18 anos, e proibia o uso de palavrões nos conteúdos, além de publicações que contivessem “[...] matéria pornográfica, libidinosa, obscena ou sadomasoquista”⁸². Esses elementos, no entanto, foram flexibilizados em 1980, quando a nudez completa passou a ser permitida, desde que não tivesse “preocupação lasciva” (sic), e passou para as revistas masculinas a responsabilidade de realizarem a autocensura de seus conteúdos que atentassem “contra a moral e os bons costumes”, de modo que essa tarefa deixava de ser, portanto, executada pelos órgãos públicos. O decreto reforçava, ainda, que essas revistas deveriam ser vendidas em envelopes.⁸³ A nudez heterossexual começava, portanto, a sair da clandestinidade e novos sentidos passavam a ser atribuídos a ela.

Neste contexto, ocorreu uma “diferenciação” entre as publicações eróticas e as pornográficas. De acordo com Maria Celeste Mira, as revistas masculinas consideradas eróticas - como era o caso de *Playboy* - continham matérias sobre temas como política e economia, possuindo produções caras, mostrando em suas fotografias cenários “ricos” e locações variadas; além disso, as mulheres que posavam nesses periódicos geralmente eram modelos ou atrizes. Já a pornografia apresentava um conteúdo de custo mais barato e os cenários eram quartos de motéis ou estúdios com “decoração pobre”; a linguagem, mais exagerada; e o conteúdo, composto por piadas e jogos como palavras cruzadas.⁸⁴

Outra classificação utilizada a partir desse período é a respeito dos conteúdos *softcore* e *hardcore*. No primeiro tipo, estariam as revistas identificadas como eróticas, enquanto a outra categoria, além da produção técnica menos “cuidadosa”, possuía conteúdos de sexo explícito - sendo, portanto, uma “ramificação” da pornografia - e práticas fetichistas, como sadomasoquismo e até mesmo zoofilia. Segundo Ribeiro, essas publicações *hardcore* geralmente não tinham numeração de páginas, nome da editora que as produziu, da equipe de produção ou mesmo registro na Polícia Federal, o que dificultava obter informações a seu respeito. Apesar disso, o autor escreve que “[...] essas revistas venderam muito e tiveram

⁸² QUINALHA, Renan Honorio. **Contra a Moral e os Bons Costumes: a política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)**. 2017. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/101/101131/tde-20062017-182552/en.php>>. Acesso em 25 abr. 2021.p. 147

⁸³ Ibid. 167

⁸⁴ MIRA, Maria Celeste et al. *Playboy no Brasil e o Olhar Masculino*. In: **O Leitor e a Banca de Revistas: o Caso da Editora Abril**. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. 1997.

diversos números, chegando a compreender um grande mercado de pornografia no Brasil”⁸⁵. Conforme abordarei adiante, a editora *Ki-Bancas*, responsável pela publicação de *Spartacus*, estaria entre as empresas que vendiam conteúdos de pornografia *hardcore*, o que a diferenciava de outras editoras que estavam em maior “conformidade com as normas vigentes”, como era o caso de *Abril*.

Enquanto as revistas pornográficas miravam em um público de renda mais baixa, as eróticas eram voltadas a homens de classes mais altas. Assim como *Playboy*, que teve grande influência neste mercado a partir de sua chegada ao Brasil, os conteúdos eróticos buscavam oferecer, sobretudo, um estilo de vida, contribuindo para a geração de uma nova representação do que seria a masculinidade. Como escreve Ribeiro:

as revistas voltadas para o público masculino começaram a utilizar a revista de variedades aliadas ao erotismo, com o intuito de fisgar o homem para o universo capitalista: com a proposta de informações sobre carros, dinheiro, roupas, relógios e, claro, mulheres, deu ao homem um novo papel, o de consumidor dessa nova indústria cultural⁸⁶

A concepção de “homem”, então, passava a ter novos significados nas revistas eróticas masculinas: conhecer as melhores bebidas, cigarros, músicas e, ainda, manter-se jovem e atento à própria saúde. Como discutido anteriormente, essas produções passaram a disputar as perspectivas vigentes que associavam a masculinidade à caça e à guerra - no caso dos Estados Unidos da década de 1950 - ou ao patriotismo conservador - valorizado pela ditadura militar brasileira. No entanto, essas abordagens emergentes no período também possuíam símbolos de diferenciação. De acordo com o historiador Douglas Josiel Voks, elas envolviam “[...] um misto de virilidade, heterossexualidade, beleza, jovialidade e, principalmente, poder de conquista e sedução”. Desta forma, essa relação entre erotismo e consumo traçava uma distinção definidora

⁸⁵ RIBEIRO, Anderson Francisco. **Desnudando a Ditadura Militar**: as Revistas Erótico-Pornográficas e a Construção da(s) Identidade(s) do Homem Moderno (1964-1985). Tese de Doutorado. UNESP/Assis. 2016. p. 294. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/141986>>. Acesso em 30 abr. 2021.

⁸⁶ RIBEIRO, Anderson Francisco. A Pornografia Brasileira e a Memória Esquecida: Revistas Eróticas e Pornográficas na Ditadura Militar (1964-1985). **Patrimônio e Memória**, v. 12, n. 1, p. 286-307, 2016. p. 297

do perfil de homem que essas revistas visavam representar, o qual deveria ser, sobretudo, bem-sucedido financeiramente.⁸⁷

No que diz respeito às diferentes formas de representações da masculinidade na década de 1980, sobretudo homoeróticas, discutirei com mais detalhes no decorrer do terceiro capítulo. No entanto, acredito ser importante salientar neste ponto que, enquanto no início da década já era possível perceber uma presença significativa de revistas eróticas e pornográficas heterossexuais de grande circulação e pertencentes a editoras de peso significativo no mercado, o mesmo não ocorreu com os impressos voltados aos homossexuais.

Conforme pontuado, o jornal *Lampião da Esquina* foi um marco na imprensa homossexual, principalmente em decorrência de seu papel no movimento social e político que eclodia no final dos anos 1970, tendo também ousado ao publicar fotos de homens nus. No entanto, após conflitos internos ocasionados por diversos motivos, o periódico decidiu encerrar suas atividades, tópico que aprofundarei no segundo capítulo desta pesquisa. Neste ponto, interessa ressaltar que, entre as pautas que causavam discordâncias em *Lampião*, estava justamente a publicação de ilustrações e fotografias eróticas. Isso porque, ainda que esse mercado estivesse em propulsão naquele período, nem todos concordavam que a homossexualidade deveria ser associada a esses conteúdos, pois alguns membros acreditavam que era necessário dar ênfase aos grupos de ativismo. Após o fim de *Lampião da Esquina*, como dito, seu ex-editor, Aguinaldo Silva, chegou a lançar uma publicação erótica chamada *Homo Pleigui*, mas que teve uma curta duração.⁸⁸

Mas, além desses fatores, outro aspecto acentuou as dificuldades das iniciativas e impressos voltados para *gays*, *lésbicas* e *travestis* de irem adiante nos anos seguintes - independentemente de serem ou não eróticos. Trata-se da descoberta do HIV/Aids, a princípio em homens que mantinham relações sexuais com outros homens, a qual foi preponderante para

⁸⁷ VOKS, Douglas Josiel. O “Homem Playboy”: a Operacionalização de uma Masculinidade Hegemônica na Revista Playboy (Brasil) na Década de 1980. **Revista Espacios**, vol. 39, 2018. Disponível em: <<https://www.revistaespacios.com/a18v39n09/a18v39n09p21.pdf>>. Acesso em 30 abr. 2021.

⁸⁸ LAMPIÃO da Esquina. Direção: Livia Perez. Codireção: Noel Carvalho. Produção: Doctela. Coprodução: Canal Brasil. Produção Executiva: Giovanni Francischelli. Fotografia: Felipe Vieira, André Menezes. Montagem: Henrique Cartaxo. Entrevistados: Aguinaldo Silva, Ney Matogrosso João Silvério Trevisan, Luiz Carlos Lacerda (Bigode), Glaucio Mattoso, Celso Curi, Laerte Coutinho, Antônio Carlos Moreira, Peter Fry, João Carlos Rodrigues, Alceste Pinheiro, Winston Leyland, Dolores Rodrigues, Leci Brandão e Edy Star. Apoio: Rio Film Commission, DOTCINE, Termas for Friends, Cantina Piolim. Realização: Governo do Estado de São Paulo, Secretaria da Cultura, ProAC. Disponível em: <<https://www.nowonline.com.br/filme/lampiao-da-esquina/75271>>. Acesso em 20 dez. 2020.

que muitos dos coletivos se desfizessem, principalmente em São Paulo. Organizações Não-Governamentais logo começaram a se organizar no eixo Rio-Nordeste para informar sobre prevenção, cuidar de pessoas próximas e exercer pressão por políticas públicas. Esses grupos emergentes passaram então a publicar boletins informativos sobre a doença, ao invés de jornais e revistas de variedades, as quais só voltariam a circular na segunda metade da década.⁸⁹

Quanto a essas, seria comum haver, em alguma parte do conteúdo delas, elementos de nudez masculina. Como aponta Remom Bortolozzi, *jornal Marilyn Monroe (1986) e as revistas Narciso (1987), e Spartacus (1987-1990)*, além da *Anjo (1991), Gato (1993-1994) e Alone (1991-1994)*, estariam entre os impressos com conteúdo homoerótico a aparecerem nas décadas seguintes. Elas atuavam visando reafirmar a sexualidade como algo que não deveria ser estigmatizado e procuravam conscientizar seus públicos a respeito de métodos de prevenção e cuidados com a saúde, algo que discutirei no segundo capítulo desta pesquisa.⁹⁰

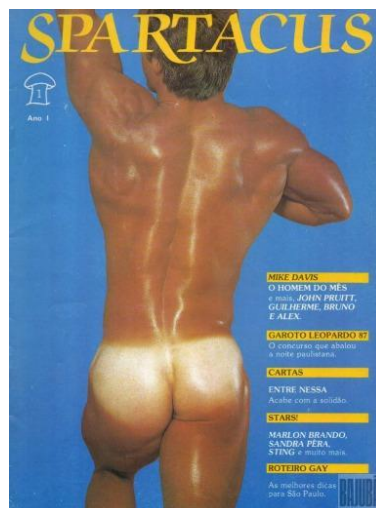
Spartacus foi, portanto, lançada em um período no qual os impressos voltados ao público homossexual procuravam voltar à ação, em sua maioria, por meio ou relacionada à imprensa erótica. Em seus conteúdos são notáveis alguns elementos característicos dessas publicações, como a sofisticação estética de seus ensaios, as representações de espaços de lazer e as discussões políticas e econômicas que propunha.

Já em sua primeira capa, *Spartacus* apresentou um homem despido, de costas, com as nádegas à mostra em um fundo azul. As chamadas desta edição inaugural convidavam o leitor a conhecer “o homem do mês”, além de oferecer informações sobre o “concurso que abalou a noite paulistana”, uma seção de cartas - com o imperativo “acabe com a solidão” -, e conteúdos sobre os artistas Marlon Brando, Sandra Pêra e Sting. A publicação abordou ainda sobre um roteiro *gay* com “as melhores dicas para a cidade de São Paulo”, mostrando, em sua circulação inicial, o lugar como um possível espaço de recepção e turismo para os homossexuais.

⁸⁹ SIMÕES, Júlio A.; FACCHINI, Regina. **Na Trilha do Arco-íris: do Homossexual ao Movimento LGBT**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

⁹⁰ BORTOLOZZI, Remom Matheus. **O Câncer Na Língua Deles: Memória Pornográfica LGBT Na Epidemia De Hiv/Aids**. Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades, V. 1, 2017, ISSN 2238-9008. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/30668>>. Acesso em 12 abr. 2020.

Figura 2 – Primeira capa de *Spartacus*



Fonte: revista *Spartacus*, ano I, n. 1, 1987, capa; acervo Bajubá

Mas, apesar desses destaques de capa, não constava mais nenhuma informação sobre editoração, tiragem ou mesmo preço a ser pago - nem no restante de suas 32 páginas⁹¹. Os dados a respeito dos profissionais que faziam parte do corpo editorial também não apareceram nesta primeira edição, embora este aspecto, particularmente, começasse a mudar gradualmente ao longo dos números subsequentes, conforme analisarei adiante.

Os motivos que fizeram os responsáveis pela revista intitulem-na como *Spartacus* compõem outro aspecto que não foi apresentado em nenhuma das edições. De acordo com Valdo Resende, a escolha por esta designação ocorreu devido ao filme *Spartacus*, lançado em 1960 por Stanley Kubrick.⁹² Segundo o historiador Neemias Oliveira da Silva, que estudou os mitos criados em torno de *Spartacus*-herói, sobretudo na indústria cultural, sua história foi usada em diferentes meios de comunicação representando-o como um “herói épico”, “herói guerreiro”, “herói bandido” e, nas últimas décadas do século XX, como *sex symbol* nos meios cinematográficos. Essa representação, não por acaso, começou a aparecer no contexto em que ocorreram mudanças nas concepções de masculinidade, além do crescimento do mercado erótico e do consumo gay. Os filmes e séries que retratam *Spartacus*-herói a partir de então

⁹¹ Capa. *Spartacus*, São Paulo (SP), ano 1, n. 1, 1987, p. 2.

⁹² Entrevista realizada com Valdo Resende, ex-editor da revista *Spartacus*, em 1 de maio de 2022

passaram a conter cenas que expunham as relações “homoeróticas” dos gladiadores romanos, servindo como forma de explorar esse nicho consumidor em ascensão.⁹³

Na contracapa da primeira edição, a editora, *Ki-Bancas*, deixava uma mensagem comemorando seus cinco anos de existência e dizendo ser “[...] a mais conceituada empresa no ramo erótico”, tendo como seus títulos renomados as publicações *Mastersex* e *Rudolf*. De acordo com Ribeiro, *Mastersex* foi uma publicação *hardcore* que continha “[...] fotonovelas eróticas, contos, quadros eróticos, fotos de modelos gringas e resenha de boates”. O periódico teria circulado poucos números e a venda ocorreria por reembolso postal, devendo o leitor realizar o pagamento diretamente na agência do correio quando fosse buscar sua compra⁹⁴. *Rudolf*, aparentemente, ia além em seus conteúdos. De acordo com matéria publicada na *Vice Brasil* sobre fotonovelas eróticas da ditadura militar, era comum que em *Rudolf* houvesse a exposição de práticas sexuais lésbicas, em grupo e até mesmo zoofilia.⁹⁵

Conforme citado anteriormente, é importante ressaltar que a obtenção de informações sobre essas publicações *hardcore* é particularmente complexa, uma vez que, além da periodicidade irregular e de dados significativos serem ocultados pela própria edição em seus impressos, muitas delas não foram conservadas como outros tipos de periódicos o seriam, de modo a acabarem desaparecendo com o tempo. Entretanto, é possível inferir que os periódicos de *Ki-Bancas* aparentemente não tinham a mesma preocupação estética que *Playboy* ou outras revistas da época, as quais visavam criar um estilo de vida e tinham certos “cuidados” no modo como exploravam a nudez.

Com *Spartacus*, entretanto, o caso parecia ser diferente. Além da qualidade técnica ser evidente desde a primeira edição, as chamadas não eram muito “explícitas” ou exageradas - como geralmente acontecia com as pornografias, sobretudo *hardcore* - e, ao longo das edições, dividiam espaço com outros temas, como a inflação, política e dicas de turismo, aspectos que discutirei no decorrer da pesquisa. A princípio, convém observar que, logo em sua segunda

⁹³ DA SILVA, Neemias Oliveira. Os Mitos de Espártaco. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2018.

⁹⁴ RIBEIRO, Anderson Francisco. **Desnudando a Ditadura Militar**: as Revistas Erótico-Pornográficas e a Construção da(s) Identidade(s) do Homem Moderno (1964-1985). Tese de Doutorado. UNESP/Assis. 2016. p. 294. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/141986>>. Acesso em 30 abr. 2021.

⁹⁵ TRUNK, Matheus. As Revistas Proibidas - Parte 3. **Vice Brasil**, 13 dez. 2011. Disponível em: <<https://www.vice.com/pt/article/qkdbmb/as-revistas-proibidas-parte-3>>. Acesso em 10 jan. 2021.

edição, *Spartacus* já procurava se posicionar de forma incisiva como uma publicação “distinta” das publicações pornográficas:

Por ser SPARTACUS uma revista com informações diversas, relacionadas ou não ao erotismo, cabe aqui um esclarecimento: SPARTACUS é uma revista erótica (e a linha que separa erotismo de pornografia é tão tênue que poucos conseguem divisá-la), feita com profissionalismo e seriedade, pois em nenhuma linha induzimos as pessoas a qualquer prática ou opção. Meramente informamos e mostramos o que ocorre.⁹⁶

Acredito que o objetivo do corpo editorial foi de reforçar que o periódico era produzido com rigor em seus aspectos técnicos e de curadoria, sendo semelhante, portanto, a outros de maior porte pertencentes a este segmento. A menção ao fato de “não induzir” qualquer prática me parece se referir principalmente ao homoerotismo, tema central da revista. Creio ser importante observar ainda o fato dessa revista ter surgido por meio de uma editora que, aparentemente, não tinha muitos “tabus” no que se refere às práticas sexuais que veiculava. Quanto a isso, é importante salientar que, nos anos de circulação de *Spartacus*, preconceitos e discriminações se manifestaram amplamente na sociedade brasileira em relação à homossexualidade, sobretudo masculina, devido à descoberta do HIV/Aids. Conforme mencionado, ainda que um movimento de reivindicações para *gays*, lésbicas e travestis tivesse emergido no final da década de 1970 no Brasil, a epidemia da doença não apenas teve um impacto na desarticulação desses grupos em São Paulo, como também serviu de pretexto utilizado na época para uma proliferação de discursos, especialmente por personalidades públicas - como políticos e comunicadores -, que defendiam exclusões, violências e mesmo o extermínio dessa parte de população.⁹⁷ O homossexual era considerado, por algumas pessoas, como uma “praga”⁹⁸. Portanto, uma hipótese é de que esse editorial possa ter sido inclusive uma resposta a cartas de leitores ou eventual recepção negativa por parte da população, demonstrando uma intenção da equipe em tratar desses temas como fatos e acontecimentos passíveis de serem comentados com a mesma sobriedade que as outras questões abordadas na publicação.

⁹⁶ FERREIRA, Mara. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 1, n. 2, 1987, p. 2.

⁹⁷ Entre 1986 e 1989, chegou a ocorrer uma onda de assassinatos de homossexuais em São Paulo, os quais foram atribuídos a Fortunato Botton Neto, que ficou conhecido como “maníaco do Trianon”. ARRUDA, Roldão. **Dias de Ira: Uma História Verdídica de Assasinos Autorizados**. Globo, 2001.

⁹⁸ TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: A Homossexualidade No Brasil, Da Colônia À Atualidade**. Editora Record, 2000.

Além disso, embora a homossexualidade já não fosse classificada como doença no Sistema de Saúde Público brasileiro da época, o Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (INAMPS),⁹⁹ em âmbito internacional, ainda constava na Classificação Internacional de Doenças, da Organização Mundial da Saúde.¹⁰⁰ Apesar de a discussão a respeito dessas demandas sociais e mudanças no serviço sanitário se concentre no segundo capítulo desta análise, creio ser importante salientar que foi significativo o fato de, em meio a esse gradual “ressurgimento” da imprensa homossexual, *Spartacus* se situar em um portfólio de impressos sobre práticas sexuais que, mesmo em meio à reabertura, ainda mantinha um sentido de marginalização, como o sadomasoquismo e o fetichismo. Ou seja, como se houvesse uma contiguidade ou mesmo relação entre o homoerotismo e outras sexualidades que até pouco tempo, como apresentado, também eram consideradas “subversões morais”.

Apesar desses aspectos, os responsáveis por *Spartacus* ressaltavam em seus anúncios que a revista era direcionada a um público “distinto”. Em sua última edição, em um texto visando atrair anunciantes, a publicação argumentou ser “[...] a única revista de gabarito, editada no Brasil, que revela a nudez masculina com charme e erotismo”, possuindo um “[...] público fiel e refinado”. Acrescentou ainda que as empresas que tivessem interesse em divulgar seus produtos, os teriam expostos “[...] a um leitor com alto poder aquisitivo e consumidor”¹⁰¹. Nota-se, portanto, que *Spartacus* procurou produzir uma determinada percepção a respeito de seu público, a qual se assemelhava à construção de masculinidade feita por *Playboy* e outros impressos eróticos voltados ao homem heterossexual. Diferentemente de outras publicações de maior porte, no entanto, como analisarei adiante, os anúncios não apresentavam muita regularidade, o que acredito ser um indicativo de tentativas de estabelecimento de relações com o mercado e possíveis oscilações nos resultados obtidos a partir dessas iniciativas.

No mesmo texto, chama atenção uma afirmação feita por *Spartacus* de que a revista vendia “[...] 50.000 exemplares, em média, a cada edição em distribuição nacional”.¹⁰² Isso

⁹⁹ MOTT, Luiz. O Imprescindível GGB, Grupo Gay da Bahia. In: GREEN, James N. et al. (Ed.). **História do movimento LGBT no Brasil**. Alameda, 2018.

¹⁰⁰ A OMS retirou a homossexualidade de sua lista de doenças em 17 de maio de 1990, data que passou a ser celebrada internacionalmente como um marco para o movimento. Cf. ENTENDA Por Que Hoje é o Dia Internacional Contra a Homofobia e a Transfobia. **Folha de S. Paulo**, 17 maio 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/05/entenda-por-que-hoje-e-o-dia-internacional-contra-a-homofobia-e-a-transfobia.shtml>>. Acesso em 25 nov. 2021.

¹⁰¹ A Revista *Spartacus* Agora Tem o Espaço que Você Necessita. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 3, n. 17, 1990, p. 31

¹⁰² A Revista *Spartacus* Agora Tem o Espaço que Você Necessita. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 3, n. 17, 1990, p. 31

porque, como citei anteriormente, os dados a respeito de sua produção e distribuição não eram informados - não apenas na edição inicial, mas em nenhuma das subsequentes, com exceção deste único caso. Uma vez que se trata de um conteúdo publicado com intuito de atrair anunciantes, é necessário ter certa desconfiança desse dado. Por outro lado, é possível inferir a respeito da amplitude territorial de circulação da revista a partir dos municípios informados pelos leitores que enviavam correspondências à revista. Apenas na primeira edição, já havia cartas de São Paulo, Brasília, Natal, Recife, Curitiba, Uberlândia e Porto Alegre, o que sugere uma cobertura relativamente abrangente do veículo, além de um possível esforço prévio da editora para conseguir fazer com que os exemplares chegassem a essa quantidade de lugares logo em seu lançamento.¹⁰³ Isso vai ao encontro, inclusive, à afirmação de Ribeiro de que a pornografia, mercado no qual *Ki-Bancas* tinha experiência, possuía grande amplitude no Brasil.¹⁰⁴

Quanto à organização do conteúdo, ao longo de suas edições, os temas mais recorrentes nos textos da revista foram: arte e cultura; política e questões sociais; saúde e sexualidade; e ensaios homoeróticos. Além disso, *Spartacus* parecia ter um interesse significativo em manter um espaço de interlocução entre seus leitores, o qual era representado pelas cartas que eram trocadas por meio da revista.

As seções apresentadas na publicação constituem outro fator que faz crer ter existido um planejamento anterior a seu lançamento, pois algumas das principais delas - isto é, as quais mantiveram regularidade - apareceram desde a primeira edição. A isso, acrescento o fato das 32 páginas que compuseram o impresso seguirem um padrão ao longo dos três anos em que *Spartacus* esteve em circulação - com exceção das edições 5 e 6. Essas seções apresentadas desde o início foram: *Stars*, *Conto*, *Entre nessa*, *Roteiro Gay* - que, mais tarde, seria denominada apenas de *Roteiro* - e os ensaios homoeróticos, alguns identificados como *Spartacus Boys*, e outros pelo nome dos modelos apresentados. Outro aspecto que já se manifestava desde o início era a intercalação entre páginas coloridas e em escala de cinza, sendo notável a preferência pelas fotografias dos modelos no que se refere à distribuição das cores da revista. Neste sentido, convém fazer uma breve descrição a respeito dessas partes da revista,

¹⁰³ Entre Nessa. *Spartacus*, São Paulo (SP), ano 1, n. 1, 1987, p. 27

¹⁰⁴ RIBEIRO, Anderson Francisco. **Desnudando a Ditadura Militar**: as Revistas Erótico-Pornográficas e a Construção da(s) Identidade(s) do Homem Moderno (1964-1985). Tese de Doutorado. UNESP/Assis. 2016. p. 294. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/141986>>. Acesso em 30 abr. 2021.

para melhor entendimento de sua organização como um todo, embora algumas delas considero de particular relevância para serem melhor exploradas nos próximos capítulos desta pesquisa.

Stars era uma seção que ocupava as páginas 4 e 5. Nas duas primeiras edições, foi precedida pelos textos nos quais a editora explicitava a respeito do posicionamento da revista; no restante, a seção se manteve nas mesmas páginas, porém antecedida pela coluna de opinião. Consistia em resenhas a respeito de cinema, teatro, livros, música e televisão, dando ênfase no mundo artístico em geral, sobretudo nacional e, frequentemente, produções que abordassem temas referentes à homossexualidade - neste caso, podendo a obra referida ser tanto brasileira quanto internacional. Grande parte dessas resenhas eram acompanhadas de fotografias de divulgação dos artistas citados nos textos. A seção como um todo possuía uma diagramação em fundo magenta e dividida em vários blocos e, por possuir certo apelo estético, é possível que fosse posicionada especificamente neste espaço da revista para que as páginas se complementassem, além de chamar atenção para a diversidade de seu conteúdo.

Como apontam Stella Maris Scatena Franco, Natania Neres da Silva e Júlia Glaciela da Silva Oliveira, a passagem da década de 1980 para 1990 foi um período no qual havia uma efervescência de expressões artísticas e culturais, como o *punk* e o *rock* nacional. Neste cenário, alguns profissionais *gays*, lésbicas e travestis ligados a esses segmentos tinham grande visibilidade na mídia¹⁰⁵. Por outro lado, o país passava por um processo de transição política que, ainda que tivesse como finalidade a democracia, não deixava de haver preconceitos e discursos agressivos por parte da população. Isso ocorreu de forma evidente no que diz respeito à sexualidade, tema que passou a ser cada vez mais discutido. De todo modo, estava longe de ser unânime que a democracia estivesse levando à maior “libertação”. Em estudo sobre a abordagem do erotismo na imprensa brasileira, a historiadora Luciana Rosar Fornazari Klanovicz mostra como os leitores de algumas publicações, principalmente *Veja*, enviavam cartas manifestando indignação com os conteúdos e mudanças de costumes que passavam a veicular nos programas de televisão. Palavrões, menções a relacionamentos entre pessoas do mesmo gênero, prostituição e nudez seriam alguns dos temas que deixavam o público escandalizado.¹⁰⁶ Não por acaso, nas resenhas de *Stars*, *Spartacus* frequentemente se

¹⁰⁵ FRANCO, Stella Maris Scatena; DA SILVA, Natania Neres; OLIVEIRA, Júlia Glaciela Silva. Gênero e travestilidade nas telas de cinema: a trajetória de Claudia Wonder em filme documentário. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, v. 30, n. 1, 2017. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/view/40847>>. Acesso em 30 abr. 2021.

¹⁰⁶ KLANOVICZ, Luciana Rosar Fornazari. Erotismo sob Censura na Imprensa Brasileira (1985-1990). **Topoi (Rio de Janeiro)**, v. 14, n. 26, p. 46-61, 2013.

posicionava a favor dos artistas e produções que estimulavam os debates e visibilidades acerca da sexualidade.

Figura 3 - Seção Stars



Fonte: revista Spartacus, ano I, n. 6, 1988, p. 4-5; acervo Bajubá

Conto consistia em textos eróticos, presumivelmente fictícios, os quais foram publicados de forma anônima nas duas primeiras edições. Já os apresentados na terceira¹⁰⁷ e na quinta, continham a assinatura de “César Augusto”¹⁰⁸; na quarta, de “Marcelo Henrique”¹⁰⁹. Uma vez que nenhum desses nomes compunham o corpo editorial de Spartacus, não acompanhavam sobrenome e são combinações um tanto comuns no Brasil, existem várias possibilidades em relação a esses autores. Uma delas é de que fossem escritos por algum dos membros da revista, porém utilizando pseudônimos, talvez visando causar a impressão de que havia quantidade e diversidade estilística de colaboradores; outra, é de que os textos fossem escritos por leitores ou mesmo conhecidos - embora uma coisa não exclua a outra - da equipe, os quais não quisessem se expor e, justamente por isso, tenham optado por ocultar - ou “falsear” seus nomes. Independentemente de qual seja o caso, esta foi a única das seções iniciais a ser descontinuada logo nas primeiras edições, o que indica que, provavelmente, não tenha atraído

¹⁰⁷ AUGUSTO, Cesar. “Joga no Mar tua Dor, que Iemanjá te Traz um Novo Amor”. Spartacus, São Paulo (SP), ano I, n. 3, 1987, p. 18.
¹⁰⁸ AUGUSTO, Cesar. Só seu, como Sempre. Spartacus, São Paulo (SP), ano II, n. 5, 1988, p. 24.
¹⁰⁹ HENRIQUE, Marcelo. O Comandante da minha Viagem. Spartacus, São Paulo (SP), ano II, n. 4, 1988, p. 19.

grande interesse do público ou mesmo da equipe de produção, a qual aparentemente preferiu ocupar esse espaço com outros conteúdos.

Figura 4 - Seção *Conto*



Fonte: revista *Spartacus*, ano I, n. 1, 1987, p. 18; acervo Bajubá

Entre nessa, embora costumasse se apresentar apenas nas últimas páginas, traz a impressão de ter sido uma das principais seções, podendo ser considerada um dos carros-chefes da revista. Isso porque, além de contar com grande interação de seu público, também obteve espaço privilegiado em algumas edições. Na maior parte dos casos, era distribuída entre duas e três páginas; mas, na quinta edição, chegou a ocupar oito delas e, na 15ª, o conteúdo foi correspondente a cinco páginas de *Spartacus* – nuances essas as quais analisarei no decorrer deste capítulo.

Curiosamente, a primeira aparição desta seção ocorreu a partir do pedido de um possível leitor - pois seu nome também não fazia parte do corpo editorial - chamado Marcos Vinícius, o qual assinou um texto na primeira edição da revista sobre o que ele chamou de “solidão das cidades grandes”, referindo-se principalmente a São Paulo. De acordo com o autor, esse sentimento estaria presente na vida e nas pessoas desses lugares como um todo, porém acentuado entre os homossexuais devido às discriminações e preconceitos. Ao final de sua reflexão, ele propôs à revista que criasse uma seção que facilitasse o encontro entre eles. Assim surgiu, então, *Entre nessa*, onde eram publicadas correspondências de leitores que descreviam

suas características físicas, cidade, Estado, CEP a partir de onde escreviam e aspectos que desejavam em seus pretendentes.

Como assinalei anteriormente, essas cartas constituem um aspecto particularmente significativo nesta pesquisa, uma vez que mostram indícios a respeito dos municípios onde *Spartacus* circulou. Mas, além disso, são conteúdos relevantes para entender as complexas relações entre sexualidades, desejos, espaços e representações de gênero, temas que discutirei de maneira mais pormenorizada no decorrer desta pesquisa.

Figura 5 - Seção *Entre nessa*



Fonte: revista *Spartacus*, ano I, n. 1, 1987, p. 27; acervo Bajubá

A seção seguinte, *Roteiro*, também apresentava interesse em estimular as interações entre os homens *gays* da época. Ela ocupava entre uma e duas páginas, contendo textos que descreviam a respeito das opções de lazer e turismo na cidade retratada na edição e indicando locais onde os homossexuais poderiam se encontrar. Geralmente apresentava endereços de cinemas, galerias, praças, boates e saunas. Nas primeiras edições, era acompanhada da transcrição de trechos de músicas, mas isso foi logo descontinuado pela revista.

Como aponta Isadora Lins França em estudo sobre a noite *gay* paulistana, muitos desses espaços surgiram no final da década de 1980 como opções de encontro e entretenimento. Isso porque, neste período, muitos dos locais públicos antes efervescentes, situados principalmente

no centro da cidade, passaram a ser vistos como abandonados e sujos. Tanto a repressão policial quanto a epidemia do HIV/Aids foram fatores que fizeram muitas pessoas preferirem não serem associadas a esses lugares, optando, então, por irem onde pudessem ter maior privacidade. Neste contexto, surgiram boates especialmente em bairros de classe mais alta em São Paulo, e frequentá-las era um hábito tratado como um segredo.¹¹⁰ Neste sentido, é pertinente a esta pesquisa estudar o papel que a seção *Roteiro* procurou desempenhar ao apresentar diferentes cidades do Brasil, não apenas no que diz respeito a suas belezas naturais e aos pontos turísticos “tradicionais”, mas também aqueles nos quais era possível encontrar com outras pessoas e, muito provavelmente, ter relações sexuais.

Figura 6 - Seção Roteiro



Fonte: revista *Spartacus*, ano II, n. 8, 1988, p. 30; acervo Bajubá

Por fim, os ensaios eróticos de *Spartacus*, os quais eram os conteúdos que ganhavam maior destaque nas publicações. Entre todas as seções, eles eram os que ocupavam maior quantidade de páginas, além de serem a capa de todas as edições da revista. Era de praxe haver fotografias de vários modelos por edição, sendo a maioria deles referenciada apenas pelo primeiro nome. Entre os 14 que fizeram parte do conteúdo da revista com seus supostos sobrenomes expostos, ao menos sete faziam parte do catálogo de atores pornográficos da

¹¹⁰ FRANÇA, Isadora Lins. **Consumindo Lugares, Consumindo nos Lugares: Homossexualidade, Consumo e Produção de Subjetividades na Cidade de São Paulo.** 2010. 301 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280486>>. Acesso em: 30 abr. 2021.

produtora norte-americana *Colt Studio Group*: Vince Delaney, Spencer Dean, Nick Chase, Gunner Hyde, John Pruitt, Roy Stagg e Mike Davis¹¹¹.

De acordo com o historiador Shaun Cole, a marca *Colt* surgiu em 1967 nos Estados Unidos vendendo ilustrações pornográficas que representavam os que eram considerados “ícones da masculinidade”, como motociclistas, *cowboys* e marinheiros. Dois anos depois, a empresa passou a investir na produção de filmes e fotografias, mas ainda mantendo essas representações, que se consolidaram como características de seus produtos ao longo das décadas seguintes. Isso ia ao encontro de aspirações de parte dos *gays* norte-americanos a partir dos anos 1970, que procuravam reforçar seus aspectos masculinos, ao contrário da ênfase na feminilidade realizada por ativistas dos anos anteriores¹¹². Acredito que *Spartacus* teve algum contato ou direito de veiculação dos ensaios de *Colt* e que, no final da década de 1980, tenha encontrado um cenário auspicioso no Brasil para que as pessoas se interessassem por essas representações eróticas de homens musculosos e masculinizados. Isso porque, como dito, o HIV/Aids fez com que muitos homens homossexuais passassem a preferir passar uma postura mais “discreta” em relação ao restante da sociedade.

Figura 7 - Capa da edição número 10 com ensaio do modelo Nick Chase



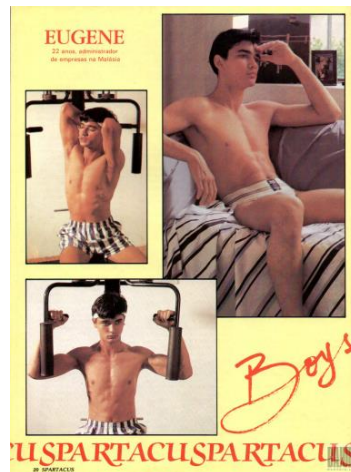
Fonte: revista *Spartacus*, ano III, n. 10, 1989, capa; acervo Bajubá

¹¹¹ COLT STUDIO GROUP. Models. Disponível em: <<https://www.coltstudiogroup.com/models>>. Acesso em 06 mar. 2021.

¹¹² COLE, Shaun. Costume or Dress? The Use of Clothing in the Gay Pornography of Jim French's Colt Studio. *Fashion Theory*, v. 18, n. 2, p. 123-147, 2014. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.2752/175174114X13890223974461>>. Acesso em 30 abr. 2021.

Quanto ao restante dos modelos de *Spartacus*, a maior parte deles era brasileiros. Geralmente a revista apresentava um texto breve e em tom poético, citando a cidade de onde vinham, características físicas e/ou da personalidade deles, *hobbies* e gostos que possuíam e, eventualmente, menções à idade. Já na seção *Spartacus Boys*, ainda que o conteúdo textual da seção fosse quase idêntico ao restante dos ensaios, nota-se que os modelos escolhidos para este espaço possuíam tipo físico muito menos musculoso - embora geralmente malhado ou magro -, além de pouco ou nenhum pelo no corpo e estatura aparentemente mais baixa - o que pode ser um visual propositalmente manipulado pelo ângulo da fotografia. Em relação a essas nuances, irei discuti-las no terceiro capítulo da pesquisa, em que abordarei sobre os espaços e representações das masculinidades e homoerotismos em *Spartacus*.

Figura 8 - *Spartacus Boys*



Fonte: revista *Spartacus*, ano III, n. 15, 1989, p. 20; acervo Bajubá

Além dessas, surgiram outras seções nas edições seguintes, sobretudo no início do segundo ano de circulação, 1988. Foram elas: *Opinião*, *O médico responde* - por vezes denominada também como *Consulta médica* - e *Especial*. Alguns conteúdos variados apareceram em determinadas edições sem estarem necessariamente ligados a uma seção ou coluna publicada regularmente - na oitava edição, por exemplo, constava um texto sobre superstições, tema incomum em *Spartacus*, e na décima primeira, um conteúdo de três páginas sobre a beleza de grandes atores de Hollywood. É importante pontuar que essas seções da

revista diferiam do restante, uma vez que, além de possuírem maior foco em conteúdo textual e com certa profundidade de abordagem, elas geralmente eram assinadas por seus autores - sendo alguns deles membros do corpo editorial, outros não.

Opinião surgiu na edição número quatro, com um texto que dissertou criticamente sobre temas como a moral e a liberdade na sociedade, e como ambos levavam os homossexuais a viverem isolados. O artigo foi assinado por Hélio Alan, nome que não apareceu mais nas edições de *Spartacus*. A partir do número seguinte, os textos passaram a ser escritos por Márcio Castro até a décima quarta edição - tendo como exceção apenas a de número oito, em que Maurício Aricó assinou um artigo sobre o HIV/Aids. O teor crítico da coluna permaneceu, com a diferença de que pautava questões mais relacionadas à situação política e econômica do país como um todo. No número 15, a coluna foi assinada por Tebni Saavedra; na 16, idem, com a diferença de, nesta, este espaço da revista ter sido denominado como “Economia”. Na décima sétima edição, a seção de *Opinião* foi assinada por Valdo Resende.

Figura 9 - Artigo sobre economia assinado por Márcio Castro



Fonte: revista *Spartacus*, ano II, n. 5, 1988, p. 3; acervo Bajubá

Consulta Médica ou *O médico responde* teve um pouco menos de regularidade, aparecendo nas edições 6, 7, 9, 10 e 11, e respondia a dúvidas gerais de saúde dos leitores. Ainda que a maioria fosse sobre sexualidade, também ocorriam perguntas sobre cuidados físicos e dermatológicos, alimentação e tratamentos estéticos. A coluna era sempre assinada por Maurício Aricó. Nas últimas duas aparições de *O médico responde*, ao invés das questões do

público, foram colocados textos do colunista sobre saúde. Um deles, sobre o HIV/Aids; o outro, sobre estresse. No segundo capítulo desta pesquisa, tratarei em maiores detalhes a respeito desta coluna e de Maurício Aricó, visando compreender o papel de ambos em meio às atuações que se organizavam visando conscientizar sobre a doença.

Figura 10 - O médico responde, coluna de Maurício Aricó



Fonte: revista *Spartacus*, ano II, n. 6, 1988, p. 19; acervo Bajubá

Especial surgiu na edição número 6 com um texto de Valdo Resende sobre o circo no Brasil, aparecendo a partir de então nos números 7, 9, 10, 11, 12, 13, 15 e 17. Consistia em conteúdos com certa profundidade, mais voltados à informação jornalística - diferenciando-se, portanto, da linguagem das seções *Roteiro* e *Stars* por conta da quantidade de dados e sobriedade do texto, mas sem que fosse como *Opinião* ou *O médico responde*, de modo a manter certa impessoalidade. Além disso, geralmente continha entrevistas com personalidades como Elke Maravilha, Nara Leão e Telma de Souza, então prefeita de Santos.

Ressalto que, mesmo antes da seção *Especial*, *Spartacus* já apresentava entrevistas com pessoas conhecidas do público. A primeira foi com a artista Marilena Ansaldi, na terceira edição. Apareceram ainda o ator Antônio Fagundes, na quarta, e a então vereadora Irede Cardoso, na quinta.¹¹³ Além disso, duas outras entrevistas também ocorreram ao longo do

¹¹³ Irede Cardoso foi uma jornalista e vereadora eleita pelo Partido dos Trabalhadores (PT) que participou de diferentes movimentos sociais no decorrer dos anos 1980, como a Frente das Mulheres Feministas e o Grupo de Ação Lésbico-Feminista (GALF), atuando em defesa de direitos das mulheres.

período de circulação da revista sem estarem necessariamente vinculadas a alguma seção. É o caso das que foram concedidas pelos atores Paulo Betti, na oitava edição, e David Cardoso, na décima segunda. De qualquer forma, em ambos os casos, as pessoas entrevistadas eram artistas com algum trabalho em cartaz ou figuras políticas em exercício; estas, particularmente, em evidência na época de publicação do conteúdo devido a alguma pauta relacionada aos direitos dos homossexuais e das minorias.

Na ocasião, Cardoso respondia um processo por dizer que o prefeito de São Paulo da época, Jânio Quadros, teria “[...] problemas sexuais” e era um “[...] desequilibrado politicamente” por ter proibido o ingresso de homossexuais na Escola Municipal de Bailado¹¹⁴. Já Telma de Souza chamava atenção por ter implementado, na cidade em que estava sob sua gestão, políticas públicas de prevenção ao HIV/Aids como distribuição de camisinhas, abertura de uma policlínica e uma casa de apoio e distribuição de seringas.¹¹⁵ Ambas foram representantes políticas do Partido dos Trabalhadores, que emergiu nas eleições na década de 1980 com pautas relacionadas aos movimentos sociais. Em relação a essas propostas e às controvérsias que as envolvem, abordarei posteriormente. Neste ponto, é importante salientar que, embora essas pautas fossem aspectos relevantes abordados nas entrevistas, o conteúdo delas não tratava apenas disso. Tanto com as figuras políticas quanto artísticas, os assuntos questionados por *Spartacus* eram diversos, envolvendo carreira, religião, cultura, economia, entre outros.

Cf. OLIVEIRA, Júlia Glaciela da Silva. **Militância Ou Profissionalização De Gênero?** Um Estudo Comparativo Na Imprensa Feminista Do Brasil, Da Argentina E Do Chile (1981-1996). Intermeios, 2020.

¹¹⁴ COSTA, Wagner. Irede Cardoso. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano II, n. 5, 1988, p. 9.

¹¹⁵ RESENDE, Valdo. Telma de Souza, Prefeita de Santos. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano III, n. 15, 1989, p. 6.

Figura 11 - Entrevista com Telma de Souza para a seção *Especial*



Fonte: revista *Spartacus*, ano III, n. 15, 1989, p. 6; acervo Bajubá

A escolha realizada por *Spartacus* em criar seções com foco nesses temas aponta para um interesse em informar e estimular o público homossexual a respeito das opções de cultura e lazer disponíveis. Esse é um elemento que já aparecia em publicações anteriores - como em *Lampião da Esquina* - mas, neste contexto, parece se tornar preponderante. Alguns autores da literatura sobre o movimento LGBTQIA+ apontam que, entre as décadas de 1980 e 1990, surgiu um mercado expressivo voltado ao público homossexual e que, a partir de 1994, seria conhecido pela expressão “GLS”. A sigla significava “Gays, lésbicas e simpatizantes” e passaria a circular no Brasil após a chegada do Festival Mix Brasil de Cinema da Diversidade Sexual¹¹⁶.

Contudo, entre a emergência da militância homossexual na redemocratização e a efervescência cultural e social dos últimos anos do século XX, houve um período particularmente complexo para praticamente qualquer manifestação *gay* ou homossexual - período este do qual *Spartacus* faz parte. Conforme apontei em outros pontos desta análise, a chegada do HIV/Aids teve papel importante na desarticulação dos coletivos políticos do início da década, e outros atores apareceram com reivindicações para tratamento a respeito da doença.

Neste sentido, *Spartacus* parece se distinguir ligeiramente dos veículos que se posicionavam até então como voltados ao público *gay*. Ainda que, em seu interior, tivesse conteúdos sobre os preconceitos sofridos por homossexuais, suas chamadas se referiam à revista como sendo de “nu masculino”, ao invés de “público *gay*” ou “público homossexual”.

¹¹⁶ PÉRET, Flávia. *Imprensa Gay no Brasil: entre a Militância e o Consumo*. Publifolha, 2011. p. 84

Acredito que essa escolha tenha sido estratégica, uma vez que, com o crescimento da epidemia do HIV/Aids, a própria classificação das pessoas como homossexuais parece ter se tornado um tema ainda mais delicado do que já era até então. Não por acaso, na área da saúde, os profissionais passaram a adotar o termo HSH - Homens que fazem Sexo com outros Homens - para se referir aos pacientes que apresentavam algum risco devido a esse comportamento, ao invés de usarem termos como “homossexual” ou “bissexual”.¹¹⁷

Essas abordagens soam similares à definição atribuída pelo psiquiatra Jurandir Freire Costa, conforme mencionado anteriormente, ao termo “homoerotismo” como forma de se referir a essas relações, ao invés de usar o termo “homossexualidade”. Isso porque, para o autor, o conceito de “homossexual” estaria imbuído de significados, como se houvessem características em comum entre todos os indivíduos identificados desta forma, reforçando uma dicotomia entre homossexuais e heterossexuais. A multiplicidade de desejos, comportamentos, afetos e atrações estariam, nesta formulação binária, de fora desta concepção considerada por Costa como uma idealização romântica do que seria o “verdadeiro homossexual”¹¹⁸.

Neste sentido, creio que *Spartacus* teve seu papel como veículo de comunicação voltado a um público majoritariamente homossexual, mas que não se identificasse somente ou necessariamente desta forma - e que a própria estigmatização daquele período fosse um fator que intimidasse muitas pessoas de modo a terem “cautela” com essa autodefinição.

Por outro lado, é importante notar que, embora *Spartacus* não se posicionasse de maneira muito aberta como uma revista *gay* ou homossexual, ainda assim possuía um perfil aparentemente bem definido do público que visava atrair. Neste âmbito, parece-me que a revista se assemelhava a *Playboy*, no sentido de se colocar como uma publicação que possuía leitores refinados e, portanto, oferecer a eles conteúdos sobre temas que iam muito além da nudez.

Ou seja, apesar de possuir seus posicionamentos políticos a favor de causas sociais – conforme discutirei posteriormente -, este não era seu ponto principal, diferentemente de *Lampião da Esquina*, por exemplo. Em *Spartacus*, parece-me que o mais preponderante é o

¹¹⁷ DE LIMA, Ana Cláudia Teixeira. A Experiência Da Aids Para Os Movimentos Cívicos LGBTs. In: **O Câncer Gay E O Orgulho Gay: A Experiência Da Aids Para O Movimento Lgbt Da Cidade Do Rio De Janeiro** (1986-1995). Disponível em: <http://157.86.56.46/images/dissertacoes/dissertacao_final_ana_claudia_lima.pdf>. Acesso em 13 jan. 2021.

¹¹⁸ COSTA, Jurandir Freire. Introdução. In: **A Inocência e o Vício: Estudos sobre o Homerotismo**. 1992.

intuito de representar um estilo de vida que consistiria em acompanhar as novidades do meio artístico nacional, da economia, da política, conhecer as melhores festas e viajar para diferentes cidades do Brasil, ou seja, participar ativamente do mundo do consumo voltado aos homossexuais.

Acredito que essa abordagem esteja bastante relacionada às mudanças de hábitos já mencionadas em que os homossexuais passaram a ir menos aos espaços públicos no centro da cidade e começaram a frequentar cada vez mais lugares onde encontravam ambientes com maior discrição e em bairros mais abastados. Neste âmbito, as boates, saunas e espaços turísticos parecem despontar como uma “solução” para que parte dessa população desfrutasse de maior privacidade. *Spartacus* acompanhou essas “movimentações” e, embora ainda não fosse utilizado o termo “GLS” para se referir à emergência de um segmento de mercado no Brasil, é possível notar, por meio dos conteúdos da revista, alguns elementos característicos desses aspectos que se manifestaram de maneira mais expressiva na década seguinte. Isto é, a representação do sujeito homossexual ou *gay* como uma pessoa de bom gosto, frequentadora das melhores festas e viagens e fisicamente “sarado”, formulando, assim, uma concepção menos relacionada à militância, e mais ao consumo – ainda que estas representações e estilos de vida não correspondessem a toda a heterogeneidade de hábitos, experiências e identidades dos homossexuais da época.

1.2.2. “Receba em casa com conforto e privacidade”

Como citado no item anterior, os nomes das pessoas que compunham o corpo editorial de *Spartacus* não apareceram de imediato em suas edições. Ainda que, a princípio, textos pontuais fossem publicados com assinaturas de seus autores - casos citados na descrição sobre a seção *Conto* -, é apenas na quarta edição, de 1988, que passou a aparecer no índice os membros da equipe de *Spartacus*. Essa composição sofreria poucas mudanças nos anos seguintes.

De acordo com Resende, ex-editor da revista, *Spartacus* possuía alguns colaboradores principais: Maurício Aricó, Mara Ferreira e ele próprio. Os editoriais eram geralmente escritos por Ferreira, porém com o uso de pseudônimos para evitar que a autora se expusesse. Embora houvesse, eventualmente, a contratação de redatores *freelancers*, grande parte das matérias assinadas também eram feitas com uso de pseudônimos. Conteúdos feitos total e exclusivamente por algum dos colaboradores principais costumavam ter seus nomes como

assinatura, enquanto as que contavam com contribuições de mais de um profissional não eram assinadas.¹¹⁹

Sobre a experiência profissional dos responsáveis pela revista, Resende afirma que ele e Mara Ferreira participaram da campanha de fundação do Partido dos Trabalhadores. Resende fazia apresentações de peças de teatro no ABC Paulista para coletar assinaturas em prol da criação do partido, atuando também na candidatura de Celso Daniel. Depois disso, trabalhou como assistente do diretor de teatro Antunes Filho quando então recebeu as primeiras notícias sobre HIV/Aids: “[...] muitos atores de teatro acabaram pegando”. Já Maurício Aricó era funcionário do Hospital Emílio Ribas, em São Paulo, onde passou a trabalhar com pacientes da doença, tópico sobre o qual será aprofundado no segundo capítulo desta pesquisa.¹²⁰

Embora *Spartacus* passasse a escrever sobre HIV/Aids com o passar do tempo, a equipe não tinha muita aproximação com os movimentos que ocorriam na época: “[...] quem fazia a ponte às ONGs era o Maurício. A gente vai começar a citar os centros de DST, [quando eles] começam a ter uma atuação mais efetiva. [...] Não estávamos ligados a grupos políticos *gays*, mas à liberação do ser humano”.

Em relação à captação de recursos para circulação da revista, Resende pontua que a publicidade que havia era feita por permuta ou divulgações da própria editora *Ki-Bancas*: “[...] ninguém queria associar o nome a isso, a homossexual, a esse universo. Mas tem um detalhe: a revista vendia horrores, ela se sustentava”.

Já no que diz respeito à distribuição, o jornalista afirma que a principal editora do mercado naquele período, a *Abril*, possuía um sistema com o qual era difícil de competir. Por conta disso, havia publicações menores que recorriam a um processo no qual seus produtos eram impressos em uma gráfica na Amazônia e, a partir de então, enviados a outros estados – o que frequentemente demorava meses para ocorrer. Por este motivo, nenhuma das edições de *Spartacus* possui data de publicação divulgada: o número de lançamento, por exemplo, teria demorado três meses para chegar em São Paulo. Isso fazia também com que a equipe de produção de *Spartacus* se atentasse a dar preferência a conteúdos “frios”, ou seja, assuntos que demoram certo tempo para deixarem de ser “novidade” para a imprensa.¹²¹

¹¹⁹ Entrevista realizada com Valdo Resende, ex-editor da revista *Spartacus*, em 1 de maio de 2022

¹²⁰ Entrevista realizada com Valdo Resende, ex-editor da revista *Spartacus*, em 1 de maio de 2022

¹²¹ *Ibid.*, 2022

Essa distribuição seria possível devido ao fato de pertencer a uma editora que já possuía outros títulos bastante comprados, como *Mastersex* e *Rudolf*. No entanto, conforme *Spartacus* começou a fazer sucesso na América Latina, surgiram problemas devido ao fato de a publicação não possuir título para carreira internacional. Além disso, a equipe também já estava se afastando para tocar outros projetos. Por fim, a revista foi descontinuada em 1990, sendo “repaginada” no ano seguinte e recebendo o título de revista *Alone* - que circulou ao longo da primeira metade da década, com mudanças no corpo editorial e na diagramação, contendo maior quantidade de páginas coloridas e sem a publicação de materiais de cunho político, sendo mais voltada ao lazer e ao entretenimento.¹²²

Figura 12 – Capa da edição 30 da revista *Alone*



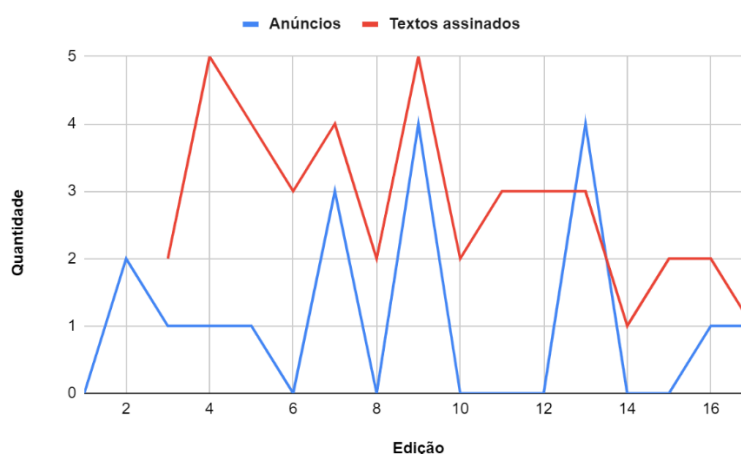
Fonte: revista *Alone*, ano V, n. 30, 1995, capa; exemplar cedido por Valdo Resende

No decorrer da análise de *Spartacus*, acredito ser possível interpretá-la em três fases: a primeira delas, que vai desde seu lançamento, em 1987, até a quarta edição, publicada no início do ano seguinte, a partir da qual os autores apareceram com seus nomes expostos em uma quantidade mais significativa. Neste primeiro momento, a linguagem utilizada parece ser mais amena, falando sobre arte, cultura e sexualidade sem críticas, referindo-se ao sexo como um “tabu” em relação ao qual a sociedade teria muitos preconceitos.

¹²² Entrevista realizada com Valdo Resende, ex-editor da revista *Spartacus*, em 1 de maio de 2022

A segunda fase ocorreria a partir da edição número 4, em que foi inaugurada a seção de *Opinião*. Neste período, as críticas à política, à economia e à gestão do Governo Federal no que diz respeito às questões sanitárias apareceram não apenas no início da revista, mas também em grande parte dos textos assinados e das entrevistas realizadas. Além dessa linguagem mais ácida, também a participação de patrocinadores é mais significativa, embora ainda assim escassa e irregular, como é possível perceber no gráfico abaixo.

Figura 13 – Relação entre número de anunciantes e textos com autorias



Org. por Victor Melo Pereira a partir de edições de *Spartacus* veiculadas entre 1987 e 1990

Quanto a isso, no entanto, creio ser importante salientar que nenhum dos anunciantes apareceu em mais de uma edição - com exceção de uma marca de camisinhas, *Preserv*, que apareceu nos números 4, 5, 7 e 13. Por outro lado, é possível perceber que as empresas patrocinadoras têm algumas similaridades, pois costumavam ser de preservativos, roupas ou produtos e espaços de lazer - como agências de turismo, por exemplo. Parece-me, neste sentido, que havia um interesse por parte de *Spartacus* em fazer com que a revista fosse associada a esses aspectos, isto é, de que seu conteúdo representasse um público interessado não apenas em arte, cultura, política e economia, mas também em moda, bem-estar e prazer.

A edição número 9, particularmente, acredito que foi o “apogeu” de *Spartacus*, pois contou simultaneamente com um ápice de textos assinados, relativa diversidade de colaboradores - conforme citei anteriormente - e foi uma das duas únicas edições a contar com

quatro anunciantes. No número seguinte, isto é, a décima edição, inclusive foi lançado um sistema de assinaturas para a revista, utilizando uma chamada aparentemente bastante otimista - sobre a qual tratarei adiante.

Por fim, a terceira fase ocorreria a partir da décima quarta edição de *Spartacus*, publicada no final de 1989, e seu décimo sétimo - e também último - número, lançado em meados do ano seguinte. Neste período, aconteceu uma baixa na quantidade de patrocinadores e também de textos assinados, o que faz crer que tenha ocorrido uma queda no interesse em se associar à revista - tanto colaboradores quanto empresas. O conteúdo principal da décima quarta edição consistiu em publicar o que *Spartacus* chamou de “os melhores” ensaios já veiculados em outras edições, ocupando várias páginas da publicação - o que, convém observar, “substitui” a necessidade de preencher o espaço com originais. Em sua última capa, onde geralmente constava uma prévia do ensaio da edição anterior ou algum convite para que o leitor se tornasse assinante, a chamada expunha que, no número seguinte, os leitores encontrariam “[...] mais de 100 anúncios de leitores”¹²³, os quais consistiam nas correspondências enviadas à seção *Entre nessa*. Uma vez que essas cartas não eram datadas, é de se presumir também que houvesse um controle e uma filtragem em relação às que seriam publicadas em cada edição, o que me faz crer que o intuito em atrair o leitor para este conteúdo pudesse ter um viés financeiro - isto é, aproveitar um material que provavelmente já estivesse à disposição -, havendo ainda um apelo para a oportunidade de ter maior quantidade de contatos com os quais os interessados poderiam se corresponder.

Quanto ao preço de *Spartacus*, conforme citado anteriormente, não constava na capa de nenhuma das edições. Segundo Resende, isso acontecia porque essa informação era colocada em um saco plástico no qual os impressos eram embrulhados.¹²⁴ Índícios do custo da revista constam entre as edições 10 e 14 da publicação, quando ela procurou estabelecer um sistema de assinaturas - e, neste aspecto, nota-se que essa iniciativa ocorreu entre o “apogeu” da revista e a possível queda de interessados nela. Quando implementada, a novidade foi anunciada de maneira otimista. Além disso, se, até então, as críticas nas matérias já denotavam um posicionamento mais forte de *Spartacus* em relação aos acontecimentos do país, o anúncio do sistema de assinaturas me parece destoar com ainda mais veemência do tom contido apresentado em suas primeiras edições.

¹²³ Assine *Spartacus*. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 3, n. 10, 1989, p. 24.

¹²⁴ Entrevista realizada com Valdo Resende, ex-editor da revista *Spartacus*, em 1 de maio de 2022

Isso porque, no conteúdo - que ocupou duas páginas coloridas -, *Spartacus* se posicionou da seguinte forma:

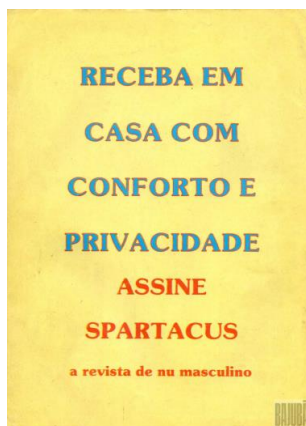
Colocar no mercado um produto específico, principalmente quando hábitos e costumes obsoletos teimam em negar todas as evidências, é um risco. Contudo, chegamos ao número 10. SPARTACUS não é a revista pioneira do gênero no Brasil, mas já é a de maior longevidade. [...]

Aos poucos vamos vencendo as barreiras do silêncio, os receios de comprometimento e até já foi possível oferecer nomes expressivos da vida nacional, que tiveram na SPARTACUS um espaço de comunicação comprometido unicamente com um jornalismo sério e profissional. SPARTACUS busca sempre a precisão nas informações e o bom gosto no entretenimento.

Finalizou dizendo que, embora estivessem “apenas” na décima edição, esperavam chegar ao número 1000. Por isso, decidiram iniciar um departamento de assinaturas para “[...] aqueles que pelos motivos mais diversos não têm condições de adquirir SPARTACUS nas bancas ou até mesmo retirar no correio”, de modo que, assim, a revista chegaria “[...] no conforto e privacidade do seu lar [...] embalada de forma discreta e sigilosa”¹²⁵. Este, inclusive, acabou se tornando o mote utilizado na contracapa da publicação nesta e nas duas edições seguintes, com a chamada: “RECEBA EM CASA COM CONFORTO E PRIVACIDADE - ASSINE SPARTACUS - a revista de nu masculino”. Acredito ser significativo observar, inclusive, o fato dessa chamada dar ênfase à questão da privacidade, deixando em tamanho menor a informação de que se tratava de uma revista sobre nudez, conforme imagem abaixo.

¹²⁵ Assine Spartacus. *Spartacus*, São Paulo (SP), ano 3, n. 10, 1989, p. 24.

Figura 14 - Chamada na última capa da edição número 10 de *Spartacus*



Fonte: revista *Spartacus*, ano III, n. 10, 1989, p. 32; acervo Bajubá

Para se tornar assinante, o interessado deveria preencher um cupom e enviá-lo ao CEP indicado para a editora. A assinatura era válida por seis meses, de modo que o leitor recebia, durante este tempo, três edições - uma vez que, como a revista informava na chamada, suas publicações ocorriam a cada dois meses.

O preço, entretanto, não permaneceu estável ao longo das edições seguintes. Na tabela abaixo, elenquei, na primeira coluna, os valores indicados para assinatura no total de seis meses; então, estimei quanto custaria cada edição, caso fossem compradas separadamente:

Tabela 1 - Preços das assinaturas de *Spartacus* (por semestre e por edição)

Edição	Assinatura de 3 edições por 6 meses (em NCz\$)	Preço por edição (em NCz\$)	Preço por mês (em NCz\$)	Validade
10	10	3,33	1,67	Não consta
11	15	5	2,5	Não consta
12	27	9	4,5	até 10.10.89
13	70	23,33	11,67	até 20.12.89
14	200	66,67	33,33	até 28.02.90

Org. por Victor Melo Pereira a partir de edições da revista *Spartacus* veiculadas entre os anos 1989 e

Essas datas levam a inferir que o leitor tinha cerca de dois meses após a publicação da edição para poder manifestar interesse e que o motivo para esse prazo seria a previsão de lançamento do número seguinte. Para chegar ao preço das duas edições anteriores, as quais não constam data de validade, procurei calcular a partir deste raciocínio de bimestralidade informado por *Spartacus*.

Outro aspecto de grande relevância é o fato desse “movimento” de avanço e recuo no sistema de assinaturas ter ocorrido durante a transição de um ano para o outro e, mais especificamente, de mudanças de governo. Acredito que isso não seja por acaso, havendo provável relação com a inflação do período, pois pode ter ocorrido uma insegurança por parte da publicação ou desinteresse de seus leitores em adquirir gastos que se manteriam por alguns meses, como seria o caso das assinaturas. Chama atenção o fato de que a última oportunidade de adesão tinha como prazo de validade o mês de março de 1990, o mesmo em que foi lançado o Plano Brasil Novo, instituído pelo recém-eleito presidente Fernando Collor de Melo.

Para entender o espaço ocupado por *Spartacus* em relação à imprensa brasileira, saliento que a revista circulou em um período de muitas disputas e inflexões, tanto no âmbito social quanto político, econômico e midiático, o que torna difícil classificá-la dentro de categorias muito rígidas. Trata-se de uma publicação que estava longe de fazer parte da grande imprensa, uma vez que seu público era bastante segmentado e diversas características não correspondiam ao que se espera de veículos classificados dessa forma - como a quantidade de anunciantes, o número reduzido de colaboradores, a periodicidade, a aparente obscuridade nas informações a respeito de sua distribuição e o modo como abordava a sexualidade em tempos de HIV/Aids. Como mencionei no item anterior, talvez seja possível traçar paralelos de *Spartacus* ou considerá-la como pertencente ao que seriam as revistas de variedades, embora a associação a uma editora de conteúdos pornográficos, ao invés de uma especializada em entretenimento, seja um fator relevante no que diz respeito à diferenciação entre esses dois tipos de publicações.

Ainda que fosse voltada ao público homossexual e não contasse com a quantidade de patrocínios de grandes empresas do segmento, também a categorização de *Spartacus* como um veículo de imprensa alternativa me soa insuficiente ou, no mínimo, dúbia. Afinal, os jornais e revistas caracterizados sob esse conceito costumam estar ligados aos movimentos sociais contrários à ditadura militar ou aos que permaneceram contestando o sistema no período democrático, sob formas de produção diversas às das empresas jornalísticas. Como pontuado,

a publicação possuía posicionamentos políticos críticos e a favor de pautas sociais, entretanto se organizava de modo similar às de revistas de variedades e de consumo.

Devido a esses aspectos, acredito que o papel de *Spartacus* não estava em defender ou se opor aos sistemas político e econômico e/ou às normas de gênero e sexualidade, ao contrário dos veículos alternativos dos anos anteriores. Creio que se tratava de uma revista que procurava viabilizar caminhos de conexão *dentro* do sistema, estimulando que seu público interagisse com os espaços, produtos culturais, marcas e pessoas com os quais poderiam se identificar e viver “em conforto e segurança”.

Essa solução também se diferencia de outras reivindicações dos anos anteriores e mesmo dos movimentos existentes naquele período, os quais davam maior ênfase na experiência no espaço público. Em meio a um contexto em que a sexualidade homoerótica masculina foi visibilizada neste âmbito sob óticas negativas e agressivas, o mundo privado do consumo parece ser uma alternativa passível de proporcionar relativa liberdade às pessoas miradas por *Spartacus*.

Entretanto, convém ressaltar que o fato de a publicação não ser completamente “emoldurável” nessas categorias não significa que ela não possa corresponder, pelo menos em parte, a todas elas. Afinal, a circulação de *Spartacus* ocorreu em um período em que parte das dicotomias - que existiram do contexto brasileiro até então em meio à ditadura militar - começaram a se complexificar. Em diferentes âmbitos da sociedade, as pessoas, grupos e instituições se organizaram em uma multiplicidade de interesses, os quais já não se explicavam como uma oposição entre os interesses do Estado e das grandes empresas *versus* os da população. Na política institucional, a Constituição de 1988 procurou garantir mais espaço para que as decisões fossem tomadas de maneira mais democrática e pluralizada, enquanto, nos movimentos sociais, o crescimento do associativismo e das ONGs buscava estabelecer relações com agentes públicos e privados para que determinadas pautas fossem levadas adiante. Longe de solucionar todos os conflitos sociais, essas iniciativas também tinham suas questões e desafios, os quais abordarei no segundo capítulo desta pesquisa.

Capítulo II: Os posicionamentos de *Spartacus*: economia, política e saúde

Neste capítulo, buscarei analisar de que modo a revista *Spartacus* se posicionou a respeito das questões políticas, econômicas e sociais que estiveram em pauta na sociedade brasileira ao longo de seus anos de circulação. Para isso, retomarei parte da discussão sobre os movimentos homossexuais do período de redemocratização e o modo como eles se dividiram em diversas frentes de atuação durante a década de 1980. Também apresentarei iniciativas empreendidas no que diz respeito à Reforma Sanitária – sobre a qual discorrei neste capítulo – e o modo que ela esteve associada aos grupos emergentes do período de transição para a democracia e as reivindicações sociais sobre o HIV/Aids. O objetivo é compreender quais foram os posicionamentos da publicação e de que modo ela expunha esse ponto de vista, principalmente no que diz respeito à construção de uma percepção “positiva” da homossexualidade masculina, isto é, discutindo essas práticas sexuais sem o intuito de estigmatizá-las – abordagem esta que, como demonstrarei no decorrer dos próximos itens, diferia do modo como isso era veiculado em outros meios de comunicação.

Essa análise é importante nesta pesquisa porque, como aponta a historiadora Maria Helena Capelato, existe uma linha tênue entre os interesses privados e a opinião pública no jornalismo. Ainda que esta pesquisa se concentre na História do Tempo Presente, convém notar que a expressão “opinião pública” surgiu na Europa entre os séculos XVIII e XIX, no contexto em que esses empreendimentos começaram a aparecer no continente e a burguesia ascendente colocou em questão o absolutismo e o papel das instituições governamentais. Desta forma, os periodistas visavam “[...] *interpretar e formar a opinião pública por meio de seus jornais*”¹²⁶. No Brasil, particularmente, esse jornalismo mais opinativo e literário foi proeminente entre os séculos XIX e XX, com os autores se posicionando a respeito de discussões como a instituição da Primeira República e o abolicionismo.

No entanto, embora esse destaque dado nos periódicos às opiniões dos jornais tenha sido ofuscado com o passar dos anos, também esteve longe de desaparecer por completo nas décadas seguintes. Conforme os jornais investiram em inovações técnicas e mais pessoas tiveram acesso a eles, novas seções e temas surgiram, com o objetivo de ampliar cada vez mais

¹²⁶ CAPELATO, Maria Helena. A Imprensa Como Fonte e Objeto De Estudo Para O Historiador. In: VILLAÇA, Mariana; PRADO, Maria Lígia Coelho. **História das Américas: Fontes E Abordagens Historiográficas**. São Paulo: Humanita, p. 120, 2015

o público e obter lucro a partir dessas atividades. Assim, na década de 1950, alguns padrões mercadológicos foram adotados, como a separação entre os campos literário e jornalístico, e valores difundidos até os dias de hoje na profissão emergiram, como os de que sua atuação deveria buscar a neutralidade e a objetividade no texto, diferenciando-se de produções supostamente mais subjetivas¹²⁷.

Portanto, se por um lado existe a pretensão de ser um intermediário entre governantes e cidadãos por parte dos jornalistas, por outro, os interesses econômicos e políticos dos próprios veículos são postos nessa relação. Neste sentido, analisarei neste capítulo, principalmente, a seção *Opinião*, a coluna *O médico responde* e os artigos esporádicos de economia. A escolha especificamente por essas editoriais da revista ocorre devido ao fato de elas terem sido aquelas em que os temas em questão - isto é, econômicos, políticos e sociais - apareceram de modo mais expressivo no que diz respeito ao ponto de vista de *Spartacus* sobre as pautas discutidas na época.

2.1. A situação econômica na transição da ditadura para a democracia

Embora na segunda metade do século XX a população brasileira tenha presenciado maior acesso a serviços e bens de consumo, espaços de lazer e produções de entretenimento, erotismo e pornografia - ainda que, em determinados casos, sob censura -, a crise econômica mudou significativamente as relações e comportamentos das pessoas. De acordo com João Manuel Cardoso de Mello e Fernando Novais, a percepção de que "[...] o presente tinha sido melhor que o passado, e o futuro, melhor do que o presente"¹²⁸ começou a desvanecer na década de 1980. Afinal, ainda que tenha sido reconquistado o regime democrático em 1985, isso não foi suficiente para conter questões como a inflação e o desemprego, tornando o mercado de trabalho ainda mais concorrido, aspectos que os autores dizem estar associados ao crescimento da violência e da corrupção.¹²⁹

¹²⁷ BARBOSA, Marialva. **História Cultural Da Imprensa**: Brasil :1900-2000. Rio De Janeiro: Mauad, 2007

¹²⁸ DE MELO, João Manuel Cardoso; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo Tardio e Sociabilidade Moderna; In: **História da Vida Privada no Brasil**: Contrastes da Intimidade Contemporânea. NOVAIS, Fernando A; SCHWARCZ, Lília. São Paulo (SP): Editora Schwarcz LTDA, 2007. P. 654.

¹²⁹ Ibid., p. 559-659

Se, por um lado, a questão econômica esteve entre os fatores que impulsionaram o surgimento de movimentos sociais e o processo de redemocratização – como as manifestações contra a carestia e o crescimento de oposições antiautoritárias que mencionei no capítulo anterior –, por outro, ela foi motivo também para a adoção de políticas de redução do papel do Estado na sociedade, por meio da adoção de medidas neoliberais. Neste item, apresentarei o modo como isso levou a uma determinada configuração de relações entre a sociedade civil, as instituições públicas brasileiras e entidades internacionais - isto é, sobretudo no que diz respeito às negociações com as organizações não-governamentais - e a forma como o Movimento Homossexual passou por reformulações em decorrência do surgimento do vírus da imunodeficiência adquirida, o HIV/Aids. Será analisado também de que modo a revista *Spartacus* se posicionou a respeito dessas discussões em seus volumes, principalmente no que diz respeito aos impactos da doença e das decisões políticas na vida da população.

2.1.1. Do antiautoritarismo à formalização de pautas

Conforme mencionado, o jornal *Lampião da Esquina* foi um importante baluarte para os movimentos homossexuais na virada da década de 1970 para 1980. Um dos principais coletivos homossexuais a se articularem neste contexto foi o Somos - Grupo de Afirmação Homossexual, que se iniciou na capital paulista e ramificou em diversas outras cidades. Eros e Libertos foram outras agremiações a emergirem no estado de São Paulo neste mesmo período. Embora o intuito desta pesquisa não seja analisar a trajetória ou mesmo a organização desses grupos, entender de que forma eles atuaram e determinadas mudanças que ocorreram ao longo dos anos são aspectos importantes para discussão a respeito do lugar que a homossexualidade e o homoerotismo ocuparam na sociedade naquela época, além do modo como essas relações e articulações do movimento compuseram o cenário em que *Spartacus* estaria situada politicamente.

De acordo com a antropóloga Regina Facchini, o Movimento Homossexual brasileiro pode ser classificado em três ondas. A primeira teria ocorrido nos anos iniciais de redemocratização, em que os coletivos tinham um viés antiautoritário - caso do Somos, por exemplo; em suas reuniões, as pautas teriam sido mais voltadas a experiências pessoais do que a projetos bem definidos para a sociedade. Já a segunda giraria principalmente - embora não apenas - em torno do HIV/Aids, propondo formas de intervenção e conscientizando a respeito

da doença, e teria ocorrido no período de transição para a democracia, tópicos que abordarei adiante. Além desses aspectos, outra característica seria a busca por formalização dos grupos, como no caso dos que se regularizaram como associações e das ONGs que surgiram na segunda metade da década de 1980. A terceira onda seria correspondente ao período a partir da metade dos anos 1990, marcado pelo surgimento do mercado GLS e das paradas atualmente denominadas LGBTI.¹³⁰ Embora, nesta pesquisa, não se considere essa classificação de maneira particularmente rigorosa, convém apresentá-la para melhor entendimento do contexto da época.

A princípio, nota-se o modo como as diferenças de posicionamento estiveram entre os fatores iniciais que levaram à fragmentação do *Somos*. Na época, existiu um coletivo chamado Fração Gay da Convergência Socialista, o qual era ligado ao Partido dos Trabalhadores e procurava adquirir mais membros, entre eles os já integrantes do *Somos*; seus participantes defendiam que os homossexuais deveriam se unir às outras lutas, sobretudo do proletariado. Entretanto, parte das organizações de esquerda da época consideravam as pautas sobre sexualidade como questões de menor importância, defendendo que seus membros se concentrassem na “luta maior” - isto é, a luta de classes. Essa visão esteve entre os principais motivos para que membros do *Somos* defendessem a autonomia do movimento em relação aos grupos de esquerda que se formavam. O caso mais emblemático dessa divergência ocorreu quando alguns dos integrantes decidiram aderir a uma passeata em São Bernardo do Campo em apoio à greve geral dos sindicatos. Este foi o estopim para que integrantes do *Somos* se afastassem e formassem um outro grupo, chamado Outra Coisa: Ação Homossexualista.¹³¹

Além deste, mais coletivos começaram a surgir a partir desses “rachas”. Entretanto, nem todos conseguiram se manter com o passar do tempo, e o Movimento Homossexual acabaria assumindo características diferentes no decorrer dos anos seguintes. Isso porque, além das fragmentações e divergências crescentes entre os grupos constituídos até então, os primeiros casos do HIV/Aids começaram a aparecer na cidade de São Paulo, dificultando a organização dos coletivos, os quais logo se desfizeram. Como aponta o sociólogo Carlos Figari, dos 22 grupos existentes no Brasil no início dos anos 1980, apenas quatro deles permaneceram até o

¹³⁰ FACCHINI, Regina. Movimento Homossexual no Brasil: Reconstituo um Histórico. **Cadernos AEL**, 2003. Disponível em <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/view/2510>>. Acesso em 04 abr. 2021.

¹³¹ GREEN, James N. **Além Do Carnaval: A Homossexualidade Masculina No Brasil Do Século XX**. São Paulo (SP): Editora Unesp, 2019

fim da década: Grupo de Ação Lésbico-Feminista, Grupo Gay da Bahia, Adé-Dudu e Triângulo Rosa.¹³²

O Grupo de Ação Lésbico-Feminista (GALF) surgiu devido ao fato de parte das integrantes do Somos se incomodarem com o que consideraram como aspectos machistas por parte do coletivo. Ao se retirarem, procuraram então se aproximar de organizações feministas, participando de eventos e tentando angariar mais membros entre as mulheres que não faziam parte do círculo acadêmico. Para isso, realizaram shows e jogos de bingo com o objetivo de arrecadar recursos. O GALF foi ainda responsável por publicar o periódico *Chanacomchana*, que fazia críticas ao sistema patriarcal, ao heterossexismo e abordou questões referentes à dupla militância no que diz respeito ao feminismo e à homossexualidade feminina. Com o passar dos anos, as integrantes começaram a buscar autonomia e distanciamento também dos movimentos feministas, estabelecendo relações com organizações transnacionais como o *International Lesbian Information Service* e o *International Lesbian and Gay Association*. Desta forma, o GALF passou a se institucionalizar e mudar as abordagens que realizava em relação às questões sobre lésbicas e feminilidade, obtendo apoio financeiro de agentes de cooperação internacional e, na década seguinte, órgãos governamentais – aspectos que abordarei com maior profundidade adiante. Em meio a esse processo, em 1987, o *Chanacomchana* mudou de nome para *Um Outro Olhar*, o mesmo que passaria a ser usado por seu grupo de criação a partir de 1990, quando então se denominaria Rede de Informações Um Outro Olhar.¹³³

Já o Grupo Gay da Bahia (GGB) surgiu a partir de um convite publicado pelo historiador Luiz Mott, em 1980, no *Lampião da Esquina*, chamando os *gays* baianos para que se reunissem com o intuito de formar o próprio grupo no estado.¹³⁴ De acordo com o historiador Ailton José dos Santos Carneiro, o fato dos integrantes dispostos a participarem do grupo não terem vínculos partidários teria sido um facilitador para que eles dessem atenção a questões mais práticas sobre a homossexualidade. Características importantes na atuação desse movimento ao longo de sua trajetória foram: a pressão que ele exerceu sobre o Estado por políticas públicas

¹³² FIGARI, Carlos. *@s outr@s Cariocas* : Interpelações, Experiências E Identidades Homoeróticas No Rio De Janeiro: Séculos XVII Ao XX. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. 594 p

¹³³ Cf. OLIVEIRA, Júlia Glaciela da Silva. **Militância ou Profissionalização De Gênero?** Um Estudo Comparativo Na Imprensa Feminista Do Brasil, Da Argentina E Do Chile (1981-1996). Intermeios, 2020.

¹³⁴ MOTT, Luiz. O Imprescindível GGB, Grupo Gay da Bahia. In: GREEN, James N. et al. (Ed.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. Alameda, 2018. p. 211.

contra a discriminação, a busca pela institucionalização e a ida a lugares frequentados por homossexuais de fora da militância - o “gueto” - para fazer com que eles aderissem à causa.¹³⁵

Neste contexto, um de seus membros, Wilson Santos, decidiu sair do GGB e se tornou organizador do Adé-Dudu, grupo formado em 1981 com foco exclusivamente nas pautas dos homossexuais negros. Os integrantes do Adé-Dudu passaram a fazer parte também do Movimento Negro Unificado, onde realizaram pesquisas, distribuíram panfletos e levaram a âmbito nacional as discussões a respeito da dupla discriminação no que diz respeito à raça e à sexualidade.¹³⁶

O grupo Triângulo Rosa, diferentemente dos outros coletivos, surgiu apenas em 1985, no Rio de Janeiro. João Antônio Mascarenhas - que, conforme mencionei no capítulo anterior, teve papel importante na formação do *Lampião da Esquina* -, passou a ser um membro honorário do GGB após se desligar do jornal. Neste período, o grupo baiano atuou exercendo ações com o objetivo de pressionar o poder público a instituir políticas voltadas aos homossexuais. Após receber do deputado federal França Teixeira um pedido de propostas de leis que defendessem os homossexuais, os membros então acionaram Mascarenhas, que considerou a iniciativa tão relevante a ponto de decidir iniciar uma nova organização, porém fluminense. Assim, foi dado início ao grupo, o qual no mesmo ano de sua fundação conseguiu também a formalização como associação sem fins lucrativos.

Neste ponto, o Triângulo Rosa foi, de certa forma, divergente não apenas dos outros já estabelecidos, mas também das ONGs que começaram a se formar no mesmo período. Isso porque, enquanto grande parte deles focaram em buscar medidas de prevenção e conscientização em relação ao HIV/Aids, a atuação do Triângulo Rosa esteve mais centrada no âmbito jurídico, chegando a organizar uma campanha para criminalizar a discriminação por orientação sexual na Constituinte de 1988 - iniciativa que, apesar de ter conseguido ampla

¹³⁵ DOS SANTOS CARNEIRO, Aílton José. Salvador dos Homossexuais: Militância Homossexual e Homossociabilidade na Bahia nos anos 1980. **Temporalidades**, v. 7, n. 3, p. 9-30, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5593>>. Acesso em 09 maio 2021.

¹³⁶ MACRAE, Edward. Dupla Discriminação e Dupla Militância, o Caso das Lésbicas e dos Negros Dentro do Movimento Homossexual. MACRAE, Edward. In: **A Construção da Igualdade: Política e Identidade Homossexual no Brasil da “abertura”**. EDUFBA, 2018. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/yn5sj>>. Acesso em: 09 maio 2021.

mobilização e aprovação em estados e municípios, não chegou a se concretizar no âmbito federal.¹³⁷

Como aponta a cientista política Ana Cláudia Chaves Teixeira, o cenário de redemocratização foi importante em relação ao modo como as ONGs – inclusive as que não tratavam necessariamente sobre pautas homossexuais ou HIV/Aids – passaram a atuar. Se, durante a ditadura militar, grupos que reivindicavam pautas como diversidade e cidadania estavam focados em derrubar o autoritarismo do regime, em meio às discussões a respeito da Constituição as diferenças se acirraram quanto ao tipo de Estado e de democracia que se procurava obter. Desta forma, havia certa heterogeneidade de objetivos, fontes de receita, estratégias, entre outros aspectos. Esses grupos buscavam ainda formas de legitimidade e financiamento, seja em parceria com órgãos internacionais, seja com o setor público.¹³⁸ Este me parece ser o caso dos coletivos que mencionei, uma vez que tanto o GGB quanto o Triângulo Rosa realizaram campanhas com o intuito de obter reconhecimento institucional de pautas associadas à homossexualidade, enquanto o GALF procurou se articular a redes de outros países para manter suas atividades. Eles estariam, portanto, inseridos em um contexto no qual se formularam “teias” de apoio nessas organizações.¹³⁹

Consoante a isso, é importante destacar ainda a atuação de diversos setores na sociedade visando pressionar o Estado pela instituição da Reforma Sanitária. De acordo com o médico e pesquisador Jairnilson Silva Paim, assim como as outras pautas sociais, essas discussões já apareciam no final da década de 1970, uma vez que, durante a crise do “milagre econômico”, o Brasil passou também por uma crise sanitária com aumento da mortalidade infantil, epidemia de acidentes de trabalho, recrudescimento de endemias e surtos de meningite. Profissionais de medicina então se mobilizaram pela regulamentação da Residência Médica e surgiram iniciativas no que diz respeito à medicina comunitária. Com a redemocratização, políticos favoráveis às propostas de ampliação do acesso à saúde assumiram cargos estratégicos no setor público. Desta forma, ações integradas puderam expandir e levar adiante as reivindicações por

¹³⁷ HOWES, Robert. João Antônio Mascarenhas (1927-1998): Pioneiro do Ativismo Homossexual no Brasil. **Cadernos AEL**, 2003. Disponível em <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/view/2516/1926>>. Acesso em 09 maio 2021.

¹³⁸ TEIXEIRA, Ana Cláudia Chaves. **Identidades em Construção: as Organizações Não-Governamentais no Processo Brasileiro de Democratização**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2000.

¹³⁹ *Ibid.*, p. 29

um sistema amplo de serviço sanitário em meados da década de 1980, o que culminaria no surgimento do Sistema Único de Saúde (SUS).¹⁴⁰

Neste sentido, nota-se que esse período foi de importantes mudanças e reformulações nas relações entre Estado e sociedade civil, além do próprio modo como esses grupos reivindicatórios passaram a se organizar. Isso ocorreu principalmente devido à transição para um regime democrático, pautado em eleições abertas e que procurou legitimar as pautas e necessidades de diferentes movimentos por meio de instrumentos jurídicos, como a Constituição de 1988. Conforme discutirei a seguir, ainda que houvesse esse intuito de ampliar a participação da população nas decisões a respeito da sociedade, o atendimento efetivo a essas pautas esbarrou em problemas como interesses conflitantes e dificuldades financeiras por parte do setor público.

2.1.2. Os impactos do HIV/Aids na organização da militância

Em 1982 surgiu, nos Estados Unidos, a doença que receberia o nome de Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, atualmente abreviada como HIV/Aids. No mesmo ano, um grupo de voluntários norte-americanos formou o *Gay Men's Health Crisis (GMHC)*, criando a considerada primeira linha direta do mundo para tirar dúvidas e prestar suporte a respeito do vírus. Esses acontecimentos foram parte do início de mudanças de pautas e frentes de atuação que passaram a constituir a militância homossexual internacional.¹⁴¹ Convém salientar que Maurício Aricó, o qual citei anteriormente e que foi colaborador em uma coluna sobre saúde na revista *Spartacus*, chegou a ter contato com o grupo, trajetória sobre a qual abordarei em mais detalhes no decorrer deste capítulo.

De acordo com a historiadora Maria Cristina da Costa Marques, os primeiros casos de HIV/Aids apareceram no Brasil já no ano de descoberta da doença.¹⁴² Em 1984, surgiu, em São

¹⁴⁰ PAIM, Jairnilson Silva. Conjuntura da Transição Democrática: da Criação do Cebes à Constituição. In: PAIM, Jairnilson Silva. **Reforma Sanitária Brasileira: Contribuição para a Compreensão e Crítica**. Editora Fiocruz, 2008. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/4ndgv>>. Acesso em 28 maio 2021.

¹⁴¹ DE LIMA, Ana Cláudia Teixeira. A Experiência Da Aids Para Os Movimentos Civis LGBTs. In: **O Câncer Gay E O Orgulho Gay: A Experiência Da Aids Para O Movimento Lgbt Da Cidade Do Rio De0 Janeiro (1986-1995)**. Disponível em: <http://157.86.56.46/images/dissertacoes/dissertacao_final_ana_claudia_lima.pdf>. Acesso em 09 maio 2021.

¹⁴² MARQUES, Maria Cristina da Costa. Saúde e Poder: a Emergência Política da Aids/HIV no Brasil. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 9, p. 41-65, 2002. Disponível em:

Paulo, a Casa de Apoio Brenda Lee, fundada pela travesti de mesmo nome que passou a dar assistência a prostitutas que contraíram a doença. O espaço, financiado por “um grupo de senhoras” que realizavam atividades filantrópicas, é considerado o primeiro do país a atuar em relação ao HIV/Aids.¹⁴³

No ano seguinte, foi iniciado o sistema formal de vigilância epidemiológica de âmbito nacional, o qual, em apenas cinco meses, registrou 1.012 casos da doença em vinte estados, o que, segundo Marques, demonstra o “[...] rápido crescimento da epidemia no Brasil”¹⁴⁴. Como é possível notar nessas datas, ainda que o vírus tenha chegado com certa rapidez ao território nacional, as respostas a ele não aconteceram com a mesma velocidade, principalmente no que diz respeito ao Governo Federal, que criou uma medida de monitoramento três anos após surgirem os pacientes iniciais.

Segundo a autora, as iniciativas pioneiras em relação ao vírus aconteceram por meio dos estados e municípios, principalmente São Paulo. Isso não apenas devido ao fato de ter os primeiros pacientes de HIV/Aids do país, mas também porque, na época, contou com a pressão das ONGs e articulação de políticos que eram a favor da reforma sanitária.¹⁴⁵

Essa “movimentação” se tornou mais presente após uma apresentação realizada por especialistas em saúde a respeito da doença. Na ocasião, os participantes perceberam que estavam despreparados para falar sobre o assunto, e que o modo como o abordaram gerou pânico em seus espectadores. Desta forma, eles decidiram formar uma organização não-governamental, visando atuar de maneira efetiva para a disseminação de informações e cobrança por políticas públicas em relação ao HIV/Aids. Surgiu, portanto, o primeiro Grupo de Apoio e Prevenção à Aids (GAPA), o qual teve sua sede inicial em uma sala cedida pela Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo. De acordo com Marques, apesar de contar com esse apoio governamental para a realização de suas atividades, o GAPA procurou não ser um

<<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/SJHgNdc3WBMKgNGfjKQvqfM/?lang=pt>>. Acesso em 09 maio 2021.

¹⁴³ LOYOLA, Maria Andréa. Medicamentos e Saúde Pública em Tempos de AIDS: metamorfoses de uma política dependente. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 13, p. 763-778, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/KTRLBvBGpYTydvwTTLM4YRC/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 06 out. 2021.

¹⁴⁴ MARQUES, Maria Cristina da Costa. Saúde e Poder: a Emergência Política da Aids/HIV no Brasil. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 9, p. 41-65, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/SJHgNdc3WBMKgNGfjKQvqfM/?lang=pt>>. Acesso em 09 maio 2021.

¹⁴⁵ Ibid., p. 52

“[...] braço do poder”¹⁴⁶, assumindo uma postura crítica e de cobrança por ações concretas do setor público.

A atuação do grupo foi pioneira e serviu de modelo para ONGs que surgiram a partir de então. Em diferentes estados do país, pessoas procuraram a organização para criar “unidades” regionais, que passaram a funcionar de maneira autônoma e independente, isto é, com formas variadas de captação de recursos, realização de campanhas e organização conforme especificidades locais. De acordo com a historiadora Wildney Feres Contrera, as primeiras unidades a surgirem fora de São Paulo foram as de Minas Gerais e Rio de Janeiro, ambas em 1987. Mais tarde, o GAPA contaria com presença também em Pará, Ceará, Sergipe, Bahia, Distrito Federal, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.¹⁴⁷

De acordo com Ana Claudia Lima, outras ONGs também surgiram com o objetivo de atuar em relação ao HIV/Aids, sem que tivessem necessariamente vínculo institucional ao GAPA. É o caso das fluminenses Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (ABIA), coletivo Atobá, Grupo Pela Valorização, Integração e Dignidade do Doente de Aids (Grupo pela Vidda), Núcleo de Orientação em Saúde Sexual (NOSS) e Associação de Travestis e Liberados (Astral), as quais surgiram entre os anos de 1985 e 1993.¹⁴⁸ Ainda que o intuito desta pesquisa não seja aprofundar na atuação particular de cada um desses grupos, é importante mencioná-los como demonstração do quanto essa militância foi expressiva no decorrer desses anos.

Entretanto, se, por um lado, houve uma proliferação de ONGs e, em determinados casos, com o apoio de seus estados e municípios, a situação se tornava mais complicada no âmbito do Governo Federal, devido à crise fiscal e aos arranjos organizacionais do período, tópicos que abordarei com maior profundidade adiante. Neste contexto, era comum que esses grupos buscassem apoio de agências internacionais, como a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) e a Organização Mundial de Saúde (OMS).

¹⁴⁶ CONTRERA, Wildney Feres et al. GAPAS: Uma Resposta Comunitária à Epidemia da AIDS no Brasil. In: **GAPAS: Uma Resposta Comunitária à Epidemia da Aids no Brasil**. 2000. p. 40.

¹⁴⁷ CONTRERA, Wildney Feres et al. GAPAS: Uma Resposta Comunitária à Epidemia da AIDS no Brasil. In: **GAPAS: Uma Resposta Comunitária à Epidemia da Aids no Brasil**. 2000., p. 69

¹⁴⁸ DE LIMA, Ana Cláudia Teixeira. A Experiência Da Aids Para Os Movimentos Civis LGBTs. In: **O Câncer Gay E O Orgulho Gay: A Experiência Da Aids Para O Movimento Lgbt Da Cidade Do Rio De Janeiro (1986-1995)**. Disponível em: <http://157.86.56.46/images/dissertacoes/dissertacao_final_ana_claudia_lima.pdf>. Acesso em 09 maio 2021.

Na segunda metade dos anos 1980, esses órgãos formularam programas globais de combate ao HIV/Aids, os quais forneceram importantes apoios técnico e financeiro para a criação do brasileiro Programa Nacional, coordenado por Lair Guerra.¹⁴⁹ Na década seguinte, essas iniciativas sofreram mudanças conforme as mudanças de governo. Sob a gestão de Fernando Collor de Mello, ocorreu uma diminuição de investimentos nessa área. Já nos anos de mandato de Fernando Henrique Cardoso, o aumento do poder de compra ocasionado pelo Plano Real tornou menos viável que organizações do exterior direcionassem recursos ao Brasil.¹⁵⁰

Esses fatores estão relacionados à configuração econômica global da virada da década. Neste contexto, ocorreu a dissolução da União Soviética, evento marcante do século XX que intensificou as críticas feitas por parte do ocidente ao modelo social-democrata e à intervenção do Estado na economia, fortalecendo as defesas por um sistema baseado no livre mercado e na livre iniciativa, isto é, o neoliberalismo.¹⁵¹

Além disso, nos Estados Unidos, os custos da Guerra Fria fizeram com que as instituições financeiras revissem suas receitas e propusessem determinados critérios para que outros países contraíssem empréstimos, o que ficou alcunhado como Consenso de Washington de 1989. Entre as questões centrais por trás disso estariam a contenção de gastos públicos e o aumento da eficiência do Estado, resultados que, segundo o Consenso, seriam obtidos por meio de medidas como privatizações de empresas estatais, reforma fiscal e abertura comercial. Conforme abordarei no decorrer deste capítulo, algumas dessas características já começaram a surgir no final do governo de José Sarney, aprofundando-se nas gestões seguintes e assinalando a adesão do Brasil ao modelo neoliberal. Esse processo de austeridade nos investimentos estatais esteve ainda entre os principais fatores que fizeram com que se intensificasse a “onguização” dos movimentos sociais no país – isto é, as organizações de cunho social

¹⁴⁹ MONTEIRO, Ana Lúcia de Oliveira. A Formulação da Agenda Pública e a Formulação do Programa Nacional de DST e Aids. In: MONTEIRO, Ana Lúcia de Oliveira. **A Relação Estado e Sociedade Civil no Processo de Formulação e Implementação de Políticas Públicas: Análise do Programa Nacional de DST e Aids (1980-2006)**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Gestão Social e Trabalho, Universidade de Brasília, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/6649>>. Acesso em 06 out. 2021.

¹⁵⁰ TEIXEIRA, Ana Claudia Chaves. **Identidades em Construção: as Organizações Não-Governamentais no Processo Brasileiro de Democratização**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2000.

¹⁵¹ OLIVEIRA, Júlia Glaciela da Silva. **Militância Ou Profissionalização De Gênero? Um Estudo Comparativo Na Imprensa Feminista Do Brasil, Da Argentina E Do Chile (1981-1996)**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo

passavam a não necessariamente concentrar suas exigências no setor público, mas a atuar de maneira que poderia ser ora de aproximação e negociação com o Estado, ora de distanciamento e “autonomia” em suas ações.

Consoante a esses acontecimentos, também ocorreram, na Europa, a queda do muro de Berlim, a entrada massiva de imigrantes africanos e uma maior preocupação com a profissionalização da população. Isso teria feito com que os investimentos se concentrassem em políticas sociais no Leste Europeu e na África, e critérios mais rígidos fossem exigidos das ONGs beneficiadas no Brasil. Entre eles, a demonstração de resultados efetivos e a maior qualificação das pessoas envolvidas nas atividades. Isso fez com que as ONGs no país se tornassem mais competitivas entre si, uma vez que passaram a disputar esses recursos e, frequentemente, as que possuíam maior estrutura e experiência acabaram se sobressaindo. Além disso, ocorreu ainda um “redirecionamento” de financiamentos no país, uma vez que eles passaram a se concentrar mais nas regiões norte e nordeste, em detrimento do sul e do sudeste, os quais possuíam melhores condições sociais.¹⁵²

A despeito disso, convém salientar que, em 1992, o governo brasileiro recebeu empréstimo do Banco Mundial de modo a viabilizar um programa chamado Projeto Controle Aids e DST. A partir de então, os financiamentos passaram a ser realizados diretamente pelo Estado, enquanto o recebimento de apoio internacional se tornava mais escasso. Esse investimento esteve entre os fatores que possibilitaram a formação de organizações de travestis no decorrer da década, como a Tulipa – Travestis, Transformistas, Unidos Lutando Incansavelmente na Informação e Prevenção da Aids –, fundada em 1994 no município de Santo André e considerada a primeira entidade voltada especificamente a este grupo no país.¹⁵³

Neste contexto, é importante observar que, ainda que a atuação na capital paulista tenha sido pioneira no Movimento Homossexual, ela não foi a mais expressiva nos anos seguintes, passando também por diferenças regionais. De acordo com a antropóloga Regina Facchini, ocorreu uma mudança geográfica neste período, uma vez que os principais grupos a se

¹⁵² TEIXEIRA, Ana Claudia Chaves. **Identidades em Construção: as Organizações Não-Governamentais no Processo Brasileiro de Democratização**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2000.

¹⁵³ BORTOLOZZI, Remom Matheus. **Entre Tapos e Colchas: Vestígios da Memória LGBT Sobre as Primeiras Respostas Paulistas à Epidemia de HIV/Aids**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5137/tde-28092021-112410/en.php>>. Acesso em 25 ago. 2022.

organizarem a partir de então se localizam no eixo Rio de Janeiro-Nordeste, realizando encontros periódicos do final da década de 1980 ao decorrer dos anos 1990.¹⁵⁴

Como aponta a autora, por um lado ocorreu uma “epidemia de informação” do ponto de vista dos movimentos sociais ao longo desses anos, com iniciativas de conscientização e publicação de boletins por parte desses grupos sobre os casos de HIV/Aids e os dados disponíveis até então.¹⁵⁵ Por outro, esse cenário de contenção de custos e aumento da concorrência entre essas organizações acirrou alguns conflitos, além de existirem divergências entre seus agentes a respeito do que deveria ser a democracia recém-instituída, e das relações que deveriam ter com o Estado e o setor privado, conforme mencionei anteriormente. Enquanto alguns viam nisso uma oportunidade para negociar interesses entre esses segmentos e a sociedade civil, outros consideraram que era uma forma do governo terceirizar responsabilidades.¹⁵⁶

Neste contexto, os movimentos sociais não eram os únicos a colocar “propostas” no que diz respeito à prevenção ao vírus. Isso porque, enquanto essas organizações pautavam que a doença poderia ser prevenida com o uso de preservativos, determinados grupos e indivíduos iam a público propor que a solução para isso seria a abstinência sexual, além da manutenção de relacionamentos monogâmicos e da “fidelidade” conjugal.¹⁵⁷ Essas perspectivas tinham respaldo de parte da grande mídia, o que contribuía para a ampliação desses discursos e

¹⁵⁴ FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins. De Cores e Matizes: Sujeitos, Conexões e Desafios no Movimento LGBT Brasileiro. **Cadernos AEL**, vol. 10, 2010. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/359377>>. Acesso em 06 out. 2021.

¹⁵⁵ MARQUES, Maria Cristina da Costa. Saúde e Poder: a Emergência Política da Aids/HIV no Brasil. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 9, p. 41-65, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/SJHgNdc3WBMKgNGfjKQvqfM/?lang=pt>>. Acesso em 09 maio 2021.

¹⁵⁶ TEIXEIRA, Ana Claudia Chaves. **Identidades em Construção: as Organizações Não-Governamentais no Processo Brasileiro de Democratização**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2000.

¹⁵⁷ De acordo com Bortolozzi, na medicina brasileira da época existiriam duas posições a respeito do tratamento do HIV/Aids. A primeira delas seria simbolizada por Ricardo Veronesi, profissional financiado à indústria farmacêutica multinacional, que defendia a aplicação de tratamento de hepatite B para o vírus da imunodeficiência adquirida, e associava a doença a um “castigo da natureza” e à “punição divina”. A outra seria representada por Paulo Roberto Teixeira, que se articulava com os movimentos homossexual e sanitaria a favor de métodos de profilaxia e buscando compreender os aspectos sociais e psicossomáticos do HIV/Aids. Cf. BORTOLOZZI, Remom Matheus. **Entre Tapetes e Colchas: Vestígios da Memória LGBT Sobre as Primeiras Respostas Paulistas à Epidemia de HIV/Aids**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5137/tde-28092021-112410/en.php>>. Acesso em 25 ago. 2022. P. 70

disseminação de preconceitos e discriminações em relação não apenas à sexualidade, mas sobretudo à de cunho homossexual ou homoerótico.

Neste sentido, embora tenham ocorrido mudanças na sociedade no que se refere à busca por democracia, pluralidade e diversidade, isso estava longe de ser um consenso especialmente em relação à sexualidade. O aparecimento do HIV/Aids abriu margem para que diversos preconceitos e estigmas se evidenciassem, além de muitas pessoas acreditarem que poderiam contrair o vírus pelo ar ou tendo contato com homossexuais.¹⁵⁸ Isso fazia com que a abordagem desses assuntos se tornasse particularmente sensível no final da década de 1980, uma vez que, em certos casos, consistia em confrontar crenças nem sempre fundamentadas a respeito da doença. Por esses motivos, analisarei, no próximo tópico, de que modo *Spartacus* abordou esses temas em suas matérias.

2.2. Propostas e críticas em tempos democráticos

Nos tópicos anteriores, abordei, ainda que brevemente, alguns efeitos que a crise econômica, o neoliberalismo e as políticas públicas tiveram sobre a população e, sobretudo, o Movimento Homossexual, o qual passou por um processo similar ao de outros grupos, o que consistiu em uma “onguização” das pautas. Ao mesmo tempo em que este contexto foi marcado por um reconhecimento das discussões que eram colocadas, também ocorreu uma diminuição de investimentos devido à busca por redução de gastos do Estado e ao alinhamento geopolítico brasileiro durante a virada da década para os anos 1990.

Este foi um cenário correspondente não apenas a essas agremiações, uma vez que as questões do período iam para além de fatores como a dimensão da participação do governo na economia ou em repasses de verbas para áreas sociais. No âmbito institucional, aspecto de grande significado na transição para a democracia foi a volta das eleições para as três esferas de governo e a instituição do pluripartidarismo.

Isso porque, na ditadura militar, as possibilidades de organização da população em partidos para defender interesses em comum passaram por restrições com a instituição do

¹⁵⁸ TROVÃO, Flávio Vilas-Bôas. "30 Anos De Isolamento: o HIV e a Trajetória da AIDS no Filme" Meu Querido Companheiro". **Caderno Espaço Feminino**, 26, no. 2 (2013). Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/24668>>. Acesso em 06 out. 2021.

bipartidarismo, em 1965. Com esse sistema, apenas duas legendas podiam concorrer: a Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB).

No entanto, uma vez que a oposição ao regime militar foi crescente na década de 1970, em 1980 foi aprovada a Lei da Reforma Partidária, que possibilitou à população se organizar em diversos partidos políticos. Desta forma, o MDB se tornou PMDB, e surgiram ainda os PDS, PDT, PTB e PT. Mas isso não foi suficiente para conter a insatisfação das pessoas, que continuaram realizando manifestações. Em 1983, as centrais sindicais então convocaram uma greve e, no mesmo ano, o PMDB realizou um comício pela volta das eleições diretas, propostas por meio da Emenda Dante de Oliveira. Essas mobilizações continuaram no ano seguinte e, embora o projeto não tenha sido aprovado, a oposição conseguiu fazer com que o Congresso decidisse por uma presidência mais "moderada", tendo Tancredo Neves como seu representante. No entanto, Neves faleceu, e quem empossou em 1985 foi seu vice, José Sarney, um político “[...] tutelado pelos militares”, que acabaria assumindo o projeto de fazer a transição para a democracia.¹⁵⁹

Apesar do reconhecimento dos direitos políticos, sociais e humanos na transição para a democracia, muitas tensões e questões permaneceram no início do regime democrático, como as crises econômica e sanitária. Enquanto alguns dos partidos emergentes eram a favor de manter um Estado forte e presente na economia, outros defendiam a diminuição de gastos e aderência a medidas neoliberais. Além disso, a epidemia de HIV/Aids fez surgirem diferentes “soluções” possíveis para a questão, por vezes conflitantes – como, por um lado, a manutenção da abstinência sexual, e por outro, o incentivo ao uso de camisinhas –, de modo que grupos organizados se posicionaram a respeito das que consideravam serem as melhores formas de resolução.

Portanto, neste item, buscarei analisar de que forma esses aspectos foram acompanhados por *Spartacus*, e quais foram as respostas apresentadas por diferentes organizações da sociedade na ocasião em relação ao HIV/Aids. Assim, procurarei compreender o posicionamento da revista *Spartacus* em meio a essas divergências.

¹⁵⁹ NAPOLITANO, Marcos. Tempos de Caos e Esperança. In: NAPOLITANO, Marcos. **1964: História Do Regime Militar Brasileiro**. Editora Contexto, 2014. p. 351

2.2.1. “O médico responde”: a “síndrome” nos artigos da revista

As primeiras abordagens em *Spartacus* a respeito do HIV/Aids surgiram no que considero como a segunda fase da revista. Antes disso, a sexualidade era retratada de maneira relativamente contida, algo que discutirei no terceiro capítulo desta pesquisa. Já a partir de 1988, esses temas passaram a ser tratados de forma menos amena, centrando-se na crítica social e passando a abordar diretamente sobre o impacto do HIV/Aids na vida dos homossexuais. Embora não esteja muito explícito em nenhum dos textos da revista, acredito que a intensificação das discussões a respeito da Constituinte seja um fator importante para que *Spartacus* começasse a se manifestar de maneira mais incisiva, uma vez que o contexto apontava para uma maior conquista de espaço para discussão de pautas sociais.

No lançamento da seção de *Opinião*, um texto assinado por Hélio Alan dissertou ao longo de uma página inteira sobre as relações homossexuais. Ele criticou o que chamou de “força moral” que estaria a serviço de poderes econômicos e políticos, e também o isolamento ao qual condicionariam os homossexuais, os quais estariam procurando uma “[...] tentativa de ser felizes, qualquer que seja esta maneira de o ser”. Para Alan, a moral estaria no lado oposto ao da “liberdade”, embora esta também estivesse a serviço de “[...] interesses nem sempre convenientes a todos”:

Desta forma, forja-se um simulacro de liberdade deixando com que homossexuais frequentem as ruas, façam “farra” e promovam-se. Porém, a sociedade que aparentemente aceita que dois homens façam sexo é a mesma que impede-lhes que (con)vivam juntos e juntos compareçam diante de toda e qualquer situação mais formal onde o nome da moral pudesse, eventualmente, ser ferido¹⁶⁰

Elementos deste texto possibilitam interpretar que, apesar de no regime democrático já não mais vigorar legislação como a que punia comportamentos considerados contra “a moral e os bons costumes” e movimentos sociais conseguissem se formalizar institucionalmente, o cenário era diferente no dia a dia da população, sobretudo homossexual. Conforme mencionado, no final dos anos 1980 continuaram a existir os “rondões” em partes da cidade frequentadas por essas pessoas, além das empresas que usaram o HIV/Aids como justificativa para demissões e

¹⁶⁰ ALAN, Hélio. *Spartacus*, São Paulo (SP), ano 2, n. 4, 1988. Opinião, p. 3.

mesmo os empecilhos encontrados pelos grupos na virada da década para aprovar leis contra a discriminação. Alan finaliza seu texto escrevendo que:

Achamos que o momento é de reflexão e manifesto, não só devido à AIDS, mas também porque a sociedade encontrou nela um poderoso aliado para fazer retroceder os pequenos avanços alcançados no campo da sexualidade e o pouco espaço (não meramente físico, mas cultural, artístico, social e espiritual) que alcançamos até agora.¹⁶¹

Desta forma, percebe-se que *Spartacus* procurou, a partir deste momento, estimular reflexões críticas a respeito dos acontecimentos da época. Embora não chegasse a ser um boletim político, o veículo começou a dar indícios de que seu público deveria ficar “atento”, pois, como pontua Alan, determinadas ações teriam o propósito basicamente de “usar” essa população para obtenção de lucro, independentemente de ser por meio do incentivo ao consumo ou à violência.

Figura 15 – Primeiro artigo sobre HIV/Aids em *Spartacus*



ALAN, Hélio. O Momento é de Reflexão. *Spartacus*, São Paulo (SP), ano 2, n. 4, 1988.

Opinião, p. 3.

¹⁶¹ ALAN, Hélio. *Spartacus*, São Paulo (SP), ano 2, n. 4, 1988. Opinião, p. 3.

Em alguns casos, o tema do HIV/Aids apareceu “diluído” em meio a conteúdos com outros focos, como em uma entrevista concedida pelo bailarino Mikhail Baryshnikov acerca de sua carreira, em que foi abordado a respeito de sua participação em uma apresentação de “Quebra-Nozes”, a qual teria a renda convertida em uma campanha contra o HIV/Aids.¹⁶²

As aparições sobre essa questão começaram a ocorrer também na coluna que foi denominada ora de “*O médico responde*”, ora de “*Consulta médica*”. Nesta, o conteúdo, em alguns casos, consistia em respostas a perguntas de leitores sobre diversas questões relacionadas à saúde e, em outros, foram publicados artigos, ambos assinados por Maurício Aricó. Ainda que grande parte das dúvidas enviadas fossem sobre sexualidade, também era dado espaço para outras relacionadas a cuidados físicos ou mesmo estética. Na primeira aparição desta coluna, por exemplo, foram abordados temas como ejaculação precoce, acne e dores musculares.

Figura 16 – Coluna *O Médico Responde*



ARICÓ, Maurício. *O Médico Responde*. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 2, n. 6, 1988. P. 19.

Chama atenção a preocupação de uma leitora que, na mesma edição, afirmou ter visto “[...] em uma conhecida revista uma polêmica de sexólogos americanos” a respeito do HIV/Aids ser transmitido por meio de “[...] beijos prolongados”. A resposta que ela obtém é:

Os veículos de transmissão da Aids são apenas três – sangue, esperma (sêmem) e secreções genitais femininas. Existe uma dúvida, ainda não resolvida, sobre o

¹⁶² ARICÓ, Maurício. Mikhail Baryshnikov. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 2, n. 5, 1988. Opinião, p. 20.

leite materno. Todo o resto, incluídos, saliva e suor é epidemiologicamente sem valor, conseqüentemente, de risco zero ou próximo do zero. O melhor é preocupar-se com a realidade e não com a ficção.¹⁶³

Essas afirmações de Aricó – informando de maneira sucinta e, de certa forma, ríspida – indicam como *Spartacus* abordou sobre o HIV/Aids ao longo das edições seguintes, principalmente no que diz respeito aos boatos que circularam na sociedade naquela época.

Formado em Dermatologia, Aricó trabalhou dando assistência a pacientes com HIV/Aids a partir de 1982, fazendo passagem pelos Estados Unidos para estudar e mantendo contato com o *Gay Men Health Crisis*. Em 1986, trabalhou com o presidente da organização, Nathan Fainn, em um hospital norte-americano, atuando com o Sarcoma de Kaposi. Foi membro da Sociedade Brasileira de Dermatologia e, em 1987, publicou o livro *Aids: mitos e verdades*, no qual escreveu informando sobre fatores de risco e sintomas, e dissertou sobre as relações homossexuais.¹⁶⁴

Na oitava edição de *Spartacus*, de 1988, Aricó publicou um artigo intitulado “CUIDAIDS!”, procurando sintetizar as respostas ao grande número de cartas que recebia com perguntas sobre a doença. O texto, de uma página e meia, foi direto. Disse que associar o vírus apenas a “grupos de risco” seria “[...] demonstrar ignorância e preconceito”, acrescentando que

Ela não tem fronteiras nem geográficas, nem sociológicas e nem de preferência ou orientação sexual. Eram considerados grupos de risco os homossexuais ou bissexuais, os toxicômanos, os hemofílicos, os politransfundidos, mas a trágica disseminação da moléstia, como já dissemos, todas as pessoas podem estar expostas ao contágio.

A Aids é contagiosa, mas não se transmite como a gripe. Não é transmitida pelo ar, com a tosse, espirro, comendo ou bebendo em utensílios comuns. Também não é transmitida através de privadas, banheiros, piscinas, ônibus, nem se pega AIDS ficando perto de pessoas infectadas pelo vírus. Trabalhar no mesmo local, morar na mesma casa, frequentar clubes, restaurantes, locais públicos, cinemas, teatros, festas, são atividades sociais que não oferecem riscos de contrair vírus. Inexistem provas de que a doença seja transmitida pelo mosquito, inclusive o boato surgiu, levantada a hipótese por um médico proprietário de fábrica de inseticida, o que nos faz crer, ainda mais, nos interesses políticos e econômicos desta hipotética transmissão.¹⁶⁵

¹⁶³ ARICÓ, Maurício. O Médico Responde. *Spartacus*, São Paulo (SP), ano 2, n. 6, 1988. O Médico Responde, p. 19.

¹⁶⁴ ARICÓ, Vicente Maurício. *AIDS: Mitos e Verdades*. São Paulo: Editora Ícone. 1987.

¹⁶⁵ ARICÓ, Maurício. CUIDAIDS!. *Spartacus*, São Paulo (SP), ano 2, n. 8, 1988. Opinião, p. 3.

Ao mesmo tempo em que o artigo marcou uma posição de que o leitor não deveria negligenciar os perigos da doença – isto é, acreditar que ela seria restrita apenas a grupos com determinadas características –, também foi enfático em relação aos preconceitos da época. Nota-se uma preocupação em desmentir detalhadamente diferentes boatos a respeito dos meios de transmissão, principalmente no que diz respeito a espaços sociais: teatros, festas, entre outros. Este aspecto é significativo quando se leva em consideração que, desde a primeira edição, *Spartacus* possuía duas seções – *Roteiro* e *Entre nessa* - que incentivaram o encontro entre homens e a frequência a lugares em que isso fosse possível. É interpretável, portanto, que a posição da revista em relação a isso era de que essas pessoas não deveriam deixar de ter uma vida social e sexual ativas, desde que se prevenissem.

No texto, Aricó discorreu ainda sobre os meios de transmissão, sintomas e cuidados que as pessoas deveriam ter para não se contagiar. E finalizou:

Se você possuir o teste positivo para a Aids, não se desespere, não são todos os positivos que desenvolverão a doença, mas não doe sangue, plasma, esperma ou órgão. E em caso de dúvidas, informe-se nos Centros de Saúde ou procure seu médico de confiança¹⁶⁶

Além de demonstrar certa cautela no modo como o leitor poderia reagir ao descobrir possuir HIV/Aids, o tom empregado no artigo diferia do modo como o assunto era tratado por parte do restante da grande imprensa. Como aponta o sociólogo Carlos Guilherme do Valle, os veículos de comunicação associaram com frequência o vírus aos homossexuais masculinos no início da década de 1980, taxando-o de “doença gay”. A partir da descoberta de casos em mulheres e hemofílicos, o termo então foi relativizado, e essas organizações passaram a utilizar o conceito de “grupos de risco” – o que, como salienta o autor, “[...] permitia que muitas pessoas não se identificassem com o risco de infecção”¹⁶⁷. Ainda de acordo com Valle, termos como “paciente”, “vítima” e “portador de AIDS” foram amplamente utilizados pela mídia entre os anos de 1983 e 1987, associados a imagens dessas pessoas em camas de hospitais. No final da década, “aidético” passou a ser a categoria em voga, funcionando como uma forma de identificação genérica, aplicável tanto a homens quanto a mulheres, crianças, etc., independentemente do estágio em que estivessem da doença. No entanto, esse conceito

¹⁶⁶ ARICÓ, Maurício. CUIDAIDS!. *Spartacus*, São Paulo (SP), ano 2, n. 8, 1988. Opinião, p. 3.

¹⁶⁷ VALLE, Carlos Guilherme do. Identidades, Doença e Organização Social: um Estudo das "Pessoas Vivendo com HIV e AIDS". *Horizontes Antropológicos*, v. 8, p. 179-210, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ha/a/HFxjkCBBsCnvHdN8Nfk7ncS/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em 10 jan. 2022. P. 184.

consistia em uma representação vinculada à morte e a uma “[...] trajetória moralmente condenada”.¹⁶⁸

Essa análise vai ao encontro de observações de outros pesquisadores sobre o tema. Os historiadores Georgiane Garabely Heil Vázquez e Frederico Renan Hilgenberg Gomes escrevem que, nos anos iniciais do HIV/Aids, a revista *Manchete* associou o vírus à homossexualidade devido ao fato de serem as primeiras vítimas identificadas, sendo um caso disso a primeira matéria publicada no periódico sobre o tema, em 1982, com o título “A misteriosa doença dos homossexuais”. Em meados da década, *Manchete* teria se afastado dessa concepção, procurando entrevistar diferentes médicos sobre o assunto e, inclusive, criticando o termo “grupos de risco”; no entanto, como apontam Vázquez e Gomes, as pesquisas a respeito ainda eram incipientes, o que fazia com que as informações divulgadas fossem “desencontradas”. Isto é, havia uma pluralidade de diagnósticos difundidos em relação às causas da doença, gerando confusão nas possíveis interpretações, a exemplo de dúvidas se o vírus seria transmissível por meio do beijo ou por mosquitos.¹⁶⁹

Em análise das revistas *Isto é* e *Veja* nas décadas de 1980 e 1990, o comunicólogo Paulo César Castro aponta o modo como ambas as revistas construíram essa conexão entre HIV/Aids e morte ao longo da epidemia, sobretudo de homossexuais. De acordo com o pesquisador, isso teria ocorrido no decorrer dos textos que publicaram, construindo uma lógica na qual o comportamento sexual dessas pessoas as teria levado a contrair o vírus, culminando inevitavelmente em óbito. Castro escreve ainda que essas representações não se limitaram ao conteúdo das reportagens, uma vez que foram inclusive capas dessas publicações, como no caso de uma manchete de *Veja* publicada em agosto de 1988 com a chamada “AIDS: os que vão morrer contam sua agonia”.¹⁷⁰

Abordagens semelhantes eram realizadas nas campanhas do Ministério da Saúde. O órgão, desde o ano anterior, havia passado a veicular na televisão ações de prevenção e

¹⁶⁸ Ibid., p. 185

¹⁶⁹ VÁZQUEZ, Georgiane Garabely Heil; GOMES, Frederico Renan Hilgenberg. Da “Doença Misteriosa dos Homossexuais” à Aids: Notas sobre Aids na Revista *Manchete* – década de 1980. **Revista NUPEM**, v. 13, n. 30, p. 26-45, 2021. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8084216>>. Acesso em 10 jan. 2022.

¹⁷⁰ CASTRO, Paulo César. A Enunciação Midiática da Sexualidade a partir da Aids: os Discursos de *Veja* e *Isto É* nas Décadas de 1980 e 1990. In: **Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. 2005. p. 05-09. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/31525644888324662420081064433588588489.pdf>>. Acesso em 10 jan. 2022.

incentivo ao uso de camisinhas. Segundo Grazielle Regina de Amorim Arraes, as propagandas realizadas pelo ministério utilizavam *slogans* com palavras de ordem, como “Aids, você precisa saber evitar!” e “Aids, pare com isso”, além de conter mensagens que davam ênfase a uma associação entre a doença e a morte. Nas campanhas de 1988, por exemplo, eram veiculadas frases como “Lembre-se que a Aids é uma doença mortal, que está se alastrando cada vez mais”¹⁷¹.

Além de evitar narrativas como essas, outro aspecto que diferenciava *Spartacus* das abordagens da época é o fato de sua ênfase ser dada menos ao comportamento dos indivíduos e mais às falhas no sistema de saúde e nas políticas públicas. Isso fica evidente logo no segundo artigo de Aricó, publicado na décima edição, em 1989. A chamada usada no texto é “O Brasil está na U.T.I.”. Neste caso, entretanto, o HIV/Aids é apenas um dos vários problemas criticados pelo autor em seu texto. Os intertítulos foram frases destacadas em negrito no decorrer da reflexão, ao invés da habitual prática jornalística de separar em blocos com chamadas curtas. Cada um desses destaques foi dado chamando atenção para diferentes questões em relação ao acesso ao sistema de saúde: “[...] Um gigante deitado, não em berço esplêndido, mas combatido”, “[...] Da epidemia da bicha até a Aids, o país não controla suas doenças”, “[...] A política de saúde condena o brasileiro, e especialmente, o nordestino, à fome e à miséria”, e “[...] Saúde é um bem estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença”.

Ao longo da matéria, Aricó reforçou a opinião de que o poder público não estaria preocupado em prevenir e tratar enfermidades com alta incidência no Brasil, citando a dengue, a febre amarela, o HIV/Aids e a hanseníase. O articulista criticou ainda as altas taxas de subnutrição, os baixos salários da população e inclusive os dados disponibilizados pelos órgãos públicos, afirmando que eles seriam “[...] atingidos pelo mal crônico da subnotificação”. Ao fim do texto, defendeu que fosse realizada uma “Educação para a Saúde”, embora não cite necessariamente o que considerava dentro deste conceito, e comparou o número de crianças mortas no Brasil com a quantidade do Hemisfério Norte.¹⁷²

¹⁷¹ ARRAES, Grazielle Regina de Amorim. Do Tempo De “Paz E Amor” Para A Era Do Amor Contido. In: **Entre O Desejo E A Culpa: A Transformação Do Comportamento Sexual E As Mudanças Da Noção De Risco Nas Campanhas De Prevenção À Aids No Brasil (1981-2013) E Estados Unidos Durante A Década De 1980.** 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/160558/337713.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 13 jan. 2021.

¹⁷² ARICÓ, Maurício. O BRASIL ESTÁ NA U.T.I. *Spartacus*, São Paulo (SP), ano 3, n. 10, 1988. O Médico Responde, p. 15.

Convém observar que, além do contexto de epidemia do HIV/Aids, essas críticas eram consonantes às reivindicações do movimento pela Reforma Sanitária, ainda que não haja indícios de envolvimento direto de Aricó com os grupos organizados em questão. Neste período, os serviços de saúde ainda eram centralizados em órgãos como o Sistema Nacional de Saúde, a Secretaria Nacional de Ações Básicas de Saúde e o Sistema Nacional de Previdência Social, do qual fazia parte o Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (INAMPS). Para ter acesso a estes, entretanto, era necessário possuir vínculo empregatício, o que excluía parte significativa da população brasileira. É possível interpretar, portanto, que as críticas em *Spartacus* ocorriam como forma de expor os problemas do sistema sanitário vigente, destacando a necessidade de um modelo que tivesse capacidade de atender às necessidades da população inteira.¹⁷³

Essas abordagens críticas aparecem também em uma matéria publicada na edição de número 13, a qual iniciou reportando a respeito do GAPA. Seis parágrafos foram dedicados a explicar sobre o grupo, e uma coluna da matéria, ao final, foi usada para informar a respeito dos endereços e telefones de contato de 11 unidades da ONG, principalmente de bairros de São Paulo e em capitais do Sudeste, Norte e Nordeste do país. Junto ao título da matéria, cerca de um terço da página, na parte superior, foi protagonizado por anúncios das marcas de camisinha *Lovetex*, *Jontex*, *Preserv* e *Olla*¹⁷⁴, o que pode ser um indicador do interesse de *Spartacus* em estimular que seus leitores utilizassem preservativos em suas relações sexuais.

¹⁷³ GRANGEIRO, Alexandre; SILVA, Lindinalva Laurindo da; TEIXEIRA, Paulo Roberto. **Resposta À Aids No Brasil: Contribuições Dos Movimentos Sociais E Da Reforma Sanitária**. 2009. Disponível em: <<https://www.scielosp.org/article/rpsp/2009.v26n1/87-94/pt/>>. Acesso em 13 jan. 2021.

¹⁷⁴ RESENDE, Valdo. O Programa dos Presidenciáveis para AIDS. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 3, n. 13, 1989. Especial, p. 15

Figura 17 - Matéria sobre o GAPA com anúncios de camisinhas



Fonte: revista Spartacus, ano III, n. 13, 1989, p. 15; acervo Bajubá

Entretanto, mais do que divulgar sobre o GAPA, o foco da reportagem consistiu em, principalmente, analisar as propostas dos candidatos à presidência da República no que diz respeito ao HIV/Aids. *Spartacus* fez então um quadro comparativo das políticas anunciadas por Fernando Collor, Mário Covas, Luiz Inácio Lula da Silva, Leonel Brizola, Paulo Maluf e, por fim, uma coluna contendo as respostas que seriam dadas pelo fictício candidato “Ideal”. Este apresentaria respostas defendendo a disseminação de informações na mídia e em escolas de modo “[...] livre de qualquer tom moralizante”, a distribuição de preservativos em penitenciárias e de seringas descartáveis a usuários de drogas, além de destinar recursos públicos e propor incentivos às empresas para aquisição de medicamentos.

oitava potência mundial e no entanto, o sistema educacional tinha sua verba reduzida a zero.¹⁷⁶

Segundo Aricó, tanto as drogas quanto o sexo teriam sido uma “fuga” para essas gerações desiludidas com a política e a economia da época. Ele disserta ainda a respeito de artistas que, durante certo tempo de suas carreiras, teriam apologizado ambas as práticas, mas que, em meio à epidemia de HIV/Aids, mudaram de posicionamento ou mesmo faleceram. Apesar disso, o autor considera que um dos principais responsáveis pela disseminação da doença seriam os governos:

Os hemofílicos, na verdade, são mais vítimas do chamado milagre brasileiro do que da Aids. Construiu-se Angra 1, Itaipu, Transamazônica no maior e mais belo país da América do Sul às custas da miséria do sistema previdenciário, que continua não fazendo nada aos portadores de esquistossomose ou dos hansenianos.¹⁷⁷

Essas críticas permaneceram em análise do articulista a respeito das campanhas empreendidas pelo Governo Federal:

Buscar soluções para amenizar o problema Aids, drogas, no momento, significa tratar a conscientização popular com os recursos disponíveis: campanhas de esclarecimento público. Em 1987, o ex-presidente José Sarney cortou em 40 por cento a verba destinada à veiculação da campanha de prevenção à Aids que teria um custo total de US\$ 1 milhão. Mesmo com o corte, as propagandas feitas para a tevê não relevam o caráter emergencial necessário para a prevenção [...]

Afinal, a maioria dos brasileiros, usuários de drogas, tem problemas existenciais justamente por não possuir os recursos que o jovem da propaganda mostra ter: carro, mulher bonita e praia.

É evidente que os jovens, com propaganda ou não, continuarão usando o que o mercado oferece para amenizar os problemas que ele causa na população: famílias mal estruturadas, falta de creches, pai que enche a cara pela desilusão de não poder oferecer ao filho um futuro melhor, um ensino precário, onde a maioria vai pra escola para comer a única refeição do dia, enquanto os irmãos menores são trancados em casa para a mãe sair pro trabalho. É muito mais fácil trocar pela droga a solução de todos esses problemas.

¹⁷⁶ ARICÓ, Maurício. Drogas x Aids: As Grandes Perdas Da Década. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 3, n. 16, 1990. Especial, p. 6

¹⁷⁷ ARICÓ, Maurício. Drogas x Aids: As Grandes Perdas Da Década. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 3, n. 16, 1990. Especial, p. 6

Assim como na matéria que tratou a respeito dos boatos sobre as formas de transmissão do HIV/Aids, este também descreve detalhadamente o que está criticando – neste caso, as condições financeiras e sociais das famílias que acabariam expostas tanto às drogas quanto ao vírus. No entanto, nota-se também que o texto faz uma associação específica sobre o uso de drogas a famílias de baixa renda, sem realizar menções desse comportamento a pessoas com maior poder aquisitivo. Aricó parece associar essa questão social à falta de acesso a serviços de qualidade e a bens de consumo por parte da população. Uma vez que *Spartacus* procurava se posicionar como uma revista voltada a um público “refinado”, essa relação entre ambos os fatores gera a impressão de que, para a publicação, embora este fosse um importante problema a ser discutido no país, ainda assim não seria algo que dissesse respeito diretamente à vida de seus leitores.

Figura 19 – Matéria sobre HIV/Aids, drogas e fama, com fotos dos atores Rock Hudson, Lauro Corona e Anthony Perkins



Fonte: revista Spartacus, ano III, n. 16, 1990, p. 23; acervo Bajubá

Por fim, a última vez em que o tema apareceu foi na décima sétima publicação, em que utilizou como gancho a morte do cantor Cazuzza. Novamente, o alvo das críticas foi direcionado especialmente ao setor público, mencionando números de presos infectados e questionando a capacidade do sistema previdenciário de atuar nessas questões. Neste artigo, desta vez escrito por Resende, foi feita uma crítica à mídia, por veicular de maneira sensacionalista a morte do

artista, ao invés de informar sobre o HIV/Aids. “[...] Por que não reservar um terço desse espaço para alertar a população sobre os perigos que corre?”, questionou.¹⁷⁸

É notável, portanto, que o HIV/Aids parece ter seguido uma escalada em importância na revista ao longo dos anos, uma vez que a abordagem apareceu por meio dos leitores e, então, passou a ser pauta de artigos cada vez mais frequentes e robustos em quantidade de páginas. Apesar de ser uma revista erótica, *Spartacus* não se limitou a ser apenas um vago entretenimento sexual, uma vez que produziu também críticas sociais e políticas que acompanharam as discussões ocorridas na sociedade brasileira da época no que diz respeito a esta questão. Em alguns casos, a publicação parece até mesmo querer se diferenciar do modo como as informações sobre o vírus eram disseminadas em outros veículos e, principalmente, das campanhas realizadas pelo governo da época. Considerando os acontecimentos do período de circulação dessas 17 edições, acredito que esse tenha sido justamente um dos motivos de *Spartacus* ter sido lançada e levada adiante ao longo dos três anos seguintes.

Interpretando a forma como Aricó e Resende expressaram seus pontos de vista, creio que a veiculação da opinião de ambos fosse de interesse estratégico para a editora de *Spartacus*, uma vez que os textos deles a respeito do HIV/Aids começaram a aparecer com certa frequência a partir das abordagens iniciais. Além disso, os acontecimentos em relação ao HIV/Aids e ao sistema público de saúde constituíram um cenário em que essas discussões fossem pertinentes de serem levantadas devido à atualidade da questão. É de se supor que Maurício Aricó, por sua experiência profissional atuando com o Sarcoma de Kaposi e o *Gay Men Health's Crisis*, teria proximidade ou ao menos familiaridade significativa com as questões de saúde postas nos artigos, ainda que não necessariamente aos movimentos sociais. Apesar disso, os textos de Aricó parecem mais voltados a uma parcela da população com certo poder aquisitivo, uma vez que, conforme será abordado adiante, apresentava uma visão negativa de contextos que envolviam pessoas de baixa renda.

Nos textos referentes ao HIV/Aids, *Spartacus* parece se situar em meio a um embate em relação ao tratamento do corpo. Em um contexto de campanhas e notícias apontando de maneira negativa a prática sexual, especialmente entre homens, sugerindo uma responsabilidade individual pela transmissão da doença, a revista optou por expor dados sobre a despreocupação do serviço público em tratar enfermidades em geral, sendo o HIV/Aids mais uma entre elas.

¹⁷⁸ RESENDE, Valdo. Um Pouco do Muito que Não Foi Dito. *Spartacus*, São Paulo (SP), ano 3, n. 17, 1989. Opinião, p. 3.

Entretanto, *Spartacus* não ignorou a questão, informando seus leitores a respeito de como procurar assistência e expondo pontos de vista que considerava “ideais” para solucionar o problema, como a distribuição de camisinhas e seringas.

A subnutrição, a malária, a dengue e o uso de drogas injetáveis foram alguns dos pontos levantados por *Spartacus* em suas matérias e que se relacionam aos efeitos das políticas e condições sociais no corpo da população. Os três primeiros, por falta de agência do setor público; o último, por influência da mídia. Desta forma, parece-me que os autores expressaram um posicionamento no que diz respeito à gestão da vida e da morte da população¹⁷⁹ e, especialmente, ao modo como os cortes de gastos nessas políticas seriam agravantes para problemas como a disseminação do HIV/Aids e o uso de drogas.

Esse contexto de austeridade, conforme abordei anteriormente, foi um efeito não apenas da crise econômica, mas também do lugar que o Brasil ocupou nas relações internacionais do período, das decisões tomadas pelos governantes durante a transição e da adesão ao neoliberalismo. Portanto, no próximo item, discutirei a respeito desses aspectos e do modo como *Spartacus* se posicionou na ocasião em que essas mudanças aconteceram no país.

2.2.2. “Brasil: ex-país da esperança”: política e economia em “Opinião”

Não apenas o HIV/Aids, mas também as propostas eleitorais e as questões econômicas foram acompanhadas por *Spartacus*, principalmente a partir do lançamento de sua seção de opinião, a qual, já na quinta edição, de 1988, criticou as medidas adotadas pelo governo no que diz respeito à inflação. No artigo, seu autor, Márcio Castro, apontou que esse aspecto monetário seria responsável por causar “angústia” nas pessoas, fazendo com que a população sonhasse em mudar de país e associasse o sistema democrático à corrupção. Isso porque as eleições teriam ocorrido “[...] sob o clima do Plano Cruzado” fazendo com que o PMDB ganhasse “[...] de lavagem em todos os lugares” para, logo em seguida, deixar que o projeto fosse “[...] posto de lado”. O artigo assinalou ainda que a medida fez o país sentir uma breve esperança para então

¹⁷⁹ FOUCAULT, Michel. **História Da Sexualidade I**: A Vontade De Saber. São Paulo: Graal, 2005.

se afundar ainda mais, mas que as mobilizações políticas em torno das eleições presidenciais poderiam reviver as expectativas das pessoas.¹⁸⁰

Conforme mencionei no início deste capítulo, o PMDB foi o partido que ficou responsável por realizar a transição da ditadura militar para a democracia, sendo José Sarney o representante na presidência da República. Além disso, havia a expectativa de que ocorresse uma solução definitiva para a crise econômica, sendo o Plano Cruzado a primeira das tentativas do governo vigente de cumprir esse objetivo.

De acordo com o historiador David Maciel, no decorrer da década de 1980, houve uma concentração de capital nas grandes empresas no Brasil, de modo que monopólios e oligopólios passaram a constituir a maior parte da fatia de participação de mercado. Com isso, pequenos e médios empresários se alinharam aos opositores à ditadura, mais especificamente no que era representado pelo PMDB.¹⁸¹ Porém, ao longo do governo Sarney, ocorreram divergências em relação às propostas defendidas pelos grupos empresariais, os quais são identificados como “desenvolvimentistas” e “liberais”. O primeiro grupo seria a favor de pautas como subsídios à indústria nacional, expansão do mercado interno e investimento em áreas sociais; já o segundo se posicionaria contra as intervenções do Estado na economia, sendo favorável a investimentos estrangeiros no país e redução nos gastos sociais.¹⁸²

Segundo Moreira, embora o governo Sarney tenha características neoliberais, é na gestão seguinte, de Collor, que esse sistema se consolidou. Isso porque, embora em determinados períodos de sua gestão houvesse a adoção de políticas liberais – como privatização de empresas estatais e arrocho salarial – também ocorreram ações intervencionistas, sendo exemplo disso o congelamento de preços.¹⁸³

¹⁸⁰ CASTRO, Márcio. Brasil Ex-País da Esperança. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 2, n. 5, 1988. Opinião, p. 3.

¹⁸¹ MACIEL, David. Ditadura Militar, Transição Política e Hegemonia Neoliberal no Brasil. In: SILVA, Carla Luciana et al. **Ditadura, Transição e Democracia: Estudos sobre a Dominação Burguesa no Brasil Contemporâneo**. Porto Alegre (RS), FCM Editora, 2016.

¹⁸² DE ALMEIDA, Gelsom Rozentino. O Caráter Classista da Ditadura. In: SILVA, Carla Luciana et al. **Ditadura, Transição E Democracia: Estudos sobre a Dominação Burguesa no Brasil Contemporâneo**. Porto Alegre (RS), FCM Editora, 2016.

¹⁸³ MOREIRA, João Paulo Oliveira. Crise De Hegemonia No Brasil Dos Anos 1980: O Plano Cruzado E As Tensões Intraclasses Dominantes. **Alamedas**, v. 5, n. 1. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/alamedas/article/view/17010/11856>>. Acesso em 10 jan. 2022

É importante salientar que, neste contexto, grandes veículos de comunicação, como *Isto é*,¹⁸⁴ *O Globo*, *O Estado de S. Paulo*,¹⁸⁵ *Jornal do Brasil* e *Folha de S. Paulo*¹⁸⁶ publicaram editoriais críticos a respeito do modelo de intervenção do Estado na economia, ora direta, ora indiretamente. Em meio à redemocratização, essa parte da imprensa associou o processo de abertura à democracia como um interesse da população não apenas na liberdade política, mas também individual e econômica. Para esses impressos, a solução econômica para o país consistiria em maior abertura ao capital internacional, de modo a se inserir em uma conjuntura global de desenvolvimento.¹⁸⁷

Foi em meio a esse cenário de crise e embate que surgiram os diversos projetos econômicos que marcaram a gestão de Sarney, iniciando pelo Plano Cruzado. Instituído em 1986, a iniciativa consistiu em criar uma nova moeda - isto é, o cruzado -, congelar preços e desindexar a economia. No entanto, essas medidas fizeram com que determinados produtos ficassem com preços defasados, fazendo alguns empresários recorrerem a "truques" como retirar parte dos itens de suas embalagens para que elas ficassem mais leves, compensando a diferença em seus valores. Esse congelamento deixou também a carga tarifária desatualizada, gerando um déficit no orçamento do setor público, além de que a grande valorização da moeda desestimulou o mercado externo.

Para solucionar problemas como esses, o Governo Federal procurou então desincentivar a demanda interna, iniciativa que ocorreu logo após as eleições de 1986, com a instituição do Plano Cruzado II, tópico que abordarei adiante. Desta forma, houve um aumento em impostos, incidindo sobre os produtos industrializados (IPI), e a diminuição de subsídios, ocasionando o crescimento da inflação. Além disso, com o objetivo de recuperar suas reservas internacionais,

¹⁸⁴ LOHN, Reinaldo Lindolfo. Nova República, Imprensa e Transição Política no Brasil: o Caso da Revista IstoÉ (1976-1985). XVI **Encontro Estadual de História da ANPUH – SC: História e Movimentos Sociais**. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/43/1463746474_ARQUIVO_AnpuhSC2016ReinaldoLohn.pdf>. Acesso em 10 jan. 2022.

¹⁸⁵ DA LUZ, Thaíze Ferreira. O Papel Institucional da Imprensa na Nova República Brasileira pela Visão de O Globo e O Estado De S. Paulo. **Revista Brasileira De História Da Mídia**, V. 9, N. 1, 2020. Disponível em: <<https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/6682>>. Acesso em 10 jan. 2022.

¹⁸⁶ FONSECA, Francisco. O Conservadorismo Patronal da Grande Imprensa Brasileira. **Opinião Pública**, v. 9, p. 73-92, 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/op/a/QKcD8Yn4fK6qYmMgXX5PtHw/abstract/?lang=pt>>. Acesso em 10 jan. 2022.

¹⁸⁷ FONSECA, Francisco. O Conservadorismo Patronal da Grande Imprensa Brasileira. **Opinião Pública**, v. 9, p. 89, 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/op/a/QKcD8Yn4fK6qYmMgXX5PtHw/abstract/?lang=pt>>. Acesso em 10 jan. 2022.

o Estado também determinou uma moratória unilateral em fevereiro de 1987, o que gerou divergências as quais fizeram parte de sua equipe econômica se demitir e um novo plano ser constituído, chamado de Bresser Pereira.

Este consistia em um programa emergencial que objetivou, principalmente, diminuir o déficit no setor público e recuperar o superávit comercial. Entre as diferenças em relação ao Plano Cruzado, estava o fato de não propor uma nova moeda, além de reajustar taxas de câmbio e de juros e deixar que, desta vez, os salários ficassem defasados, gerando perda no poder de compra da população. Em agosto de 1987, o governo descongelou os preços, o que fez com que a inflação aumentasse novamente.¹⁸⁸

Em *Spartacus*, essas mudanças foram retratadas associadas ao resultado das eleições, e teriam gerado um sentimento generalizado de apatia na população:

A imensa decepção política era reforçada pela crise avassaladora da moeda; a qual se somaram a incapacidade federal e também os dramas dos estados. Porque raros estados cumpriram um milésimo avo das promessas eleitorais. E os escândalos econômicos e financeiros do país passaram a ser tão repetidos pela imprensa que ninguém mais parece com eles se incomodar¹⁸⁹

Essa perspectiva apareceu também nas análises em outras edições, principalmente como explicação para o modo como as pessoas lidavam com aparente indiferença em relação ao fato de estarem em uma recém-conquistada democracia. Em uma reflexão sobre esse tema no número seis de *Spartacus*, o título dado ao texto foi “A classe média está apática” para se referir a esse comportamento da população: “[...] a classe média brasileira não tem motivo algum para estar eufórica. Com essa inflação... Com esses salários... Com esse imposto de renda...”, escreveu.¹⁹⁰

¹⁸⁸ AMANO, André Tomio Lopes. Alguns apontamentos sobre a crise da dívida e a política econômica de continuidade do governo Sarney (1985-1990). In: **XII Congresso Brasileiro de História Econômica & 13ª Conferência Internacional de História das Empresas**, 2017, Niterói. Disponível em: <[http://www.abphe.org.br/uploads/ABPHE%202017/30%20Alguns%20apontamentos%20sobre%20a%20crise%20da%20d%C3%ADvida%20e%20a%20pol%C3%ADtica%20econ%C3%B4mica%20de%20continuidade%20do%20governo%20Sarney%20\(1985-1990\).pdf](http://www.abphe.org.br/uploads/ABPHE%202017/30%20Alguns%20apontamentos%20sobre%20a%20crise%20da%20d%C3%ADvida%20e%20a%20pol%C3%ADtica%20econ%C3%B4mica%20de%20continuidade%20do%20governo%20Sarney%20(1985-1990).pdf)>. Acesso em 05 jun. 2021.

¹⁸⁹ CASTRO, Márcio. Brasil Ex-País da Esperança. *Spartacus*, São Paulo (SP), ano 2, n. 5, 1988. Opinião, p. 3.

¹⁹⁰ CASTRO, Márcio. A Classe Média Está Apática. *Spartacus*, São Paulo (SP), ano 2, n. 6, 1988. Opinião, p. 3.

Figura 20 – *Spartacus* ilustra a democracia como uma “árvore ameaçada”



Fonte: revista *Spartacus*, ano II, n. 6, 1988, p. 3; acervo Bajubá

É possível dizer que as matérias sobre política ao longo dos anos de circulação da revista foram centradas em dois temas principais: a situação econômica e a cobertura em relação às eleições. Nelas, havia certa ênfase na questão da crise, no envolvimento do PMDB quanto aos acontecimentos do plano Cruzado e a posição dos candidatos na Constituinte. Em 1988, a revista iniciou um artigo dizendo que:

O Brasil do *pós-Cruzado*, aquele que emergiu em seguida ao triunfo do PMDB em novembro de 1986, vive hoje na corda bamba dos juros fiscais, da hiperinflação, dos favores em troca do apoio aos cinco anos de mandato para o governo Sarney e da rolagem “eterna da dívida externa”¹⁹¹

Por outro lado, se os brasileiros pareciam desinteressados no sistema político instituído, o mesmo não foi dito na revista no que se refere às candidaturas nas eleições. Na sétima edição, Castro escreveu ser “[...] quase impossível” Paulo Maluf não ganhar as eleições municipais em São Paulo. Isso porque:

A população - raciocina esta coluna - está votando menos em Maluf e mais contra o PMDB. Não passou pelo estômago do povão a história do plano

¹⁹¹ GONZALEZ, José A. Q. O Brasil na Corda Bamba. *Spartacus*, São Paulo (SP), ano 2, n. 6, 1988. Economia, p. 18.

cruzado, nem das promessas fantásticas do PMDB, nem as muitas histórias que envolvem negociatas¹⁹²

No entanto, apesar dessa análise, quem ganhou as eleições foi a candidata pelo Partido dos Trabalhadores, Luiza Erundina, brevemente citada em um artigo de 1989, o qual criticou o modo como a baixa fiscalização teria gerado uma multiplicação de comerciantes irregulares no centro de São Paulo: “[...] democracia é bom. Mas essa balbúrdia na rua enfeitada incomoda e nos tira um dos prazeres da vida: flunar pela rua, vendo as belezas da rua”¹⁹³.

No que diz respeito a esse resultado, parece-me que uma preocupação em *Spartacus* neste contexto estaria no fato de os encontros fortuitos – isto é, o *flânerie*¹⁹⁴ – serem dificultados no centro de São Paulo, e não necessariamente a questões de alinhamento político. Isso porque, ao atrair grande quantidade de comerciantes para a região, ela se tornaria menos propícia para essa prática. Neste sentido, ao contrário das críticas que costumava direcionar ao Governo Federal, a revista focou na questão da suposta “balbúrdia” gerada por essa movimentação na cidade. O texto mostra um ponto de vista, portanto, de que haveria uma contraposição entre o hábito de “passear” pela região, e a alta presença de vendedores no local. Isto é, embora a revista defendia em suas matérias o acesso a serviços e bens de consumo, o “incômodo” com o surgimento dessa movimentação na cidade indica haver um olhar elitizado desse estilo de vida por parte do corpo editorial de *Spartacus*.

¹⁹² CASTRO, Márcio. Voto Contra o PDS; Contra o PMDB... Contra um Governo que não Acerta o País!. *Spartacus*, São Paulo (SP), ano 2, n. 7, 1988. Opinião, p. 3.

¹⁹³ SÃO PAULO, A Nova Calcutá da América. *Spartacus*, São Paulo (SP), ano 3, n. 10, 1989. Opinião, p. 3.

¹⁹⁴ O *flânerie* era uma prática comum de andar em lugares públicos – como parques e praças – conversando com amigos, vendo vitrines, em suma, aproveitando um tempo de lazer. No caso de homossexuais masculinos, era também uma forma de “flertar” e encontrar pessoas meramente para prática de relações sexuais. Cf. GREEN, James N. *Além Do Carnaval: A Homossexualidade Masculina No Brasil Do Século XX*. São Paulo (SP): Editora Unesp, 2019. P. 105.

Figura 21 – Matéria sobre o comércio no centro de São Paulo



Fonte: revista Spartacus, ano III, n. 10, 1989, p. 3; acervo Bajubá

Consoante a isso, continuaram acontecendo sucessivas mudanças econômicas no governo Sarney. No primeiro mês de 1988, prosseguiram as tentativas de resolução da questão externa, dos preços e da recessão, com a instituição do plano “Arroz com feijão”. Neste, além da suspensão da moratória, houve ainda medidas de austeridade nos gastos públicos, com redução de salários e dos custos com pessoal. A gestão, portanto, aprofundou sua aproximação com o neoliberalismo, distanciando-se do modelo nacional-desenvolvimentista que prevalecia até então.

Além dessas medidas, o Governo Federal também propôs um “pacto social”, o qual consistia em, ao invés de congelar diretamente os preços dos produtos, acordar com os empresários um limite no aumento deles. No entanto, isso não foi seguido, e a inflação voltou a subir.

Por fim, houve a última tentativa do governo Sarney de conter a crise econômica, com a criação do Plano Verão em janeiro de 1989. Desta vez, o programa substituiu a moeda corrente, passando do Cruzado para o Cruzado Novo, congelou os preços e arrochou os salários mais uma vez - voltando atrás em relação a essas medidas pouco tempo depois. Entretanto, a

inflação subiu novamente e o Estado voltou a contar com altos gastos correspondentes aos juros da dívida pública.¹⁹⁵

No final da década de 1980, além da adesão ao neoliberalismo, ocorreram ainda as discussões a respeito do que se tornaria a Constituição Cidadã. De acordo com o jurista Daniel Sarmento, a proposta prevalecente em relação aos integrantes que decidiram a respeito da Constituição foi a de uma organização composta pelos membros do Congresso Nacional vigente, ao invés de ser convocada uma equipe extraordinária. Desta forma, os parlamentares participantes das decisões a respeito da Constituição foram os deputados que saíram vitoriosos durante as eleições de 1986, assim como os senadores biônicos eleitos desde 1982. Isso foi objeto de muitas divergências na época, tanto devido à presença de integrantes oriundos do regime militar, quanto ao fato de tornar as eleições de 1986 particularmente importantes para decidir sobre aspectos da forma que o regime democrático tomaria.

Quanto a isso, o autor salienta ainda que, na ocasião, o Plano Cruzado estava gerando resultados positivos na economia, sendo um indicador passível de explicar a predominância de membros do PMDB na Assembleia Constituinte. Do total de 559 integrantes, 306 eram representantes do partido - ou seja, mais da metade dos componentes. A segunda sigla com maior representação, o Partido da Frente Liberal (PFL), contou com 132 representantes.

Apesar dessa prevalência partidária, Sarmento escreve que as reivindicações eram heterogêneas, de modo que muitas das propostas chegaram a ser antagônicas - como, por exemplo, determinados grupos colocarem em discussão a reforma agrária, enquanto outros defendiam pautas ruralistas. Essas divergências estariam entre os fatores a fazerem com que o texto final resultasse ora em proposições vagas, ora em detalhes excessivos, uma vez que visava abarcar demandas nem sempre consensuais. Por outro lado, os direitos fundamentais se tornaram cláusula pétreas, e foram instituídas normas a grupos como “[...] mulheres,

¹⁹⁵ AMANO, André Tomio Lopes. Alguns apontamentos sobre a crise da dívida e a política econômica de continuidade do governo Sarney (1985-1990). In: **XII Congresso Brasileiro de História Econômica & 13ª Conferência Internacional de História das Empresas**, 2017, Niterói. Disponível em: <[http://www.abphe.org.br/uploads/ABPHE%202017/30%20Alguns%20apontamentos%20sobre%20a%20crise%20da%20d%C3%ADvida%20e%20a%20pol%C3%ADtica%20econ%C3%B4mica%20de%20continuidade%20do%20governo%20Sarney%20\(1985-1990\).pdf](http://www.abphe.org.br/uploads/ABPHE%202017/30%20Alguns%20apontamentos%20sobre%20a%20crise%20da%20d%C3%ADvida%20e%20a%20pol%C3%ADtica%20econ%C3%B4mica%20de%20continuidade%20do%20governo%20Sarney%20(1985-1990).pdf)>. Acesso em 05 jun. 2021.

consumidores, crianças e adolescentes, idosos, indígenas, afrodescendentes, pessoas com deficiência e presidiários”.¹⁹⁶

Consoante a esses acontecimentos, *Spartacus* seguia com a análise de que as pessoas estariam desiludidas devido às ações do PMDB, opinião essa expressa a respeito das eleições municipais de 1988¹⁹⁷ e presidenciais do ano seguinte¹⁹⁸. Para *Spartacus*, esse estaria entre os motivos que teriam levado à vitória da candidata do Partido dos Trabalhadores, Luiza Erundina, na prefeitura de São Paulo, e que alçaram o presidenciável Fernando Afonso Collor de Mello, do Partido da Reconstrução Nacional. De acordo com a revista, os eleitores estariam procurando saídas que estivessem “fora do sistema” e dos políticos identificados com a chamada “Velha República”.¹⁹⁹

Além disso, ao longo desses processos políticos, é notável que a revista realizou críticas mais duras sobretudo a candidatos que considerou como “conservadores”, os quais eram retratados geralmente como aliados a grandes interesses econômicos. Pode-se tomar como exemplo um artigo publicado em 1989, que retratou os candidatos à presidência da República. Nele, Afif Domingos, do Partido Liberal, foi considerado “[...] a esperteza em jogo” por possuir alto poder aquisitivo e, ao mesmo tempo, pagar pouco no imposto de renda; Collor, do PRN, “[...] ganhou de presente da família a prefeitura de Maceió”; Ronaldo Caiado, representante da União Democrática Ruralista, seria um dos “[...] conservadores que não gostam de ser chamados de conservadores e adoram ser chamados de liberais”; já Ulysses Guimarães estaria na “[...] confusão do PMDB”.

Por outro lado, Mário Covas, do Partido da Social-Democracia Brasileira, foi retratado como alguém que teria potencial, mas “[...] cheiro forte demais de coisa de universitário”, o que faria, de acordo com *Spartacus*, com que seu partido tivesse respaldo na cidade de São Paulo; já Roberto Freire, do Partido Comunista Brasileiro, seria “[...] um comunista que tem uma linguagem aceita por outros setores políticos”; e Luís Inácio Lula da Silva, líder do PT, “[...]”

¹⁹⁶ SARMENTO, Daniel. 21 Anos da Constituição de 1988: a Assembleia Constituinte de 1987/1988 e a Experiência Constitucional Brasileira sob a Carta de 1988. **Direito Público**, v. 6, n. 30, 2009. Disponível em <<https://portal.idp.emnuvens.com.br/direitopublico/article/viewFile/1659/957>>. Acesso em 05 jun. 2021. p. 25.

¹⁹⁷ CASTRO, Márcio. Voto Contra o PDS; Contra o PMDB... Contra um Governo que não Acerta o País!. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 2, n. 7, 1988. Opinião, p. 3.

¹⁹⁸ CASTRO, Márcio. O Povo Elegerá um Presidente. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 2, n. 9, 1988. Opinião, p. 3.

¹⁹⁹ CASTRO, Márcio. O Fenômeno Collor de Mello. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 3, n. 11, 1989. Opinião, p. 3.

desmistifica preconceitos e mostra que um proletário pode disputar dignamente a presidência”. Todos os candidatos foram apresentados em análises que ocuparam cerca de um terço da página, abaixo de um intertítulo dedicado a esmiuçar a situação estratégica de cada um deles; as únicas exceções, no entanto, foram Freire e Lula, que dividiram com Leonel Brizola, candidato do Partido Democrático Trabalhista, uma página de discussão específica sobre os concorrentes de esquerda.

Enquanto Freire recebeu três parágrafos a seu respeito, Lula obteve dois, e Brizola, cinco. Em *Spartacus*, o pedetista foi descrito como um político que “[...] fez um governo que a maioria dos gaúchos lembra com saudade”, tendo deixado “[...] uma obra notável em educação”²⁰⁰, no Rio de Janeiro, salientando os dois estados nos quais o presidenciável foi governador. A menção da revista fez referência aos Centros Integrados de Educação Pública – abreviados como CIEPs – construídos por Brizola em sua gestão fluminense, e que foi uma de suas principais bandeiras na campanha de 1989.

Além de apresentar um tom mais positivo do que a respeito dos outros candidatos, chama atenção o fato de este ponto de vista de *Spartacus* divergir do restante da imprensa da época – ou, pelo menos, dos grandes veículos – sobre o pedetista. De acordo com o historiador Conrado Ferreira Arcoleze, *O Globo*, *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo* fizeram críticas sucessivas aos CIEPs, por se tratar de um modelo de ensino integral que teria gerado alto custo aos cofres públicos e, ao mesmo tempo, não ter capacidade de atender a toda a população necessitada de educação básica. Ainda segundo Arcoleze, a oposição, tanto à esquerda quanto à direita, corroborou esses argumentos da imprensa.

Outra acusação recorrente apontada pela mídia e pelos concorrentes políticos era acerca do posicionamento de Brizola, que procurou construir a imagem de que ele e seu partido seriam “herdeiros” do legado do ex-presidente Getúlio Vargas. Neste sentido, o intuito do candidato era retomar “os fios da História” que teriam sido interrompidos no golpe de 1964. Devido a exposições como essas, a imprensa retratou Brizola como um candidato ultrapassado, nacionalista, populista e divergente das exigências dos “[...] novos tempos”.²⁰¹ É possível inferir

²⁰⁰ CASTRO, Márcio. As “Pérolas” da Política Brasileira. *Spartacus*, São Paulo (SP), ano 3, n. 13, 1989, p. 6-7.

²⁰¹ ARCOLEZE, Conrado Ferreira. **Fios da História: Campanha Presidencial de Leonel Brizola e o seu Entrelaçar com o Passado Político do Candidato pela Imprensa**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Estadual Paulista. 2020. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/194158>>. Acesso em 10 jan. 2022.

Também durante as discussões referentes às eleições presidenciais, nota-se que Collor foi o candidato mais criticado por *Spartacus*. Ao longo de 1989, foram publicados artigos que expunham e reforçaram que, a despeito de se vender como alguém “[...] de fora da política”²⁰³, o avô de Collor teria sido ministro de Getúlio Vargas, além do próprio candidato ocupar previamente o posto como prefeito de Maceió e concedido cargos públicos durante sua gestão. Essas afirmações apareceram nas edições 11, 12 e 13 de *Spartacus*, publicadas antes do resultado das eleições.

Ex-prefeito de Maceió e ex-governador de Alagoas, Collor foi um político que, ao longo de seu governo no estado, procurou se manter presente na imprensa. Para isso, ele vendeu a imagem de ser um “caçador de marajás”, expressão utilizada para se referir a funcionários públicos privilegiados.

Ao longo de sua candidatura à presidência, Collor investiu fortemente em marketing. Segundo o historiador Paulo Roberto da Silva de Souza, o presidenciável chegou a realizar uma pesquisa de mercado em 1988 que identificava o que a população esperava de um candidato, obtendo o resultado de que o representante ideal seria alguém contrário à corrupção, além de ser “[...] enérgico, corajoso, com ímpeto para tirar o Brasil do subdesenvolvimento e não ligado à política tradicional”.²⁰⁴ Collor passou a se mostrar então como uma figura jovem e audaciosa, começando também a fazer críticas a Sarney, político que, associado à “velha política” da ditadura, estava ainda em uma posição de isolamento após o fracasso de seus planos econômicos. Outras ações tomadas pelo candidato consistiram em se aproximar de jornalistas, fazendo aparições sucessivas nos noticiários, além de se dispor a participar de entrevistas e coletivas de imprensa para veículos de comunicação locais, onde eram raras as aparições de figuras nacionais.

Além dessas estratégias, o horário político gratuito das redes de televisão, novidade implementada a partir da Constituição de 1988, foi utilizado por Collor para fortalecer sua campanha, enquanto os outros candidatos ainda não estariam tão habituados a esse recurso. A despeito de não ter participado de debates do primeiro turno das eleições em 1989, o

²⁰³ CASTRO, Márcio. O Fenômeno Collor de Melo. *Spartacus*, São Paulo (SP), ano 3, n. 11, 1989, p. 3.

²⁰⁴ DE SOUZA, Paulo Roberto da Silva. **Fernando Collor Na Imprensa Brasileira: Representações Em Torno Da Sedução E Da Satanização**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas. Universidade Federal do Espírito Santo. 2008. P. 39. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/194158>>. Acesso em 10 jan. 2022

presidenciável já aparecia, ao final da campanha, em posição de destaque na imprensa, liderando as intenções de voto até, por fim, ganhar a disputa.²⁰⁵

Após esse resultado, Collor foi destaque novamente na coluna de opinião de *Spartacus*, nas três edições seguintes. Primeiro, em uma análise sobre sua campanha, em um texto que o articulista intitulou como “VENCEU O MARKETING PUBLICITÁRIO”, publicado no final de 1989²⁰⁶, com a seguinte interpretação:

O obscuro governador de um pequeno estado, que teve a passagem pela prefeitura de Maceió marcada por situações aberrantes como a nomeação indecorosa de milhares de funcionários no último dia de governo, teve a sua figura transformada em super-herói nordestino – o Dom Quixote guerreando corruptos.

Através de verdadeira propaganda subliminar, penetrando no inconsciente da população, a TV passou a dedicar enorme espaço ao super-herói que tinha favorecido os usineiros de seu estado em acordos nada vantajosos à população.

Segundo o texto, Collor teria se tornado presidente por ter entre seu eleitorado os “[...] muito ricos” e “[...] uma incrível massa de gente muito pobre e muito desinformada”. A revista então discorreu sobre os possíveis motivos do candidato Lula, que disputou as eleições no segundo turno, não ter vencido. Por fim, *Spartacus* apontou como “empurrão final” o destaque recebido por Collor em seu último debate, e finalizou com a sentença: “[...] Resta saber como será o governo desse presidente eleito pela massa manobrada pelo marketing publicitário”.

²⁰⁵ DE SOUZA, Paulo Roberto da Silva. **Fernando Collor Na Imprensa Brasileira: Representações Em Torno Da Sedução E Da Satanização**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas. Universidade Federal do Espírito Santo. 2008. P. 1-130. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/194158>>. Acesso em 10 jan. 2022,

²⁰⁶ CASTRO, Márcio. Venceu o Marketing Publicitário. *Spartacus*, São Paulo (SP), ano 3, n. 14, 1989, p. 3.

Figura 23 – Crítica à eleição de Fernando Collor de Melo



Fonte: revista Spartacus, ano III, n. 14, 1989, p. 3; acervo Bajubá

Na décima quinta edição, o texto é menos agressivo e com foco maior nos problemas econômicos que o então presidente precisaria enfrentar, como inflação, desemprego, ajuste fiscal e relações internacionais²⁰⁷. Já em matéria publicada em 1990, o tom voltou a ser mais crítico, em um artigo que tratou sobre os “[...] primeiros sinais de cansaço do Plano Brasil Novo”, questionando os dados fornecidos pelo Governo Federal e enfatizando as questões a respeito do aumento dos preços e do desemprego da época:

Perdeu-se a possibilidade de obter crédito da maioria da população principalmente porque hoje quase ninguém acredita mais no discurso oficial. O que é promulgado na terça, se “despromulga” na quarta e esse estado de nervos a que a população se sujeita não é um bom sinal.

Nesse quadro de fragilidade econômica é até possível vermos, dentro de pouco, adesivos parecidos aos colocados nos carros na gestão Sarney, demonstrando saudades dos militares. Só que desta vez o remédio pode ser pior que a doença, pois é sabido o que a saudade do milagre econômico da década de 70 pode acarretar²⁰⁸

Este cenário ao qual o autor se refere diz respeito a mais uma tentativa do Governo Federal de conter a crise econômica. Desta vez, não mais no governo de Sarney, e sim por parte do recém-empossado Collor de Mello. Trata-se de uma das primeiras medidas tomadas pelo

²⁰⁷ CASTRO, Márcio. O Brasil para Collor. *Spartacus*, São Paulo (SP), ano 3, n. 15, 1989, p. 3.

²⁰⁸ SAAVEDRA, Tebni. A Face Descolorida do Governo. *Spartacus*, São Paulo (SP), ano 3, n. 16, 1990, p. 3.

então presidente, a qual confiscou temporariamente o dinheiro disponível em grande parte das cadernetas de poupança da população. Além disso, o plano instituído adotou medidas como substituição do cruzado pelo cruzeiro, reajuste de tarifas públicas, proibição de reajuste de preços e salários além do índice inflacionário, definição da taxa de câmbio pelos critérios de mercado, liberação de importações e estabelecimento de um Programa Nacional de Desestatização. Com essas ações, Collor marcou então uma profunda redução no nível de intervenção do Estado na economia, consolidando a adesão do Brasil ao sistema neoliberal.²⁰⁹

É importante notar que essa crítica foi o último artigo político publicado em *Spartacus*, o que me parece um indicador significativo a respeito do fim da publicação. Como salientei no capítulo anterior, a quantidade de textos assinados e de anúncios parecem acompanhar o entusiasmo da equipe que produziu a revista. As críticas ao Plano Cruzado surgiram consoantes à publicação de informações sobre o HIV/Aids, de modo que, ao longo das edições seguintes, cada vez mais cobranças apareceram em relação aos candidatos às eleições, havendo publicações de quadros ilustrativos com os posicionamentos deles sobre determinadas pautas sociais. Nas análises publicadas, é notável uma grande ênfase nas questões da inflação e da corrupção, com críticas principalmente ao Governo Federal vigente, além das discussões sobre o HIV/Aids mencionadas no item anterior deste capítulo.

Apesar das avaliações realizadas pela revista sobre o governo, *Spartacus* parece demonstrar insatisfação mais com as medidas implementadas pelo Estado do que pelo sistema em si. Isto é, ainda que a revista não manifeste afinidade a ideologias rigidamente definidas – como socialismo ou neoliberalismo – e mesmo vínculos a grupos organizados neste sentido, seus textos apontam para a defesa de um setor público eficiente, capaz de oferecer saúde e educação a toda a população, além de reduzir as desigualdades sociais. O destaque que algumas figuras políticas situadas à esquerda receberam na publicação em determinadas ocasiões, como a entrevista da prefeita petista Telma de Souza²¹⁰ e a análise “elogiosa” ao presidenciável Leonel Brizola também indicam um maior interesse em representantes vinculados a pautas sociais ou, de certa forma, desenvolvimentistas. O modo como *Spartacus* abordou temas como

²⁰⁹ MACIEL, David. O Governo Collor e o Neoliberalismo no Brasil (1990-1992). *Revista UFG*, v. 13, n. 11, 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48390/23725>>. Acesso em 10 jan. 2022.

²¹⁰ A despeito de não fazer parte das seções que selecionei para objeto de estudo, convém observar que na parte de *Spartacus* dedicada a entrevistas com personalidades da vida nacional, outros dois componentes do PT foram destaque na revista. Tratam-se da vereadora Irede Cardoso, a qual apareceu na quinta edição falando sobre sua carreira política, e o ator Paulo Betti, que discorreu na edição de número oito a respeito de sua filiação ao partido.

o HIV/Aids e a campanha dos candidatos de 1989 demonstra também um interesse em marcar uma posição divergente da grande imprensa e até mesmo do “*status quo*” a respeito dessas questões. Porém, também é importante notar que, em alguns aspectos, a revista apresentou perspectivas elitistas em referências feitas às populações de baixa renda, algo perceptível nas matérias sobre o uso de drogas e o crescimento do comércio no centro de São Paulo.

Se, por um lado, os índices acompanhados pela revista - como a hiperinflação, o PIB, a moeda e os impostos - apontam para uma preocupação com os níveis de produção e consumo da população, é importante notar certos “enquadramentos” nessas observações críticas que *Spartacus* realizou sobre a política brasileira. Uma delas é de que, embora pautas trabalhistas como salário e desemprego tenham sido mencionadas em alguns textos, isso ocorreu especialmente em matérias relacionadas às eleições, sem que tenham sido tão focadas em outros períodos. É possível observar situação semelhante no que se refere às ONGs que se organizaram pautando as questões sobre HIV/Aids, uma vez que, a despeito de ser uma forte movimentação do período, a revista parece não ter muita proximidade com elas, também abordando esses temas de maneira pontual. Neste sentido, acredito que o posicionamento geral de *Spartacus* seria de que o Estado deveria ser responsável por esses problemas.

Por outro lado, nas análises publicadas sobre a desigualdade social e o interesse dos eleitores pela situação do país, a revista parece partir do pressuposto de que a população - principalmente mais “pobre” - seria uma “vítima” do sistema, da falta de acesso à educação e da ineficiência do governo. Supostamente incapaz de lutar contra essas condições, essa parte da sociedade recorreria às drogas para fugir da realidade e seria facilmente ludibriada por políticos demagogos - sendo Collor, segundo o ponto de vista apontado por *Spartacus*, um caso que ilustraria isso. Acredito, portanto, existir um paradoxo entre essas identificações da revista, o que fica bem expresso na matéria sobre os comerciantes do centro de São Paulo. Isso porque, ao mesmo tempo que os responsáveis por *Spartacus* pareciam desejar a democracia, também valorizavam a privacidade e/ou a discrição - elementos os quais, na interpretação apresentada pelo texto, nem sempre eram conjuntos.

Por fim, essa decepção com os resultados políticos do final dos anos 1980 parecem ainda mais acentuados no último artigo político da seção *Opinião*. Ressalto que, nas edições anteriores, o número de anunciantes na revista caiu, as contribuições de autores também, e mesmo as menções ao sistema de assinaturas foi descontinuado. Acredito, portanto, que esse “cansaço” manifesto no texto tenha sido, afinal, um prelúdio do fim de *Spartacus*.

Capítulo III: Representações do homoerotismo masculino em *Spartacus*

No decorrer das décadas de 1960 e 1970, estudos surgiram abordando temas como a maternidade, o corpo, a reprodução feminina e o patriarcado, questionando por que havia uma “dominação” de homens em diferentes sociedades e culturas. Este campo ficou denominado como História das Mulheres,²¹¹ e emergiu associado ao contexto do movimento feminista da época, que reivindicava pautas como o acesso a métodos contraceptivos e o direito ao prazer. No entanto, essa abordagem passou a sofrer críticas, como a de que estaria fazendo uma “essencialização” do que é ser mulher, além do fato de não colocar em questão recortes como classe, raça e etnia.²¹²

Por conta disso, movimentos feministas e de mulheres passaram a utilizar o termo “gênero” no decorrer da década de 1980, em um período em que os estudos sobre essas questões buscavam legitimidade no meio acadêmico.²¹³ O intuito seria enfatizar que as diferenças existentes no comportamento masculino e feminino são construções sociais, distinguindo, portanto, do conceito de “sexo”, relacionado a características biológicas.²¹⁴ Neste mesmo contexto, as discussões sobre masculinidades também ganharam maior espaço no meio científico, sobretudo nos países anglo-saxões, passando a contar com cada vez mais adeptos e obras a respeito no decorrer dos anos seguintes.²¹⁵

De acordo com Joan Scott, os gêneros são constituídos por elementos interrelacionados. Isto é, tratam-se de símbolos evocados em determinados contextos por instituições, organizações sociais, atividades e doutrinas que atribuem significados a eles. Essas associações de valores e representações seriam marcadas por “posições dominantes” e conflitos, atuando de

²¹¹ FRANCO, Stella Maris Scatena. Gênero em Debate: Problemas Metodológicos e Perspectivas Historiográficas. **História das Américas: Fontes e Abordagens Historiográficas**, 2015. São Paulo: Humanitas, 2015, p. 36-51.

²¹² PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o Debate: o Uso da Categoria Gênero na Pesquisa Histórica. **História (São Paulo)**, v. 24, p. 77-98, 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/his/a/fhHv5BQ6tvXs9X4P3fR4rtr/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em 29 nov. 2021.

²¹³ SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma Categoria Útil de Análise Histórica”. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1210/scott_gender2.pdf>. Acesso em 20 nov. 2022

²¹⁴ PEDRO, op. cit., p. 77-98

²¹⁵ BOTTON, Fernando Bagiotto. As Masculinidades em Questão: uma Perspectiva de Construção Teórica. **Revista Vernáculo**, v. 1, n. 19/20, 2007. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/20548>>. Acesso em 29 nov. 2021.

modo a limitar as possibilidades de expressão desses gêneros e gerando uma impressão de “fixidez” – ou seja, como se não se tratassem de sentidos concebidos em períodos históricos específicos. Portanto, o gênero seria uma forma de dar significado às relações de poder, sendo o desafio neste campo historiográfico compreender de que modo esses aspectos se relacionam entre si.²¹⁶

Os estudos de gênero abriram caminhos para pensar de forma relacional. Portanto, esse campo de análise permite pensar a constituição das feminilidades e das masculinidades ao longo do tempo. Nos últimos anos, houve crescimento no número de pesquisas que têm se debruçado sobre a constituição das masculinidades. Raewyn Connell e James Messerschmidt apontam que, ao tratar desta análise, é importante se atentar a quatro grandes aspectos. O primeiro consiste em compreender a hierarquia que ocorre entre diferentes representações das masculinidades – considerando fatores como classe e sexualidade, por exemplo. O segundo deles é a geografia, isto é, identificar se a questão ocorre em âmbito global, regional ou local. Já o terceiro se refere ao peso da “incorporação”, ou seja, hábitos e práticas corporais que atribuem significado, dentro do contexto analisado, ao que seria algo considerado “masculino” – como o incentivo a atividades esportivas, por exemplo. Por fim, é necessário também compreender a dinâmica desse processo – em outras palavras, sua especificidade histórica, regional e temporal.²¹⁷

De acordo com Roger Chartier, os dispositivos formais, textuais e materiais inscrevem em suas próprias estruturas as expectativas a respeito do público a que visam atender, a partir de “[...] uma representação da diferenciação social”.²¹⁸ Para isso, as instituições fazem determinados recortes dos grupos sociais aos quais visam reconhecer e dar legitimidade,

²¹⁶ SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma Categoria Útil de Análise Histórica”. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1210/scott_gender2.pdf>. Acesso em 20 nov. 2022.

²¹⁷ A despeito do texto original estar assinado como “Robert”, Connell se identifica com o gênero feminino, sendo a publicação da obra anterior à utilização de seu nome como Raewyn. CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade Hegemônica: Repensando o Conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, p. 241-282, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 12 out. 2022.

²¹⁸ CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. **Estudos Avançados**, v. 5, p. 183, 1991. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/SZqvSMJDBVJTXqNg96xx6dM/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 10 jan. 2023.

produzindo significados específicos em relação a eles e ao mundo, utilizando “representantes” – podendo estes serem instâncias coletivas ou individuais – que visibilizem esses aspectos²¹⁹.

Neste sentido, analisarei, por meio dos ensaios fotográficos publicados por *Spartacus* e das correspondências enviadas por seus leitores na seção *Entre nessa*, de que forma essas masculinidades foram representadas ao longo do período de circulação da revista. O intuito é observar as características que, no periódico, definiam construções étnico-raciais de masculinidades que poderiam ou deveriam servir como padrão para comportamentos e hábitos aos seus leitores – tanto nos conteúdos difundidos pela própria publicação, quanto nos textos de seus consumidores – considerando as diferenças entre seus locais de produção e circulação e, portanto, compreender quais desses aspectos eram mais valorizados como um “ideal” – ou ideais – de comportamentos e masculinidades.

3.1. Os modelos de *Spartacus*

No decorrer deste estudo, foi apontado o fato de ter emergido um prolífico mercado voltado ao erotismo e à pornografia. Por outro lado, movimentos e publicações que tinham os homossexuais como foco passavam por diversos problemas, sendo um deles a necessidade de lidar com o HIV/Aids, além dos preconceitos e discriminações que se manifestaram com intensidade no país durante o período.

No entanto, a veiculação de fotografias homoeróticas masculinas era o conteúdo principal em *Spartacus*, e a publicação conseguiu se manter por três anos. Entre a quarta e a décima segunda edição, a revista inclusive utilizou em sua última capa o mote “a revista de nu masculino”, sendo acompanhada em seis delas por uma chamada complementar escrita “bonito, sensual... e pelado!”, como forma de atrair a atenção de seus possíveis leitores.

Esses ensaios estavam longe de serem mais “neutros” do que os posicionamentos dos artigos publicados no periódico, uma vez que eram selecionados ou produzidos a partir de determinadas escolhas editoriais. Além disso, esses corpos representantes do que *Spartacus* considerava como “bonitos” e “sensuais” continham diversos significados com marcadores

²¹⁹ CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. **Estudos Avançados**, v. 5, p. 173-191, 1991. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/SZqvSMJDBVJTXqNg96xx6dM/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 10 jan. 2023.

históricos, geográficos e sociais. Os objetivos deste item são, portanto, compreender as origens dessas fotografias, o modo como eram compostas e, por fim, quais as principais características evocadas e enaltecidas em seus conteúdos.

3.1.1. “Basta ser bonito, charmoso e querer”: a “hipermasculinidade” em *Spartacus*

Conforme mencionado no primeiro capítulo, os ensaios fotográficos de *Spartacus* eram divididos em dois tipos: os da seção *Spartacus Boys* – e os que constavam ao longo da revista sem nome específico. Somando ambas as produções, houve um total de 55 modelos que tiveram suas fotografias publicadas pelo periódico, sendo 36 deles correspondentes a esses conteúdos “esparcos”.

De acordo com Resende, grande parte das fotografias eram compradas em uma feira erótica na Alemanha, sendo apenas reproduzidas por *Spartacus*. No entanto, os leitores passaram a demandar que houvesse mais modelos brasileiros na publicação, o que fez com que a equipe buscasse pessoas interessadas e dispostas a posarem nuas para a revista. Para isso, ela buscava michês, frequentadores de saunas ou mesmo leitores do periódico.²²⁰ Na décima edição, em resposta à carta de um leitor que perguntou como fazer para posar na revista, foi apresentado que “[...] basta ser bonito, charmoso e querer. Envie duas fotos: uma de *close* do rosto e uma de corpo inteiro (se for de sunga, melhor) que nós, se houver interesse, chamaremos”.²²¹

Por meio dos próprios ensaios, é possível perceber que *Spartacus* conseguiu ao menos 21 brasileiros de diferentes cidades, ante 17 que seriam internacionais e outros 17 sobre os quais não constavam dados sobre a origem dos fotografados. Isso porque, junto às fotografias, *Spartacus* publicava um pequeno texto sobre os modelos. Além da localidade, também era comum que a revista escrevesse sobre características físicas, *hobbies* e interesses deles. No primeiro ensaio, constou o seguinte descritivo:

MIKE DAVIS
 ALTURA – 1.89 m
 PESO – 79 kg.
 OLHOS – Castanhos
 HOBBIE – Viver!

²²⁰ Entrevista realizada com Valdo Resende, ex-editor da revista *Spartacus*, em 1 de maio de 2022.

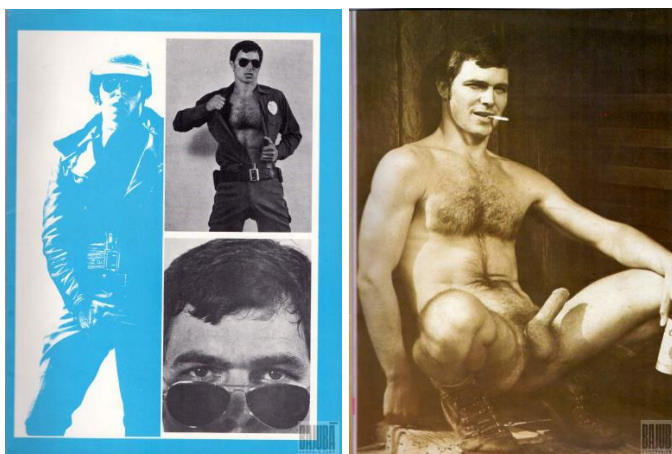
²²¹ Como Posar Nu. *Spartacus*, São Paulo (SP), ano 3, n. 10, 1989, p. 2.

Mike busca integração plena com a natureza. Adora o sol que tonifica sua pele e o vento que lhe acaricia o corpo. Livre, deixa-se atrair por homens e mulheres. O que vale é o sentimento. Carinhoso, prestativo, sociável, adora viajar. Fique atento: quem sabe você tem a sorte de encontrá-lo...

[...] Viajar pelo corpo de Mike é sonhar com outras viagens... ao lado dele. Sem cigarros e bebidas: ele gosta de vida saudável. Uma praça, uma avenida; quem sabe uma praia deserta... se for em um parque o visual de Mike é tipo James Dean. Se for em uma floresta, você poderá vê-lo como a natureza o fez: belo e sensual.²²²

Esses conteúdos tinham variações sutis conforme as edições, geralmente constando uma descrição metafórica e, ocasionalmente, com dados similares aos de fichas catalográficas – como no caso de Davis. Em ambos os casos, nota-se que eram feitas menções, sobretudo, à prática de musculação e ginástica, ao interesse pelas artes e ao lazer em meio à natureza. Os profissionais apresentados em *Spartacus*, portanto, pareciam ter hábitos em comum: gostavam de ouvir música, viajar, ir à praia, ao campo, alguns seriam oriundos de cidades ou mesmo países diferentes de onde moravam e, principalmente, faziam exercícios físicos. Essas representações mostradas pela revista, conforme será discutido no decorrer deste capítulo, é consoante a uma “valorização” que ocorria em parte dos veículos de comunicação voltados aos homossexuais dos anos 1980 a respeito de corpos que eram considerados como “saudáveis” ou condizentes com padrões de masculinidades vigentes na sociedade de maneira mais ampla.

Figura 24 – Mike Davis, modelo da *Colt Studios* que apareceu no primeiro ensaio publicado em *Spartacus*



Fonte: revista *Spartacus*, ano I, n. 1, 1987, p. 9-13; acervo Bajubá

²²² Mike Davis. *Spartacus*, São Paulo (SP), ano 1, n. 1, 1987, p. 8.

Nestas seções, as masculinidades são construídas - ou projetadas - por meio das fotografias que retratam os modelos nus. Segundo o historiador Boris Kossoy, ao analisarmos fotografias, três elementos são fundamentais: o assunto, o fotógrafo e a tecnologia, sendo o primeiro desses aspectos a expressão de “[...] um desejo, uma intenção ou necessidade do fotógrafo, de seu contratante ou de ambos”²²³ e, o último, o equipamento utilizado. O autor aponta também que esse registro consiste em um recorte espacial e temporal, ou seja, algo que ocorreu em determinado lugar e período sócio-histórico.²²⁴

De acordo com o pesquisador, a fotografia conteria em si duas realidades. A primeira referente à sua produção, isto é, ao momento em que ela foi capturada; e a segunda à sua circulação.²²⁵ Isso porque, como exemplifica, há casos em que fotografias de personalidades famosas são comercializadas em montagens ou cartões sem autoria, indicando, portanto, serem prováveis reproduções da imagem original.²²⁶

Tratando-se dos estudos pela historiografia, Ana Maria Mauad escreve que é possível analisá-las em duas dimensões: suas formas de expressão e as de conteúdo. A primeira seria composta por questões técnicas e estéticas, enquanto a segunda consistiria no conjunto de objetos, pessoas e lugares que fazem parte da fotografia.²²⁷

Neste aspecto, Mauad propõe que alguns elementos sejam “decompostos” no objeto de estudo. São eles a observação a respeito da agência produtora e ano em que foi produzida; o tamanho da fotografia; o formato e suporte – se é um cartão postal, por exemplo; e tipo – posada ou “instantânea”. Além disso, a autora atenta à importância de interpretar os diferentes enquadramentos, como o sentido da foto – isto é, se horizontal ou vertical –; a distribuição de

²²³ KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. Ateliê Editorial, 2001., p. 84

²²⁴ KOSSOY, Boris. As Fontes Fotográficas e a Recuperação das Informações: Metodologia da Pesquisa. In: **Fotografia & História**. Ateliê Editorial, 2001. P. 65-108

²²⁵ MONTEIRO, Charles. A Pesquisa em História e Fotografia no Brasil: notas bibliográficas. **Anos 90**, v. 15, n. 28, p. 169-185, 2008. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/7965/4753>>. Acesso em 10 jan. 2023.

²²⁶ KOSSOY, Boris. As Fontes Fotográficas e a Recuperação das Informações: Metodologia da Pesquisa. In: **Fotografia & História**. Ateliê Editorial, 2001. P. 92

²²⁷ MAUAD, Ana Maria. Na Mira do Olhar: um Exercício de Análise da Fotografia nas Revistas Ilustradas Cariocas, na Primeira Metade do Século XX. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 13, p. 133-174, 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/anaismp/a/fGFrcB87WgdfKt8QDkrBvvh/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 10 jan. 2023.

planos; a composição – como o objeto central se relaciona ao fundo e ao restante dos elementos retratados – e, por fim, a nitidez, resultado da relação entre aspectos técnicos da fotografia e da iluminação utilizada.²²⁸

Quanto às agências produtoras de *Spartacus*, é possível identificar ao menos duas delas. A primeira seria a *Colt Studios Group* – conforme mencionado no primeiro capítulo desta pesquisa –; já a segunda, a própria revista; no entanto, há também ensaios sobre os quais não há informações que indiquem de onde tenham surgido e que possivelmente sejam oriundos da venda de fotografias no exterior.

Apesar dessas produções diversas, as fotografias possuem características em comum. Em relação aos aspectos técnicos, nota-se algumas variações entre fotos coloridas e outras em preto e branco, além de nuances sutis quanto à iluminação, nitidez e foco – o que podem ser condições do ambiente em que elas foram tiradas ou mesmo opção estética de seus autores. No que diz respeito ao processo de tratamento, Resende, ao tratar sobre o tema, explica que as peças visuais publicadas em *Spartacus* eram “fotografias de fotografias”, o que indicaria também o fato de possuírem similaridades entre si, independentemente de serem internacionais ou não.²²⁹

As fotografias desses ensaios eram em sua maioria tiradas em lugares abertos, com espaços que dão a impressão de serem terrenos em casas de campo, matas, varandas de hotéis ou praias. O foco era dado aos modelos, apenas eventualmente havendo objetos em cena – como bebidas ou cigarros –, e geralmente eram tiradas em plano médio²³⁰. Em grande parte dessas produções, os retratados apareciam nus ou utilizando poucas peças de roupa, como camisas xadrezes, botas ou calças jeans. Também era comum que eles mantivessem seus músculos

²²⁸ MAUAD, Ana Maria. Na Mira do Olhar: um Exercício de Análise da Fotografia nas Revistas Ilustradas Cariocas, na Primeira Metade do Século XX. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 13, p. 133-174, 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/anaismp/a/fGFrcB87WgdfKt8QDkrBvvh/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 10 jan. 2023.

²²⁹ Entrevista realizada com Valdo Resende, ex-editor da revista *Spartacus*, em 1 de maio de 2022.

²³⁰ O plano médio consiste em uma maneira de enquadrar a fotografia de modo a enfatizar a relação entre os modelos e/ou objetos retratados. Difere-se do grande plano por não manter um foco muito “fechado” em detalhes, mas, ao mesmo tempo, é menos “aberto” que o plano de conjunto – que enfatiza ações entre pessoas e/ou objetos – e o plano geral – sendo o objetivo deste mostrar, em geral, uma paisagem ou um ambiente por completo. Cf. SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: Uma Introdução à História, às Técnicas e à Linguagem da Fotografia na Imprensa**. 2002.

contraídos e exibiam semblantes sérios, olhando diretamente para a câmera ou para o canto, como se mirassem algo que estivesse de fora das lentes do fotógrafo, como no exemplo abaixo:

Figura 25 – Michael, modelo da Califórnia



Fonte: revista *Spartacus*, ano III, n. 11, 1989, p. 8-9; acervo Bajubá

Nos Estados Unidos, *Colt* era uma empresa com certo histórico no mercado e características bem delimitadas. Trata-se de uma marca que surgiu em 1967 vendendo ilustrações pornográficas do que eram considerados “ícones da masculinidade”, como motociclistas, *cowboys* e marinheiros. Dois anos depois, a empresa passou a investir então em fotografias e filmes, mas ainda mantendo essas representações ao longo das décadas seguintes.²³¹ De acordo com John Mercer²³², *Colt* seria uma das produtoras que se especializou em representações de “hipermasculinidade”, isto é, com atores que possuíam músculos grandes ou mesmo corpos de *body builders* - como no caso do exemplo abaixo, do modelo John Pruitt -, por vezes contendo tatuagens, barbas, dando ênfase “extrema” a suas características viris – sobre as quais será discutido neste subitem – e performando relações sexuais *hardcore*.²³³

²³¹ COLE, Shaun. Costume or Dress? The Use of Clothing in the Gay Pornography of Jim French's Colt Studio. *Fashion Theory*, v. 18, n. 2, p. 123-147, 2014.

²³² Professor e pesquisador em Gênero e Sexualidade na Birmingham Centre for Media and Cultural Research.

²³³ SIMÕES, Júlio A.; FACCHINI, Regina. *Na Trilha do Arco-íris: do Homossexual ao Movimento LGBT*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009, p. 47

Figura 26 – John Pruitt, da Colt Studios



Fonte: revista *Spartacus*, ano I, n. 1, 1987, p. 24-25; acervo Bajubá

Segundo Bortolozzi, neste mesmo contexto, existiram ações internacionais de afirmação da cidadania homossexual que visavam produzir uma cultura e uma história deste grupo social, com heróis e ícones correspondentes a ele. Essas iniciativas procuravam reforçar um discurso de igualdade de direitos em relação aos heterossexuais, e recriminavam comportamentos que consideravam inadequados por parte de alguns homossexuais, tidos como “superficiais”, “autorrecreativos”, “vergonhosos” e “nocivos”. De acordo com o autor, algumas dessas visões foram expressas em periódicos como o *Jornal do Gay* (1978)²³⁴ e o *Journal Gay International* (1980), que abordavam temas sobre saúde sexual relacionados a doenças venéreas.²³⁵ Ainda que não tenhamos encontrado relação evidente entre *Colt* ou *Spartacus* com esses veículos, convém observar nesta pesquisa o modo como já circulavam em diferentes países discursos que

²³⁴ É importante salientar que o *Jornal do Gay* foi uma publicação pertencente a um grupo chamado Círculo Corydon, que atuou em São Paulo e no Rio de Janeiro, e possuía um outro periódico intitulado *Gay News*, o qual foi adquirido em 1979 pela organização internacional Henry Tudor Bookshop. Cf. CORDÃO, Vinicius FERREIRA Ribeiro. *A Imprensa Gay do Círculo Corydon em prol da Cidadania Homossexual. XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação* Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2593-1.pdf>>. Acesso em 10 jan 2023.

²³⁵ BORTOLOZZI, Remom Matheus. *Entre Trapos e Colchas: Vestígios da Memória LGBT Sobre as Primeiras Respostas Paulistas à Epidemia de HIV/Aids*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5137/tde-28092021-112410/en.php>>. Acesso em 10 jan. 2023. P. 76 e 85.

procuravam associar os homossexuais a hábitos e corpos considerados saudáveis, fortes e masculinizados. É importante destacarmos que, ao contrário de parte da militância do final da década de 1970 e início dos anos 1980, que procurava valorizar características consideradas “afeminadas” ou de “bicha” - a exemplo do *Lampião da Esquina*, que costumava se referir dessa forma aos homossexuais em suas matérias -, neste caso parece ocorrer uma tentativa de distanciamento dessa imagem. Isto é, havia uma ênfase em práticas e hábitos considerados viris.

Em artigo sobre a relação entre identidade *gay* e globalização, Dennis Altman analisa como, internacionalmente, determinadas características se tornaram relacionadas a um “estilo de vida homossexual”. Segundo o autor, em meados da década de 1990, existia a difusão de uma cultura tida como associada aos homossexuais, na qual este grupo – principalmente no caso de homens *gays* – seria representado como composto por jovens bem-sucedidos, de “atitude” contrária a “restrições tradicionais” e interessados em “aventuras sexuais”, moda e ativismo.²³⁶ Esse comportamento estaria relacionado ao mercado que surgiu voltado a este público no Ocidente – sobretudo nos Estados Unidos das décadas de 1960 e 1970 –, sendo disseminado em outras partes do mundo por meio de veículos de comunicação e do consumo em espaços como boates e saunas. Entretanto, o autor escreve que essa globalização teve efeitos assimétricos, pois, ao mesmo tempo em que alçou vozes e as colocou em torno de algo em comum, também marginalizou especificidades regionais, culturais e sociais²³⁷, sendo exemplo disso as populações indígenas que possuem concepções sobre gênero, sexo e sexualidade distintas das que foram disseminadas em obras como as de filmes hollywoodianos – conforme será discutido no próximo subitem.²³⁸

Convém observar que, ao longo dos anos 1980, além das publicações voltadas aos homossexuais, também surgiram periódicos específicos sobre saúde e cuidados com o corpo no Brasil. Esse foi o caso da revista *Boa forma*, lançada em 1986 com o intuito de atender a uma “tendência de comportamento na sociedade” ao que sua diretora chamou de “[...] a febre da

²³⁶ Nas palavras do autor, “He – sometimes, though less often, she – is conceptualized in terms that are very much derived from recent American fashion and intellectual style: young, upwardly mobile, sexually adventurous, with an in-your-face attitude toward traditional restrictions and an interest in both activism and fashion”. Cf. ALTMAN, Dennis. Rupture or Continuity? The Internationalization of Gay Identities. **Social Text**, n. 48, p. 77, 1996. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/466787>>. Acesso em 10 ago. 2021

²³⁷ *Ibid.*, p. 77-94, 1996

²³⁸ ALTMAN, Dennis. The Globalization of Sexual Identities. In: **Global sex**. University of Chicago Press, 2002. P. 86-105

ginástica aeróbica”²³⁹, e de *Corpo a corpo*, que começou a veicular em 1987 tendo como *slogan* “qualidade de vida para gente atenta”²⁴⁰. Ambos os impressos eram tidos como “femininos”²⁴¹ e surgiram como guias; no entanto, devido à alta demanda do público por esses conteúdos, logo foram transformadas em revistas.

Conforme citado no primeiro capítulo, foi também neste contexto que a revista *Playboy* chegou ao Brasil visando oferecer conteúdos para um “novo homem”, diferente do que era representado até então. No entanto, de acordo com o psicólogo Sócrates Nolasco, desde meados do século XX que grupos como o movimento *hippie* dos Estados Unidos e a Tropicália do Brasil, reivindicavam e apresentavam formas de expressão que questionavam os comportamentos vigentes associados à masculinidade.²⁴²

Convém, neste ponto, mencionar Durval Muniz de Albuquerque Júnior, que em análise do livro *Fogo Morto* – publicado pela primeira vez por José Lins Rego em 1943 –, analisou em três personagens masculinas da obra o modo como o processo de urbanização do Nordeste brasileiro as levou a uma percepção de que haveria uma “desvirilização”²⁴³ dos homens da região. De acordo com seu estudo, a construção das cidades, no início do século XX, mudou as relações locais, fazendo com que o modelo de masculinidade até então vigente entrasse em crise. Desta forma, as personagens do romance – que teriam nascido no período dos engenhos – foram representadas como figuras que sentiriam uma perda de autoridade sobre suas terras e famílias, além do declínio do poder econômico, político e social. Segundo Albuquerque Júnior, essa caracterização seria também representativa de uma “crise da paternidade” e um “conflito de gerações”, uma vez que os filhos desses homens costumavam estudar na cidade e, então, voltavam desinteressados na vida rural ou mesmo em se casar.²⁴⁴

Ainda que a obra de Rego corresponda a uma ficção que retrata aspectos específicos da década de 1940, a análise de Albuquerque Júnior possibilita compreender significados atribuídos à virilidade, à masculinidade e às relações desses aspectos com o gênero masculino.

²³⁹ DE CASTRO, Ana Lúcia. *Culto ao Corpo e Sociedade: Mídia, Cultura de Consumo e Estilos de Vida. Tese de Doutorado*. Universidade Estadual de Campinas. 2001. P. 69

²⁴⁰ DE CASTRO, Ana Lúcia. *Culto ao Corpo e Sociedade: Mídia, Cultura de Consumo e Estilos de Vida. Tese de Doutorado*. Universidade Estadual de Campinas. 2001., p. 63

²⁴¹ *Ibid.*, p. 59

²⁴² NOLASCO, Sócrates Alvares. *O Novo Homem*. In: **O mito da Masculinidade**. Rocco, 1993.

²⁴³ DE ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *De Fogo Morto: Mudança Social e Crise dos Padrões Tradicionais de Masculinidade no Nordeste do Começo do Século XX. História Revista*, v. 10, no. 1, 2005. P. 180

²⁴⁴ *Ibid.*, p. 179

De acordo com Alain Corbin, as características consideradas viris foram reforçadas no decorrer dos séculos XVIII e XIX em diferentes espaços de frequência exclusivamente masculina – como determinados pensionatos, colégios, bordéis, salas de armas, entre outros – associadas a aspectos como grandeza, superioridade, heroísmo, caça, resistência e energia sexual. Isso tinha relação com o intuito de instituições europeias da época em valorizar a conquista, a colonização e a expansão econômica. No entanto, conforme mencionado, isso passou a ser questionado por movimentos e agentes sociais no pós-Segunda Guerra Mundial.

Embora sejam de períodos, conteúdos e materiais diferentes, nota-se que meios de comunicação – como o livro de Rego e a revista *Playboy* – apresentam visões sobre mudanças nas concepções de masculinidades associadas a questões econômicas, políticas e sociais. Enquanto um retrata personagens que teriam sido “desvirilizados” com o fim do período dos engenhos, a expansão do processo de urbanização e a ascensão da burguesia; o outro propõe a representação de um “novo homem” mais “sofisticado” para os norte-americanos da década de 1950 – a qual foi importada para o Brasil duas décadas depois, durante a redemocratização do país.

Spartacus também fez parte de um contexto em que ocorreram transformações na sociedade. Este foi um cenário no qual houve o crescimento do número de comércios voltados aos homossexuais e de trocas internacionais ocorridas tanto no movimento quanto do ponto de vista mercadológico.

Neste sentido, algumas de suas seções atuavam de forma parecida às de outros impressos de consumo da época, publicando sobre arte, lazer e viagens a um público composto principalmente por homens. No entanto, as fotografias veiculadas pela revista indicam uma grande valorização de características consideradas viris ou masculinas.

Parte de seus modelos era de uma produtora que atuava especificamente com símbolos associados a esses aspectos, exibindo músculos fortes, pênis total ou parcialmente rígidos e, em caso de indumentárias, associadas a profissões com aspectos de aventura ou força – motoqueiros, caçadores, etc. Conforme mencionado, as produções realizadas no Brasil apresentavam pouca distinção em relação às oriundas de outros países, o que denota uma tentativa de adaptar ou mesmo padronizar esses estilos de corpos e técnicas fotográficas que circulavam por meio de *Spartacus*.

O periódico procurava se adaptar a essas expressões que se difundiam em âmbito global, sobretudo a partir dos Estados Unidos e do Ocidente europeu, por meio do consumo e de veículos de comunicação. Entretanto, diferentemente de iniciativas que haviam na época com o intuito de questionar os modelos de gênero e masculinidades existentes, neste caso tratam-se de representações que evocam características viris, sendo então “atualizadas” como um estilo de vida. Isso está relacionado às veiculações da indústria pornográfica internacional, que produzia parte das fotografias que *Spartacus* publicava, e sobre a qual será discutido no próximo subitem.

3.1.2. “*Spartacus Boys*”: pornografia e mercado global

Ao longo de suas edições, *Spartacus* publicou uma seção específica de fotografias, a qual foi intitulada *Spartacus Boys*. Assim como nos outros ensaios, este foi um conteúdo que contou com modelos tanto brasileiros quanto estrangeiros, entre uma quantidade que não teve seus países informados no periódico. Ao todo, foram 19 produções – quase um terço do total de 55 – sendo sete deles em território nacional, dois nos Estados Unidos, um na Inglaterra e um na Malásia. Embora não constasse dados regionais na revista a respeito do restante, os nomes divulgados – como “Bruno” e “Renato” – permitem inferir que, a despeito da possibilidade de serem fictícios, parte significativa correspondesse a modelos brasileiros.

Assim como nos outros ensaios, em *Spartacus Boys* havia descritivos sobre gostos e *hobbies* dos modelos, sendo os textos em alguns casos escritos de maneira metafórica. Nas primeiras edições, havia certa ênfase na “juventude” dos fotografados:

Nick, menino bonito, à espera do amado que tarda em vir. Pássaros emudeceram, a floresta parou de respirar quando ao sol se despiu a mais bela criação da natureza. O prazer solitário e o outro, presente no sonho. Céu e terra em festa ao receber o líquido amor de Nick.

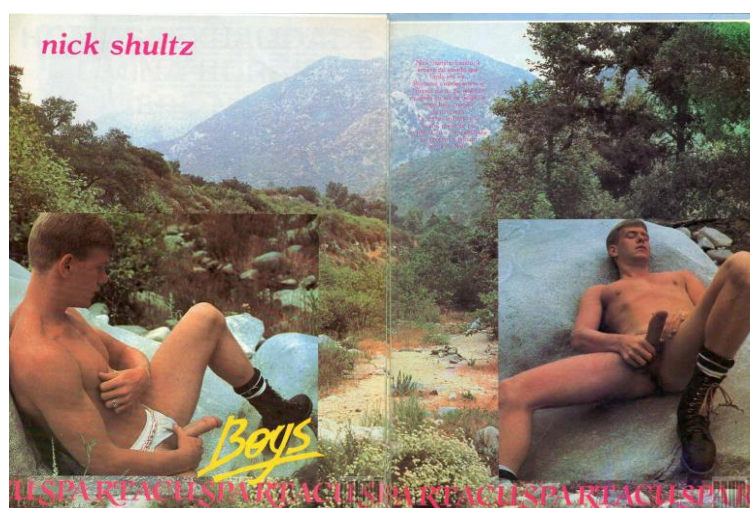
Menino dono do tempo, a vida toda à frente. No horizonte, a certeza do encontro. O amado virá com o sol ou com a lua. Está escrito, assim será.²⁴⁵

Embora esse destaque tenha deixado de ocorrer no restante das edições, são perceptíveis características que distinguem esta seção dos ensaios publicados pela revista no restante das

²⁴⁵ *Spartacus Boys*. *Spartacus*, São Paulo (SP), ano 1, n. 3, 1987, p. 25-26.

páginas. Em *Spartacus Boys*, parte deles foram realizados em ambientes fechados – como quartos e salas de estar –, além da interação com objetos presentes no ambiente – telefones, espelhos, entre outros. Outro aspecto é que os modelos faziam poses com os corpos mais “relaxados”, apresentando músculos menos definidos, por vezes portes físicos mais magros, e demonstravam olhares ternos, sensíveis ou até mesmo inseguros – em alguns casos, com o rosto olhando para baixo.

Figura 27 – Modelo Nick Schultz

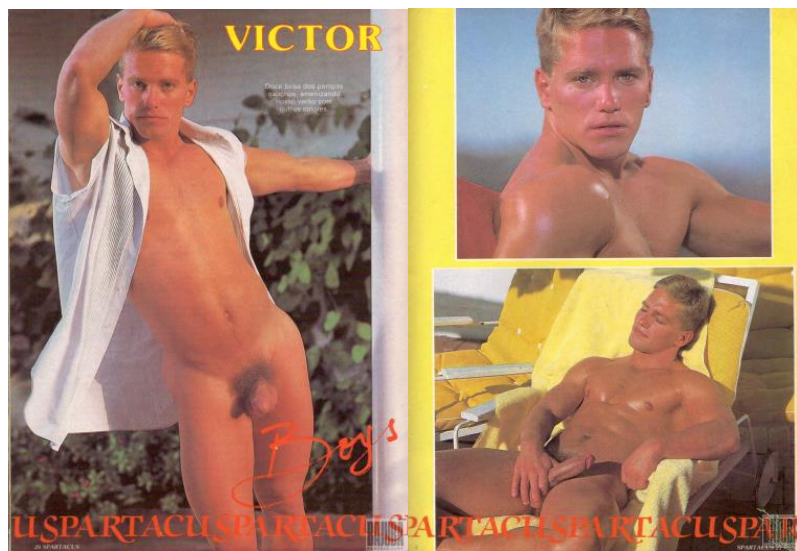


Fonte: revista *Spartacus*, ano II, n. 3, 1988, p. 24-25; acervo Bajubá

Isso se assemelha ao que Mercer observa ao analisar as representações que surgiram nos filmes pornográficos *gays* norte-americanos e europeus entre as décadas de 1980 e 1990. De acordo com o autor, neste período emergiram produtoras que procuravam definir perfis específicos de atores conforme suas características físicas e modos de performar atos sexuais em cena. Enquanto algumas apresentavam relações consideradas mais “românticas” ou “carinhosas”, outras investiam em relações mais agressivas – “*hardcore*”. Neste cenário, o aspecto dos corpos também era importante. Para além de modelos com portes físicos atléticos ou musculosos – conforme mencionado –, surgiram também as filmografias que valorizavam aspectos tidos como “joviais”. Atores magros ou com músculos pouco definidos, sem pelos no rosto ou no restante do corpo, brancos – principalmente dos Estados Unidos ou de determinadas partes da Europa –, loiros e com feições que aparentavam “inocência” se tornaram predominantes nessas produções. Essas empresas se inspiravam em grandes companhias de

Hollywood, passando a ter um ou certo grupo de profissionais que seriam “ícones” das características que as representavam, formando, portanto, “estrelas” da ascendente indústria pornográfica.²⁴⁶

Figura 28 – Victor, modelo do Rio Grande do Sul



Fonte: revista *Spartacus*, ano II, n. 8, 1988, p. 20-21; acervo Bajubá

Este cenário foi precedido por outros períodos da pornografia *gay*, os quais Mercer classifica de acordo com as tecnologias utilizadas em cada época, seus modos de produção, distribuição e consumo. Segundo o autor, o primeiro deles ocorreu nas décadas finais do século XIX, quando surgiram as fotografias homoeróticas e as revistas explícitas. Em seguida, entre 1908 e a década de 1970, haveria os filmes que possuíam conteúdos de narrativa sexual, monocromáticos, que não continham som e eram comercializados de maneira clandestina.

Nesta época, alguns estúdios diversificaram suas ofertas de produtos vendendo ensaios e revistas para consumo pessoal por meio de pedidos via caixas de correios – aspecto no qual *Spartacus* parece ter se inspirado para fazer suas edições chegarem aos leitores. Para Mercer, determinadas características desses filmes, como os cenários e o “físico atlético” dos modelos formaram “[...] o imaginário *gay* erótico e os modos de representação que foram seguidos e

²⁴⁶ MERCER, John. *Gay Pornography: Representations of Sexuality and Masculinity*. Bloomsbury Publishing, 2017.

podem ser entendidos como importantes precursores do que hoje pode ser descrito como representações *gays* do *mainstream*".²⁴⁷

Essas produções continham cenas de modelos utilizando cuecas, sungas e toalhas, e foram gradualmente substituídas pela nudez na década de 1960. A partir disso, ocorreu uma “escalada” para o sexo *hardcore*, vendido por pequenas empresas que se tornariam pioneiras da “indústria pornô gay”. Este constituiu então o terceiro período, no qual os filmes passaram a apresentar um “estilo experimental”, utilizar “estratégias visuais”, serem exibidos em cinemas adultos e apresentarem modelos musculosos, com pelos faciais e no corpo, sem tatuagens ou piercings e de “colarinho azul” – expressão em inglês para se referir a determinadas profissões, sobretudo braçais.²⁴⁸

Na década de 1970, com a difusão das fitas VHS, emergiram então as grandes produtoras do segmento, que passaram a lucrar com a venda de seus filmes diretamente à audiência que os assistiria – época na qual ocorreram os investimentos em “estrelas” do segmento, conforme citado. Para Mercer, esse cenário foi sucedido por outros dois períodos: o primeiro, no início dos anos 2000, quando essas empresas aderiram aos DVDs e começaram a oferecer assinaturas na internet, e o segundo, anos depois, em que foram criadas marcas com o intuito específico de produzir conteúdo para os canais digitais.²⁴⁹

Características dessas representações da indústria pornográfica da década de 1980 são notáveis em *Spartacus Boys*. Diferentemente dos ensaios que compõem o restante da revista, o fato dessa seção ter um nome específico sugere uma intenção em distinguir este conteúdo. Além dos modelos selecionados neste caso aparecerem mais “jovens” ou “menores”, nos textos descritivos das fotografias eles costumavam ser definidos como “doces”, “românticos” ou “carinhosos” – sendo exemplo disso o ensaio da edição número dois, com o ator Mike Henson:

Poucos possuem o privilégio de sua companhia.
 Garoto romântico, está à espera de um grande amor.
 Todavia, podemos desfrutar dessas imagens fantásticas aqui e em vídeo. Ele é um dos atores mais cotados no mercado erótico americano. Vamos torcer para que seus filmes cheguem logo em nossas locadoras.
 Mike é todo carinho e ternura, não só vivendo seus personagens. Isso está nos olhos, no corpo jovem que esbanja vitalidade.

²⁴⁷ MERCER, John. **Gay Pornography: Representations of Sexuality and Masculinity**. Bloomsbury Publishing, 2017. P. 49.

²⁴⁸ *Ibid.*, p. 48-52

²⁴⁹ *Ibid.*, p. 57

chegar à descoberta de que eles constituíam 90% de seus leitores. Seu conteúdo e corpo editorial foram então modificados, passando a atuar com foco específico nesse público-alvo.²⁵¹

O educador Charles Roberto Ross Lopes, em estudo sobre a homossexualidade masculina em *Rose*, analisa que o periódico foi pioneiro em fotografar homens brasileiros nus, sendo seus modelos “desconhecidos do grande público”. Segundo observação do autor, o perfil predominante nas fotografias era de “[...] homens brancos em sua maioria bastante jovens, magros e praticamente desprovidos de pelos corporais”²⁵². Assim como *Spartacus*, a revista *Rose* também possuía artigos que discutiam e tiravam dúvidas sobre sexualidade – assinados por uma personagem chamada Nina Fock –, e uma seção na qual seus leitores podiam se comunicar e marcar encontros uns com os outros informando algumas de suas características.

Figura 30 – Modelos da revista *Rose*



Imagem extraída da dissertação “Seja gay... mas não se esqueça de ser discreto”, defendida por Charles Roberto Ross Lopes no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

²⁵¹ LOPES, Charles Roberto Ross. **Seja Gay... Mas Não se Esqueça de Ser Discreto**: Produção de Masculinidades Homossexuais na Revista *Rose* (Brasil, 1979-1983). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/32309>>. Acesso em 10 jan. 2023

²⁵² *Ibid.*, p. 36

Nota-se, portanto, que no decorrer dos anos 1980 houve uma valorização de determinados corpos masculinos difundida pela indústria pornográfica, a qual teve adesão nas publicações homoeróticas brasileiras. No entanto, diferentemente de outros países, os modelos que correspondiam a esse perfil não chegaram a fazer parte de um “grupo de estrelas”. No caso de *Spartacus*, de acordo com Resende, muitas das pessoas que a revista encontrava para posar ficavam nervosas em relação a ficarem excitadas durante seus ensaios, ou mesmo por se exporem publicamente.²⁵³

Neste sentido, convém observar essas representações por uma perspectiva de performatividade, conforme proposto na obra de Judith Butler – ainda que o intuito da pesquisa não seja de se aprofundar neste conceito. Segundo a filósofa, existe na sociedade uma normatividade que atua de modo a produzir efeitos de demarcação e fixidez no que diz respeito ao sexo, à sexualidade e ao gênero. Isso ocorre por meio da reiteração de discursos que se prolongam ao longo do tempo – performances – que visam delimitar os “corpos que importam”²⁵⁴ e os que são “abjetos”, isto é, passíveis de rejeição. Essa regulação está presente em diferentes áreas do conhecimento, como a psiquiatria e a filosofia, e funciona de modo que, enquanto determinados corpos assumem ou se apropriam dessas normas, outros passam a ser deslegitimados e excluídos.²⁵⁵

Em linha similar, Paul Preciado afirma que essas performances ocorrem por meio de repetições reguladas e representações públicas, funcionando como uma “encenação” do sexo²⁵⁶. A pornografia, ao ser comercializada, “[...] transforma em ‘público’ aquilo que supostamente deveria permanecer privado” – isto é, o sexo, a sexualidade e a performance sexual – tendo assim uma caracterização político-econômica de representação²⁵⁷.

De acordo com Preciado, após a Segunda Guerra Mundial o corpo passou a ser “produzido” por uma série de tecnologias – como cirurgias, engenharia genética, fármacos, entre outros – e representações – caso da fotografia, do cinema, da televisão, e assim por diante. Para o autor, tratam-se de sistemas biomoleculares, digitais e de transmissão de informação, que acabam “incorporados” nas pessoas, sendo alguns exemplos disso a injeção de hormônios,

²⁵³ Entrevista realizada com Valdo Resende, ex-editor da revista *Spartacus*, em 1 de maio de 2022.

²⁵⁴ A autora utiliza o termo “*matter*”, que em inglês pode ser interpretado como “matéria”, “importância”, ou “assunto”

²⁵⁵ BUTLER, Judith. Introdução. In: **Corpos Que Importam: os Limites Discursivos do "Sexo"**. São Paulo, n-1 edições, 2019. p. 14-53.

²⁵⁶ *Ibid.*, p. 284

²⁵⁷ *Ibid.*, p. 283

silicones, e o uso de remédios para controle da fome e do sono.²⁵⁸ Esses processos geram o que Preciado chama de “programação de gênero”, isto é, uma série de códigos sobre o que seria considerado como “masculino” ou “feminino”.²⁵⁹

Preciado afirma ainda que a pornografia passou a ser distribuída de maneira global na sociedade pós-industrial, obtendo alto número de vendas e tendo certo espaço na economia internacional – ainda que, em muitos países, de maneira clandestina ou “*underground*” –, assim como o trabalho sexual e o consumo de drogas. Ambos os segmentos estariam entre os mais lucrativos do mercado devido ao seu baixo custo de produção e grande potencial de serem reproduzidos em larga escala, estando associados à difusão do neoliberalismo.

Neste sentido, é possível interpretar que *Spartacus* fez parte desse “sistema” de definição de corpos, nos quais gênero e sexualidade estariam relacionados. Ainda que a revista não publicasse matérias sobre formas de atingir determinados aspectos físicos – como as publicações mencionadas do final da década de 1980 –, nota-se a valorização de alguns perfis, os quais eram difundidos por meio das fotografias e enaltecidos nos textos de descrição. No caso de *Spartacus Boys*, eles seriam magros, jovens, sem pelos, e remetiam a uma masculinidade “inocente” – o que tinha certas distinções em relação aos modelos das outras fotografias, associados ao lazer e a atividades físicas. Isso demonstra um interesse por parte do periódico em apresentar ao menos dois modos de representações masculinas: uma, conforme mencionado, com características mais “virilizadas”, e outra, mais “doce”, ainda que essa doçura não implicasse uma feminização destes modelos.

Ao mesmo tempo, ambos os aspectos estão relacionados à posição que o periódico tinha no mercado global de comércio e consumo – isto é, de difusão e reprodução de representações produzidas nos Estados Unidos e no Ocidente europeu. Ainda que, conforme citado nos capítulos anteriores, *Spartacus* conseguisse manter sua receita principalmente com a venda direta de seus produtos aos leitores, as masculinidades apresentadas parecem atender sobretudo a um determinado padrão difundido internacionalmente.

²⁵⁸ PRECIADO, Paul. História da Tecnossexualidade. In: **Texto Junkie**: Sexo, Drogas e Biopolítica na Era Farmacopornográfica. N-1 Edições, 2018. Ps. 84-86

²⁵⁹ PRECIADO, Paul. História do Tecnogênero. In: **Texto Junkie**: Sexo, Drogas e Biopolítica na Era Farmacopornográfica. N-1 Edições, 2018. P. 127

3.2. Estilo de vida e masculinidades na revista

Apesar de, aparentemente, *Spartacus* buscar inspiração em uma ascendente indústria pornográfica global, a publicação procurava se enquadrar em meio a uma parte da imprensa considerada como erótica, conforme discutido no primeiro capítulo. Para isso, oferecia em suas páginas não apenas fotografias de nudez, mas também textos que apresentavam temas os quais seu corpo editorial considerava adequados ao público-alvo em que mirava – sendo exemplo disso os artigos políticos e os da coluna *O médico responde*.

No que diz respeito ao estilo de vida, são significativas as dicas de lazer publicadas pela revista em sua seção intitulada de *Roteiro*. Nela constavam opções de lugares como saunas, festas e bares onde homens interessados em conhecer outros homens poderiam ir, em diferentes capitais do Brasil. Nessas indicações constavam os nomes dos espaços, seus endereços e, eventualmente, descritivos contendo o que a revista achava do local.

Além de procurar incentivar que seu público conhecesse esses lugares, *Spartacus* também possuía uma seção intitulada *Entre nessa*, na qual, conforme mencionado no primeiro capítulo, seus leitores podiam enviar correspondências para que marcassem encontros uns com os outros. Nisso, eles informavam características deles próprios e do que esperavam em seus possíveis parceiros, como porte físico, *hobbies* e posição sexual.

Neste sentido, serão analisadas no decorrer deste item as representações criadas a respeito desses espaços, correspondentes e possíveis parceiros, e de que modo isso se relaciona à idealização de um determinado estilo de vida. Também serão observados os recortes apresentados nessas seções – sobretudo regionais no caso de *Roteiro*, e sociais e étnico-raciais em “Entre Nessa”. Ainda que o intuito não seja aprofundar nas particularidades dessas questões, convém atentar-se a essas “definições” para compreender de que forma isso está associado a mais do que comportamento de consumo, mas também à produção de sentidos a respeito de masculinidades homossexuais.

3.2.1. “Gays” e “Entendidos”: lugares e frequentadores na seção “Roteiro”

A seção *Roteiro* surgiu na primeira edição de *Spartacus*, ocupando as duas páginas finais da revista, iniciando com uma matéria intitulada “Todas as estrelas em Zurayo”. O texto foi dedicado a elogiar e divulgar o trabalho de um artista descrito como “[...] um carioca, ator

transformista, camaleão raro nas noites brasileiras”.²⁶⁰ O conteúdo, disposto em uma página amarela com fotos coloridas, seguiu relatando sobre a experiência do profissional e finalizou anunciando que ele estaria em cartaz em uma festa chamada Nostro Mondo.

A página seguinte, em preto e cinza, *Spartacus* iniciou com um trecho de “Olê olá”, música de Chico Buarque:

“Não chore ainda não
Que eu tenho um violão
E nós vamos cantar
Felicidade aqui, pode
Chegar e ouvir, e se ela
For de samba
Há de querer ficar...”²⁶¹

Em seguida, a revista “completou” com o seguinte texto:

E esse canto, pode acontecer em plena avenida, dentro daquele bar, no calor da sauna ou no aconchego da boite. Arrume-se, bote um pano legal, ânimo e muito fôlego para a noite paulista, milionária em possibilidades. Se oriente pelo nosso roteiro. Boa sorte!²⁶²

O restante da matéria foi dividido em quatro blocos, com dicas de diferentes espaços onde esse suposto encontro poderia acontecer na cidade de São Paulo. Ao invés de intertítulos, essas recomendações foram encabeçadas com versos de outras músicas, seguidas apenas pelo nome, endereço, telefone e horário de funcionamento desses lugares.

No primeiro deles, constou: “No escurinho do CINEMA / Chupando um drops de aniz... (R. Lee)”. Logo em seguida, foram apresentadas as informações de estabelecimentos como o Cine Ipiranga, Cine Metro e Cine Olido. O bloco subsequente foi iniciado com o trecho “...Precisamos nos ver POR AÍ / Pra semana, prometo... (P. da Viola)” e indicou ruas, avenidas e parques da capital paulista, como a avenida Angélica, avenida São Luiz e Parque do Ibirapuera. O terceiro bloco indicou algumas festas, caso da já citada Nostro Mondo, além da Boite Acrópolis, a Homo Sapiens, a Bronze’s e a Corinto; o texto foi iniciado com “...Por uma

²⁶⁰ Roteiro. *Spartacus*, São Paulo (SP), ano 1, n. 1, 1987, p. 30.

²⁶¹ Roteiro. *Spartacus*, São Paulo (SP), ano 1, n. 1, 1987, p. 30.

²⁶² *Ibid.*, p. 30.

inferior direito, a publicação inseriu um bloco dizendo: “[...] Aproveite nossas dicas. No próximo número, essas e outras... Tomara que seguindo nossas sugestões você possa terminar sua noite assim!”.

Essa característica de iniciar com um texto corrido seguido por blocos de endereços específicos foi mantida ao longo de todas as edições, passando por algumas nuances. Na edição de número dois, ao invés de retratar o trabalho de uma personalidade artística, o conteúdo inicial abordou sobre a chegada do carnaval e as opções disponíveis no Rio de Janeiro:

O carnaval e o verão no Rio não dará fôlego. A começar pela praia, em frente ao Copacabana Palace, diariamente sob os aplausos do sol refletido nas areias, muita gente “entendida” se bronzendo e se preparando para os festejos oficiais, que já começará na 3ª feira, dia 9 de fevereiro, antes do carnaval.²⁶⁶

Assim como no número anterior, o texto foi sucedido por dicas de festas, saunas e, neste caso, praias. No entanto, a mudança no conteúdo para tratar de lugares frequentados por “entendidos” é significativa, assim como o uso deste termo.

De acordo com o antropólogo Peter Fry, esta é uma definição que surgiu nos anos 1960 no Rio de Janeiro e em São Paulo, designando homens que teriam relações sexuais com outros homens, independentemente de serem ativos ou passivos na relação. Trata-se de uma concepção distinta da oposição entre “bichas” e “bofes”, utilizadas então em determinados lugares como “oposição” entre uma pessoa que preferiria ser penetrada e teria um comportamento considerado feminino, e outra que teria mais prazer em penetrar e seria mais “masculina”.²⁶⁷ Isso destoa também do que, nas décadas seguintes, seria popularizado como “homossexual” e “gay”, termos sobre os quais tratarei no decorrer deste item.

Ao final da página, *Spartacus* fez um pedido aos leitores:

A Cidade Maravilhosa e alguns locais, apenas. Pretendemos levantar um roteiro do país inteiro. Sabendo das nossas limitações, estamos contando com nossos leitores. Escreva-nos, enviando os endereços dos locais mais quentes de sua

²⁶⁶ Roteiro. *Spartacus*, São Paulo (SP), ano 1, n. 2, 1987, p. 30.

²⁶⁷ FRY, Peter. Da Hierarquia à Igualdade: a Construção Histórica da Homossexualidade no Brasil. In: **Para Inglês Ver**: Identidade e Política na Cultura Brasileira. 1982

cidade. Assim, acreditamos, teremos realmente condições de cobrir todo esse imenso território que é o Brasil²⁶⁸

A partir da terceira edição, *Spartacus* chegou a um modelo que se manteria ao longo das publicações seguintes, iniciando com um texto breve a respeito de pontos turísticos da cidade retratada, informando sobre gastronomia, população, História, entre outras curiosidades. Em seguida, diferentemente dos versos de músicas das edições iniciais, os blocos passaram a indicar diretamente de que se tratavam, intitulados apenas como “saunas”, “boates” ou, eventualmente, o nome do único estabelecimento recomendado. Além disso - desta vez na edição de número quatro - a seção *Roteiro* passou a contar com espaço reduzido no impresso, obtendo apenas uma página para seu conteúdo.

Figura 32 – Mudanças na diagramação e distribuição de páginas de *Roteiro*



Fonte: revista *Spartacus*; acervo Bajubá *Spartacus*, ano II, n. 4, 1988, p. 30

A seção *Roteiro* se manteve até a 12ª edição. Ao longo desse período, dedicou textos às cidades de Fortaleza, Belo Horizonte, Brasília, Belém, Porto Alegre, Recife, São Paulo, Salvador e Goiânia – além do já citado Rio de Janeiro. Nota-se, portanto, uma prevalência de capitais, sendo principalmente cidades consideradas como turísticas neste âmbito.

²⁶⁸ Roteiro. *Spartacus*, São Paulo (SP), ano 1, n. 1, 1987, p. 30.

Em relação ao modo como os homossexuais de cada lugar foram citados, percebe-se algumas diferenças. Apenas para Belo Horizonte, Belém, Porto Alegre e São Paulo foram usadas menções a lugares para “*gays*”, geralmente associados a festas e bares. No restante das cidades, variações como “entendidos”, “pessoas que entendem”, entre outras, foram as únicas expressões utilizadas.

Belo Horizonte é um caso particular, pois, ao término do texto inicial da seção com dicas turísticas, constou que “[...] é uma cidade em constante mudança e ainda bem provinciana, então as opções ‘gays’ são pouquíssimas”. Por outro lado, no parágrafo seguinte, há a recomendação de que:

As meninas entendidas podem conferir a “Plumas e Paetês”.
Para um aperitivo ou um relax antes do teatro ou cinema, uma grande idéia é passar pelo Fernando’s Bar ou no Edifício Maleda que são bares gostosos localizados entre as avenidas Augusto de Lima com Rua Bahia.
Curtir uma sauna também pode ser um programa, sempre “pintam” jovens bonitos e sensualmente amarrados em toalhas²⁶⁹

Isto é, ao mesmo tempo que *Spartacus* disse não haver muitos espaços considerados *gays* no município, seguiu dando dicas de cinemas, bares e saunas onde pessoas interessadas em outras do mesmo sexo ou gênero poderiam se encontrar – desde que fossem “entendidas”.

Definição similar ocorreu em matéria sobre Recife, em que a revista escreveu que

Nas imediações da *Avenida Conde de Boa Vista* durante as 24 horas do dia, o pessoal que entende circula por lá. Os michês também conhecem a rua. Um outro lugar alegre e cheio de gente é a *Praça do Carmo*, no lado oposto aos degraus da Faculdade de Direito.²⁷⁰

Já no bloco seguinte, sobre bares e restaurantes, pontuou: “[...] O único com exclusiva frequência ‘gay’ é o MISTY (Rua das Ninfas, 125)” e continuou o texto com dicas de outros estabelecimentos que, de acordo com a revista, ofereciam “boas comidas”, apesar de não serem voltados ao seu público.

²⁶⁹ Roteiro. *Spartacus*, São Paulo (SP), ano 2, n. 4, 1988, p. 30.

²⁷⁰ *Ibid.*, p. 30.

Em matéria sobre Fortaleza, *Spartacus* escreveu em um bloco sobre as saunas, assinalando:

Elas não existem por lá, uma vez que o clima é muito quente, mas os entendidos sempre dão um “jeitinho” e a mais frequentada é a do Novotel. Outros locais, apesar de não serem exclusivamente para o pessoal enturmado, são: os Restaurantes Aquarius (cozinha típica); Choppileque (pizzaria) e a Sorveteria Tropical que já foi um bar-entendido antigamente, todos esses ficam à Beira-Mar na Avenida Presidente Kennedy.²⁷¹

Essa definição permaneceu em outras edições para se referir a lugares bastante frequentados por homossexuais, mas que não eram totalmente dedicados a eles. Na matéria sobre Brasília, *Spartacus* escreveu que “[...] sem dúvida alguma a Capital Federal é pobre em passeios para ‘entendidos’”²⁷², em seguida recomendando que as pessoas interessadas fossem ao terminal rodoviário da cidade, ao *shopping center*, a uma boate chamada Buraco e a um estabelecimento denominado Hotel Nacional: “[...] Apesar de não acontecer nada no recinto, serve para conhecer e levar para casa ou hotel”²⁷³.

De acordo com o antropólogo Edward MacRae, os termos “homossexual” e “*gay*” se popularizaram no Brasil na década de 1970, principalmente a partir do período de reabertura para a democracia. Isso ocorreu com o surgimento de estabelecimentos comerciais voltados a esse público e devido à militância da época, mencionada nos capítulos anteriores. Para o autor, a frequência a esses locais fez com que surgissem “estilos” de vida tidos como característicos a esse grupo social.²⁷⁴ Também o historiador Paulo Roberto Souto Maior Júnior, em análise de textos²⁷⁵ e cartas²⁷⁶ publicados em *Lampião da Esquina*, aponta o papel que o jornalismo voltado aos homossexuais teve para dar força à concepção de “se assumir”, isto é, dizer-se

²⁷¹ Roteiro. *Spartacus*, São Paulo (SP), ano 2, n. 3, 1988, p. 30.

²⁷² *Ibid.*, p. 30.

²⁷³ *Ibid.*, p. 30.

²⁷⁴ MACRAE, Edward. *A Construção da Igualdade: Política e Identidade Homossexual no Brasil da “Abertura”*. Edufba, 2018. Disponível em: <<https://books.scielo.org/id/yn5sj>>. Acesso em 25 ago. 2022.

²⁷⁵ JÚNIOR, Paulo Roberto Souto Maior. Inventar os Corpos:: A Luta Discursiva das Homossexualidades Masculinas Durante a Ditadura Militar no Brasil (1978-1981). *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, v. 12, n. 24, p. 418-447, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/index.php/rbhcs/article/view/11289>>. Acesso em 25 ago. 2022.

²⁷⁶ JÚNIOR, Paulo Roberto Souto Maior. Escrever para Inscrever-se: Epistolografia Homossexual nas Páginas do Lampião da Esquina (1978-1981). *Revista Tempo e Argumento*, v. 8, n. 19, p. 254-282, 2016. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/3381/338149856011/>>. Acesso em 25 ago. 2022.

abertamente como alguém que se relacionava com outras pessoas do mesmo sexo ou gênero e, desta forma, identificar-se pertencente a essa população.

Em *Spartacus*, a matéria sobre Salvador foi a única em que os “entendidos”, os militantes e os *gays* apareceram de alguma forma relacionados. Em um trecho do texto sobre a cidade, a revista formulou que “[...] A Bahia é de todos os Santos e de todos os homens também. Cidade onde o pessoal que entende é muito bem organizado e quem necessitar de maiores informações pode procurar o Grupo Gay da Bahia”²⁷⁷.

Esse modo de se referir de maneira diferenciada dos outros locais pode ter relação com a forma como os ativistas baianos procuraram se organizar ao longo dos anos 1980. Em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, os grupos existentes eram geralmente compostos por universitários ou pessoas ligadas a partidos políticos, não havendo muita aproximação com os locais como os mencionados em *Spartacus* – isto é, determinadas praças, ruas, bares, entre outros –, os quais costumavam ser referidos como “gueto”.²⁷⁸ De acordo com o historiador Ailton José dos Santos Carneiro, o Grupo Gay da Bahia se distinguiu neste aspecto, procurando estabelecer contato com os frequentadores desses espaços, especialmente de menor poder aquisitivo.²⁷⁹

Na matéria sobre Goiânia, a revista *Spartacus* dedicou a maior parte do texto a dicas de passeios turísticos sem intuito sexual ou de “paquera”. Apenas nos dois últimos blocos mencionou saunas e academias de musculação, como a “Sauna do Tarzan”, “[...] onde sempre é possível encontrar-se a ‘cara metade’ dos seus sonhos de uma vida, ou de uma viagem”, e bares, no qual a revista escreveu: “[...] Segundo o pessoal que entende, o melhor é o BAR E CAFÉ MADRI, localizado no setor Oeste, atrás do Palácio da Justiça”.²⁸⁰

Diferentemente das outras cidades, nas matérias sobre São Paulo e Porto Alegre não foram mencionados espaços para “entendidos”. Ao invés disso, na edição em que constou sobre a capital gaúcha, houve um bloco chamado “Áreas de ‘footing’” em que, da mesma forma que

²⁷⁷ Roteiro. *Spartacus*, São Paulo (SP), ano 2, n. 10, 1988, p. 30.

²⁷⁸ MACRAE, Edward. *A Construção da Igualdade: Política e Identidade Homossexual no Brasil da “Abertura”*. Edufba, 2018. Disponível em: <<https://books.scielo.org/id/yn5sj>>. Acesso em 25 ago. 2022.

²⁷⁹ DOS SANTOS CARNEIRO, Ailton José. Salvador dos Homossexuais: Militância Homossexual e Homossociabilidade na Bahia nos Anos 1980. *Temporalidades*, v. 7, n. 3, p. 9-30, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5593>> Acesso 25 ago. 2022

²⁸⁰ Roteiro. *Spartacus*, São Paulo (SP), ano 3, n. 11, 1989, p. 30.

nos outros números, foram dadas dicas de ruas e parques onde os leitores poderiam conhecer outras pessoas. Novamente, o termo “gay” foi utilizado no trecho sobre boates, em uma sugestão a respeito de um estabelecimento chamado Arca de Noé, o qual teria como proprietário um homem chamado Frei, definido como “[...] popular gay em P. Alegre”,²⁸¹ e em outra parte sobre a boate Enigma, “[...] o ponto de encontro do ‘*tout le monde*’ gay da capital gaúcha”.²⁸²

A nona edição de *Spartacus* contou com duas páginas dedicadas a São Paulo, apresentando uma extensa lista de bares e boates. Diferentemente da edição inicial, que continha dicas de ruas e praças, nesta não houve menção a esses lugares. Na publicação, a boate Homo Sapiens foi definida como “[...] Tradicional boite gay. Muita animação e música boa, um discotecário que sabe das coisas e nunca deixa esfriar”. Outras menções foram feitas sobre espaços como a Shock, “[...] uma boite gostosa e descontraída que promove noites especiais com concursos de homens bonitos, tatuados e este ano serviu de palco para a escolha da Miss Gay de São Paulo”, o Caneca de Prata, “[...] Um bar decadente, frequentado basicamente por ‘michês’ desocupados e por antigas figuras do mundo gay”, e um hotel chamado Mister Gay, “[...] simples e limpo, próximo a rua Marquês de Itu, ideal para um romance rápido com o namorado, recém-conhecido nas boites...”.²⁸³

Acredito que a escolha por reservar o dobro de espaço na revista para publicar a respeito da capital paulista seja devido à concentração e expressiva quantidade de festas tidas como *gays* na cidade, as quais surgiram no decorrer dos anos 1980. De acordo Isadora Lins França, esses locais passaram a ser pontos de encontro importantes para homossexuais de São Paulo, sobretudo os que tinham poder aquisitivo elevado.²⁸⁴

Consoante a isso, os espaços públicos situados no centro do município, até então frequentados por essa parte da população – principalmente de renda mais baixa ou média –

²⁸¹ Roteiro. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 2, n. 7, 1988, p. 30.

²⁸² *Ibid.*, p. 30.

²⁸³ Roteiro. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 3, n. 9, 1989, p. 30.

²⁸⁴ FRANÇA, Isadora Lins. **Consumindo Lugares, Consumindo nos Lugares: Homossexualidade, Consumo e Produção de Subjetividades na Cidade de São Paulo**. 2010. 301 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280486>>. Acesso em: 25 ago. 2022.

passavam por batidas policiais. Essas ações culminaram em violência e prisão de centenas de homossexuais e travestis, acusados de atentar contra a moral e os bons costumes.²⁸⁵

Esse fator, em conjunto com os preconceitos sofridos em relação ao HIV/Aids no final da década, fez com que muitas dessas pessoas parassem de frequentá-los. Desta forma, quem tinha condições financeiras para pagar pelas boates e saunas do mercado voltado ao público homossexual – emergente em bairros abastados – preferia visitá-las como opção de lazer e entretenimento. Devido a esses motivos, muitas dessas festas ficavam em pontos estratégicos onde seus clientes pudessem chegar sem chamar atenção, como um “segredo”.²⁸⁶

Roteiro parece, portanto, ter sido uma seção de êxito em *Spartacus*, uma vez que permaneceu do início ao fim da revista. Ao informar sobre os espaços públicos e privados que teriam significativa frequência de homossexuais, acredito que o conteúdo das matérias atendesse ao interesse de pessoas que queriam conhecer outras com os mesmos gostos, sejam eles sexuais, sejam musicais ou de entretenimento.

Por outro lado, o periódico parece ter tido dificuldades em encontrar estabelecimentos para referenciar em capitais que não eram vistas como grandes centros urbanos, considerando a escassez de dados divulgados em algumas edições. Isso pode ter ocorrido, sobretudo, devido à concentração de comércios em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, ou mesmo em decorrência do comportamento dos homossexuais do período em outros municípios. Ou seja, em lugares onde os possíveis pontos de encontro seriam predominantemente públicos – como praias e parques – haveria maior risco à exposição caso essas pessoas os visitassem, podendo culminar em casos de violência.

Acredito que este seja o motivo para *Spartacus* utilizar contextos diferentes para o termo “gay” e “entendido”. Isto é, estabelecimentos e pessoas tidas como “gays” pareciam estar mais associados a cidades e regiões com alto fluxo comercial, enquanto os “entendidos” iriam em lugares sobretudo públicos, visitados por perfis diversos – ou seja, também heterossexuais – e

²⁸⁵ GREEN, James; Quinalha, Renan. **Ditadura E Homossexualidades: Repressão, Resistência E A Busca Da Verdade**. São Paulo (SP): Editora Da Universidade Federal De São Carlos, 2014

²⁸⁶ FRANÇA, Isadora Lins. **Consumindo Lugares, Consumindo nos Lugares: Homossexualidade, Consumo e Produção de Subjetividades na Cidade de São Paulo**. 2010. 301 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280486>>. Acesso em: 25 ago. 2022.

com fins distintos – caso de praças e parques visitados tanto por quem quisesse ter encontros, quanto por famílias passeando, e assim por diante.

Convém observar também que o termo “gay” é utilizado de duas formas diferentes: adjetivando tanto estabelecimentos quanto sexualidades, o que sugere uma relação entre ambos – o sujeito e o espaço. Por outro lado, o “entendido” é usado para definir apenas a pessoa que, de alguma forma, sabe da diversidade de acontecimentos possíveis em determinados locais: em *Spartacus*, trata-se de alguém “que entende do assunto”.

Como aponta França, o crescimento do número de estabelecimentos voltados aos homossexuais do final da década de 1980 até os anos de 1990 fez com que se difundissem determinados comportamentos, gostos e preferências de consumo que foram logo associados a essa parte da população. O surgimento de revistas especializadas, programas de televisão internacionais, editoras e agências de turismo levaram à adesão a um estilo de vida disseminado globalmente por parte de países do hemisfério norte – o qual teria seus adeptos também no Brasil, com um público consumidor identificado com a citada sigla GLS.²⁸⁷

Embora os textos de *Roteiro* sejam mais informativos, funcionando praticamente como um guia aos seus leitores, nota-se existirem também demarcações de acordo com diferentes públicos. Isto é, o sujeito “gay” seria um frequentador dos espaços comerciais disponíveis principalmente em capitais com intensa atividade comercial. Já o “entendido”, uma pessoa de outras localidades – alguém que, aparentemente, precisa “conhecer segredos” sobre esses espaços para frequentá-los.

O uso de um termo surgido anteriormente ao Movimento Homossexual soa significativo, pois remete à necessidade de manter sigilo a respeito das relações que acontecem nesses lugares. Este fato, junto à diferença na quantidade de indicações apresentadas conforme as cidades – isto é, havendo maior quantidade delas em São Paulo e Rio de Janeiro – demonstram desigualdades não apenas sociais, mas também regionais no que diz respeito às experiências homoeróticas do período.

²⁸⁷ FRANÇA, Isadora Lins. **Cercas e Pontes**: o Movimento GLBT e o Mercado GLS na Cidade de São Paulo. 2006. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-03092007-141155/en.php>>. Acesso em 12 dez. 2022.

Ainda que tenham surgido bares, boates e comércios voltados a este grupo no Brasil no decorrer da década de 1980, em *Spartacus* eles aparecem mais associados a um público consumidor das capitais paulista e carioca – onde, a despeito da discrição, presume-se que seria “possível” ser *gay*.

3.2.2. “Entre nessa”: as correspondências dos leitores

As representações de masculinidades não ficaram restritas às seções fotográficas. Podemos observar essas construções também em outras partes da revista, a exemplo das que traziam correspondência ou troca entre os leitores e consumidores. Assim como *Roteiro*, a seção “Entre nessa” surgiu na primeira edição de *Spartacus*, permanecendo ao longo de quase todas as edições, frequentemente ocupando duas páginas da revista – embora, no décimo número, tenha aparecido em quatro delas e, na décima quinta, chegando a cinco.

O conteúdo era composto por correspondências breves enviadas pelos leitores visando marcar encontros uns com os outros, seja para fins sexuais, seja amorosos. Nelas, esses correspondentes informavam dados como idade, altura, cor ou raça, profissão, estado civil, peso, cor dos olhos e cabelo, gostos, expectativas em relação ao possível parceiro, caixa postal, cidade, estado, CEP e eventualmente informações sobre o tamanho do pênis; alguns diziam seu primeiro nome ou pediam foto caso alguém quisesse manter contato.

De acordo com Corbin, o estudo de correspondências eróticas permite compreender fatores como os valores e as representações evocadas tanto por seus autores quanto pela sociedade da época em que foram escritas. Isto é, ao estudar o modo como escritores homens retratavam seus casos sexuais uns aos outros no século XIX, o autor pôde analisar de que modo os códigos relacionados à virilidade – força, coragem, dureza, entre outros – apareciam em seus textos. Para o pesquisador, essas características eram valorizadas no período por estarem associadas a aspectos como a guerra, a conquista, a colonização e o patriotismo.²⁸⁸ Embora *Spartacus* se situe em um contexto diferente do analisado por Corbin, o método utilizado pelo autor convém a esta pesquisa para compreender de que modo as masculinidades eram significadas nas correspondências dos leitores do periódico, bem como sua relação com

²⁸⁸ CORBIN, Alain. A Necessária Manifestação da Energia Sexual. In: CORBIN, A.; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História da Virilidade**. (O triunfo da virilidade. O século XIX). Petrópolis: Vozes, 2013. p. 153-192

acontecimentos do Brasil do final da década de 1980 - isto é, de retorno à democracia e epidemia de HIV/Aids.

De acordo com Resende, a publicação das cartas em *Spartacus* desde a edição inicial foi possível devido ao fato de a editora já contar com grande quantidade delas recebidas de outras publicações – como *Master sex* e *Rudolf*. Isso teria sido suficiente para que a revista também começasse logo a ter o mesmo resultado, publicando então os escritos enviados por seus próprios leitores.

Em um texto que a precedeu, “anunciando” a iniciativa, assinado por Marcos Vinícius, nome que não foi identificado como pertencente a qualquer leitor ou colaborador da revista, o material dissertou o seguinte:

A solidão das capitais é uma constante para quem vive sozinho à procura de amigos. Alguém para conversar, para fazer um programa... [...] E aí?... Um vazio, uma sensação estranha de buscar gente seja onde for... Nas portas das boites, pracinhas mal iluminadas e até nas estações frequentadas dos metrô.

Alguém me disse ser impossível existir amor homossexual. Para muitos não passamos de objetos de decoração, bem humorados, divertidos e coloridos, espantando a tristeza dos outros com nossa sempre presença de espírito. Para alguns somos anormais e grosseiros, obrigados a viver na clandestinidade... Somos pares que vivem a noite... proibidos de se dar as mãos... sempre no anonimato para não despertar suspeitas. [...] Não somos casais certinhos que namoram, casam, têm filhos e acabam perambulando por aí procurando o prazer que não encontram em casa. Somos verdadeiros. Queremos respeito pela nossa opção sexual.

Assim, quero propor a esta revista uma coluna, uma espécie de pombo correio gay, onde podemos escrever, trocar idéias, namorar, marcar encontros e conhecer rapazes que como nós, estão sozinhos... perdidos na cidade grande. A maioria como eu, vindo de outras cidades menores ou do interior do estado... Desejamos encontrar gente... amigos... companheiros... alguém para ser bem mais do que isso... por que não?²⁸⁹

Esse sentimento de “solidão” descrito por Marcos Vinícius é condizente com os relatos coletados por França, em seu estudo mencionado nesta pesquisa. Os entrevistados da pesquisadora, os quais eram homossexuais ex-frequentadores de grandes festas de São Paulo, mencionavam o fato de que, devido aos preconceitos relacionados ao HIV/Aids, as pessoas

²⁸⁹ Entre Nessa. *Spartacus*, São Paulo (SP), ano 1, n. 1, 1987, p. 26.

teriam deixado de “achar bacana” ser *gay*, de modo que muitos deixaram de ir aos espaços onde a frequência dessa parte da população era expressivo.²⁹⁰

Além disso, é possível notar similaridades entre esse afastamento de imagem de “alegria” e, ao mesmo tempo, “clandestinidade”, com as pautas que emergiram no decorrer da década de 1980 em busca de cidadania - e que visavam mostrar os homossexuais como pessoas iguais em direitos em relação aos heterossexuais. Conforme discutido no decorrer desta pesquisa, essa foi uma questão presente tanto em algumas organizações de movimentos sociais - como nas pautas defendidas pelo *Triângulo Rosa* - quanto em veículos de comunicação voltados aos homossexuais que foram antecessores a *Spartacus* - caso do *Jornal do Gay* e o *Journal Gay International*. No entanto, há determinadas representações privilegiadas na revista, como a maior valorização de homens considerados *viris*, saudáveis e com características étnico-raciais específicas, tópico que será abordado neste subitem.

A despeito do conteúdo se referir a cidades grandes, as cartas que passaram a ser recebidas por *Spartacus* eram oriundas de diversos lugares do Brasil, tanto de capitais quanto de municípios do interior, o que demonstra que esse interesse em conhecer novas pessoas não estaria restrito aos paulistanos.

O lançamento da seção contou com fotos de quatro supostos leitores de perfis distintos: um homem magro seminu que teria enviado uma imagem com o rosto oculto, uma travesti completamente vestida, um halterofilista nu e um jovem que se denominava como universitário de físico corpulento, também nu. A revista contou com publicações de leitores que se auto-definiam como sadomasoquistas, voyeuristas, podólatras, bissexuais, interessados em travestis afeminados, entre outros. Conforme será abordado adiante, esses perfis no modo como os leitores se representavam e o que eles buscavam se tornou cada vez menos diverso com o passar do tempo, o que indica possíveis diferenças entre os leitores das outras publicações de *Ki-Bancas* e os de *Spartacus*.

²⁹⁰ FRANÇA, Isadora Lins. **Consumindo Lugares, Consumindo nos Lugares: Homossexualidade, Consumo e Produção de Subjetividades na Cidade de São Paulo**. 2010. 301 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280486>>. Acesso em: 25 ago. 2022.

-, o que pode ter acontecido por perda de interesse do público ou mesmo do corpo editorial, conforme será abordado adiante.

Já na primeira edição é possível encontrar o texto de um leitor com algumas características que se tornaram predominantes nos volumes subsequentes e que nos indicam traços dessas concepções de masculinidades:

ESPERANDO SUA CARTA

Moreno claro, olhos e cabelos castanhos, 1,75m, situação financeira definida, sensível, educado, sincero e cheio de amor para dar. Quer se corresponder com RPAZES de qualquer idade, sexo, cor e religião, para trocas de idéias ou algo mais. Se possível fotos (que serão devolvidas) e telefone para contatos. Moreno Potiguar, Cx Postal 116, NATAL/RN, CEP 59025.²⁹³

Além da estrutura textual, os leitores de *Spartacus* pareciam se definir de maneira similar, e também possuir “preferências” em comum. Muitos deles se referiam a si próprios sobretudo como “morenos claros” ou “brancos”, sendo quase inexistente a referência a peles pretas, negras, indígenas, ou outras variações.

Segundo a historiadora Lilia Moritz Schwarcz, o enaltecimento da cor branca foi um processo que se intensificou no Brasil na virada do século XIX para o XX, quando ocorreram políticas de imigração de europeus com o intuito de “embranquecer” a população. Durante o período, a cor negra era associada à escravidão e à degenerescência. Já no decorrer da década de 1930, com o objetivo de se contrapor ao escravagismo, surgiram representações que enalteciam a mestiçagem, difundindo a concepção de “democracia racial”. O mestiço seria, então, o máximo da “mistura” entre raças disseminada em trabalhos artísticos e políticos.

Schwarcz aponta ainda que, em 1980, o IX Recenseamento Geral – seguindo os mesmos preceitos de outro publicado em 1950 – classificou a população brasileira em quatro grupos: brancos, pretos, amarelos e pardos. Nesta última categoria, estariam contempladas as pessoas tidas como mulatas, mestiças, índias, caboclas, mamelucas e cafuzas.²⁹⁴ Na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizada em 1988, 55,5% dos respondentes teriam se descrito como brancos, 5,4% pretos, 38,6% pardos

²⁹³ Entre Nessa. *Spartacus*, São Paulo (SP), ano 1, n. 1, 1987, p. 26.

²⁹⁴ SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem Preto, Nem Branco, Muito Pelo Contrário: Cor e Raça na Intimidade. In: *História da Vida Privada no Brasil: Contrastes da Intimidade Contemporânea*. 1998. P. 225

e 0,5% amarelos, resultado este que a pesquisadora descreve como “clareamento” da população, ao comparar ao fato de que, em 1890, apenas 44% se declararam “brancos”.²⁹⁵

Em outro estudo da PNAD, de 1976, teria ocorrido uma metodologia diferente, na qual a própria população definiria sua cor. O resultado foi o aparecimento de 136 categorias diferentes, sendo exemplos disso os termos “bem-branca”, “bem morena”, “café”, “café com leite”, “galega”, “morena bronzeada”, “morenã”, “rosa”, “verde”, entre outros.²⁹⁶

Essa discussão convém à análise de *Spartacus* para compreender a ênfase dada nas correspondências em características de cor ou raciais descritas pelos leitores. Parto do pressuposto de que, assim como na pesquisa da PNAD de 1976, a classificação era dada pelos próprios autores das cartas. Porém, neste caso, as populações que estariam condensadas no conceito de “pardo” dos institutos de pesquisa parecem estar atribuídas aos “morenos claros”. Acredito que, ao se autodefinir nesta categoria ou como “brancos”, os correspondentes tivessem o intuito de soarem mais atraentes aos seus interlocutores.

Essas características eram recorrentes também no que eles buscavam em seus parceiros:

LOIROS/MORENOS MÁSCULOS

Moreno claro, 1,75m, 65kg, cabelos e olhos castanhos, 27 anos, bonito, bem dotado, ativo liberal, não afeminado, discreto, adora fazer massagem corporal relaxante, deseja relacionamento com rapazes até 30 anos, loiros ou morenos, altos, bonitos de corpo, sem pelos, másculos, bem dotados, mais passivos que ativos, não promíscuos, não afeminados, discretos. Pessoas com interesse financeiro não escrevam. RICARDO, Cx. Postal 38072, Rio de Janeiro/RJ, CEP 22451.²⁹⁷

Neste exemplo, nota-se uma ênfase na “não afeminação”, isto é, o correspondente se apresentou como alguém que não possuía e também não tinha interesse em uma pessoa com essas características. Essa era uma “exigência” comum em quase todos os textos publicados em *Entre Nessa*, principalmente nas edições finais, correspondentes à virada da década de 1980 para 1990. Outros interesses que se tornaram recorrentes diziam respeito ao nível de instrução – muitos procurando se definir como “universitário” ou “culto” e buscando um parceiro que

²⁹⁵ SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem Preto, Nem Branco, Muito Pelo Contrário: Cor e Raça na Intimidade. In: **História da Vida Privada no Brasil: Contrastes da Intimidade Contemporânea**. 1998, p. 225

²⁹⁶ Ibid., p. 227

²⁹⁷ Entre Nessa. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 3, n. 17, 1990, p. 26.

descreviam como “do mesmo nível” –, a *hobbies* relacionados à prática de atividades físicas – como musculação e halterofilismo – e, diferentemente do que foi apresentado na edição inicial de *Spartacus*, os leitores foram enfáticos em rejeitar práticas sexuais sadomasoquistas, fetichistas e inclusive uso de drogas:

GRANDE PAIXÃO

Gostaria de curtir grandes momentos com você, ou quem sabe uma grande paixão. De qualquer forma, escreva-me; sou um rapaz de 18 anos, claro, olhos azuis, 1,72m, 56kg, ativo-passivo. Preferência para rapazes de porte atlético, de até 28 anos, que morem em São Paulo ou na Grande ABC. Não aceito drogas, nem S/M, nem afeminados. Só respondo a cartas com foto. BILL Cx. Postal 277 – SÃO BERNARDO DO CAMPO – SP – CEP 09701²⁹⁸

Além disso, era comum que os leitores buscassem parceiros para relações consideradas “higiênicas” e apresentassem um recorte etário de preferência, frequentemente na faixa dos 20 e 30 anos:

RECADO

Jovem, 24 anos, moreno claro, 1,80m, cabelos e olhos castanhos, simpático, discreto, semi-forte, médio dotado, higiênico, deseja correspondência com homens entre 18/30 anos, bonitos, simpáticos, ativo/passivo, bem dotados, não fumantes e que saibam respeitar o próximo. Cartas para EROS, Cx. Postal 908, Dourados-MS, CEP 79800.²⁹⁹

Nessas correspondências enviadas, a busca por parceiros que fossem jovens, com nível de instrução superior e interessados em arte e cultura são dados que chamam atenção, uma vez que se assemelham ao perfil com o que a revista *Playboy* procurava construir de seu público, isto é, que se pressupunha composto por homens sofisticados, e também à forma como *Spartacus* definia seus leitores.

No que diz respeito à sexualidade, as preferências dos correspondentes parecem condizer ao que a antropóloga Gayle Rubin define como um “sistema de valores sexuais”. Segundo a autora, diferentes discursos e instituições – como as religiosas, políticas e psiquiátricas – seriam construtoras de uma suposta “hierarquia” entre uma sexualidade tida como “boa”, “normal”, e “natural”, e outra considerada “má”, “anormal” ou “não natural”.

²⁹⁸ Entre Nessa. *Spartacus*, São Paulo (SP), ano 3, n. 14, 1989, p. 26.

²⁹⁹ *Ibid.*, n. 17, 1990, p. 26.

Nesta primeira categoria, estariam as relações heterossexuais, monogâmicas, não-comerciais, procriativas, praticadas por pessoas de mesma geração, entre outras. Já na segunda, constariam a homossexualidade, a poligamia, a prostituição, o sexo não-procriativo, inter-geracional, o sadomasoquismo, e assim por diante. Para Rubin, haveria uma discussão na sociedade entre o quanto seria aceitável “atravessar” a linha entre a sexualidade lida como “respeitável” e a vista como “repulsiva”. A pesquisadora aponta que, no entanto, essas diferentes práticas sexuais não estariam fixas em um lado ou no outro, mencionando o fato de a homossexualidade ter passado por certo reconhecimento com o passar do tempo.³⁰⁰

Neste aspecto, saliento que o estudo original de Rubin foi publicado em 1984 – isto é, quando os casos de HIV/Aids ainda não estavam tão disseminados quanto no final da década. Conforme discutido nos outros capítulos, o período de epidemia levou a um “abalo” na sociedade em relação ao quanto as relações homossexuais deveriam ser reconhecidas, o que no Brasil chegou a impedir a criminalização da discriminação contra homossexuais na Constituição de 1988. Em *Spartacus*, parece-me haver uma tentativa dos leitores em serem vistos como afeitos apenas às práticas consideradas como “boas” ou “normais”, o que pode ser efeito de fatores como uma possível tentativa de “fugir” da estigmatização da homossexualidade, ou por questão de este público ter preferências diferentes dos que consumiam outros tipos de pornografia – como a citada *Rudolf*.

Em relação às fotos enviadas pelos consumidores do periódico, todas foram publicadas em preto e branco – o que pode ser tanto uma preferência editorial quanto devido às possíveis máquinas fotográficas acessíveis a eles – e a maioria delas tiradas de modo a esconder o rosto dos retratados. Isso indica um interesse por parte dessas pessoas em manterem certa “discrição” e terem sua identidade preservada. A despeito disso, elas costumavam conter dados pessoais como o restante da seção, sendo exemplo deste aspecto uma fotografia enviada para a segunda edição com a seguinte legenda:

BEM DOTADO MESMO

Esportista, bem dotado, nível superior, 23 anos 1,75m, quer fazer amigos em todos os estados do país (costuma viajar). Pessoas em trânsito por Belém serão bem aceitas. Escrever para M.G., cx. Postal 3029, Belém/PA, CEP 66.040³⁰¹

³⁰⁰ RUBIN, Gayle. Pensando o sexo. In: **Políticas do sexo**, 2017. Disponível em: <<https://especializacaoemgenero.com.br/textos/telma%20aula%203/RUBIN,Gayle.%20%20Pensando%20sobre%20Sexo.pdf>>. Acesso em 25 ago. 2022. P. 28

³⁰¹ Entre Nessa. *Spartacus*, São Paulo (SP), ano 1, n. 1, 1987, p. 26.

expostos dados como CEP e caixa postal ao invés de o endereço completo com o número da residência do remetente, por exemplo – e, em muitos casos, haver a exigência de que o respondente enviasse fotos de si.

Essas precauções faziam com que os correspondentes tivessem uma informação menos específica de onde seus possíveis parceiros moravam, e houvesse a necessidade de ir até um determinado local para buscar as cartas que chegassem. Com isso, é possível inferir que eles mantivessem certa “privacidade”, conforme propunha a chamada ofertada por *Spartacus* em seus anúncios.

Devido ao modo como esses interlocutores definiam a si mesmos, enfatizando características do próprio corpo, de formação e bagagem cultural, é perceptível uma valorização feita por eles de determinados aspectos físicos e sociais. Ou seja, os consumidores da revista procuravam ser vistos e ter parceiros considerados “saudáveis”, “educados” e “viris”, além de “brancos” ou “morenos claros”. Essa importância atribuída a esses recortes tem relação não apenas com as representações masculinas de *Spartacus*, mas também à sociedade brasileira e ao contexto do período. Acredito que a busca por aspectos raciais específicos esteja associada a determinados padrões de beleza reforçados por diferentes instituições, organizações e agentes sociais do país - sendo o “branco” representante de uma suposta “pureza”, e o “moreno claro”, da “miscigenação”.

A “preferência” por parceiros sexuais praticantes de atividades físicas, tidos como “discretos” e “higiênicos” parece consoante ao contexto de pânico e intensa preocupação sanitária em decorrência da epidemia do HIV/Aids, além das práticas sexuais consideradas “respeitáveis” discutidas neste capítulo. É importante salientar ainda que os leitores do periódico buscavam não apenas relacionamentos que fossem “discretos”, mas também que estivessem inseridos em um padrão de vida consideravelmente elevado. Neste sentido, nota-se que existem similaridades entre o modo como esses correspondentes definiam a si mesmos, aos homens que desejavam, e as características valorizadas pela revista nos descritivos de suas fotografias - isto é, de pessoas dedicadas à musculação, com certa bagagem cultural e poder aquisitivo considerável.

Outro ponto relevante é a rejeição a características associadas a “homens afeminados”. Isso parece indicar um medo desses leitores em serem vistos como “desvirilizados” - representando, portanto, uma suposta perda de poder -, “descobertos” - tornando-os “passíveis”

de sofrer violência - ou, até mesmo, desejo de serem “identificados” como pessoas similares aos modelos veiculados na revista.

Este último aspecto é perceptível também nas tentativas de *Spartacus* adequar suas fotografias tiradas no Brasil aos padrões técnicos das que foram compradas no exterior. Neste sentido, tanto a revista quanto as definições dadas por seus leitores a respeito de suas próprias características indicam uma conformidade a essas determinadas produções de masculinidades que ocorriam na indústria pornográfica *gay* dos Estados Unidos e do Ocidente europeu - e as quais foram globalizadas na década de 1980 - e que valorizavam homens “viris” ou determinadas características étnico-raciais.

No entanto, convém salientar as diferenças entre os cenários nacional e internacional neste aspecto. Conforme mencionado anteriormente, ainda que tenha ocorrido uma multiplicação de conteúdos eróticos e pornográficos no território brasileiro durante o período, este contexto ainda não era auspicioso o suficiente para que surgissem estrelas pornográficas ou grandes indústrias do segmento: para muitos, o momento era de se manterem em sigilo.

Portanto, ainda que houvesse uma “importação” de corpos norte-americanos ou europeus na revista, os homens interessados em ter relações com outros homens no Brasil precisavam performar por meio de uma lógica diferente da indústria pornográfica global. Ao contrário de ocorrer uma difusão totalmente “pública” desses corpos, ocorre uma valorização do caráter privado: para os leitores de *Spartacus*, seus parceiros deveriam ser discretos; e a “revista de nu masculino”, ser recebida em casa com conforto e privacidade.

Conclusão

A despeito de fazer veicular, ao longo de suas edições, fotografias da indústria pornográfica que se difundia nos Estados Unidos e na Europa, *Spartacus* procurou desde o início se definir como uma revista “distinta” das outras publicações pertencentes a este segmento no Brasil, algo relacionado ao cenário em que esses impressos estiveram situados no decorrer dos anos 1980. Neste aspecto, havia determinadas limitações, associadas a questões legais e sociais vigentes. Isto é, enquanto periódicos com baixo custo de produção e muitas vezes clandestinos eram considerados como “pornografia”, outros que possuíam maior rigor técnico e adequados às normas do período de transição da ditadura militar para a democracia se configuravam como “eróticos”.

A princípio, esta pesquisa tinha como hipótese que *Spartacus* recebia incentivo financeiro de empresas ou associações voltadas aos homossexuais para conseguir se manter. No entanto, foi descoberto que os anúncios no periódico eram, sobretudo, resultado de permutas feitas com as empresas, e a receita obtida principalmente por meio das próprias vendas aos leitores. Além disso, a publicação circulou por meio da editora *Ki-Bancas*, que possuía anos de experiência com impressos eróticos – especialmente heterossexuais –, sendo conhecida por leitores que consumiam esse tipo de conteúdo.

Ao longo das edições, questões políticas e econômicas foram frequentemente abordadas nos textos de *Spartacus*, o que demonstra um interesse por parte da publicação em oferecer matérias que fossem além das fotografias, nas quais eram feitas críticas ao PMDB, partido do presidente da época, José Sarney, e aos candidatos descritos como “conservadores”, sendo Fernando Collor de Melo seu alvo principal.

A inflação esteve entre os assuntos predominantes nesses artigos, o que indica o interesse de *Spartacus* em discutir sobre o poder de compra da população. Consoante a isso, ocorreram casos em que pessoas de baixa renda foram descritas como manipuláveis por políticos, o que reforça a impressão de que seu foco estaria, sobretudo, em um público inserido em um padrão de vida elevado e de acesso a bens de consumo – além demonstrar certo elitismo por parte do veículo.

O HIV/Aids também foi tema bastante discutido em *Spartacus* durante sua circulação, especialmente na coluna intitulada como “*O médico responde*”, assinada pelo dermatologista

Maurício Aricó. Diferentemente do modo como a questão era abordada em grandes veículos de comunicação e em campanhas do Governo Federal da época, a publicação procurou não vincular as relações sexuais à morte ou à hospitalização, atuando de modo a informar sobre métodos de prevenção, como o uso de preservativos.

Spartacus criticava o poder público e a ineficiência de políticas no que diz respeito sobretudo ao HIV/Aids, mas também em relação às drogas – manifestando-se contra o uso – e à corrupção. Chegou a apresentar entrevistas com personalidades ligadas ao Partido dos Trabalhadores e a ser “elogiosa” quanto às medidas do pedetista Leonel Brizola, porém não se manifestava diretamente a favor de algum candidato político. Além disso, a revista não defendia sistemas em específico – como socialismo ou neoliberalismo –, tampouco se associava aos grupos de ativismo existentes da época, como os pertencentes à Reforma Sanitária ou ao Movimento Homossexual, embora manifestasse repúdio ao preconceito contra este grupo social e ao moralismo de parte da sociedade brasileira.

Durante o período em que *Spartacus* esteve em circulação, houve crescimento de um mercado voltado aos homossexuais – composto por bares, boates, saunas, entre outros espaços de entretenimento e lazer. No entanto, as pessoas que iam a esses lugares costumavam frequentá-los em segredo devido às violências, às repressões e aos moralismos difundidos na época. Essa preocupação permite compreender o fato de *Spartacus* ter realizado um sistema de distribuição de seus exemplares de modo a serem embalados e então entregues em caixas postais onde seus leitores poderiam adquiri-los de maneira sigilosa. Além disso, a revista divulgava sobre os locais onde homens interessados em ter relações com outros homens poderiam se encontrar em diferentes capitais do país. Esses fatores indicam, portanto, que *Spartacus* pode ter funcionado como um meio de interlocução entre seus consumidores e, ao mesmo tempo, difusora do que passava a ser considerado globalmente um “estilo de vida gay”.

Por outro lado, havia diferenças no modo como esses lugares apareciam na publicação. Enquanto algumas cidades contavam com quantidade significativa de estabelecimentos voltados a este grupo, em outras esse número aparece reduzido, havendo predominância de locais públicos – como praças e praias – e referidos a “quem entende”. Isso sugere que, a despeito de ter ocorrido um crescimento no número de comércios voltados aos homossexuais da época, essa disponibilidade teria sido marcada por desigualdades em condições sociais e regionais.

Na época em que *Spartacus* veiculou, houve também um crescimento do mercado de revistas de entretenimento, por meio do qual emergiram periódicos com matérias que valorizavam corpos e comportamentos específicos, marcados pelo consumo de bens e prática de atividades físicas. Embora, diferentemente dessas publicações, *Spartacus* não apresentasse “dicas” de como atingir esses modelos ou até mesmo tivesse dificuldades em conseguir anunciantes interessados em vender produtos, os textos e fotografias enalteciam determinadas características – como a virilidade dos profissionais, os hábitos considerados “saudáveis” e o gosto pelas artes – enquanto outras eram apresentadas de maneira pejorativa. Esses aspectos apareciam também nas correspondências enviadas por seus leitores em busca de parceiros. Quanto a isso, convém observar que eles frequentemente definiam a si próprios e aos homens que desejavam como “morenos claros” ou “loiros”.

Ainda que o foco desta pesquisa não tenha sido aprofundar em questões étnico-raciais no que se refere à construção de desejos difundidos por meio da imprensa homoerótica – embora possa ser tema de investigação em estudos posteriores –, esses dados possibilitam analisar o modo como essa produção se relaciona à crescente indústria pornográfica global. Isto é, os conteúdos costumavam mostrar homens brancos, em alguns casos malhados, em outros magros, e criavam representações que valorizavam corpos com características norte-americanas e europeias, além de reforçar determinadas masculinidades consideradas “viris”.

Essa “importação” permite entender que *Spartacus* atuou não apenas incentivando as relações entre homens e disseminando no Brasil um estilo de vida considerado como *gay*, mas também reiterando determinadas construções de gênero. Desta forma, sua atuação ocorreu valorizando sobretudo recortes sociais específicos não apenas em relação à raça, mas também a classe social. Os homens idealizados tanto pela revista quanto por seus leitores seriam brancos, loiros ou morenos claros, com poder aquisitivo e bagagem cultural consideráveis, praticantes de atividades físicas, “discretos” e inseridos em um certo padrão de consumo. Eles estariam, portanto, em conformidade com normatividades sexuais e de gênero que se difundiam junto a um pânico gerado no contexto do HIV/Aids e ao crescimento de mercados globais de produtos e representações voltados aos homossexuais.

Neste sentido, *Spartacus* possibilita compreender o período de inflexão existente entre os anos iniciais do Movimento Homossexual, marcado por uma expressiva militância política na ditadura militar, e a ascensão, em meados dos anos 1990, do que ficaria denominado como “mercado GLS” e das Paradas do Orgulho – que atualmente utiliza a sigla LGBTI+. Isto é, ao

analisar os materiais publicados na revista, nota-se que não apenas espaços de lazer, mas também determinados corpos, masculinidades, visões políticas e comportamentos de consumo eram vendidos em meio a um cenário fundamental para entender significados atribuídos por revistas, filmes e programas de televisão ao que seria considerado até os dias de hoje como um “estilo de vida homossexual”.

Fontes

A Revista Spartacus Agora Tem o Espaço que Você Necessita. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 3, n. 17, 1990, p. 31

ALAN, Hélio. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 2, n. 4, 1988. Opinião, p. 3.

ARICÓ, Maurício. CUIDAIDS!. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 2, n. 8, 1988. Opinião, p. 3.

ARICÓ, Maurício. Drogas x Aids: As Grandes Perdas Da Década. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 3, n. 16, 1990. Especial, p. 6

ARICÓ, Maurício. Mikhail Baryshnikov. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 2, n. 5, 1988. Opinião, p. 20.

ARICÓ, Maurício. O BRASIL ESTÁ NA U.T.I. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 3, n. 10, 1988. O Médico Responde, p. 15.

ARICÓ, Maurício. O Médico Responde. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 2, n. 6, 1988. O Médico Responde, p. 19.

Assine Spartacus. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 3, n. 10, 1989, p. 24.

AUGUSTO, Cesar. “Joga no Mar tua Dor, que Iemanjá te Traz um Novo Amor”. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano I, n. 3, 1987, p. 18.

AUGUSTO, Cesar. Só seu, como Sempre. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano II, n. 5, 1988, p. 24.

Capa. **Lampião da Esquina**. São Paulo, SP, ano III, n. 27, ago. 1980.

Capa. **Lampião da Esquina**. São Paulo, SP, ano III, n. 31, dez. 1980

Capa. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 1, n. 1, 1987, p. 2.

CASTRO, Márcio. A Classe Média Está Apática. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 2, n. 6, 1988. Opinião, p. 3.

CASTRO, Márcio. As “Pérolas” da Política Brasileira. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 3, n. 13, 1989, p. 6-7.

CASTRO, Márcio. Brasil Ex-País da Esperança. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 2, n. 5, 1988. Opinião, p. 3.

CASTRO, Márcio. O Brasil para Collor. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 3, n. 15, 1989, p. 3.

CASTRO, Márcio. O Fenômeno Collor de Mello. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 3, n. 11, 1989. Opinião, p. 3.

CASTRO, Márcio. O Fenômeno Collor de Melo. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 3, n. 11, 1989, p. 3.

CASTRO, Márcio. O Povo Elegerá um Presidente. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 2, n. 9, 1988. Opinião, p. 3.

CASTRO, Márcio. Venceu o Marketing Publicitário. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 3, n. 14, 1989, p. 3.

CASTRO, Márcio. Voto Contra o PDS; Contra o PMDB... Contra um Governo que não Acerta o País!. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 2, n. 7, 1988. Opinião, p. 3.

Como Posar Nu. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 3, n. 10, 1989, p. 2.

COSTA, Wagner. Irede Cardoso. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano II, n. 5, 1988, p. 9.

Entre Nessa. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 1, n. 1, 1987, p. 27

Entre Nessa. **Spartacus**, ano I, n. 1, 1988, p. 24-25

Entre Nessa. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 1, n. 1, 1987, p. 26.

Entre Nessa. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 1, n. 1, 1987, p. 26.

Entre Nessa. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 1, n. 1, 1987, p. 26.

Entre Nessa. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 1, n. 2, 1987, p. 28

Entre Nessa. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 3, n. 14, 1989, p. 26.

Entre Nessa. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 3, n. 17, 1990, p. 26.

Entre Nessa. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 3, n. 17, 1990, p. 26.

FERREIRA, Mara. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 1, n. 2, 1987, p. 2.

GONZALEZ, José A. Q. O Brasil na Corda Bamba. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 2, n. 6, 1988. Economia, p. 18.

HENRIQUE, Marcelo. O Comandante da minha Viagem. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano II, n. 4, 1988, p. 19.

MAX, Fausto. Deu Choque no Cheque. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano III, n. 9, 1988, p. 15.

Mike Davis. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 1, n. 1, 1987, p. 8.

RESENDE, Valdo. O Programa dos Presidenciáveis para AIDS. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 3, n. 13, 1989. Especial, p. 15

RESENDE, Valdo. Telma De Souza Prefeita De Santos. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 3, n. 15, 1989. Especial, p. 6.

RESENDE, Valdo. Telma de Souza, Prefeita de Santos. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano III, n. 15, 1989, p. 6.

RESENDE, Valdo. Um Pouco do Muito que Não Foi Dito. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 3, n. 17, 1989. Opinião, p. 3.

Roteiro. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 1, n. 1, 1987, p. 30-31

Roteiro. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 1, n. 1, 1987, p. 30

Roteiro. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 1, n. 1, 1987, p. 30.

Roteiro. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 1, n. 1, 1987, p. 30.

Roteiro. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 1, n. 1, 1987, p. 30.

Roteiro. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 1, n. 2, 1987, p. 30.

Roteiro. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 2, n. 10, 1988, p. 30.

Roteiro. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 2, n. 3, 1988, p. 30.

Roteiro. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 2, n. 4, 1988, p. 30.

Roteiro. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 2, n. 5, 1988, p. 30.

Roteiro. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 2, n. 7, 1988, p. 30.

Roteiro. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 2, n. 7, 1988, p. 30.

Roteiro. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 2, n. 8, 1988, p. 30.

Roteiro. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 3, n. 11, 1989, p. 30.

Roteiro. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 3, n. 9, 1989, p. 30.

SAAVEDRA, Tebni. A Face Descollorida do Governo. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 3, n. 16, 1990, p. 3.

SÃO PAULO, A Nova Calcutá da América. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 3, n. 10, 1989. Opinião, p. 3.

SOUZA, Márcia. Cazuza, Vencido pelo Preconceito. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano III, n. 9, 1988, p. 6.

Spartacus Boys. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 1, n. 2, 1987, p. 20-21

Spartacus Boys. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 1, n. 2, 1987, p. 20

Spartacus Boys. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 1, n. 3, 1987, p. 25-26.

Spartacus Boys. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 2, n. 3, 1988, p. 24-25

Spartacus Boys. **Spartacus**, São Paulo (SP), ano 2, n. 8, 1988, p. 20-21

Bibliografia

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. No Ceará Tem Disso Não? Homossexualidade e Nordestinidade ou a História dos Homens Tristes. In: **Nos Destinos de Fronteira: História, Espaços e Identidade Regional**. Edições Bagaço, 2008. p. 466.

ALTMAN, Dennis. Rupture or Continuity? The Internationalization of Gay Identities. **Social Text**, n. 48, p. 77-94, 1996. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/466787>>. Acesso em 10 ago. 2021

ALTMAN, Dennis. The Globalization of Sexual Identities. In: **Global Sex**. University of Chicago Press, 2002. P. 86-105

ALVES, Soares. Presidente Jair Bolsonaro Censura Campanha do Banco do Brasil Focada na Diversidade. **Portal B9**, 25 abr. 2019. Disponível em: <<https://www.b9.com.br/107113/presidente-jair-bolsonaro-censura-campanha-do-banco-do-brasil-focada-na-diversidade/>>. Acesso em 30 jan. 2022.

AMANO, André Tomio Lopes. Alguns apontamentos sobre a crise da dívida e a política econômica de continuidade do governo Sarney (1985-1990). In: **XII Congresso Brasileiro de História Econômica & 13ª Conferência Internacional de História das Empresas**, 2017, Niterói. Disponível em: <[http://www.abphe.org.br/uploads/ABPHE%202017/30%20Alguns%20apontamentos%20sobre%20a%20crise%20da%20d%C3%ADvida%20e%20a%20pol%C3%ADtica%20econ%C3%B4mica%20de%20continuidade%20do%20governo%20Sarney%20\(1985-1990\).pdf](http://www.abphe.org.br/uploads/ABPHE%202017/30%20Alguns%20apontamentos%20sobre%20a%20crise%20da%20d%C3%ADvida%20e%20a%20pol%C3%ADtica%20econ%C3%B4mica%20de%20continuidade%20do%20governo%20Sarney%20(1985-1990).pdf)>. Acesso em 05 jun. 2021.

AMANO, André Tomio Lopes. Alguns apontamentos sobre a crise da dívida e a política econômica de continuidade do governo Sarney (1985-1990). In: **XII Congresso Brasileiro de História Econômica & 13ª Conferência Internacional de História das Empresas**, 2017, Niterói. Disponível em: <[http://www.abphe.org.br/uploads/ABPHE%202017/30%20Alguns%20apontamentos%20sobre%20a%20crise%20da%20d%C3%ADvida%20e%20a%20pol%C3%ADtica%20econ%C3%B4mica%20de%20continuidade%20do%20governo%20Sarney%20\(1985-1990\).pdf](http://www.abphe.org.br/uploads/ABPHE%202017/30%20Alguns%20apontamentos%20sobre%20a%20crise%20da%20d%C3%ADvida%20e%20a%20pol%C3%ADtica%20econ%C3%B4mica%20de%20continuidade%20do%20governo%20Sarney%20(1985-1990).pdf)>. Acesso em 21 mar. 2021.

ARCOLEZE, Conrado Ferreira. **Fios da História: Campanha Presidencial de Leonel Brizola e o seu Entrelaçar com o Passado Político do Candidato pela Imprensa**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Estadual Paulista. 2020. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/194158>>. Acesso em 10 jan. 2022.

ARICÓ, Vicente Maurício. **AIDS: Mitos e Verdades**. São Paulo: Editora Ícone. 1987.

ARRAES, Grazielle Regina de Amorim. Do Tempo De “Paz E Amor” Para A Era Do Amor Contido. In: **Entre O Desejo E A Culpa: A Transformação Do Comportamento Sexual E As Mudanças Da Noção De Risco Nas Campanhas De Prevenção À Aids No Brasil (1981-2013) E Estados Unidos Durante A Década De 1980**. 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/160558/337713.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 13 jan. 2021.

ARRUDA, Roldão. **Dias de Ira: Uma História Verídica de Assassinatos Autorizados**. Globo, 2001.

ASSIS, Charleston José De Sousa. Cultura política e participação popular na transição: uma análise do Plano Cruzado. In: **XXVIII Simpósio Nacional de História**, 2015, Florianópolis. Disponível em <http://snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434744677_ARQUIVO_ComunicacaoCharles-tonAssisAnpuh2015.pdf>. Acesso em 21 mar. 2021.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural Da Imprensa: Brasil :1900-2000**. Rio De Janeiro: Mauad, 2007

BORTOLOZZI, Remom Matheus. **Entre Trapos e Colchas: Vestígios da Memória LGBT Sobre as Primeiras Respostas Paulistanas à Epidemia de HIV/Aids**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5137/tde-28092021-112410/en.php>>. Acesso em 25 ago. 2022.

BOTTON, Fernando Bagiotto. As Masculinidades em Questão: uma Perspectiva de Construção Teórica. **Revista Vernáculo**, v. 1, n. 19/20, 2007. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/20548>>. Acesso em 29 nov. 2021.

BORTOLOZZI, Remom Matheus. **O Câncer Na Língua Deles: Memória Pornográfica LGBT Na Epidemia De Hiv/Aids**. Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades, V. 1, 2017, ISSN 2238-9008. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/30668>>. Acesso em 12 abr. 2020.

BUTLER, Judith. Introdução. In: **Corpos Que Importam: os Limites Discursivos do "Sexo"**. São Paulo, n-1 edições, 2019. p. 14-53.

CAPELATO, Maria Helena. A Imprensa Como Fonte e Objeto De Estudo Para O Historiador. In: VILLAÇA, Mariana; PRADO, Maria Lígia Coelho. **História das Américas: Fontes E Abordagens Historiográficas**. São Paulo: Humanita, p. 120, 2015

CASTRO, Paulo César. A Enunciação Midiática da Sexualidade a partir da Aids: os Discursos de Veja e IstoÉ nas Décadas de 1980 e 1990. In: **Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. 2005. p. 05-09. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/31525644888324662420081064433588588489.pdf>>. Acesso em 10 jan. 2022.

CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. **Estudos Avançados**, v. 5, p. 183, 1991. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/SZqvSMJDBVJTXqNg96xx6dM/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 10 jan. 2023.

CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe. Questões Para a História do Presente. In: **Questões Para a História do Presente**. Bauru (SP): EDUSC, 1999.

COLE, Shaun. Costume or Dress? The Use of Clothing in the Gay Pornography of Jim French's Colt Studio. **Fashion Theory**, v. 18, n. 2, p. 123-147, 2014. Disponível em:

<<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.2752/175174114X13890223974461>>. Acesso em 30 abr. 2021.

COLT STUDIO GROUP. Models. Disponível em: <<https://www.coltstudiogroup.com/models>>. Acesso em 06 mar. 2021.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade Hegemônica: Repensando o Conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, p. 241-282, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 12 out. 2022.

CONTRERA, Wildney Feres et al. GAPAS: Uma Resposta Comunitária à Epidemia da AIDS no Brasil. In: **GAPAS: Uma Resposta Comunitária à Epidemia da Aids no Brasil**. 2000. p. 40.

CORBIN, Alain. A necessária manifestação da energia sexual. In: CORBIN, A.; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História da Virilidade**. (O triunfo da virilidade. O século XIX). Petrópolis: Vozes, 2013. p. 153-192

CORDÃO, Vinicius FERREIRA Ribeiro. A Imprensa Gay Do Círculo Corydon Em Prol Da Cidadania Homossexual. In: **XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, 2016, São Paulo. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2593-1.pdf>>. Acesso em 21 mar. 2021.

COSTA, Jurandir Freire. Introdução. In: **A Inocência e o Vício: Estudos sobre o Homerotismo**. 1992.

COWAN, Benjamin. Homossexualidade, Ideologia e “Subversão” no Regime Militar. In: GREEN, James; Quinalha, Renan. **Ditadura E Homossexualidades: Repressão, Resistência E A Busca Da Verdade**. São Paulo (SP): Editora Da Universidade Federal De São Carlos, 2014

DA COSTA, Rogério da Silva Martins. **Sociabilidade Homoerótica Masculina no Rio de Janeiro na Década de 1960**: Relatos do Jornal O Snob. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Fundação Getúlio Vargas, 2010

DA LUZ, Thaíze Ferreira. O Papel Institucional da Imprensa na Nova República Brasileira pela Visão de O Globo e O Estado De S. Paulo. **Revista Brasileira De História Da Mídia**, V. 9, N. 1, 2020. Disponível em: <<https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/6682>>. Acesso em 10 jan. 2022.

DA SILVA, Neemias Oliveira. **Os Mitos de Espártaco**. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2018.

DE ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. De Fogo Morto: Mudança Social e Crise dos Padrões Tradicionais de Masculinidade no Nordeste do Começo do Século XX. **História Revista**, v. 10, no. 1, 2005.

DE ALMEIDA, Gelsom Rozentino. O Caráter Classista da Ditadura. In: SILVA, Carla Luciana et al. **Ditadura, Transição E Democracia: Estudos sobre a Dominação Burguesa no Brasil Contemporâneo**. Porto Alegre (RS), FCM Editora, 2016.

DE CASTRO, Ana Lúcia. Culto ao Corpo e Sociedade: Mídia, Cultura de Consumo e Estilos de Vida. **Tese de Doutorado**. Universidade Estadual de Campinas. 2001. P. 69

DE FARIA CRUZ, Heloisa; DA CUNHA PEIXOTO, Maria do Rosário. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 35, n. 2, 2007.

DE LIMA, Ana Cláudia Teixeira. A Experiência Da Aids Para Os Movimentos Civis LGBTs. In: **O Câncer Gay E O Orgulho Gay: A Experiência Da Aids Para O Movimento Lgbt Da Cidade Do Rio De Janeiro (1986-1995)**. Disponível em: <http://157.86.56.46/images/dissertacoes/dissertacao_final_ana_claudia_lima.pdf>. Acesso em 09 maio 2021.

DE LUCA, Tânia Regina. A Era das Revistas de Consumo. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. 411 p.

DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por Meio dos Periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi et al.. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2015.

DE MELO, João Manuel Cardoso; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo Tardio e Sociabilidade Moderna; In: **História da Vida Privada no Brasil: Contrastes da Intimidade Contemporânea**. NOVAIS, Fernando A; SCHWARCZ, Lília. São Paulo (SP): Editora Schwarcz LTDA, 2007. P. 654.

DE MORAES FERREIRA, Marieta. Notas Iniciais sobre a História do Tempo Presente e a Historiografia no Brasil. **Revista Tempo e Argumento**, v. 10, n. 23, p. 80-108, 2018. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/jatsRepo/3381/338158035004/338158035004.pdf>>. Acesso em 10 jan. 2022.

DE SOUZA, Paulo Roberto da Silva. **Fernando Collor Na Imprensa Brasileira: Representações Em Torno Da Sedução E Da Satanização**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas. Universidade Federal do Espírito Santo. 2008. P. 39. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/194158>>. Acesso em 10 jan. 2022

DELACROIX, Christian. A História do Tempo Presente, uma História (Realmente) como as Outras?. **Revista Tempo e Argumento**, v. 10, n. 23, p. 39-79, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.udesc.br/index.php/tempo/article/view/12709/8049>>. Acesso em 10 jan. 2022.

DO AMARAL, Muriel Emídio Pessoa. **Representação do Corpo Masculino: Relações de Imagem, Identidade e Cultura sobre o Corpo Masculino no Jornal Lampião da Esquina e na Revista Junior**. 2013. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/89374>>. Acesso em 10 jan. 2022. P. 91.

DOS SANTOS CARNEIRO, Aílton José. Salvador dos Homossexuais: Militância Homossexual e Homossociabilidade na Bahia nos anos 1980. **Temporalidades**, v. 7, n. 3, p. 9-30, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5593>>. Acesso em 09 maio 2021.

DOSSE, François. História do Tempo Presente e Historiografia. **Revista Tempo e Argumento**, v. 4, n. 1, p. 05-22, 2012. Disponível em: <<https://www.periodicos.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180304012012005>>. Acesso em 10 jan. 2021. P. 13

ENTENDA Por Que Hoje é o Dia Internacional Contra a Homofobia e a Transfobia. **Folha de S. Paulo**, 17 maio 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/05/entenda-por-que-hoje-e-o-dia-internacional-contra-a-homofobia-e-a-transfobia.shtml>>. Acesso em 25 nov. 2021.

FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins. De Cores e Matizes: Sujeitos, Conexões e Desafios no Movimento LGBT Brasileiro. **Cadernos AEL**, vol. 10, 2010. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/359377>>. Acesso em 06 out. 2021.

FACCHINI, Regina. Movimento Homossexual no Brasil: Recompondo um Histórico. **Cadernos AEL**, 2003. Disponível em <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/view/2510>>. Acesso em 04 abr. 2021.

FIGARI, Carlos. @s outr@s Cariocas: Interpelações, Experiências E Identidades Homoeróticas No Rio De Janeiro: Séculos XVII Ao XX. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. 594 p

FONSECA, Francisco. O Conservadorismo Patronal da Grande Imprensa Brasileira. **Opinião Pública**, v. 9, p. 73-92, 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/op/a/QKcD8Yn4fK6qYmMgXX5PtHw/abstract/?lang=pt>>. Acesso em 10 jan. 2022.

FOUCAULT, Michel. **História Da Sexualidade I: A Vontade De Saber**. São Paulo: Graal, 2005.

FRANÇA, Isadora Lins. **Consumindo Lugares, Consumindo nos Lugares: Homossexualidade, Consumo e Produção de Subjetividades na Cidade de São Paulo**. 2010. 301 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280486>>. Acesso em: 30 abr. 2021.

FRANÇA, Isadora Lins. Cercas e Pontes: o Movimento GLBT e o Mercado GLS na Cidade de São Paulo. 2006. **Tese de Doutorado**. Universidade de São Paulo. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-03092007-141155/en.php>>. Acesso em 12 dez. 2022.

FRANCO, Stella Maris Scatena. Gênero em Debate: Problemas Metodológicos e Perspectivas Historiográficas. **História das Américas: Fontes e Abordagens Historiográficas**, 2015. São Paulo: Humanitas, 2015, p. 36-51.

FRANCO, Stella Maris Scatena; DA SILVA, Natania Neres; OLIVEIRA, Júlia Glaciela Silva. Gênero e Travestilidade nas Telas de Cinema: a Trajetória de Claudia Wonder em Filme Documentário. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, v. 30, n. 1, 2017. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/view/40847>>. Acesso em 30 abr. 2021.

FREIRE FILHO, João. Mídia, Consumo Cultural e Estilo de Vida na Pós-Modernidade. **Revista ECO-Pós, Rio de Janeiro**, v. 6, n. 1, p. 72-97, 2003.

FRY, Peter. Da Hierarquia à Igualdade: a Construção Histórica da Homossexualidade no Brasil. In: **Para Inglês Ver: Identidade e Política na Cultura Brasileira**. 1982

GRANGEIRO, Alexandre; SILVA, Lindinalva Laurindo da; TEIXEIRA, Paulo Roberto. **Resposta À Aids No Brasil: Contribuições Dos Movimentos Sociais E Da Reforma Sanitária**. 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/rpsp/2009.v26n1/87-94/pt/>>. Acesso em 13 jan. 2021.

GREEN, James N. **Além Do Carnaval: A Homossexualidade Masculina No Brasil Do Século XX**. São Paulo (SP): Editora Unesp, 2019. 554 p.

GREEN, James; Quinalha, Renan. **Ditadura E Homossexualidades: Repressão, Resistência E A Busca Da Verdade**. São Paulo (SP): Editora Da Universidade Federal De São Carlos, 2014

HOWES, Robert. João Antônio Mascarenhas (1927-1998): Pioneiro do Ativismo Homossexual no Brasil. **Cadernos AEL**, 2003. Disponível em <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/view/2516/1926>>. Acesso em 09 maio 2021.

JÚNIOR, Paulo Roberto Souto Maior. Escrever para Inscrever-se: Epistolografia Homossexual nas Páginas do Lâmpião da Esquina (1978-1981). **Revista Tempo e Argumento**, v. 8, n. 19, p. 254-282, 2016. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3381/338149856011.pdf>>. Acesso em 10 jan. 2022.

JÚNIOR, Paulo Roberto Souto Maior. Inventar os Corpos:: A Luta Discursiva das Homossexualidades Masculinas Durante a Ditadura Militar no Brasil (1978-1981). **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 12, n. 24, p. 418-447, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/index.php/rbhcs/article/view/11289>>. Acesso em 25 ago. 2022.

KLANOVICZ, Luciana Rosar Fornazari. Erotismo sob Censura na Imprensa Brasileira (1985-1990). **Topoi** (Rio de Janeiro), v. 14, n. 26, p. 46-61, 2013.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. Ateliê Editorial, 2001.

KUCINSKI, Bernardo. Introdução. In: **Jornalistas E Revolucionários: Nos Tempos Da Imprensa Alternativa**. 2. Ed. Rev. E Ampl. São Paulo: Edusp, 2003. p. 5

LÂMPIÃO da Esquina. Direção: Lívia Perez. Codireção: Noel Carvalho. Produção: Doctela. Coprodução: Canal Brasil. Produção Executiva: Giovanni Francischelli. Fotografia: Felipe Vieira, André Menezes. Montagem: Henrique Cartaxo. Entrevistados: Aguinaldo Silva, Ney Matogrosso João Silvério Trevisan, Luiz Carlos Lacerda (Bigode), Glauco Mattoso, Celso Curi, Laerte Coutinho, Antônio Carlos Moreira, Peter Fry, João Carlos Rodrigues, Alceste Pinheiro, Winston Leyland, Dolores Rodrigues, Leci Brandão e Edy Star. Apoio: Rio Film Commission, DOTCINE, Termas for Friends, Cantina Piolim. Realização: Governo do Estado de São Paulo, Secretaria da Cultura, ProAC. Disponível em: <https://www.nowonline.com.br/filme/lampiao-da-esquina/75271>. Acesso em 20 dez. 2020.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. Nova República, Imprensa e Transição Política no Brasil: o Caso da Revista IstoÉ (1976-1985). **XVI Encontro Estadual de História da ANPUH – SC: História e Movimentos Sociais**. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/43/1463746474_ARQUIVO_AnpuhSC2016_ReinaldoLohn.pdf>. Acesso em 10 jan. 2022.

LOPES, Charles Roberto Ross. *Seja Gay... Mas Não se Esqueça de Ser Discreto: Produção de Masculinidades Homossexuais na Revista Rose (Brasil, 1979-1983)*. **Dissertação de Mestrado**. Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/32309>>. Acesso em 10 jan. 2023.

LOYOLA, Maria Andréa. Medicamentos e Saúde Pública em Tempos de AIDS: metamorfoses de uma política dependente. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 13, p. 763-778, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/KTRLBvBGpYTydvwTTLm4YRC/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 06 out. 2021.

MACIEL, David. Ditadura Militar, Transição Política e Hegemonia Neoliberal no Brasil. In: SILVA, Carla Luciana et al. **Ditadura, Transição e Democracia: Estudos sobre a Dominação Burguesa no Brasil Contemporâneo**. Porto Alegre (RS), FCM Editora, 2016.

MACIEL, David. O Governo Collor e o Neoliberalismo no Brasil (1990-1992). **Revista UFG**, v. 13, n. 11, 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48390/23725>>. Acesso em 10 jan. 2022.

MACIEL, David. O Transformismo na Substituição da Institucionalidade Autoritária pela Institucionalidade Democrática (1985-1990). **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 38, 2009. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/5234>>. Acesso em: 21 mar. 2021.

MACRAE, Edward. **A Construção da Igualdade: Política e Identidade Homossexual no Brasil da “Abertura”**. Edufba, 2018.

MACRAE, Edward. Dupla Discriminação e Dupla Militância, o Caso das Lésbicas e dos Negros Dentro do Movimento Homossexual. MACRAE, Edward. In: **A Construção da Igualdade: Política e Identidade Homossexual no Brasil da “abertura”**. EDUFBA, 2018. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/yn5sj>>. Acesso em: 09 maio 2021.

MARCELO Crivella. Manda Censurar HQ dos Vingadores na Bienal do Livro, no Rio. **Folha de S. Paulo**, 05 set. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/09/marcelo-crivella-manda-censurar-gibis-dos-vingadores-na-bienal-do-livro-no-rio.shtml>>. Acesso em 30 jan. 2022.

MARQUES, Maria Cristina da Costa. Saúde e Poder: a Emergência Política da Aids/HIV no Brasil. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 9, p. 41-65, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/SJHgNdc3WBMKgNGfjKQvqfM/?lang=pt>>. Acesso em 09 maio 2021.

MAUAD, Ana Maria. Na Mira do Olhar: um Exercício de Análise da Fotografia nas Revistas Ilustradas Cariocas, na Primeira Metade do Século XX. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 13, p. 133-174, 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/anaismp/a/fGFrcB87WgdfKt8QDkrBvvh/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 10 jan. 2023.

MERCER, John. **Gay Pornography: Representations of Sexuality and Masculinity**. Bloomsbury Publishing, 2017.

MIRA, Maria Celeste et al. **O Leitor e a Banca de Revistas: o Caso da Editora Abril**. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. 1997.

MONTEIRO, Ana Lúcia de Oliveira. A Formulação da Agenda Pública e a Formulação do Programa Nacional de DST e AIDS. In: MONTEIRO, Ana Lúcia de Oliveira. **A Relação Estado e Sociedade Civil no Processo de Formulação e Implementação de Políticas Públicas: Análise do Programa Nacional de DST e Aids (1980-2006)**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Gestão Social e Trabalho, Universidade de Brasília, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/6649>>. Acesso em 06 out. 2021.

MONTEIRO, Charles. A Pesquisa em História e Fotografia no Brasil: notas bibliográficas. **Anos 90**, v. 15, n. 28, p. 169-185, 2008. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/7965/4753>>. Acesso em 10 jan 2023.

MOREIRA, João Paulo Oliveira. Crise De Hegemonia No Brasil Dos Anos 1980: O Plano Cruzado E As Tensões Intraclases Dominantes. **Alamedas**, v. 5, n. 1. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/alamedas/article/view/17010/11856>>. Acesso em 10 jan. 2022

MOTT, Luiz. O Imprescindível GGB, Grupo Gay da Bahia. In: GREEN, James N. et al. (Ed.). **História do movimento LGBT no Brasil**. Alameda, 2018.

NAPOLITANO, Marcos. **1964: História Do Regime Militar Brasileiro**. Editora Contexto, 2014. 418 p.

NOLASCO, Sócrates Alvares. O Novo Homem. In: **O mito da Masculinidade**. Rocco, 1993.

OCANHA, Rafael Freitas. As Rondas Policiais de Combate à Homossexualidade na Cidade de São Paulo (1976-1982). In: GREEN, James; Quinalha, Renan. **Ditadura E Homossexualidades: Repressão, Resistência E A Busca Da Verdade**. São Paulo (SP): Editora Da Universidade Federal De São Carlos, 2014

OLIVEIRA, Júlia Glaciela da Silva. **Militância Ou Profissionalização De Gênero? Um Estudo Comparativo Na Imprensa Feminista Do Brasil, Da Argentina E Do Chile (1981-1996)**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo

PAIM, Jairnilson Silva. **Conjuntura da Transição Democrática: da Criação do Cebes à Constituição**. In: PAIM, Jairnilson Silva. **Reforma Sanitária Brasileira: Contribuição para a Compreensão e Crítica**. Editora Fiocruz, 2008. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/4ndgv>>. Acesso em 28 maio 2021.

PASSARINHO, Nathalia. Governo não Fará ‘Propaganda de Opção Sexual’, diz Dilma Sobre Kit. **Portal G1**, 26 maio 2011. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2011/05/governo-nao-fara-propaganda-de-opcao-sexual-diz-dilma-sobre-kit.html>>. Acesso em 30 jan. 2022.

PEDRO, Joana Maria; DE FREITAS, Idalina Maria Almeida; VERAS, Elias Ferreira. Diálogos (Im) Pertinentes: as Categorias Gênero, Sexualidade, Raça e Classe na Historiografia Brasileira Contemporânea. In: REIS, Tiago Siqueira et al. **Coleção História do Tempo Presente: Volume I**. Editora da UFRR, 2019.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o Debate: o Uso da Categoria Gênero na Pesquisa Histórica. **História (São Paulo)**, v. 24, p. 77-98, 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/his/a/fhHv5BQ6tvXs9X4P3fR4rtr/abstract/?format=html&lang=pt>>. Acesso em 20 dez. 2021.

PEREIRA, Ronielyssom Cezar Souza. Nus Masculinos: Sua Inserção no Jornal Lâmpião da Esquina. **VII Congresso Internacional de História**. ISSN 2175-4446. Disponível em: <<http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1443.pdf>>. Acesso em 02 mai. 2021.

PÉRET, Flávia. **Imprensa Gay no Brasil: entre a Militância e o Consumo**. Publifolha, 2011

PERLONGHER, Nestor. Territórios e Populações. In: **O Negócio do Michê: Prostituição Viril em São Paulo**. São Paulo (SP): Editora Brasiliense, 1987.

PRECIADO, Paul. História da Tecnogênero. In: **Texto Junkie: Sexo, Drogas e Biopolítica na Era Farmacopornográfica**. N-1 Edições, 2018. P. 127

PRECIADO, Paul. História da Tecnossexualidade. In: **Texto Junkie: Sexo, Drogas e Biopolítica na Era Farmacopornográfica**. N-1 Edições, 2018. Ps. 84-86

PRECIADO, Paul. Pornopoder. In: **Texto Junkie: Sexo, Drogas e Biopolítica na Era Farmacopornográfica**. N-1 Edições, 2018. Ps. 284

PROJETO que Criminaliza “Heterofobia” é Retirado de Pauta por Pedido de Vistas. **Revista Fórum**, 22 out. 2015. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/noticias/projeto-que-criminaliza-heterofobia-e-retirado-de-pauta-por-pedido-de-vistas/>>. Acesso em 30 jan. 2022.

QUINALHA, Renan Honorio. **Contra a Moral e os Bons Costumes: a Política Sexual da Ditadura Brasileira (1964-1988)**. 2017. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/101/101131/tde-20062017-182552/en.php>>. Acesso em 25 abr. 2021.

RIBEIRO, Anderson Francisco; DE SOUZA, Antonio Carlos. O Lugar da Pornografia na Sociedade Brasileira: As Guerras Públicas e o Direito ao Erótico (1964-1985). **Revista História & Perspectivas**, v. 29, n. 55, 2016.

RIBEIRO, Anderson Francisco. A Pornografia Brasileira e a Memória Esquecida: Revistas Eróticas e Pornográficas na Ditadura Militar (1964-1985). **Patrimônio e Memória**, v. 12, n. 1, p. 286-307, 2016. p. 297

RIBEIRO, Anderson Francisco. Desnudando a Ditadura Militar: as Revistas Erótico-pornográficas e a Construção da(s) Identidade(s) do Homem Moderno (1964-1985). Tese de Doutorado. Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Assis. 2016. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/141986>>. Acesso em 10 jan. 2022. P. 185.

RIOUX, Jean-Pierre. Entre História e Jornalismo. In: **Questões Para a História do Presente**. Bauru (SP): EDUSC, 1999.

ROCHA, Cássio Bruno de Araujo. Usos da Imprensa por Historiadores: Apontamentos para Histórias Queer do Homoerotismo no Brasil. In: MAIOR, Paulo Souto; DA SILVA, Fábio Ronaldo. **Páginas de Transgressão: a Imprensa Gay no Brasil**. Ed. Uberlândia: o Sexo da Palavra, 2021

RUBIN, Gayle. Pensando o Sexo. In: **Políticas do Sexo**, 2017. Disponível em: <<https://especializacaoemgenero.com.br/textos/telma%20aula%203/RUBIN,Gayle.%20%20Pensando%20sobre%20Sexo.pdf>>. Acesso em 25 ago. 2022. P. 28

SARMENTO, Daniel. 21 Anos da Constituição de 1988: a Assembleia Constituinte de 1987/1988 e a Experiência Constitucional Brasileira sob a Carta de 1988. **Direito Público**, v. 6, n. 30, 2009. Disponível em <<https://portal.idp.emnuvens.com.br/direitopublico/article/viewFile/1659/957>>. Acesso em 05 jun. 2021. p. 25.

SCHMIDT, Benito Bisso; DOS SANTOS, Hélio Secretário. A História do Tempo Presente, Relações de Gênero, Homossexualidades e a Escrita da História: Entrevista com Benito Bisso Schmidt. **Revista Tempo e Argumento**, v. 13, n. 33.

SCHUYF, Judith. Hidden from History? Homosexuality and the Historical Sciences. In: SANDFORTH, Theo et al. **Lesbian and Gay Studies: na Introductory, Interdisciplinary Approach**. Sage Publications, 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem Preto, Nem Branco, Muito Pelo Contrário: Cor e Raça na Intimidade. In: **História da Vida Privada no Brasil: Contrastes da Intimidade Contemporânea**. 1998. P. 227

SCOTT, Joan. Gênero: uma Categoria Útil de Análise Histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, 1995. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/71721/40667>>. Acesso em 20 dez. 2021.

SILVA, Ellis Regina Araújo da. **Representações Sociais e Imagens em Fotografias do Corpo Masculino em Revistas Gays**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade de Brasília. 2007. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/1978>>. Acesso em 10 jan. 2022. P. 96.

SIMÕES, Júlio A.; FACCHINI, Regina. **Na Trilha do Arco-íris: do Homossexual ao Movimento LGBT**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, Isadora Lins. **Do Gueto ao Mercado**. Homossexualismo em São Paulo e outros escritos. São Paulo, Editora Unesp, p. 309-336, 2005.

SOARES, Wellington. Conheça o "Kit Gay" Vetado pelo Governo Federal em 2011. **Nova Escola**, 01 fev. 2015. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/84/conheca-o-kit-gay-vetado-pelo-governo-federal-em-2011>>. Acesso em 30 jan. 2022.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotoperjornalismo: Uma Introdução à História, às Técnicas e à Linguagem da Fotografia na Imprensa**. 2002.

TEIXEIRA, Ana Claudia Chaves. **Identidades em Construção: as Organizações Não-Governamentais no Processo Brasileiro de Democratização**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2000.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: A Homossexualidade No Brasil, Da Colônia À Atualidade**. Editora Record, 2000.

TROVÃO, Flávio Vilas-Bôas. "30 Anos De Isolamento: o HIV e a Trajetória da AIDS no Filme "Meu Querido Companheiro". **Caderno Espaço Feminino**, 26, no. 2 (2013). Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/24668>>. Acesso em 06 out. 2021.

TRUNK, Matheus. As Revistas Proibidas - Parte 3. **Vice Brasil**, 13 dez. 2011. Disponível em: <<https://www.vice.com/pt/article/qkdbmb/as-revistas-proibidas-parte-3>>. Acesso em 10 jan. 2021.

VALLE, Carlos Guilherme do. Identidades, Doença e Organização Social: um Estudo das "Pessoas Vivendo com HIV e AIDS". **Horizontes Antropológicos**, v. 8, p. 179-210, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ha/a/HFxjkCBBsCnvHdN8Nfk7ncS/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em 10 jan. 2022. P. 184.

VÁZQUEZ, Georgiane Garabely Heil; GOMES, Frederico Renan Hilgenberg. Da “Doença Misteriosa dos Homossexuais” à Aids: Notas sobre Aids na Revista Manchete – década de 1980. **Revista NUPEM**, v. 13, n. 30, p. 26-45, 2021. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8084216>>. Acesso em 10 jan. 2022.

VERAS, Elias Ferreira; PEDRO, Joana Maria. Os Silêncios de Clio: Escrita da História e (In) Visibilidade das Homossexualidades no Brasil. **Revista Tempo e Argumento**, v. 6, n. 13, p. 90-109, 2014. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3381/338139190005.pdf>>. Acesso em 05 jan. 2022.

VOKS, Douglas Josiel. O “Homem Playboy”: a Operacionalização de uma Masculinidade Hegemônica na Revista Playboy (Brasil) na Década de 1980. **Revista Espacios**, vol. 39, 2018. Disponível em: <<https://www.revistaespacios.com/a18v39n09/a18v39n09p21.pdf>>. Acesso em 30 abr. 2021.

WATNEY, Simon. Moral Panics. In: WATNEY, Simon. **Policing Desire: Pornography, AIDS and the Media**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996, p. 38-58

WEEKS, Jeffrey. O Corpo e a Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes et al. **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. Editora Autêntica, 2000.